CHARLES BERLITZ

ATLÂNTIDA O OITAVO CONTINENTE

Tradução NEWTON GOLDMAN

Título original: ATLANTIS THE EIGHTH CONTINENT
© 1984, by Charles Berlitz



EDITORA NOVA FRONTEIRA

Published by arrangement with G. P. Putnam's Sons. Ali rights reserved.
Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP: 22.461 - Tel.: 286-7822
Endereço Telegráfico: NEOFRONT — Telex: 34695 ENFS BR
Rio de Janeiro, RJ
Revisão
TERESA ELSAS
ASTROGILDO ESTEVES FILHO LÚCIA MOUSINHO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Berlitz, Charles Frambach.
B441a Atlântida: o oitavo continente / Charles Frambach Berlitz ; tradução de Newton Goldman. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
Tradução de: Atlantis, the eighth continent
Bibliografia

1. Atlântida I. Título

84-0808 CDD - 398.234

Atlântida, o oitavo continente

A "palavra Atlântida *tem sido uma senha para os sonhos", diz Charles Berlitz (que já se havia ocupado de outro mistério submarino em* O triângulo das bermudas*), razão que o levou a examinar o problema do Oitavo Continente, colocando-nos ante fenômenos muito mais estranhos e controversos do que os examinados naquele outro livro.*

Das profundezas míticas do mar ressurge nestas páginas a Atlântida, o continente perdido de Platão. Berlitz explorou pessoalmente muitas áreas submarinas e comparou estudos provenientes de fontes objetivas, como companhias de exploração submarina de petróleo, agências espaciais e peritos em datação arqueológica. Utilizou até mesmo dados notáveis recolhidos por expedições marítimas soviéticas, empenhadas em encontrar localizações seguras para seus submarinos, em caso de uma guerra nuclear.

Estudos realizados nas últimas décadas fizeram recuar em centenas de milhares de anos a época do aparecimento do homem na Terra, antes fixado em cerca de 4.000 a.C. Esses estudos, baseados em muitas descobertas novas, fizeram com que a hipótese da existência de culturas avançadas, varridas da superfície terrestre por algum gigantesco cataclismo, perdesse seu caráter mítico para se transformar numa possibilidade concreta, confirmada pelos muitos fatos descritos por Charles Berlitz neste livro.

Ilustrado com dezenas de fotografias de estruturas submarinas e muitos desenhos, Atlântida, o oitavo continente *é um reexame da evolução da civilização que leva até mesmo o leitor mais cético a refletir sobre esta nova e convincente contribuição para a história do homem moderno.*

SUMARIO

Apresentando um continente perdido, 8
Atlântida, um nome e uma lenda, 13
O fugidio horizonte da história, 21
O império insular antes do começo da história, 25
A força da memória coletiva, 52
O instável solo oceânico, 92
Os picos montanhosos da Atlântida, 100
Ruínas submarinas no Triângulo das Bermudas, 114
Dos céus e do espaço, inesperadas descobertas, 136
Informações de origem perdida, 157
As grandes ilhas sob o mar, 197
Enguias, focas, pássaros, camarões,
mastodontes e toxodontes, 226
Cometas, asteróides ou guerra final, 242
A ponte através do tempo, 259
Bibliografia, 273

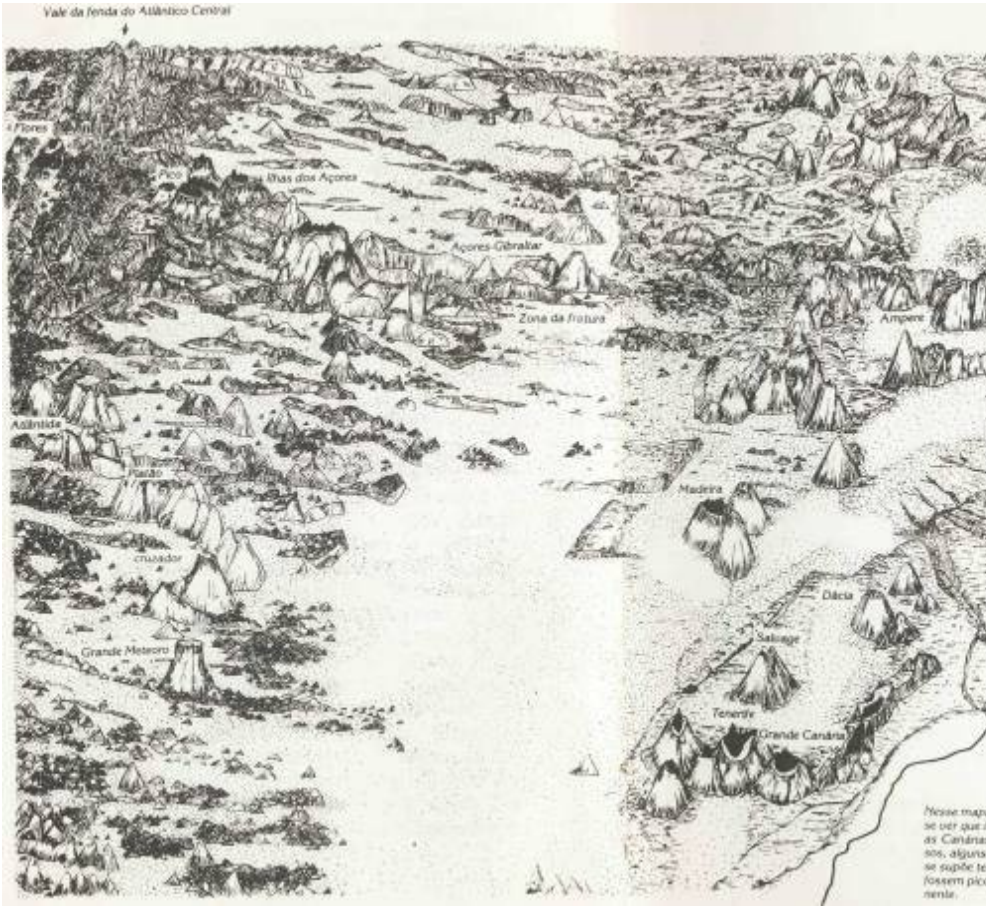
AGRADECIMENTOS

Devo sinceros agradecimentos a quatro pessoas por sua contribuição a este livro no campo da pesquisa, informação, fotografia, mapeação e viagens de campo: Valerie Berlitz — autora, pesquisadora, editora e artista; Julius Egloff — oceanógrafo, cartógrafo marítimo e geólogo com muitos anos de experiência no mapeamento do solo oceânico; Herbert Sawinski — arqueólogo, explorador, piloto, mergulhador, capitão de navios, diretor do Museu de Arqueologia de Fort Lauderdale — que dirigiu recentes expedições marítimas e terrestres às ruínas descritas detalhadamente em diversos capítulos deste livro; e J. Manson Valentine, naturalista, paleontólogo, arqueólogo, explorador, mergulhador, conservador honorário do Museu de Ciência de Miami, pesquisador adjunto do Museu Bishop de Honolulu; o Dr. Valentine foi quem descobriu o Muro Bimini, como descrevo no Capítulo 8.

Em seguida, pessoas e instituições que deram importantes contribuições para este livro. Deve ficar explícito que elas não compartilham necessariamente as opiniões do autor em relação à realidade científica e arqueológica da Atlântida. Alexandre Bek, professor de estudos eslavos e lingüista. A família Benincasa, descendentes do cartógrafo do século XV. José Maria Bensaúde, presidente da companhia de navegação Navicore, Portugal e Açores. Gloria Cashin, matemática e geóloga. Comissão Regional de Turismo dos Açores. Lin Berlitz Davis, mergulhador e pesquisador. Adelaide de Mesnil, fotógrafa arqueóloga. Sara D. Donnelly, descendente, em quinta geração, de Ignatius Donnelly, Antônio Pascual Ferrández, escritor, historiador, filósofo e educador. Hamilton Forman, historiador, colecionador de instrumentos e objetos pré-colombianos. Charles Hapgood, historiador, cartógrafo, geólogo e escritor. A Sociedade Hispânica da América. O Governo da índia, através

de seu Escritório de Assuntos Culturais. Ramona Kashe, pesquisadora-chefe de Charles Berlitz, Washington, Distrito de Colúmbia. Bob Klein, capitão de navios, mergulhador, fotógrafo. Martin Klein, mergulhador, inventor do Sonar Lateral Klein. Ivan Lee, arqueólogo, artista, escritor, editor. Jacques Mayol, escritor, explorador, mergulhador, detentor do recorde mundial de mergulho de profundidade sem garrafa. Musée de l'Homme, Paris. Museo de Arqueologia, Madri. William A. Moore, escritor e conferencista. Kenneth G. Peters, historiador. Dmitri Rebikoff, escritor, mergulhador, inventor da câmara submarina e do veículo de pesquisas submarinas Pegasus. Antônio Rivera, escritor e conferencista. Bruno Rizato, mergulhador e fotógrafo. Ivan Sanderson, escritor, naturalista, explorador e arqueólogo. Bonnie Sawinski, ilustrador e artista. John Sawinski, mergulhador e fotógrafo. Charlotte Schoen, bibliotecária-chefe da Fundação Cayce. Egerton Sykes, escritor, arqueólogo, explorador, editor e lingüista. Maxime Berlitz Vollmer, filóloga e mitóloga. Bob Warth, pesquisador, presidente da Sociedade de Investigações do Inexplicável. E por fim meu reconhecimento a William Thompson, editor deste livro, por seu estímulo e pelo cuidadoso trabalho de edição de *Atlântida o oitavo continente.*

Dedicado a todos os que acreditaram
na antiga lenda da Atlântida perdida
— lenda que descobertas recentes
estão transformando em realidade.


Vale da fenda do Atlântico Central
Flores
Pico
Ilhas dos Açores
Açores-Gibraltar
Zona de fratura
Ampere
Atlântida
Platão
cratera
Grande Meteoro
Madeira
Dácia
Selvagem
Tenerife
Grande Canária

1
APRESENTANDO UM CONTINENTE PERDIDO

Nas profundezas do oceano Atlântico, jazem os restos de um continente. A área dessa ilha-continente, que podemos chamar a oitava das divisões territoriais do mundo continental, ainda pode ser delineada pelas ilhas atlânticas, outrora picos de suas mais elevadas montanhas. Uma civilização se desenvolveu nessas enormes ilhas e se difundiu, através da conquista e da colonização, por toda a bacia atlântica e, mais além, até as ilhas e costas do Mediterrâneo. Milhares de anos antes do começo da história do Egito e da Mesopotâmia, essa civilização desapareceu no oceano Atlântico, deixando apenas colônias isoladas nos continentes circunvizinhos, as quais resultaram nas civilizações que consideramos os primórdios da história. Os nomes pelos quais essa terra perdida foi chamada na maior parte das línguas da Europa, da África do Norte e das Américas eram variações do nome Atlântida — lembrança rememorada pelo nome do oceano Atlântico, bem como das montanhas Atlas da África do Norte. Foi a Oeste da África do Norte e da Espanha que a lendária Atlântida supostamente existiu.

A imagem visionária e muitas vezes mística evocada pelo próprio nome Atlântida contribuiu para que esta fosse geralmente classificada como lenda, não obstante sua ampla aceitação por parte de estudiosos de todas as épocas e pelas descobertas oceânicas e arqueológicas dos últimos 100 anos. Se procurarmos a palavra Atlântida numa enciclopédia, certamente a encontraremos definida como lenda ou mito. Se procurarmos livros sobre a Atlântida no fichário de uma biblioteca dos

Estados Unidos, nós os encontraremos catalogados, segundo a classificação do Sistema Decimal Dewey (398:2), na mesma categoria de dragões, gnomos, fantasmas e outras lendas. Talvez tenha chegado o momento de se fixar a realidade da Atlântida e a probabilidade de que sua existência tenha sido real para os povos de um mundo pré-histórico que, com seu desaparecimento, retornaram à condição de bárbaros.

Embora exista uma série de variantes do nome Atlântida e uma memória comum entre muitas tribos e povos primitivos em relação à sua antiga localização e seu subseqüente destino, a descrição deixada por Platão, filósofo grego que foi uma das fontes intelectuais da civilização ocidental, é a mais difundida entre estudiosos antigos e contemporâneos. Platão deixou em seus diálogos *Crítias* e *Timeu* uma descrição tão convincente da Atlântida que nos leva a duvidar de que a informação por ele transmitida pudesse ser apenas produto da imaginação, e não a descrição de uma terra que realmente existiu. Segundo Platão, o poderoso império da Atlântida desapareceu de repente em meio a uma guerra quando a ilha ou ilhas centrais, "numa noite e num dia terríveis", submergiram no oceano de nome derivado do seu. Desde então, há 11.500 anos, esse império se encontra no fundo do oceano, perdido e quase esquecido.

Mas será que o mundo realmente esqueceu a Atlântida? Os povos espalhados pelo mundo certamente que não. Por todo o litoral atlântico — de ambos os lados do oceano —, tribos e nações não puderam esquecer sua existência ou destino, e até retiveram na memória o nome de uma grande massa de terra no Atlântico. O nome, em grande número de línguas, quase sempre contém os sons A-T-L-N. Nações antigas tinham conhecimento de sua localização: tradições européias e africanas colocavam-na no oceano a oeste, enquanto tribos pré-colombianas das Américas a situavam no mar Oriental, isto é, no oceano Atlântico.

A reminiscência de uma pátria remota, de uma catástrofe

final e da fuga de sobreviventes para outras partes do mundo foi mantida viva por milhares de anos através de variantes da história da Arca de Noé, comum a todos os povos antigos, embora atribuindo a Noé diferentes nomes. E assim como velhas crenças foram incorporadas a tradições mais recentes, existe uma teoria de que o Halloween* se refere a uma memória universal mais remota: a celebração do desaparecimento em massa de grande parte dos habitantes do mundo, mortos quando sua terra foi destruída por terremotos, incêndios e maremotos.

* A noite de 31 de outubro, véspera do dia de Todos os Santos, quando os celebrantes se fantasiam e assustam os vizinhos, tradição anglo-saxônica. (N. *do* T.)

Lembranças de um continente desaparecido parecem ser instintivamente compartilhadas até por animais. As enguias nadam dos rios europeus e americanos para se acasalarem nas florestas de algas marinhas do mar de Sargaço, onde um grande rio subaquático flui ao longo de seu antigo leito através do Atlântico. Aves, em suas migrações sazonais da Europa para a América do Sul, circulam por sobre a mesma área no Atlântico, talvez procurando, sem encontrar, o local onde seus ancestrais um dia descansaram.

A lembrança da Atlântida é também revivida por maciças e inexplicáveis ruínas existentes dos dois lados do Atlântico. São inexplicáveis não só por não sabermos quem as construiu, como também por serem tão grandes que sua construção por povos pré-históricos parece inconcebível. Além disso, um cuidadoso reexame de alguns objetos feitos pela mão do homem mostra que representam o emprego de técnicas e aparelhos mecânicos milhares de anos antes de estes serem inventados, segundo o esquema histórico geralmente aceito.

Talvez uma razão para a postura anti-Atlântida de muitos cientistas seja que mesmo a possibilidade de aceitação de uma Atlântida histórica acarretaria maciça e onerosa reavaliação da

história, hoje cuidadosamente classificada numa série de compartimentos. A lenda ou mística da Atlântida tem sido aceita ou negada durante séculos. Autores vêm discutindo sobre o assunto desde o tempo de Platão — há 2.500 anos. Mas, qualquer que seja sua verdade essencial, a lenda desenvolveu sua própria realidade, contribuindo em muito para a descoberta do Novo Mundo, para a literatura de diversas nações, para o estudo da pré-história e para a exploração do fundo do mar.

Se as cidades douradas e as planícies férteis da Atlântida existiram um dia e foram repentinamente destruídas, então talvez estejamos completando o ciclo. Nos últimos 6 a 8 mil anos, nós, os povos da Terra, gradualmente construímos uma civilização mundial que mesmo hoje está à beira da destruição — pelo próprio homem, talvez, mas ainda assim destruição. Talvez o interesse atual pela Atlântida seja motivado por uma percepção instintiva dessa coincidência.

Nos dias de hoje, a busca de vestígios da Atlântida tornou-se mais realista do que teria sido possível no passado, englobando estudos de geologia, sismo-grafia, antropologia, lingüística e, logicamente, oceanografia. O estudo geral dos contornos litorâneos submersos, alterações nos níveis do mar e novos mapas feitos pelo sonar, além da exploração do solo oceânico, mostram agora que o oceano está consideravelmente mais profundo do que no final da última glaciação, de 11 mil a 12 mil anos atrás, coincidentemente dentro do mesmo esquema de tempo fornecido por Platão e outras fontes em relação à destruição e submersão da Atlântida. Alguma coisa ocorreu no mundo, naquela época, que fez o mar cobrir várias das ilhas oceânicas e contornos litorâneos continentais.

Nos últimos anos, várias partes perdidas da lenda da Atlântida encaixaram-se como peças de um gigantesco quebra-cabeça, tão antigo quanto o homem civilizado. Mas uma peça essencial e final seria a descoberta de prédios, templos, muros e estradas no fundo do mar, que indicariam a existência de uma

civilização em terras ora submersas no oceano. Se essas ruínas, em tempos idos, fizeram ou não parte das lendárias cidades da Atlântida, chamá-las de atlântidas, como nome para o mundo perdido antes de a história se iniciar, não deixa de ter fundamento.

Ruínas de pedra maciça foram descobertas e fotografadas, e agora estão sendo examinadas, ao largo das costas dos Estados Unidos, México, Cuba, Venezuela, bem como nos bancos submersos das Baamas — assim como ruínas submersas estão sendo pesquisadas ao largo das costas da Espanha e das ilhas Canárias, do Marrocos, de Portugal e dos Açores, e sendo procuradas nas costas de outras ilhas do Atlântico e nos cumes e declives de montanhas marítimas que no passado afloravam acima do nível do mar. Essas ruínas não só se assemelham entre si como também são comparáveis a construções megalíticas que não pertencem a qualquer cultura conhecida e que aparecem em montanhas da América do Sul, nas costas da Europa e da Ásia ou em ilhas do Pacífico.

A antiga lenda parece tornar-se realidade — uma realidade que poderia ser de importância crucial para a sobrevivência do mundo contemporâneo e dos povos que o habitam.

2
ATLÂNTIDA, UM NOME E UMA LENDA

Nos últimos 2.500 anos, parte da população do mundo acreditou ter outrora existido, no meio do oceano Atlântico, aproximadamente entre a Espanha, a África e as Américas, uma ilha-continente atualmente submersa. Nessa grande ilha vivia uma população civilizada e empreendedora; havia grandes cidades, esplêndidos palácios, templos com teto de ouro, um intrincado sistema de canais que fornecia irrigação para os campos férteis, e movimentados portos a partir dos quais frotas mercantes e exércitos levavam comércio e cultura para ilhas em outros pontos do oceano, bem como para as costas da Europa e da América, a bacia do Mediterrâneo e mais além. Quando essa civilização atingiu o apogeu, foi repentinamente extinta por inundações, terremotos e pelas chamas de erupções vulcânicas. Desapareceu da história, sendo lembrada apenas nas lendas repetidas, através de sucessivas gerações, pelos descendentes dos que escaparam à catástrofe. O nome desse império insular era Atlântida.

Essa palavra é inconscientemente lembrada sempre que se fala no oceano Atlântico, cujo nome, derivado de Atlas ou Atlântida, chegou até nós vindo de uma época anterior à existência do oceano. Exterior, em contraposição ao mar Mediterrâneo (a "Terra Central"), que era bem familiar aos povos da bacia do Mediterrâneo.

Platão, autor da mais detalhada descrição sobre a Atlântida que nos foi legada pela Antigüidade, insistia em localizar esse continente, não no Mediterrâneo, mas a grande distância, em pleno Atlântico, além das "colunas de Hércules" (Gibraltar, na costa Sul da Espanha, e monte Atlas, no litoral Norte da África). Platão especificou que "a ilha era maior que a Líbia e a Ásia

juntas, e constituía o caminho para outras ilhas, e dessas ilhas se podia atravessar o continente oposto, que circunda o verdadeiro oceano; pois este mar [o Mediterrâneo], que fica dentro dos estreitos de Hércules, é apenas um ancoradouro, possuindo uma entrada apertada [os estreitos de Gibraltar], enquanto a outra entrada é um mar verdadeiro e a terra em volta pode ser verdadeiramente chamada de continente".

Podemos concluir que o tempo corroborou satisfatoriamente a conclusão de Platão sobre "o continente oposto" (a América), 2 mil anos antes do seu descobrimento, ou redescobrimento, pelos europeus. A existência da Atlântida, contudo, ainda está longe de ser aceita pela maioria da comunidade científica, que teima em classificá-la de lenda ou mito, ou mesmo de farsa engendrada por Platão. Mas uma série de descobrimentos modernos ora em curso nas águas do oceano Atlântico parece provar que Platão estava essencialmente certo em seu relato sobre a "legendária" Atlântida, tal como em sua referência às Américas.

A Atlântida é geralmente apontada como lenda por várias razões, uma das principais sendo não se ter dela o mínimo identificável na superfície do oceano. É verdade, no entanto, que no local aproximado onde se acredita ter existido esse continente há atualmente diversos grupos de pequenas ilhas, tais como os Açores, as Canárias, a Madeira e, no Atlântico ocidental, as Baamas. É, portanto, possível que essas pequenas ilhas sejam os cumes montanhosos de uma grande massa de terra, suficientemente altos para terem mantido suas posições acima do nível do mar quando a maior parte da ilha, ou das ilhas, por ocasião de uma catástrofe global, submergiu ou foi tragada pela subida do oceano.

Outra razão compreensível para se considerar a Atlântida como mito ou lenda é que sua memória, embora bem preservada em tradições raciais e tribais ao redor do Atlântico e em outras partes do mundo, foi transmitida, de um passado muito remoto, por intermédio de lendas narradas e, mais tarde, transcritas. As

lendas sofrem transformações quando recontadas: reis e chefes tornam-se deuses e semideuses (e, às vezes, demônios) dotados de poderes divinos; incidentes de história racial ou tribal crescem a proporções cósmicas; localizações geográficas tornam-se incertas e, no caso da Atlântida, indistintamente perceptíveis em meio aos nevoeiros do mar. Aqueles que, como Platão e seus contemporâneos próximos, compilaram o que hoje poderíamos classificar de relatórios de viagem acerca da Atlântida foram acusados de usar esses relatos como veículo literário destinado a difundir suas próprias teorias políticas e sociais a respeito de como o povo das cidades e nações de seu próprio *continuum* de tempo deveriam conduzir-se.

Aristóteles, um dos discípulos de Platão e fundador de sua própria escola de filosofia, foi responsável por violenta crítica contra o relato de Platão sobre a Atlântida, a qual atravessou os tempos e ainda é popular entre os membros do *establishment* científico, o qual considera a Atlântida um mito. Aristóteles, referindo-se a um corte repentino (não-retomado) na narrativa de Platão, observou: "Aquele que a inventou a destruiu." Mas Aristóteles, tendo conseguido para seu próprio gáudio destruir o conceito da Atlântida, sem querer contribuiu para a lenda quando acrescentou que marinheiros fenícios e cartagineses *conheciam* uma grande ilha no Atlântico ocidental a que chamavam Antilha. Talvez ele não tivesse percebido a semelhança entre as palavras Atlântida e Antilha, que adquiriram, desde então, respectivamente, certa imortalidade como nomes para o oceano e suas ilhas ocidentais.

O próprio som do nome do continente perdido poderia servir como teste para determinar o que é apenas lenda e o que se baseia em fatos reais. Se unirmos num grande círculo as terras que rodeiam o oceano Atlântico Norte e compararmos os nomes atribuídos pelos povos primitivos a uma ilha-continente outrora localizada no seu centro, encontraremos nomes muito semelhantes entre si, mas ainda bastante díspares

lingüisticamente para fornecerem provas convincentes de uma memória comum.

Devemos o nome Atlântida ao mundo greco-romano, cujos escritores estavam familiarizados com a idéia e localização do continente perdido. As tribos do Noroeste da África próximas da costa atlântica eram até designadas por autores antigos como *Atalantes, Atarantes* e, pelos autores clássicos, como *Atlantioi,* como remanescentes dos colonizadores ou das populações coloniais da Atlântida. As tribos berberes da África do Norte conservam suas próprias lendas sobre *At tala,* um reino guerreiro ao largo da costa africana, com ricas minas de ouro, prata e estanho, e que enviava para a África não apenas esses metais, mas também exércitos conquistadores. *A ítala* está agora submersa no oceano, mas, segundo uma profecia, reaparecerá um dia.

Os antigos gauleses, assim como os irlandeses, os galeses e os celtas britânicos, acreditavam que seus antepassados tinham vindo de um continente que afundou no mar Ocidental, sendo que, destes, os dois últimos grupos étnicos chamavam esse paraíso perdido *de Avalon.*

Os bascos, uma ilha racial e lingüística no Sudoeste da França e Norte da Espanha, acreditam-se descendentes da Atlântida, a que chamam *Atlaintika.* É crença comum entre os portugueses que a Atlântida existiu, outrora, perto de Portugal e que alguns remanescentes seus, as ilhas dos Açores, ainda avançam seus cumes acima da superfície do mar. Os povos ibéricos do Sul da Espanha traçam um parentesco direto com a Atlântida, tornando-se cada vez mais cônscios de que a Espanha ainda possui o que pode ter sido parte do império atlante — as ilhas Canárias, onde, curiosamente, o nome *Atalaya* ainda é muito usado como topônimo e onde os habitantes primitivos, na época do seu descobrimento, proclamaram-se os únicos sobreviventes de um cataclismo de proporções mundiais.

Os *vikings* acreditavam que a Atlântida fosse uma terra

encantada, situada a oeste, e também foi nesse lugar que as raças teutônicas colocaram o *Walhalla,* terra mítica onde se vivia em constantes lutas, bebedeiras e festividades. Os marinheiros fenícios e cartagineses eram notoriamente familiarizados com uma próspera ilha ocidental por eles chamada *Antilla,* mas procuraram manter em segredo o assunto por motivos de comércio e colonização.

Antigos hieróglifos egípcios mencionam *Amenti,* o paraíso ocidental, morada dos mortos e parte do sagrado barco do sol. Os babilônios chamavam seu paraíso ocidental de *Arallu,* e para os árabes da Antigüidade a primeira civilização era a terra de *Ad,* localizada no oceano Ocidental. (É o caso de nos perguntarmos se o Pentateuco bíblico ou a Tora, ao se referirem a Adão, não estariam talvez aludindo à tradição de Ad. Representaria Adão uma alegoria do primeiro homem ou seria Ad-Am a primeira raça civilizada?)

Existem surpreendentes referências nos antigos clássicos indianos, os *Puranas* e o *Mahabharata,* a *Attala* — "A Ilha Branca" —, continente localizado no oceano Ocidental, meio mundo distante da índia. A localização aproximada de Attala no oceano Ocidental, quando convertida segundo as antigas divisões indianas do mundo, recaía, conforme a latitude, numa linha horizontal que atravessava as ilhas Canárias e as Baamas. (Essa linha também atravessa o sítio da lendária Atlântida.) Nesses e em outros textos, a palavra *Atyantika* é empregada em relação a uma catastrófica destruição final.

Quando os conquistadores espanhóis da América Central e do Sul chegaram ao México, logo souberam que os astecas se acreditavam originários de *Aztlán,* uma ilha no que para eles era o oceano Oriental. A palavra *asteca* pode ter derivado de Aztlán, concepção que os espanhóis estavam prontos a aceitar, porquanto muitos deles acreditavam que os habitantes do Novo Mundo poderiam ser os descendentes da Atlântida e, por isso mesmo, herdeiros incontestáveis do trono de Espanha, através da

outrora estreita ligação da península Ibérica com o continente perdido.



Figura 1 Desenho glífico asteca de Aztlán, a ilha montanhosa no mar Oriental, da qual se acredita que os astecas tenham vindo. Esse desenho foi feito no estilo antigo, acrescido do alfabeto latino.

Por todo o México, e descendo a costa da América Central e a parte Norte da América do Sul, continuamos a encontrar remanescentes do obsedante nome Atlântida — no México, *Tlapallan, Tollan, Azatlán* e *Aztlán.* Mais ao sul, na Venezuela, os conquistadores descobriram um povoado de nome *Atlán,* a cujos habitantes se referiam como "índios brancos". As tribos indígenas da América do Norte também recordavam tradições segundo as quais seus ancestrais tinham vindo de uma ilha do Atlântico, geralmente citando um nome parecido com Atlântida. Os primeiros exploradores encontraram no que hoje é o Wisconsin, nos Estados Unidos, uma aldeia fortificada perto do lago Michigan, à qual os seus habitantes chamavam *Azatlán.*

Todos esses nomes semelhantes para uma ilha-continente ou terra perdida não constituem prova cabal de sua existência; indicam, porém, firmemente que a Atlântida não era um artifício literário de Platão. Essas lendas são muito antigas e vêm de pontos muito distantes do mundo, até então sem qualquer

comunicação entre si no espaço de tempo a que chamamos história. Até as lendas das ilhas do Pacífico, embora não citem a Atlântida nominalmente, falam do afundamento de grandes massas de terra no Pacífico, numa época em que a terra tremeu, algumas ilhas desapareceram no oceano e outras, grandes, ficaram pequenas.



Figura 2

Colunas ainda de pé em Tula, México, atribuídas à civilização tolteca, pré-asteca. Essas colunas sustentavam outrora as lajes de pedra do telhado do templo, das quais eram o suporte. Essas colunas de suporte, com figuras humanas, são chamadas atlantes, referência a Atlas, que sustentava o mundo. O mito de Atlas tem correspondente no México, onde uma das funções de Quetzalcoatl é sustentar o céu, conceito de grande poder, talvez uma alusão lendária ao poder do antigo continente da Atlântida (Figura 2)

É exatamente essa questão do "desaparecimento" de terras que se tornou uma pedra angular para os críticos da teoria da Atlântida. Embora um crescente número de cientistas venha tendendo a aceitar a possibilidade de importantes modificações da Terra durante a existência do homem "moderno" sobre a mesma, uma grande maioria continua afirmando que não houve

importantes catástrofes mundiais (exceto no tocante a erupções vulcânicas e ao desaparecimento de algumas ilhas) por vários milhões de anos.

A divulgação da pesquisa científica e a introdução de dados científicos como que opõem uma barreira e destroem a lógica de futuras investigações sobre a Atlântida. Além disso, a teoria da deriva continental, atualmente aceita como verdade, não parece confirmar que ela tenha existido em pleno oceano.

Da mesma forma, qualquer suposição sobre a existência anterior de impérios mundiais teria de se fundamentar na real descoberta e datação de produtos manufaturados. Mas dentro do quadro temporal da Atlântida, de mais de 11 mil anos até os dias de hoje, nenhum desses objetos foi até agora identificado, datado e classificado para satisfazer a comunidade arqueológica.

Contudo, a própria capacidade da ciência moderna freqüentemente oferece uma série de soluções. As mesmas técnicas de investigação empregadas por pesquisadores certamente não-preocupados com a realidade da Atlântida acabaram, inadvertidamente, por reabrir, nos últimos anos, através de mapeamento subaquático, exploração, fotografias da Terra feitas por satélites, progressos culturais, lingüísticos e arqueológicos, a controvérsia sobre o continente perdido. Os instrumentos mais recentes da ciência moderna nos reconduziram no tempo ao estudo mais aprofundado de uma pujante civilização que existiu milhares de anos antes da Babilônia.

3
O FUGIDIO HORIZONTE DA HISTORIA

Quando se iniciou a história? Os primórdios da história atualmente aceitos em geral se baseiam em objetos feitos pelo homem datáveis ou registros escritos em papiros, gravados em pedras ou inscritos em argila, entre os quais os mais remotos foram encontrados no Egito, na Mesopotâmia (Iraque), em Creta, no Irã e na índia ocidental, embora a escrita do vale do Indo ainda não tenha sido decifrada. De modo geral, a civilização com história escrita não chega além de 4000 a.C,

A opinião arqueológica geralmente aceita de 4000 a.C. (isto é, 6000 da era atual na linguagem arqueológica) encontra ressonância singularmente coincidente nos cálculos do Dr. James Ussher, arcebispo de Armagh (Irlanda): o Dr. Ussher, pensador e teólogo do século XVII, através de cálculos e verificações dos anos de vida e relacionamentos atribuídos às pessoas citadas na Bíblia, estabeleceu data e hora para a criação do mundo: o dia 22 de outubro de 4004 a.C, às 8h da noite, data e hora mais tarde alteradas por cálculos independentes feitos pelo vice-reitor da Universidade de Cambridge, Dr. John Lightfoot, também pedagogo do século XVII, que deu como data específica para a criação de Adão o dia 23 de outubro de 4004 a.C. às 9h da manhã, hora de Greenwich. (Sugeriu-se ter sido o Dr. Lightfoot influenciado nessa escolha pela data de começo do semestre de outono na Universidade de Cambridge, embora tivesse sido preferível, do ponto de vista da ética trabalhista, que o homem tivesse sido criado numa segunda-feira de manhã às 7h30min.) Só em 1900 é que um certo Dr. Deyffarth, teólogo de Leipzig, também baseando sua avaliação no cálculo bíblico de anos, publicou um livro onde escreveu com pedante certeza que estava "incontestavelmente provado que no dia 7 de setembro de 3446

a.C. o Dilúvio acabou e os alfabetos das raças do mundo foram inventados".

Hoje, um forte movimento "criacionista", originário da Califórnia, alterou um pouco essa data, recuando o começo do mundo para 10000 a.C. Outras pessoas têm encarado as eras históricas com certa indiferença. Henry T. Ford, industrial, inventor e pai do Modelo T., tem sido amplamente citado por dizer que de fato não acreditava na história, nem mesmo que ela alguma vez houvesse realmente acontecido.

Nos últimos 50 anos, o período para o surgimento do homem desenvolvido e não-civilizado foi recuado para mais de 2 *milhões* de anos — e com as novas descobertas do vale do Rift, no Quênia, e na região de Afar, na Etiópia, poderão recuar ainda mais no tempo esses milhões de anos. O desenvolvimento efetivo de culturas grupais mais avançadas está atualmente calculado como tendo ocorrido entre 50 e 100 mil anos atrás. Um exemplo entre muitos dessa teoria é particularmente curioso: uma combinação de técnicas de datação situou em 43 mil anos atrás o funcionamento de uma mina de ferro em Ngwenya, Suazilândia. (Devemos supor que esses antigos mineiros estavam cavando por algum motivo e que possuíam suficiente tecnologia para empregar especificamente esse material, cerca de 10 milhões de anos antes de o ferro aparecer no Oriente Médio.)

Se a data de 4000 a.C. marca o limite do tempo histórico, isso ainda deixa um período de 6 mil anos antes de voltarmos à época da Atlântida, período em que a história se torna lenda. Mas, com novas técnicas de datação e novas descobertas, foi estabelecido que algumas cidades e centros populacionais muito antigos — entre os quais Jerico, em Israel, Catai Hüy-ük, na Turquia, Tiahuanaco, na Bolívia, e outras comunidades na França, Espanha, Iugoslávia, Armênia e Ásia Central — já existiam nessa suposta época da Atlântida.

Referências escritas a esse período incerto existem nos registros de nações subseqüentes. A lista dos reis e caldeus

remonta a dezenas de milhares de anos: o rei Assurbanípal da Assíria deixou à posteridade, em tabletes de terracota, uma declaração de que compreendeu e mandou traduzir obras nas línguas mortas do que para ele já constituía história muito antiga — os livros escritos antes do Dilúvio.

Viajantes de regresso ao Mediterrâneo oriental, vindos da Espanha 2.600 anos antes, falavam de uma rica e poderosa cidade, Tartessos, um grande porto marítimo da costa sudoeste da Espanha, cujos registros escritos, segundo relatos do historiador grego Estrabão, datavam 7 mil anos antes de sua época, sendo, portanto, muito anteriores à data convencionalmente aceita para a invenção da escrita. A contagem de anos egípcia recuava muito além da Primeira Dinastia, à época dos reis que reinaram antes do Dilúvio, e a contagem dos anos feita pelos hindus retroage tanto no passado que várias outras culturas nem possuem números suficientemente grandes para expressar esse conceito.



Todas as velhas raças da Terra partilham a tradição de uma grande enchente durante a qual uma civilização foi destruída por uma catástrofe: uma combinação de enchente, terremoto e erupções vulcânicas. Nesse baixo-relevo maia, vê-se um Noé fugindo de uma ilha que afunda. Os maias registraram que a ilha perdida de onde vinham estava no mar Oriental — o oceano Atlântico.

Ainda mais convincentes são as descobertas de ruínas não-identificadas sob o oceano Atlântico e o mar das Caraíbas, onde grandes estradas de pedra ou plataformas foram embutidas antes de as geleiras se derreterem e elevarem os níveis dos oceanos. Além do mais, à medida que o tempo vai recuando com o avanço das novas investigações, incluindo os vestígios de misteriosos complexos de ruínas e cidades ainda não identificadas em relação a época, encontramos dentro do nosso próprio alcance investigativo algumas cidades espalhadas pelo mundo que advêm de épocas anteriores à história.

Ainda não foi compreendido de maneira geral pelo mundo da ciência que a data indicada por Platão para o final da Atlântida, durante muito tempo tida como fantasia, é a mesma a que chegaram recentes descobertas de vida civilizada e urbana naquele período. Mas, se não dispomos de registros escritos sobre as populações de 12 mil anos atrás, não temos como estabelecer sua história segundo um padrão tradicional.

Até a Atlântida, por mais universalmente difundida que seja sua tradição, não nos deixou registros que possamos examinar ou traduzir. O relato de Platão é hoje a descrição mais próxima que possuímos do que realmente foi aquele império insular pré-histórico. Embora Platão tenha escrito que a informação fora colhida em registros de templos egípcios, é também possível que ela tenha incorporado relatos de antigos marinheiros cartagineses e fenícios cujas cidades e bibliotecas foram subseqüentemente destruídas e seus registros queimados ou perdidos.

Examinando partes de dois diálogos de Platão sobre a Atlântida e comparando suas informações com o que agora sabemos, temos a impressão de que o filósofo baseou sua narrativa em fatos e de que ele estava contando, segundo suas próprias palavras, "...uma estranha história que, contudo, é certamente verdadeira".

4
O IMPÉRIO INSULAR ANTES DO COMEÇO DA HISTORIA

Tem-se afirmado com freqüência que a descrição de Platão sobre a Atlântida é minuciosa demais para ter sido uma simples invenção sua. O relato de como era esse continente, com seus grandes portos e poderosas frotas, o intrincado sistema de canalização, os imensos templos, o uso pródigo do ouro e outros metais não-identificados, talvez uma liga de ouro chamada *orichalcum,* as descrições relativas a loteamento de terra, agricultura e irrigação, animais selvagens e domésticos, fortificações e equipamentos militares, governo e comércio, convenceu-nos de que antes da época de Platão diversas pessoas recordavam fatos por elas testemunhados na ilha-continente do Atlântico. E Platão, reputado o maior pensador da Antigüidade, pelo próprio fato de haver escrito esse relato, provocou estudos, discussões e celeuma nestes 2.500 anos passados desde que o escreveu.

Platão apresentou sua descrição da Atlântida em dois diálogos: o *Timeu* e o *Critias,* num debate de que participavam vários amigos, inclusive Sócrates. Os diálogos, originalmente projetados em número de três, parecem terminar abruptamente quase ao final do segundo, a menos que outras partes se tenham perdido num incêndio ou em outras destruições sofridas por documentos históricos desde a época clássica. Por outro lado, pode ser que Platão tenha simplesmente interrompido seus escritos porque o patrono do seu projeto, Dionísio I, tirano de Siracusa, que desejava apresentá-lo para ser lido num festival de prosa e poesia dessa cidade, morreu antes que o autor pudesse terminar o manuscrito, posteriormente publicado por Crantor de Atenas.

Platão creditou as informações que nos transmite sobre a

Atlântida às colhidas por Sólon, o legislador ateniense, durante uma viagem que este fez ao Egito. Segundo Platão, o texto original tinha sido transmitido através de um amigo de Sólon, Dropiedes, a Crítias, citado no diálogo. Sólon originariamente recebera essas informações de sacerdotes egípcios em Sais. Estes haviam vertido para o grego e comentado hieróglifos inscritos nas colunas do templo. (Naquela época, existia uma escola de intérpretes em Sais, criada por Psamético, um dos últimos faraós.)

O *Timeu* começa com uma alusão indireta à Atlântida, referindo-se apenas aos "grandes e maravilhosos feitos dos ancestrais [pré-históricos] dos atenienses que caíram no esquecimento com o passar do tempo e a destruição da raça humana" e que em geral foram esquecidos por seus descendentes, embora os egípcios ainda possuíssem provas documentais desses feitos.

É bastante óbvio que a abordagem do problema da Atlântida através do heroísmo dos atenienses oposto ao domínio atlante era tanto um artifício literário para conquistar a atenção do populacho ateniense como também uma tentativa de inspirá-los a um novo reacender do sentimento de dever e grandeza, quase desaparecido na história ateniense em conseqüência de guerras desastrosas.

O excerto a seguir serve para estabelecer a extrema antigüidade dos registros egípcios em comparação com os dos atenienses:

...um dos sacerdotes, que era muito velho, disse: — Sólon, ó Sólon, vós, helenos, não sois mais que crianças, e não existe sequer um velho que seja heleno. — Sólon, depois de ouvir essas palavras, respondeu: — Que quereis dizer com isso? — Quero dizer — replicou o velho — que todos vós sois jovens na mente; não existem entre vós opiniões antigas herdadas das velhas tradições, nem qualquer conhecimento envelhecido pelo tempo.

E vou lhe dizer por quê: houve, e haverá novamente, muitas destruições da humanidade advindas de diversas causas...

Ao falar em catástrofes periódicas, os sacerdotes egípcios enfatizavam o fato de possuírem registros de fatos importantes ocorridos milhares de anos antes da visita de Sólon a Sais:

Tudo que foi escrito naquele tempo... está preservado em nossos templos... quando o fluxo do céu se abate como uma peste e só deixa como sobreviventes aqueles dentre vós que não possuem cultura nem educação... tendes de iniciar tudo outra vez como crianças e nada saber do que ocorreu nos antigos tempos, ou entre nós, ou entre vós mesmos...

Os egípcios, segundo o antigo historiador Maneio, mantiveram registros que datam de milhares de anos antes das suas primeiras dinastias históricas, chegando até o período pré-histórico de dominação conhecido como o "Reinado dos Deuses". Além disso, como o clima do Egito preservou as pinturas dos túmulos, dos edifícios e até dos registros em papiros durante milhares de anos, pode-se acreditar que futuras descobertas em túmulos e templos ainda enterrados contribuirão com referências ou registros adicionais sobre o "Continente Perdido".

Referindo-se à descrição e posterior destruição da Atlântida, os sacerdotes egípcios falam de

...uma grande conflagração de coisas sobre a Terra repetindo-se a prolongados intervalos de tempo: quando isso acontece, aqueles que vivem nas montanhas e em lugares altos e secos são mais passíveis de serem destruídos do que aqueles que vivem à margem dos rios ou nas praias... Quando, por outro lado, os deuses purgam a terra com um dilúvio, entre vós, boiadeiros e pastores das montanhas, estão os sobreviventes, enquanto

aqueles de vós que vivem nas cidades são arrastados pelos rios para o mar.

Platão e outros estudiosos da época tinham conhecimento de que muitas alterações no mar e na terra haviam ocorrido anteriormente em várias partes do mundo. Heródoto notara conchas marinhas no deserto egípcio e alta concentração de sal no solo e nas pedras do Egito. Vestígios de vida marinha foram encontrados no deserto e ao pé da grande pirâmide em tempos primitivos, enquanto modernos pesquisadores detectaram sinais de uma camada de sal nos aposentos da rainha, no interior da pirâmide. Registrou-se em antigos documentos a submersão no Mediterrâneo de um istmo entre a Sicília e a Itália. Erupções vulcânicas destruíram cidades, ocorreram grandes enchentes e várias ilhas afundaram, e de um modo geral, não mais reapareceram. Enquanto Platão viveu, a cidade portuária grega de Helike, no golfo Sarônico, submergiu tão repentinamente no mar, com toda a população e todos os prédios, que levou consigo 12 navios de guerra espartanos ancorados no porto.

Uma descrição minuciosa da Atlântida principia com uma homenagem ao heroísmo ateniense em sua oposição ao império oceânico, para em seguida estabelecer a localização da Atlântida no oceano Atlântico:

Grandes e maravilhosos feitos estão registrados em nossos anais sobre vosso Estado; mas um deles ultrapassa todos os outros em grandeza e valor, pois essas histórias falam de um poder formidável que estava agredindo brutalmente toda a Europa e a Ásia e que vossa cidade acabou por exterminar. Esse poder surgiu do oceano Atlântico, porquanto nessa época o Atlântico era navegável; e havia uma ilha localizada em frente aos estreitos que vós chamais de colunas de Hércules: a ilha era maior que a Líbia e a Ásia juntas e servia de caminho para outras ilhas, e das ilhas se podia atravessar todo o continente oposto que

cercava o verdadeiro oceano; pois esse mar que fica dentro dos estreitos de Hércules é apenas um porto com uma entrada apertada, mas aquele outro é um verdadeiro mar, e a terra circundante pode realmente ser chamada de continente. Ora, na ilha de Atlântida existia um grande e extraordinário império que dominava toda a ilha e também várias outras, bem como parte do continente; e, além delas, subjugaram as partes da Líbia dentro das colunas de Hércules até o Egito e da Europa até a Tirrênia. O vasto poder desse reino unido procurou subjugar num só golpe nosso país e o vosso, e toda a terra localizada dentro dos estreitos...

A alusão ao "continente oposto", do qual povos marítimos como os fenícios e os cretenses já deviam ter tomado conhecimento, é uma das passagens mais amplamente citadas dos diálogos. Mas o que é igualmente curioso é a referência de Platão a "outras ilhas" como ponto de partida para o continente do outro lado do Atlântico. Platão não poderia saber o que sabemos hoje sobre a profundidade do Atlântico. Se o nível desse oceano baixasse de 180 a 300 metros, como era antes do degelo da última glaciação, os Açores, a Madeira, o Cabo Verde, as Bermudas e as Baamas seriam infinitamente maiores em área, as plataformas continentais, atualmente submersas, se estenderiam mar afora, e outras ilhas, hoje apenas planaltos submarinos que se elevam do solo oceânico, teriam subsistido na superfície. Platão, ao discorrer sobre uma série de ilhas, fez uma suposição precisa sobre a formação do fundo do oceano.

Quando Platão citou a Ásia, certamente estava se referindo apenas à Ásia Menor e a partes do Oriente Médio, ao passo que "Líbia" significaria a África do Norte. As dimensões combinadas dessas áreas talvez sejam aproximadamente as mesmas de um antigo continente atlântido ou uma série de grandes ilhas.

...e então, Sólon, vosso país brilhou, na excelência da sua virtude e força... e defendeu da escravidão aqueles que ainda não tinham sido subjugados, dando plena liberdade a todos os outros...

Além das referências de Platão a invasões da Europa e da África, desde o oeste, antigos povos dessa área preservaram lendas, escritos e o que podem ter sido ruínas decorrentes de tais invasões. Registros egípcios falam de pilhagens efetuadas por misteriosos "povos do mar"; lendas irlandesas mencionam invasões de um povo igualmente misterioso chamado firborgs, *também vindo do Atlântico, e ruínas de fortalezas irlandesas de pedra com milhares de anos apresentam sinais de calcinação provocada por intenso calor; as costas atlânticas da Espanha e da França e as ilhas do Mediterrâneo também guardam lendas e ruínas que remontam a invasões vindas do Ocidente em tempos imemoriais.*

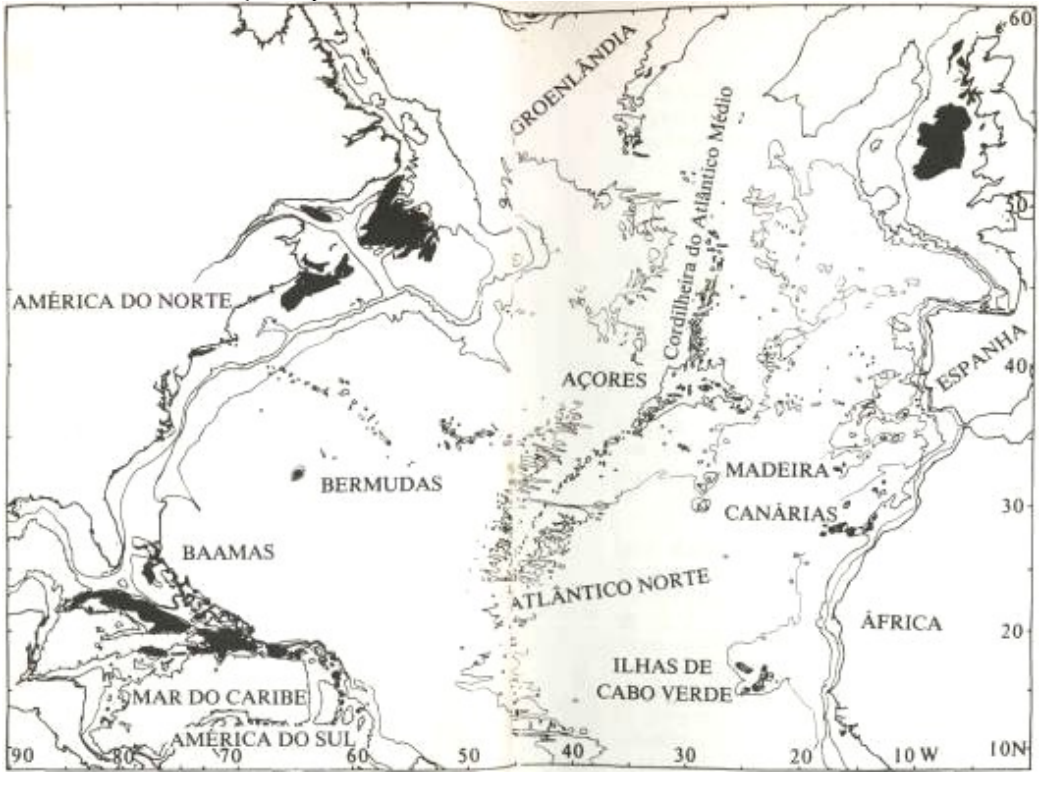
Pouco depois da invasão frustrada, a Atlântida submergiu com suas cidades e seus habitantes.

Pouco depois, porém, ocorreram violentos terremotos e enchentes e no espaço de um dia e uma noite de chuva todos os seus guerreiros desapareceram dentro da Terra, como também a ilha da Atlântida, que afundou no mar. E essa é a razão pela qual o mar nessas partes é intransponível e impenetrável, devido à grande quantidade de lama ali depositada pela imersão da ilha...

Outras referências nos diálogos falam desse dilúvio como sendo "o maior de todos", e reiteram que:

...as ilhas da Atlântida... afundadas por um terremoto transformaram-se numa barreira de lama intransponível para os viajantes vindos daqui [do mundo mediterrâneo] rumo ao oceano...

Mapa da área do Atlântico Norte, onde se vê, ao centro, a elevação ao longo da cordilheira do Atlântico Médio. Os Açores constituem a parte dessa grande cordilheira que ainda está acima do nível do mar, e repousa sobre um platô definido pela linha de contornos de profundidade de dois mil metros. As plataformas continentais em torno do oceano mostram partes da América do Norte, Europa, África e das ilhas do Atlântico além dos Açores, que antes estavam acima do nível do mar.



Um mar de lama e rasos bancos de areia e outros obstáculos à navegação teriam persistido por muito tempo após o desaparecimento de uma ilha-continente, causando modificações no leito do oceano, especialmente perto da saída Gibraltar-monte Atlas, do Mediterrâneo para alto-mar. Marinheiros cartagineses e fenícios perpetraram relatos, segundo os quais o Atlântico era inave-gável, com o propósito, talvez, de manter para si próprios qualquer comércio atlântico, ou colônia], subterfúgio esse de que se utilizaram séculos a fio com considerável proveito.

Um indício da rapidez da mencionada submersão da Atlântida são as extensões de areia de praia nos planaltos submarinos perto dos Açores a uma profundidade de 1.500 metros. O fato de praias arenosas normalmente se formarem aproximadamente ao nível do mar sugere uma profunda e repentina precipitação de praias e áreas costeiras bem fundo naquela parte do oceano. O falecido professor Maurice Ewing, eminente oceanógrafo, embora extremamente contrário à teoria da Atlântida, declarou depois de uma expedição haver descoberto lavas geologicamente recentes espalhadas no fundo do oceano, que "ou a terra afundou três ou quatro quilômetros ou o oceano deve ter primitivamente sido três ou quatro quilômetros mais baixo do que atualmente. Qualquer dessas conclusões é espantosa"

A maior parte do segundo diálogo, chamado *Critias,* ou mais apropriadamente *O Atlântico,* descreve com riqueza de detalhes as características naturais, a arquitetura, os costumes, o governo, a religião e até a flora e a fauna da Atlântida.

Segundo essa narrativa, a dinastia real começou com Posídon, deus do mar, que se apaixonou por uma mortal chamada Cleito, a qual vivia numa grande montanha da Atlântida:

Posídon apaixonou-se por ela, mantendo relações com a

moça; partiu o solo na colina onde ela morava, circundando-o por todos os lados, e criou zonas alternadas de mar e terra, maiores e menores, umas em volta das outras, havendo duas partes de terra e três de água... Ele próprio, como deus, não encontrou dificuldade em tomar certas medidas especiais na ilha central, trazendo duas vertentes de água sob a terra, uma de água morna, outra de água fria, além de fazer toda espécie de alimentos brotar abundantemente da terra...

Essas referências a deuses eram geralmente usadas na Antigüidade como ilustrações e para fixar acontecimentos na memória do ouvinte, em vez de o fazer pela religião ou pela mistificação. O próprio Platão faz o sacerdote egípcio explicar a Sólon:

Existe uma história de que certa vez Faetonte, filho de Hélio, atrelou os cavalos no carro de seu pai, mas, não conseguindo conduzi-los pelo caminho do pai, queimou tudo o que havia sobre a Terra, sendo ele mesmo destruído por um raio. Ora, isso tem a forma de mito, mas na realidade significa uma declinação dos corpos celestes girando ao redor da Terra e nos céus...

O texto acima é outra prova do costume de ligar nomes conhecidos a feitos históricos e heróicos, costume que não se limitou aos tempos antigos. Ignatius Donnelly, membro do Congresso, auxiliar do Governador do Minnesota e candidato à vice-presidência dos Estados Unidos, que, em 1882, publicou um estudo abrangente sobre a Atlântida como sendo um fato concreto — Atlantis: Myths of the Antediluvian World (Atlântida: mitos do mundo antediluviano) — *talvez tenha apresentado um depoimento parcialmente verdadeiro ao dizer que "...os deuses e deusas dos antigos gregos, dos fenícios, dos hindus e dos escandinavos eram simplesmente os reis, rainhas e heróis da Atlântida; e os feitos a eles atribuídos na mitologia*

não são mais que uma confusa reminiscência de reais acontecimentos históricos".

Atlas foi o primeiro filho de Posídon e Cleito. Além dele, Posídon teve 10 filhos e ...dividiu a ilha da Atlântida em 10 partes; deu ao primogênito do casal mais velho a morada de sua mãe e as terras adjacentes, que eram melhores e maiores, tornando-o rei do restante; e fez dos outros príncipes e lhes deu o governo sobre muitos homens e um grande território...

Quando as ilhas Canárias foram redescobertas e exploradas durante a baixa Idade Média, os guanchos nativos ainda mantinham a tradição de 10 reis. Assim também procediam os maias do Sul do México, do outro lado do oceano. Platão não poderia saber dessa coincidência. Na Bíblia, há também um eco dos 10 períodos de vida — as 10 gerações que antecederam Noé.

O filho mais velho, que era rei, ele chamou de Atlas, e dele toda a ilha e o oceano receberam o nome de Atlântico. Ao seu irmão gêmeo, nascido logo depois dele, foram entregues a extremidade da ilha em direção aos pilares de Hércules, até o país ainda hoje conhecido como a região de Gades nessa parte do mundo...

Gades ainda é uma cidade da Espanha, com o nome alterado para Cádis, no lado oceânico do estreito de Gibraltar. É ainda voltada para o oeste, de onde a Atlântida, segundo a tradição, governava suas colônias. Cádis pode ter sido uma dessas colônias, juntamente com a já desaparecida Tartessos, que acreditamos ter existido no delta do rio Guadalquivir. Nessa parte da Espanha existem enormes ruínas, especialmente em Niebla e Huelva, que parecem ter sido outrora partes de portos, cais ou diques.

Os termos "Atlântico" e "Atlântida" foram também

empregados pelo viajante e historiador grego Heródoto para designar o oceano e uma grande cidade de uma ilha oceânica. Ele se referiu a diversos povos norte-africanos que viviam perto das montanhas de Atlas, chamando-lhes "atlantes" ou "atarantes". As narrativas de Heródoto precederam o relato de Platão e talvez se tenham originado de fonte que não o Egito.

Segundo ele, Atlas e seus descendentes possuíam

...tal quantidade de riquezas como jamais rei ou dinastia alguma tivera, e certamente jamais terá outra vez, sendo providos de tudo o que quisessem, tanto na cidade como no campo. Pois, graças à grandeza do império, muitas coisas lhes eram enviadas de outros países, e a própria ilha fornecia muito do que lhes era necessário para viverem. Em primeiro lugar, extraíam da terra minerais e metais, e aquilo que é agora apenas um nome — oricalco — era extraído em muitas partes da ilha, e, com exceção do ouro, era tido como o mais precioso dos metais entre os homens dessa época...

O oricalco talvez tenha sido uma liga cuja composição não mais conhecemos. Ouro e metais preciosos figuram de forma destacada em todos os antigos relatos sobre a Atlântida e seus tesouros e minas — lembrança que incentivou alguns comentaristas europeus a acreditarem que a Atlântida de Platão na realidade queria denotar as Américas, cujos vastos tesouros de ouro e prata foram rapidamente apropriados pelos conquistadores espanhóis. A exploração dos metais foi desenvolvida em data muito remota, pois mergulhadores descobriram no Mediterrâneo, ao largo de Marselha, a uma profundidade de 24 metros, túneis horizontais e verticais, equipamentos de fundição e camadas de lava, indicando uma época anterior àquela em que o Mediterrâneo foi inundado.

Havia abundância de madeira para ser utilizada em carpintaria e alimentos suficientes para animais domésticos e selvagens. Além do mais, havia muitos elefantes na ilha, e provisões para animais de todas as espécies, tanto para os que vivem nos lagos, pântanos e rios, como para os que habitam as montanhas e planícies, e, portanto, também para aquele que é o maior e mais voraz de todos os animais...



Cópia de um ornato para cabeça de elefante, de uma escultura asteca. Os elefantes, ou lendas com eles relacionadas, eram comuns na América antiga. Máscaras desses animais, motivos arquitetônicos e elevações tumulares representando o que parecem ser elefantes existem no Estado de Wisconsin e foram encontrados em várias partes do México e América Central.

Sabemos que existiram elefantes e mastodontes na América antiga, onde os ameríndios os desenharam e os esculpiram na pedra. Os mamutes viveram na Europa, na era glacial, e os elefantes eram abundantes no Norte da África. Como a distância entre a África e as ilhas atlânticas devia ser menor quando o nível do oceano era mais baixo, com talvez uma ligação através de um istmo num período mais remoto, essa curiosa referência a elefantes e outros animais "vorazes" não parece uma impossibilidade.

Todos os tipos de fragrâncias existentes na terra, quer sejam raízes ou ervas ou madeiras, cresciam e floresciam naquele lugar; mais ainda, os frutos cultivados, esses frutos secos comestíveis e todas as outras espécies de alimento, que conhecemos pelo nome genérico de legumes, e também o que possui uma casca dura e oferece caldo, polpa e óleo, ...todos

esses são produzidos com extraordinária beleza e qualidade e em abundância infinita por aquela ilha sagrada banhada pelo sol...

O "fruto de casca dura" de diversos usos talvez seja o coco, desconhecido de Sólon ou Platão, mas descrito por este último segundo sua própria compreensão. Essa "nota de pé de página" sobre os frutos da Atlântida ou representa uma realidade ou é uma boa adivinhação, uma vez que é provável que a Atlântida, se é que existiu como grande massa de terra, de acordo com a descrição de Platão, teria recebido os benefícios climáticos da corrente do Golfo, que produziria um clima moderado favorável ao desenvolvimento de frutas tropicais e semitropicais como o coco, o abacaxi e a banana. As águas mornas da corrente do Golfo teriam também sido impedidas de chegar à Europa pela existência de uma grande ilha atlântica, e, por sua vez, a maior parte da Europa seria fria e glacial. Como sabemos hoje em dia, foi isso exatamente o que aconteceu durante o período da última glaciação, no final da qual se acredita que a Atlântida submergiu, permitindo assim que a corrente do Golfo favorecesse a Europa com um clima bem mais ameno.

Todas essas coisas eles receberam da terra, e se entregaram à construção de templos, palácios e portos e cais... estenderam pontes sobre as zonas de mar que cercavam a antiga metrópole e construíram uma passagem que permitia o acesso ao palácio real; e então começaram a construir o palácio no local onde vivia o deus e seus ancestrais. Esse palácio foi continuamente ornamentado durante sucessivas gerações, cada rei suplantando o antecessor ao máximo possível, até transformarem o palácio numa obra que deslumbrasse pelo tamanho e pela beleza. E, a partir do mar, abriram um canal de 90 metros de largura, com 30 metros de profundidade e 50 estádios de comprimento, que estenderam até a zona mais distante, fazendo uma passagem desde o mar até ali, que ficou sendo um porto, e deixando uma

abertura suficiente para permitir a entrada de navios de maior calado. Além disso, dividiram as zonas de terra firme que separavam as de mar por meio de passagens cobertas de tal largura que permitissem a passagem de uma trirreme de uma a outra zona; havia também uma passagem abaixo para os navios, pois as margens das zonas foram consideravelmente elevadas acima da água. Ora, a maior das zonas na qual se abriu uma passagem desde o mar possuía três estádios de largura e a zona terrestre seguinte tinha o mesmo comprimento; mas as duas seguintes, tanto a zona de água como a de terra, tinham dois estádios, e a zona que circundava a ilha central possuía apenas um estádio de largura. A ilha onde se situava o palácio tinha um diâmetro de cinco estádios. Eles cercaram esta ilha, com as zonas e a passagem, que, quanto à largura, tinha a sexta parte de um estádio, com uma muralha de pedra, colocando torres de cada lado, além de portões nas passagens onde entrava o mar...

A medida grega "estádio" equivalia aproximadamente a 185 metros; as medidas dos canais, prédios e áreas de terra firme dadas por Platão foram por muito tempo consideradas fantasiosas, exageradas a fim de chamarem a atenção dos leitores. Contudo, o mesmo pensaram os venezianos a respeito das narrativas de Marco Polo! Mais tarde, porém, a veracidade das histórias do viajante veneziano veio a ser comprovada. E, embora as descrições feitas por Platão de edificações e canais hoje submersos não possam ser verificadas, há no fundo do oceano provas da existência de enormes construções ou portos ainda não-identificados.

Eles extraíam a pedra utilizada no trabalho do subsolo da ilha central e das zonas, tanto do lado de fora como de dentro. Um tipo de pedra era branco, um outro, preto, e o terceiro, vermelho, e enquanto eles lavravam as pedreiras, ao mesmo tempo escavavam o interior, obtendo os tetos da própria rocha.

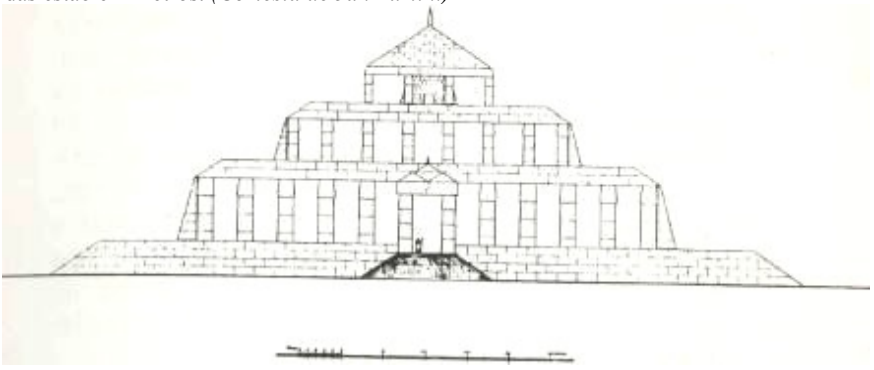
Algumas de suas construções eram simples, mas em outras eles misturavam pedras diferentes para efeito decorativo, a fim de se tornarem fonte natural de prazer...

Essa referência especial às cores das pedras utilizadas nas edificações da Atlântida encontra inesperada confirmação nas cores predominantes dos rochedos nas ilhas dos Açores, que também são brancos, pretos e vermelhos.

Todo o perímetro da muralha que circundava a parte externa era revestido por uma camada de bronze, enquanto o perímetro da muralha seguinte era revestido de estanho, e a terceira, que cercava a cidadela, reluzia com o brilho vermelho do oricalco. Os palácios no interior da cidadela eram construídos da seguinte maneira: o centro era ocupado por um santuário, consagrado a Cleito e a Posídon, lugar inviolável, cercado por uma parede de ouro; foi provavelmente nesse lugar que eles geraram a estirpe dos 10 príncipes reais e era para ali mesmo que todos os anos se levavam os frutos da estação de todas as 10 partes da terra e se realizavam sacrifícios para cada um deles. Ali também ficava localizado o próprio templo de Posídon, com um estádio de comprimento e meio de largura, com altura proporcional, tudo isso envolto num esplendor bárbaro. Toda a parte exterior do templo era revestida por placas de prata, salvo os pináculos, que eram revestidos de ouro. No interior do templo, o teto era de marfim, todo ornamentado com ouro, prata e oricalco; todas as outras partes das paredes, dos pilares e do chão eram raiadas com oricalco. No templo, erguiam-se estátuas de ouro; havia o próprio deus em pé num carro — o condutor de seis cavalos alados —, e de tais dimensões, que tocava o teto com a cabeça; à sua volta havia uma centena de Nereidas montadas em golfinhos, número que se acreditava ser o total da espécie, então. Havia também no interior do templo muitas outras estátuas, doadas por particulares. E, em volta do templo, do lado de fora, viam-se

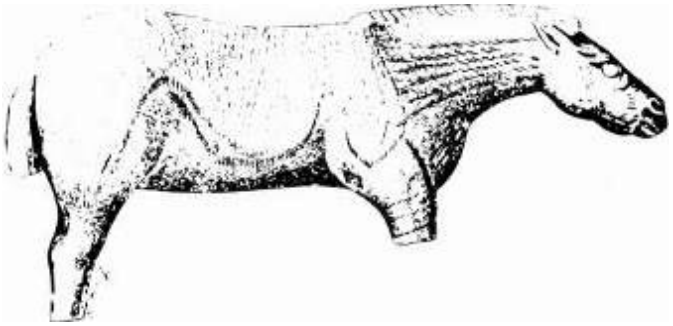
estátuas de ouro de todos os 10 reis e respectivas esposas; havia também muitas outras oferendas importantes, tanto de reis como de particulares, vindas da própria cidade e de cidades estrangeiras dominadas por eles...

Desenho de um edifício da Atlântida, reconstituído por um arquiteto dinamarquês. As medidas estão em metros. *(Cortesia de Jan Turlin.)*



Os fabulosos tesouros da Atlântida e a descrição de torres cobertas de prata e ouro jazendo no fundo do mar vêm fascinando os leitores — e os caçadores de tesouros — há milhares de anos. Algumas das culturas mais antigas, como as do Egito, da Babilônia, da Assíria, da Pérsia e do império Inca, na América do Sul, armazenaram grandes quantidades de ouro para seus templos, palácios reais e tesouros dinásticos, sendo, portanto, bastante possível que uma potência marítima como a Atlântida tenha reunido maiores riquezas ainda. Registros espanhóis informam que os incas revestiam paredes internas e externas com finas folhas de ouro. Há uma curiosa referência grega aos tesouros de Tartessos, a lendária cidade da costa ocidental da Espanha, tida como colônia ou sócia comercial da Atlântida: ela diz ter sido Tartessos tão rica em metais preciosos, que seus navios eram notoriamente equipados com âncoras de prata.

Os atlantes possuíam nascentes de água quente e fria em abundância, e ambos os tipos maravilhosamente adaptáveis ao uso devido à boa qualidade e pureza de suas águas. À volta dessas fontes construíram edifícios e plantaram árvores apropriadas; havia também cisternas, algumas ao ar livre, outras cobertas com um teto, para serem usadas no inverno e destinadas a banhos quentes: de um lado, ficavam os banhos reais, do outro, os de simples particulares; e outros ainda só para mulheres e ainda os destinados aos cavalos e gado, recebendo todos uma decoração apropriada. Quanto à água corrente, os atlantes a levaram até o bosque sagrado de Posídon, onde cresciam todos os tipos de árvores, às quais a qualidade do solo conferia uma beleza e uma altura realmente divinas; outra parte da água era levada através de aquedutos que cruzavam os canais até as regiões exteriores; havia também muitos templos construídos e dedicados a diversos deuses; e também jardins e locais para exercícios, alguns para homens, e outros, à parte, para cavalos, nas duas ilhas formadas pelas zonas; e no centro das duas havia uma pista de corrida para cavalos, com um estádio de largura, e cuja extensão cobria toda a ilha...



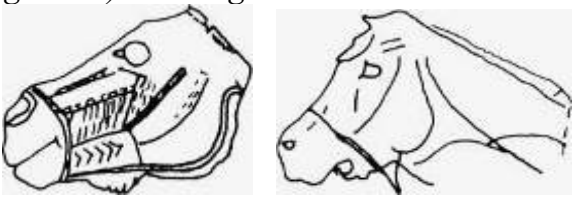
Cavalo talhado em pedra, de uma caverna de Glozel, na França. Apesar dos detalhes, não há indicações de rédeas, como nos dois outros apresentados na p. 48. Apesar disso, o cavalo pode ter sido domesticado para que o artista o tenha retratado com tantos detalhes.

O oceano Atlântico ainda possui fontes de água fresca nas vizinhanças das ilhas dos Açores. Os pescadores da região

parecem saber onde encontrar água fresca mesmo quando estão em alto-mar. Eles enchem seus baldes diretamente do próprio oceano em determinado ponto onde reminiscências lhes dizem existir água doce, borborejando de fontes existentes no fundo que, talvez, tenham outrora suprido as necessidades de seus ascendentes pré-históricos. As fontes de água quente também são comuns nas ilhas do Atlântico. Na Islândia, a água quente não apenas é canalizada das fontes para as cidades, mas existe em tal quantidade que é também empregada para a calefação dos edifícios.

A referência a cavalos é compreensível nos escritos gregos da época de Platão, pois o cavalo, e cavalos-marinhos, eram associados a Posídon, senhor dos mares... e da Atlântida. Mas a menção platônica aos cavalos da Atlântida tem sido freqüentemente criticada, de vez que ele se refere ao aproveitamento dos cavalos para uso doméstico milhares de anos antes de esses animais terem sido representados em desenhos e esculturas puxando leves carros triunfais no Egito, ou como montarias na Assíria e no Oriente Médio. Contudo, o cavalo pode ter sido domesticado pelo homem primitivo, seja para transporte ou alimentação, milhares de anos antes de 4.000 a.C. Embora os cavalos nas pinturas rupestres freqüentemente se apresentem selvagens e em bandos, há algumas estatuetas esculpidas desses animais encontradas em cavernas que são comparáveis em qualidade artística àquelas da Grécia antiga. Desenhos de cavalos encontrados nas cavernas do Norte da Europa revelam claramente o uso adequado dos freios no animal. Os cavalos que existiram no Novo Mundo, podem ter sido trazidos de barco através do Atlântico ou migrado pelo estreito de Bering. Esse animal havia, porém, desaparecido na época da chegada dos conquistadores espanhóis, que o trouxeram de volta à América. Embora não exista atualmente qualquer prova de que o primeiro cavalo da América fosse ou não domesticado, encontraram-se, juntos,

ossos desses animais e de seres humanos em Palo Aike {Argentina) e em alguns outros locais da América do Sul.



Desenhos feitos em osso e pedra, do período Cro-Magnon, encontrados respectivamente em cavernas em San Michel d'Arudy e Lamarche, na França, nos quais se vêem cavalos com uma espécie de rédea, o que mostraria ter sido esse animal domesticado há 20 ou 25 mil anos, época que abrangeria o suposto uso de cavalos na Atlântida.

Os portos estavam cheios de trirremes e armazéns navais... Cruzando os ancoradouros externos, em número de três, chegava-se a uma muralha que partia do mar e dava uma volta completa: ela distava por todos os lados uns 50 estádios da zona e do porto maiores e encerrava o conjunto, desembocando na boca do canal voltada para o mar. Toda a área era densamente povoada com habitações; e o canal e o porto mais amplo viviam cheios de navios e mercadores vindos de todas as partes, os quais, por serem muito numerosos, produziam uma algazarra ensurdecedora, tanto de dia quanto de noite...

Há razões que nos levam a crer que a navegação antiga era muito mais aperfeiçoada do que se supunha anteriormente. Alguns navios egípcios tinham 75 metros de comprimento e há registro de uma expedição egípcia que circunavegou a África; navios cartagineses e fenícios foram até mais longe, deixando centenas de inscrições em tabletes de pedra ao longo das margens de rios nas florestas do Brasil e na costa oriental da América do Sul.

Uma navegação oceânica em grande escala, conforme sugere Platão, num período milhares de anos anterior ao nosso, dependeria não só de organização {que os naturais da Atlântida pareciam possuir), como também de um conhecimento preciso

de navegação oceânica, baseado numa forma de calcular a posição dos navios. Embora geralmente se suponha que os antigos navios não costumavam afastar-se ao ponto de deixar de serem vistos da costa, instrumentos submarinos encontrados no Mediterrâneo e ignorados anos a fio após sua descoberta, foram recentemente identificados como um computador grego de estrelas operado através de engrenagens. Sem saber quão generalizado era o emprego desse instrumento, há, no entanto, indicação de que os antigos gregos, cretenses e outros marinheiros teriam sido capazes de calcular suas posições durante longas viagens marítimas, o que os habilitava a sair do Mediterrâneo e explorar o Atlântico. Alguns viajaram até bem mais longe. Cópias de mapas originais feitos por esses viajantes, documentos que sobreviveram à destruição de antigas bibliotecas onde eram conservados, mostram a linha costeira das Américas pelo menos 15 mil anos antes do descobrimento da América. Outros exploradores levantaram o litoral da Antártica, assinalando rios costeiros, baías e cadeias de montanhas interiores, atualmente milhares de metros sob o gelo. Mas a costa da Antártica, segundo amostras tiradas por navios de pesquisa do fundo do mar de Ross e de outros pontos do litoral, não possuía gelo entre 8 mil e 10 mil anos atrás, época em que provavelmente esses mapas foram traçados. Exemplos desses mapas, atualmente na biblioteca do Congresso, em Washington, constituem um testemunho do progresso náutico e científico alcançado numa era anterior à história conhecida, bem como da referência de Platão às primeiras viagens marítimas através do mundo.

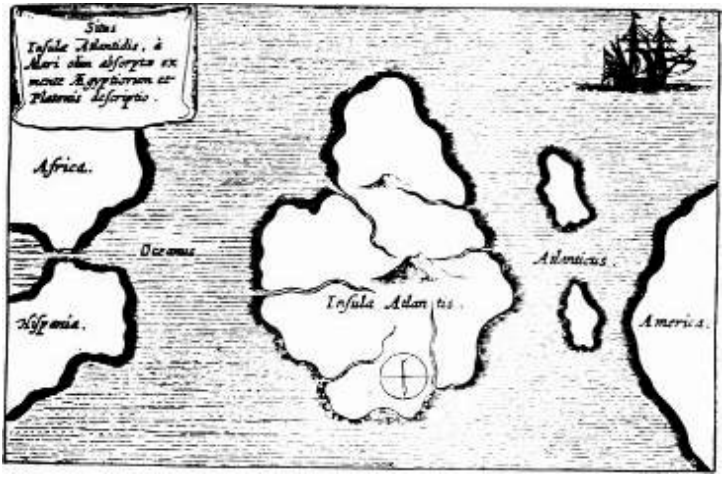
Todo o país era descrito como sendo muito elevado e íngreme do lado do litoral, embora o território imediatamente acima e em torno da cidade fosse uma planície cercada de montanhas que desciam até o mar; era plana e igual, mais para o comprido, numa direção por 3 mil estádios, subindo do mar até o centro da

ilha por 2 mil estádios; toda a área da ilha estende-se para o sul, e fica como que ao abrigo do Norte. As montanhas ao redor... famosas por seu número, tamanho e beleza, no que excedem tudo o que existe atualmente; nelas existindo também diversas ricas aldeias habitadas, rios, lagos e campos que proporcionam alimentação suficiente a todos os animais, selvagens e domésticos, madeiras de todos os tipos em abundância para qualquer espécie de trabalho... A planície... cultivada através de muitas eras por várias gerações de reis; era retangular e, na maior parte, reta e oblonga... quando seguia a curva do fosso circular. A profundidade, largura e extensão desse fosso causava espanto e dava a impressão de que tal trabalho, além de muitos outros, não poderia ter sido executado pela mão do homem... Ele foi escavado até uma profundidade de 30 metros, com uma largura de um estádio e prolongada ao redor de toda a extensão da planície, perfazendo então uns 10 mil estádios de extensão. Recebia as correntes de água que desciam das montanhas e, serpenteando ao redor da planície e tocando a cidade em vários pontos, desembarcavam no mar. Da mesma forma, canais retos com 30 metros de largura cortavam a planície, desaguando por sua vez no fosso em direção ao mar. Esses canais ficavam a intervalos de 100 estádios e por eles se transportava a madeira desde as montanhas até a cidade, e os produtos da terra em navios, atravessando-se passagens transversais de um canal a outro, e para uma cidade...

Ao descrever as montanhas ao norte da Atlântida e a grande planície que se estendia ao sul, Platão fazia um relatório mais ou menos preciso sobre o leito oceânico nas possíveis vizinhanças da Atlântida. Pesquisas oceânicas atuais, embora realizadas 2.500 anos após a época de Platão, retrataram essencialmente o mesmo quadro, com altos cumes montanhosos, como Pico nos Açores e Teide nas Canárias, prolongando-se sob as águas até encontrar cadeias montanhosas submarinas.

Mesmo que se levem em conta mais outras alterações de profundeza no leito do oceano e o deslizamento de extensas áreas no mesmo, entre as placas continentais, a descrição de Platão da geografia da Atlântida se assemelharia com o fundo do Atlântico centro-oriental no caso de, em alguma futura convulsão da Terra, ele voltar a emergir.

Um extenso sistema de irrigação tal como aquele descrito por Platão não era raro em tempos muito remotos. Várias civilizações, como o Império Inca do Peru e da Bolívia, os maias de Iucatã, os impérios do Oriente Médio, África do Norte e Ásia Central, construíram imensos sistemas de irrigação, alguns dos quais ainda visíveis, mas somente do alto. Quando eles foram destruídos por guerras ou mudanças climáticas, as outrora numerosas populações desapareceram e até hoje essas áreas não recuperaram a mesma densidade demográfica de então.



Padre Atanásio Kircher, jesuíta, traçou em 1665 um mapa bastante detalhado da Atlântida, no qual se vê o continente desaparecido tal como era, já que as travessias do oceano depois de Colombo mostraram que ele não mais existia. Parte da inscrição do padre Kircher, no alto à esquerda, diz: "Localização da ilha da Atlântida, tragada pelo mar no passado, segundo a crença dos egípcios e a descrição de Platão." Para nossos olhos, o mapa está de cabeça para baixo, já que aponta para o Norte. Se for invertido, porém, mostra a verdadeira forma do platô do Médio Atlântico, ao norte e ao sul das ilhas dos Açores, uma coincidência excepcional, considerando-se a falta de conhecimento das profundidades oceanográficas naquela época.

...cada lote da planície possuía um grupo de homens com um chefe designado e todos habilitados ao serviço militar; e a medida do lote era um quadrado de 10 estádios de cada lado, sendo 60 mil o número total de lotes.

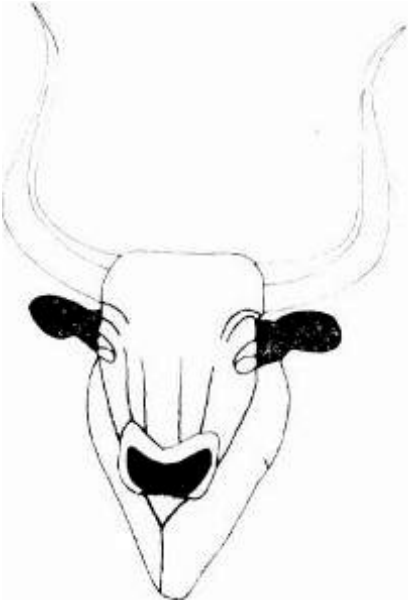
Quanto aos habitantes das montanhas e do resto do país, havia um imenso número deles com seus líderes, designados de acordo com as casas e aldeias onde moravam. Do chefe era exigido o fornecimento para guerra de uma sexta parte dos carros de combate, de maneira a perfazer um total de 10 mil carros, além de dois cavalos, com seus cavaleiros; um carro leve sem um assento, acompanhado de um guerreiro a pé, armado com um pequeno escudo, e um condutor de carro montado para conduzir os cavalos; também era obrigado a fornecer dois hoplitas, dois arqueiros, três fundibulários e três lançadores de dardos, peritos na arte das escaramuças, e quatro marinheiros para servirem a frota de 12 centenas de navios. Assim era, pois, a organização militar do reino. Cada um dos nove outros principados tinha sua organização própria...

A preocupação de Platão com os números do exército e da frota da Atlântida provavelmente reflete uma lembrança comum grega relativa aos enormes exércitos da Pérsia que invadiram a Grécia não muito antes da época de Platão. Essas fantásticas hordas que consistiam em massas móveis com perto de 1 milhão de guerreiros e cantineiros não deviam ser lembranças fáceis de esquecer. De qualquer maneira, tendo em vista o tamanho da área e a densidade da colônia, o tamanho das forças em potencial da Atlântida não seria desproporcional ao de outros exércitos da Antigüidade.

A última parte do *Crítias* trata especialmente do governo da Atlântida e do declínio da probidade e virtude públicas. Se Platão estava usando os diálogos da Atlântida para fazer suas

próprias recomendações sobre o que seria um bom governo, a observação de que "Cada um dos 10 reis, no seu próprio país e na sua própria cidade, retinha o controle absoluto dos cidadãos e, em muitos casos, até das leis, punindo e matando a quem quisesse..." parece demonstrar que o filósofo era grande cultor da "lei e da ordem".

Desenho de uma cabeça de touro encontrada em Creta, possivelmente um dos touros sagrados usados numa cerimônia ritual de considerável perigo, na qual grupos de rapazes e moças competiam saltando sobre as costas do touro e entre os seus chifres. Essa competição ritual pode ter sido a base da lenda grega do sacrifício de jovens ao Minotauro — um monstruoso touro semi-humano.



As leis da Atlântida eram inscritas num pilar feito * com o misterioso metal oricalco:

Portanto, na coluna, além da lei, estava inscrito um juramento que invocava poderosos anátemas contra os desobedientes...

Quando os 10 reis hereditários da Atlântida se encontravam em conselho, nas cerimônias públicas, alternadamente a cada cinco e seis anos, eles primeiro ofereciam sacrifícios numa espécie de tourada real.

Havia touros que desfrutavam o pasto do templo de Posídon, e os 10 reis deixados sozinhos no templo, após terem oferecido suas orações aos deuses para que estes acolhessem os sacrifícios que lhes fossem agradáveis, caçavam os touros sem armas de ferro, mas com varas e laços; e levavam o touro capturado até a coluna, onde, depois de lhe baterem na cabeça, sacrificavam-no sobre a inscrição sagrada...

A adoração do touro e seu sacrifício eram prática muito difundida nas antigas civilizações mediterrâneas de Creta, do Egito, da África do Norte e da Ibéria, e, segundo Platão, uma prerrogativa real da Atlântida. A mística da morte ritual do touro, ainda praticada na Espanha e em alguns países americanos de língua espanhola, pode estar diretamente ligada aos costumes da antiga Atlântida.

Por fim, Platão narra algumas mudanças ocorridas na índole dos naturais da Atlântida:

Durante muitas gerações, enquanto perdurou o sentimento religioso, os homens da Atlântida permaneceram obedientes às leis e favoravelmente dispostos em relação aos deuses e a seu mútuo parentesco. Tinham, com efeito, maneiras de pensar cheias de verdadeira espiritualidade, praticando a bondade e sabedoria nos vários momentos da vida e no contato uns com os outros. Desprezavam tudo o que não fosse virtude, não se importando com seu cotidiano e não se preocupando com a posse de ouro e outros bens, que lhes pareciam apenas uma carga: não se deixavam inebriar pelo luxo, assim como a riqueza não lhes tirava o autocontrole; mas, quando essa chama religiosa começou a se apagar e ficou fraca e, com a excessiva mistura mortal, a natureza humana assumiu o controle, então eles, incapazes de suportar seu destino, tornaram-se indecorosos e, para aqueles que tinham olhos para ver, começaram a parecer abjetos, pois tinham perdido o mais precioso de seus dons; mas,

para aqueles que não tinham olhos para ver a verdadeira felicidade, eles ainda pareciam gloriosos e abençoados no exato momento em que se viam repletos da iníqua avareza e de poder. Zeus, o deus dos deuses, que governa com leis e é capaz de ver dentro dessas coisas, percebendo a que ponto de depravação chegava uma raça excelente, desejando impor-lhes um castigo a fim de que eles se tornassem mais castos e melhorassem, reuniu todos os deuses na sua mais sagrada morada, precisamente aquela que, encontrando-se no centro do mundo, vê tudo o que é parte da geração. E, quando os deuses estavam reunidos, disse o seguinte:

A narrativa de Platão é interrompida exatamente no momento em que parece que ele vai descrever uma catástrofe provocada pela fúria dos deuses por causa da decadência moral e da loucura de poder dos atlantes. Não se sabe se ele escreveu ou não uma terceira parte, hoje perdida, ou interrompeu a obra devido à morte de seu patrono, Dionísio I, que a havia encomendado. Alguns críticos seus, antigos e modernos, sugeriram que, tendo situado a Atlântida e a descrito com mais detalhes do que era comum naquela época nos relatos de escritores sobre terras estrangeiras, o autor simplesmente se tenha desinteressado do assunto, passando a ocupar-se de outros trabalhos.

Outros comentaristas têm sustentado que Platão inventou toda a narrativa, e um crítico moderno observou, num esforço para liquidar numa simples frase com o mistério do continente perdido, que "a Atlântida tem sido mencionada apenas por Platão e por aqueles que o leram".

Contudo, como a pesquisa etnológica e lingüística se estende até os nebulosos primórdios da pré-história, é hoje possível argüir contra essa observação que, embora grande parte dos estudiosos clássicos e medievais possa ter sido influenciada em suas crenças por Platão, permanece o fato de antigas culturas difundidas por todo o mundo terem preservado

independentemente em suas lendas a lembrança de um grande império insular que submergiu no mar como resultado de uma catástrofe universal que abalou as bases da Terra e inverteu grandes áreas da terra e do mar. Essas lendas, que incluem até mesmo os sons do nome da ilha perdida, estendem-se no passado muito além da era de Atenas ou mesmo da muito mais antiga Babilônia e dos grandes centros do Egito, e são compartilhadas pelas nações indianas e tribos das Américas, pelos habitantes do Noroeste da África e da Europa, pelas populações das ilhas do Pacífico e pelos primitivos hindus. Platão nada sabia sobre esses povos, nem era por eles conhecido, mas todos eles compartilharam uma memória comum do poder e da destruição do mundo que precedeu o deles.

5
A FORÇA DA MEMÓRIA COLETIVA

O historiador britânico H.G. Wells, que se manteve neutro em relação à existência da Atlântida, observou certa vez: "Existe uma magia nos nomes e o nome mágico mais poderoso é Atlântida... é como se essa visão de uma cultura perdida tocasse o mais recôndito pensamento de nossa alma." Essa assertiva pode ser aplicada tão eficazmente à psique do mundo atual como o foi para as populações que sobreviveram ao Dilúvio e mantiveram vivas as lendas do mundo anterior ao delas. A diferença entre os dois pontos de vista consiste na fácil aceitação da lenda em tempos muito antigos, quando ainda não havia a imprensa, e existia um limitado ou seletivo conhecimento de geografia, contrastando com nosso mundo moderno, onde certamente não há escassez de livros, comunicações, ou, de modo geral, de uma consciência geográfica sobre nosso meio ambiente. Mas o conhecimento computadorizado e a proficiência científica do mundo moderno, focalizando indiretamente e quase por acaso a Atlântida, é que conferiram, nos últimos 15 anos, mais substância à velha lenda do que todas as teorias, explicações e descobertas desde o desaparecimento dessa ilha-continente.

A lembrança de um continente atlântico assume várias formas entre os povos das terras ao redor do oceano Atlântico. Ela está geralmente presente como o mito de um lar ou paraíso ocidental entre os habitantes das atuais Irlanda, Inglaterra, Escandinávia, Espanha, Portugal e África do Norte. Do outro lado do oceano, as tribos indígenas das Américas Central e Norte-Oriental também a consideram como uma espécie de torrão natal e fonte de civilização. Sua forma tornou-se mais precisa nos lugares onde subsistiram registros escritos, como no caso do Egito, da Fenícia, de Cartago, da Grécia (e, através desta, de Roma), dos

reinos maias do Iucatã, e mesmo da índia.

Heinrich Schliemann, o arqueólogo amador alemão que tão importantes contribuições deu à arqueologia, foi considerado visionário ou louco até provar que a cidade de Tróia, ainda recentemente considerada lendária, foi uma realidade apenas escavando em sua busca bem fundo no sítio exato onde, segundo a tradição, ela esteve localizada. Ele declarou que durante sua estada em São Petersburgo, em meados do século XIX, examinou pessoalmente dois papiros egípcios no Museu Hermitage, um dos quais dizia o seguinte: "O faraó enviou uma expedição ao Oeste em busca de vestígios da terra da Atlântida, da qual, 3.350 anos antes, vieram os ancestrais dos egípcios trazendo consigo toda a sabedoria de sua terra natal." Segundo Schliemann, a busca estendeu-se por cinco anos, mas a expedição não encontrou vestígios da terra desaparecida.

Outra referência egípcia ao que poderia ter ocorrido com a Atlântida aparece num papiro da Coleção Harris do British Museum, em Londres. Nele se descreve um tremendo cataclismo ocorrido milhares de anos antes. O que não sabemos, uma vez que a destruição dos antigos arquivos foi tão grande, é quantas referências à Atlântida existiam nos arquivos de Cartago e nas cidades fenícias do Líbano, ou se houve expedições cartaginesas que ultrapassaram as colunas de Hércules em busca de vestígios de antigas terras atlânticas. Sabemos, contudo, que os cartagineses costumavam cruzar o Atlântico em busca de novos mercados para o comércio e a conquista. Mapas antigos e medievais mostram que uma série de ilhas, entre as quais as lendárias ilhas Afortunadas e as muito maiores e distantes Antilhas, eram conhecidas pelos cartagineses e, subseqüentemente, pelos romanos, após terem eliminado seus rivais de Cartago.

No entanto, até serem conquistados pelos romanos, os cartagineses mantiveram o oceano Atlântico como segredo de Estado, atacando, afundando e matando as tripulações de todos

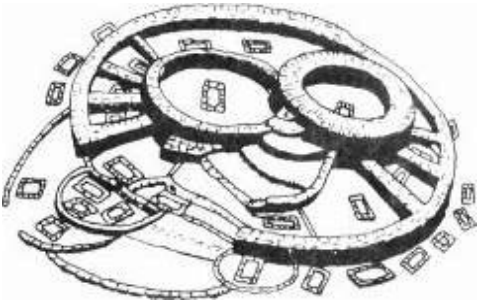
os outros navios que eram vistos no mar exterior. A segurança cartaginesa era tão rigorosa que os capitães dos navios recebiam instruções de, quando em perigo de serem capturados, afundarem os navios e se suicidarem, um fim considerado melhor do que a desonra e a morte por tortura, caso voltassem a Cartago. Os perigos do Atlântico eram exagerados por boatos espalhados pelos próprios cartagineses: como grandes nevoeiros do Atlântico costumavam tragar as galés e as faziam perder o rumo até serem arremessadas contra a costa com apenas esqueletos nos remos, ou enormes massas de algas marinhas que se emaranhavam nos navios em pleno oceano, no meio das quais nem ventos nem remos conseguiriam impeli-los. Segundo um almirante cartaginês, Himilcão, "as algas prendem os navios como se fossem galhos". Para desencorajar ainda mais os viajantes, o que os impediria também de interferir no monopólio cartaginês, Himilcão ominosamente alertava sobre monstros marinhos que "se moviam continuamente de um lado para outro, monstros ferozes nadando por entre os lentos e arrastados navios".

No século VIII, sete bispos com seus acólitos supostamente escaparam da invasão árabe de Portugal navegando para o refúgio de algumas ilhas que talvez fossem restos da Atlântida, num ponto bem distante no Atlântico. Existe um registro de marinheiros árabes que a seguir se aventuraram pelo Atlântico em busca não só da aprazível ilha lendária, e talvez dos bispos fugitivos e também de seus acólitos, reportando, à sua volta, o total insucesso da incursão.

Mais para o norte, ao longo da costa européia, lendas francesas, britânicas e irlandesas mesclaram-se com histórias arcaicas de uma ilha perdida. A lenda irlandesa de Tir-na-og refere-se a uma grande cidade, agora submersa nas ondas, e outras lendas celtas falam especificamente da Cidade dos Portões Dourados, hoje sob o Atlântico, remanescente do uso pródigo de ouro atribuído por Platão à capital da Atlântida. As formações de

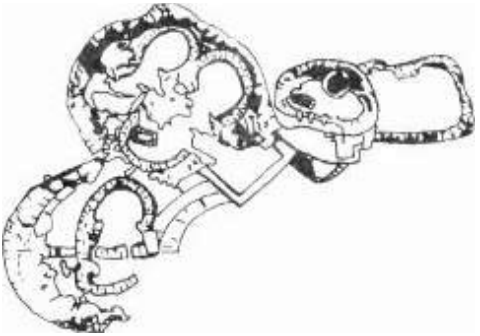
nuvens no horizonte, vistas das praias do Atlântico, tendiam então, como hoje em dia, a se transformar em castelos e elevadas torres. Facilmente se poderiam inventar lendas sobre cidades afundadas e catedrais submersas cujos sinos ainda podiam ser ouvidos em determinadas noites, ou mesmo dias, quando o denso nevoeiro encobria o mar. Dessa forma, reminiscências de um passado remoto se ligaram a lendas locais. A antiga Avalon foi associada ao destino final do rei Artur e à subida do oceano. O afundamento da plataforma continental ao largo da Bretanha foi ligado a uma lenda local relativa ao rei Gradlon cuja cidade de Ys foi tragada pelo oceano porque sua filha, a desobediente princesa Mahu, deu ao amante a chave do dique contra o mar. Essas lendas medievais obscurecem, mas não modificam, as tradições anteriores de que as tribos da Gália ocidental vieram da Atlântida, como evocam as longas fileiras de enormes menires e dolmens que ainda descem para as praias.

Quando se iniciou a era dos descobrimentos na Europa, a lembrança da Atlântida ainda atiçava a imaginação dos primeiros navegantes para que explorassem os mares. Muito daquilo de que outrora se tivera notícia tinha sido esquecido. Embora Jean de Béthencourt, nobre francês a serviço da Espanha, houvesse oficialmente "descoberto" as ilhas Canárias em 1395, a existência dessas ilhas fora registrada num atlas catalão publicado 20 anos antes, com base em informações copiadas de mapas antigos. Os conquistadores espanhóis das ilhas Canárias receberam um sinal vivo da Atlântida quando descobriram que os guanchos (palavra que para eles significava "homens") nativos se surpreenderam ao saberem que outro povo havia sobrevivido ao cataclismo que inundara o mundo deles e os deixara isolados em ilhas, outrora os picos das altas montanhas de sua terra natal (segundo as palavras de Platão, "Quando os deuses purgam a terra com um dilúvio... vós, pastores e boiadeiros das montanhas, sois os sobreviventes").



Ruínas de edifícios de pedra nas ilhas Canárias, semelhantes a ruínas circulares pré-históricas em outros sítios pré-históricos de todo o mundo.

Os guanchos, no momento em que foram descobertos, ofereciam um exemplo de desintegração cultural, efeito geralmente notado entre sobreviventes de culturas interrompidas. Possuíam inscrições em pedras que já não conseguiam ler, antigas casas de pedra que não se davam mais ao trabalho de consertar ou reconstruir e, o que é mais surpreendente ainda em se tratando de ilhéus, não possuíam barcos por causa do seu compreensível medo de um mar que havia devorado as terras, muito mais extensas, de seus ancestrais.



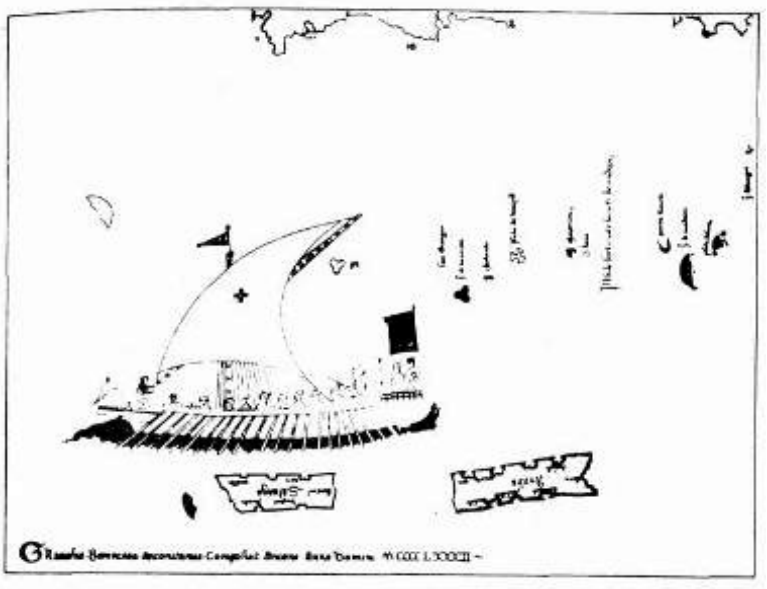
Vista aérea das ruínas do templo ou túmulo pré-histórico, de pedra, em Mnajdra, na ilha de Malta, vendo-se a semelhança de forma e desenho com as ruínas não-identificadas das ilhas Canárias. Construções de desenho semelhante, que se calculam tenham 10 mil anos, foram desenterradas em Jerico, na Jordânia. Ruínas submersas, de feitios semelhantes a essas configurações circulares, foram localizadas e fotografadas no oceano Atlântico por pilotos que sobrevoavam áreas nas quais os platôs submarinos e as plataformas continentais se elevavam a aproximadamente 30m da superfície.

Se os guanchos não tivessem sido exterminados tão rapidamente nas subseqüentes lutas contra os conquistadores espanhóis, atualmente existiriam mais informações relativas às lendas e origens raciais dessa tribo. Constava que eram de pele branca, geralmente louros, muito altos e de um tipo agora catalogado como a raça Cro-Magnon, cujo aparecimento na Europa Ocidental data de 35 mil anos atrás.

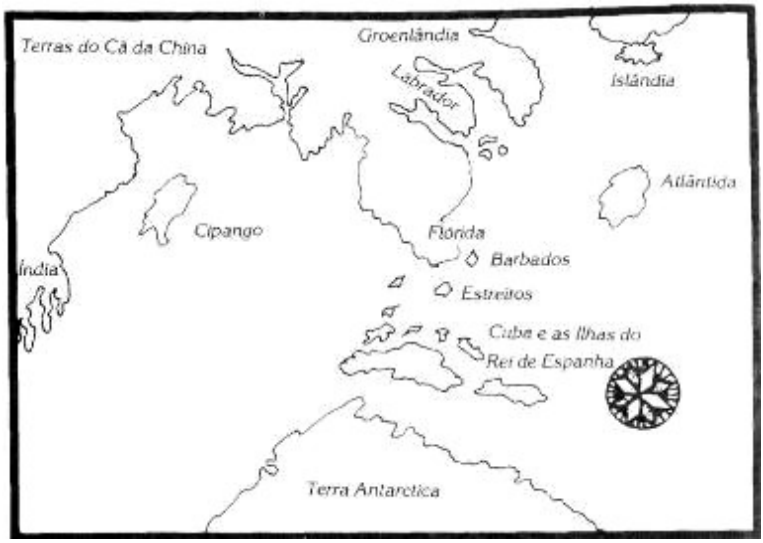
Quando os portugueses aportaram pela primeira vez aos Açores, não encontraram ninguém vivendo ali, embora houvesse evidentes vestígios de ocupação humana. Um exemplo é que, na ilha do Corvo, foi encontrada uma estátua ainda de pé, representando um guerreiro a cavalo, voltado para o Ocidente. Infelizmente, enquanto a retiravam para ser enviada ao rei de Portugal, a estátua quebrou-se e as peças, subseqüentemente enviadas ao rei, acabaram desaparecendo. Uma lenda rara ligada a essa estátua diz que seu nome era Cate ou Cates, palavra que lembra um vocábulo de uma língua, não da Europa, mas do Novo Mundo, o quíchua, idioma do Império Inca da América do Sul. Em quíchua, *cati* significa "nessa direção", isto é, para os continentes americanos.

De Cristóvão Colombo, que recebeu da coroa espanhola o título de almirante do mar Oceano (em oposição ao Mediterrâneo), pode-se dizer ter acumulado considerável doutrinação a respeito da Atlântida antes de sua primeira viagem. Enquanto estudava todas as informações disponíveis relacionadas à rota que pretendia seguir, Colombo deparou-se com um crescente número de referências sobre a Atlântida enquanto mais e mais documentos gregos e mais precisos mapas do oceano atravessavam a Europa Ocidental após a queda de Constantinopla ante os turcos, em 1453. Entre essas informações encontrava-se o mapa Benincasa, de 1482, mostrando a Antilha mais ou menos na posição da lendária Atlântida, perto de outra enorme "ilha selvagem". Colombo examinou também uma série de outros mapas que mostravam a Antilha ou Atlântida grafada

de várias formas, e localizada na parte ocidental do Atlântico. Imagina-se que o navegador teve à sua disposição uma antiga cópia do mapa de Piri Reis (ver p. 101), este certamente recopiado inúmeras vezes de primitivas fontes gregas, que, entre outras "pré-estréias" geográficas, mostrava claramente a costa leste da América do Sul (ainda não descoberta) em relação à Espanha e à África, e na distância exata.



Mapa de Benincasa, de 1482, que teria sido levado no navio *Santa Maria* de Colombo. Sob o navio estão três ilhas que poderiam indicar supostos vestígios da Atlântida: uma delas chama-se Antilia, a outra ilha Selvagem e a terceira não foi identificada.



Contorno das áreas terrestres dos dois lados do Atlântico, copiadas de um mapa oferecido por um piloto ao rei Henrique VII em 1500. O Novo Mundo, nesse mapa, ainda está ligado à China, e a Atlântida é indicada na parte direita superior da carta.

O filho de Colombo, Fernando, observou que o pai se interessava excepcionalmente por relatos de terras submersas no oceano e mostrava-se especialmente intrigado pelo seguinte trecho da *Medéia* de Sêneca, o dramaturgo, filósofo e professor de Nero:

Daqui a alguns séculos, chegará um momento em que o oceano abrirá as barreiras do mundo: abrir-se-á uma terra imensa, Tétis [x] *descobrirá um novo mundo e Tule [a Islândia] já não será o mais longínquo ponto da terra.* *

Tétis = o oceano.

*Tradução de Giulio D. Leonio. (N. da E.)

Colombo, que havia escrito a inúmeras autoridades sobre o misterioso oceano quando se preparava para viajar, foi avisado por um correspondente que vivia na Holanda de que talvez viesse a parar em algumas ilhas que haviam sobrevivido ao

afundamento da Atlântida para reabastecer sua pequena frota. Como a ilha de Watling, nas Baamas, onde Colombo fez sua primeira parada, era um ponto elevado de antiga área submersa, pode-se acreditar tranqüilamente que ele seguiu os conselhos de seu correspondente holandês, embora nunca tivesse alcançado o "continente oposto" de Platão.

Uma ligação fantasiosa entre as próprias origens raciais de Colombo (há uma convicção difundida no mundo espanhol de que Colombo era de origem judaica) e as antigas lembranças da Atlântida existentes no Velho Mundo foi sugerida por Ignatius Donnelly *(Atlantis: Myths of the Antediluvian World):* "Quando Colombo zarpou para descobrir um mundo novo, ou para redescobrir um velho, ele partiu de um porto marítimo fenício, fundado por essa valente raça 2.500 anos antes de sua época. Esse marinheiro atlante, com suas características fenícias, zarpando de um porto atlante, simplesmente reabriu o caminho do comércio e da colonização que havia sido fechado quando a ilha de Platão mergulhou no mar."

Enquanto continuaram suas explorações e conquistas no Novo Mundo, os espanhóis perceberam que os diversos nomes usados pelas tribos indígenas para o lugar do qual vieram lembravam o som da palavra Atlântida e que, além do mais, os indígenas possuíam outras lendas que pareciam aos espanhóis certas passagens da Bíblia, como, por exemplo, o grande dilúvio, os indivíduos escolhidos que escaparam em navios com seus animais, a construção de uma enorme torre para escapar do próximo dilúvio, um complicado sistema de sacrifícios (um tanto exagerado entre os astecas, que anualmente sacrificavam milhares de vítimas), a penitência e a redenção. Pensou-se a princípio que essas novas raças fossem as 10 tribos perdidas de Israel. Outros afirmavam que mais provavelmente fossem sobreviventes atlantes, principalmente por causa da antiga ligação da Atlântida com a Espanha através da perdida cidade

portuária de Tartessos e dos estabelecimentos pré-históricos de Andaluzia. Cádis, por exemplo, recebeu esse nome em homenagem a Gadeiros, um dos filhos gêmeos de Posídon, que, segundo a narrativa de Platão, "...recebeu na partilha a extremidade da ilha em direção às colunas de Hércules... que ainda hoje é conhecida como a região de Gades... na língua da região que recebeu o seu nome", o que certamente é um legado facilmente compreensível do passado em relação à Espanha, como forma de anexar quaisquer partes restantes da Atlântida.

Embora os espanhóis não tivessem certeza sobre a origem dos indígenas, estes, por sua vez, tinham certeza de que os forasteiros brancos eram os antigos deuses brancos que os haviam civilizado muitos séculos atrás. Eram deuses como Quetzalcoatl para os astecas, toltecas e maias; Kukulkan e Votan para outros maias; Bochica para os chibchas e Viracocha para os incas. Todos esses deuses esperados haviam prometido voltar trazendo consigo outros deuses brancos para prosseguir no trabalho de civilização. Por fatal coincidência (para os astecas), Cortez e seu exército apareceram no México em 1579 *cea atl* (uma cana), precisamente o ano, segundo as profecias, de Quetzalcoatl. Considerando-se que a Atlântida, a ilha do Leste para os indígenas e do Oeste para os europeus, era a antiga conexão entre os continentes opostos em torno do oceano, uma das coincidências mais curiosas da história está no fato de os conquistadores espanhóis, de certa forma, estarem esperando encontrar a Atlântida, enquanto as raças ameríndias, por seu lado, estavam firmemente esperando o retorno de seus respectivos deuses dessa mesma terra no meio do oceano. Foi principalmente por causa desta última hipótese, incentivada pelos espanhóis quando perceberam o que estava acontecendo, que nações indígenas guerreiras e bem organizadas que acreditavam com fé nas próprias lendas se tornaram confusas e por fim incapazes de resistir com êxito aos espanhóis, milhares de vezes menos numerosos.

É claro que os conquistadores possuíam algumas vantagens militares: espadas e armaduras de aço, canhões e pólvora, gigantescos mastins treinados para a luta e cavalos assustadores (os astecas, a princípio, pensaram que cavalo e cavaleiro fossem um único animal). Mas essas vantagens não teriam sido suficientes para a vitória do pequeno número de espanhóis se seus oponentes não os tivessem logo recebido pensando tratar-se da volta dos antigos deuses e benfeitores do mar Oriental. O poder da lenda e da memória contribuiu para a realização tanto da profecia de Sêneca quanto da de Quetzalcoatl, embora certamente que não da forma esperada pelos astecas.

Após a primeira viagem de Colombo, à medida que os navegadores europeus foram ficando mais familiarizados com o Atlântico e suas ilhas, e não encontraram provas palpáveis sobre a Atlântida, uma série de escritores, filósofos e cientistas começou a procurar outros locais para o Continente Perdido — o que continuou a ser feito até nossos dias.

A ATLÂNTIDA NA AMÉRICA

Francis Bacon foi um dos primeiros escritores ingleses a admitir que o continente perdido era a América do Norte ou do Sul, ou as duas, e que os índios das Américas (ameríndios) eram atlantes.

Essa suposição, embora apoiada em parte pelo relato de Platão, que falava de um "continente oposto" do outro lado do "verdadeiro mar", como que negligenciava a existência da Atlântida como uma ilha e não considerava esses ameríndios como refugiados de uma ilha afundada, da forma como sugerem muitas das diversas lendas tribais, até em relação a certa semelhança de som de seu nome.

Ao longo das costas orientais e das regiões interioranas das Américas, existem estranhas semelhanças entre palavras ameríndias e palavras há muito existentes em línguas européias, asiáticas e africanas. Essas semelhanças foram registradas pelos colonizadores espanhóis, surpresos com o fato evidente de que os indígenas usavam palavras tiradas das antigas línguas do Velho Mundo.

Alguns exemplos marcantes incluem as palavras asteca (nahuatl) *teocalli* (casa dos deuses) que lembra o grego *theoû kaliá* (casa de Deus), a semelhança entre a palavra grega *potamos* (rio) e a palavra indígena *Potomac,* e um sem-número de rios sul-americanos começados por *poti. A* palavra *Tepec,* que significa "colina" em nahuatl (chapultepec = colina dos Gafanhotos), também significa "colina" *(tepe)* nas línguas turcas da Ásia Central. Outras similitudes lingüísticas transatlânticas e seus significados correlatos parecem próximos demais para serem simples coincidências.

Um exemplo incomum de palavra que soa e significa a mesma coisa em diversas línguas dispersas pelo Velho e pelo Novo Mundo é aquela que designa "pai" — *aht, tata, ata,* com ligeiras modificações. É especialmente interessante, no caso, não se tratar de um som natural comparável às variantes *ma, mama,*

mu, um, etc, para "mãe". Isso nos leva a imaginar se essas reconhecíveis variantes daquilo que é essencialmente a mesma palavra para "pai" representam o eco de uma das primeiras línguas do mundo.

AMERÍNDIO & POLINÉSIO	CORRESPONDENTE EURO-AFRO-ASIÁTICO
Quíchua: *taita*	Basco: *aita*
Dacota: *atey*	Húngaro: *atya*
Zuni: *tatchu*	Tagalog: *tatay*
Seminole: *tati*	Russo: *aht-yets*
Esquimó: *atatak*	Egípcio antigo: *aht*
Nahuatl (asteca): *tatli*	Turco e línguas afins: *ata*
Dialetos indígenas do México Central: *tata*	Gótico antigo (variante): *atta*
Figiano: *tata*	Latim (coloquial): *tata*
Samoano: *tata*	Romeno: *tata*
	Eslovaco: *tata*
	Maltês: *tata*
	Singalês: *tata*
	Iídiche: *tatale*
	Galés: *tad*

Uma das similitudes lingüísticas mais sugestivas ocorre com o vocábulo *atl,* que na língua nahuatl do antigo México e na língua berbere da África do Norte tem o mesmo significado: água. Dobrado esse som — *atlat* — era a palavra empregada para designar um mecanismo de atirar lanças usado pelos astecas, uma engenhoca de madeira, comprida e achatada, munida de um gancho, que permitia ao usuário disparar a lança a maior distância, com mais potência e precisão. Essa palavra antiga, que os astecas herdaram de antigos povos mexicanos, os quais, por sua vez, devem tê-la aprendido de lendários professores vindos do oceano Oriental, foi adotada em inglês como termo antropológico para designar disparadores de lanças ainda usados

em algumas tribos selvagens em diferentes partes do mundo.

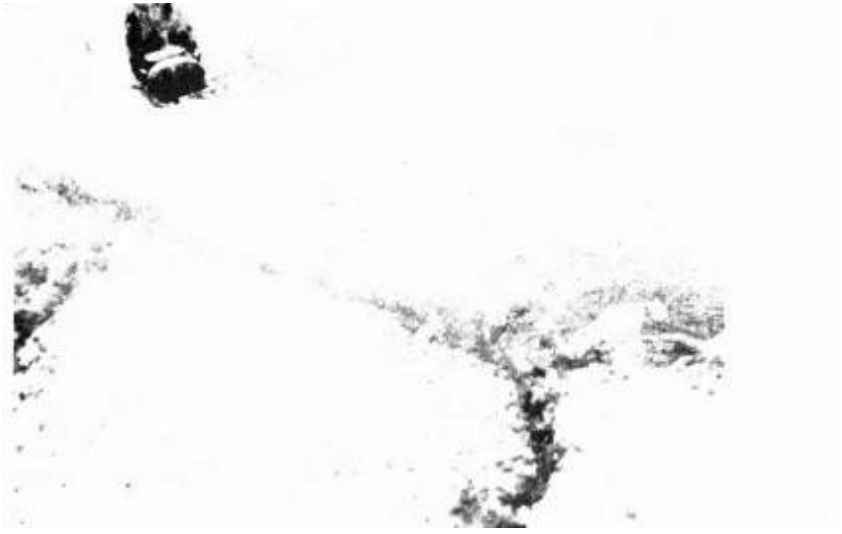
LÍNGUA AMERÍNDIA	CORRESPONDENTE EURO-AFRO-ASIÁTICO
Aimara: *malku* — "rei"	Árabe: *melek* — "rei"
Maia: *balaam* — "sacerdote"	Hebraico: *melekh* — "rei"
Guarani: *oko* — "lar"	Hebraico: *bileam* — "mágico"
Nahuatl: *papalo-tl* — "borboleta"	Grego: *oíka* — "lar"
Nahuatl: *mixtli* — "nuvem"	Latim: *papilio* — "borboleta"
Klamath: *pniw* — "soprar"	Grego: *homíkhtli* — "nuvem"
Quíchua: *andi* — "montanha alta"	Grego: *pneu* (raiz) — "soprar"
Quíchua: *llakellake*— "garça"	Egípcio antigo: *andi* — "vale alto"
Quíchua: *llu llu* — "mentira"	Sumério: *lak lak* — "garça"
Araucano: *anta* — "sol"	Sumério: *lul* — "mentira"
Araucano: *bal*— "machado"	Egípcio antigo: *anta* — "sol"
	Sumério: *bal* — "machado"



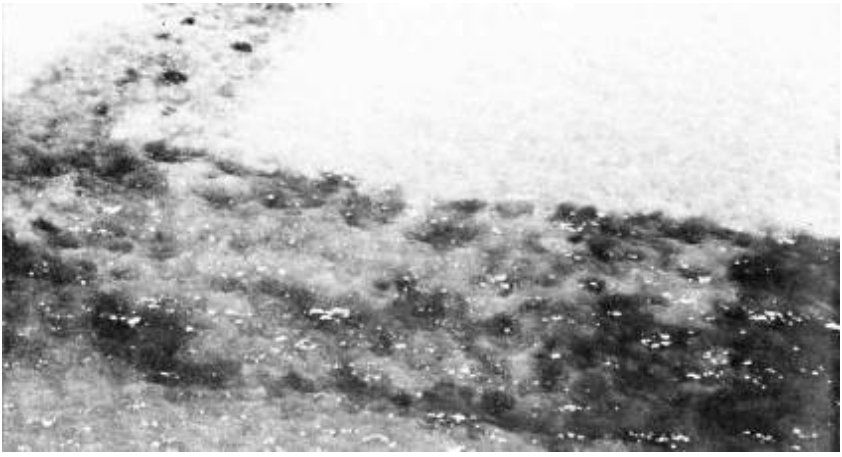
Construção de pedra, submersa, a leste de Bimini, que foi chamada de estrada, muro, cais ou edifício. Tem mais de mil metros de comprimento e evidentemente continua sob a areia, em cada uma das suas extremidades. Dois navios de pesquisas e uma embarcação de mergulho aparecem na foto, investigando essa construção, numa das muitas expedições feitas desde a sua descoberta pelo Dr. Manson Valentine, em 1969- (Fotografia de Jacques Mayol.)



"Terraço" de pedra submerso no fundo do mar, ligeiramente a leste da estrada de Bimini, mostrando a junção perfeita das pedras lisas, reveladas parcialmente pela areia que as cobre. (Fotografia de Jim Richardson e J. Manson Valentine.)



Parede submersa perto de Cay Sal, mostrando notável semelhança, na junção das pedras, com a parede de Sacsahuamán, no Peru. (Fotografia de Herbert Sawinski.)



Parede de pedra ou estrada elevada, não-identificada, próximo de Cay Sal, e que se estende a partir do litoral por quase 1.600 metros, ate 'deter-se a uma profundidade de cerca de 480 metros. Uma construção subsidiária parte do sudoeste da parede principal e continua até uma pequena ilha. As construções submarinas de Bimini e outras partes das Baamas foram feitas evidentemente antes que o nível do mar se elevasse, ao final do período glaciano, há 12 mil anos. (Fotografia de Bob Klein.)



Visão semivertical de construção submarina perto de Cay Sal. Pedras chatas no alto do muro não foram separadas em linhas pela maré, como evidentemente aconteceu na área de Bimini, possivelmente devido à natureza mais maciça dessa construção. (Fotografia de Bob Klein.)



Mergulhadora no alto da estrada elevada, ou muro, na área de Cay Sal. A parte lateral, ou a estrada que desce até o fundo verdadeiro, ê vista à direita, baixando mais cerca de seis metros. (Fotografia de John Sawinsky.)



Enormes muros em Sacsahuamán, Peru, mostrando grandes pedras cortadas perfeitamente ajustadas, dos dois lados da muralha. Esse ajuste cuidadoso em cortes angulares pode ter sido um meio de tornar a construção resistente a terremotos. (Fotografia de Herbert Sawinski.)



Vista das ilhas Canárias, onde se vê uma montanha com o pico coberto de neve (Teide) e, na mesma ilha, uma luxuriante vegetação semitropical, tal como Platão descreveu na Atlântida. Em ilhas grandes e férteis, com tal clima agradável e revigorante, seria lógico supor o desenvolvimento da iniciativa marítima. (Departamento de Turismo Espanhol.)



As fontes de água quente mencionadas no relato de Platão ainda borbulham e lançam vapor nas ilhas do Atlântico, como aqui. no vale das Furnas, perto de São Miguel dos Açores. Mais ao norte, na Islândia, há vapor suficiente nas fontes subterrâneas para o aquecimento de cidades inteiras. (Cortesia da Comissão Regional de Turismo, ilhas dos Açores.)



Vista de um dos lagos das ' 'Sete Cidades" nos Açores. A área circundante assemelha-se muito ao platô submarino que cerca as ilhas. De acordo com a tradição, as cidades e palácios da Atlântida estão sob o fundo desses lagos. (Cortesia da Comissão Regional de Turismo, ilhas dos Açores.)



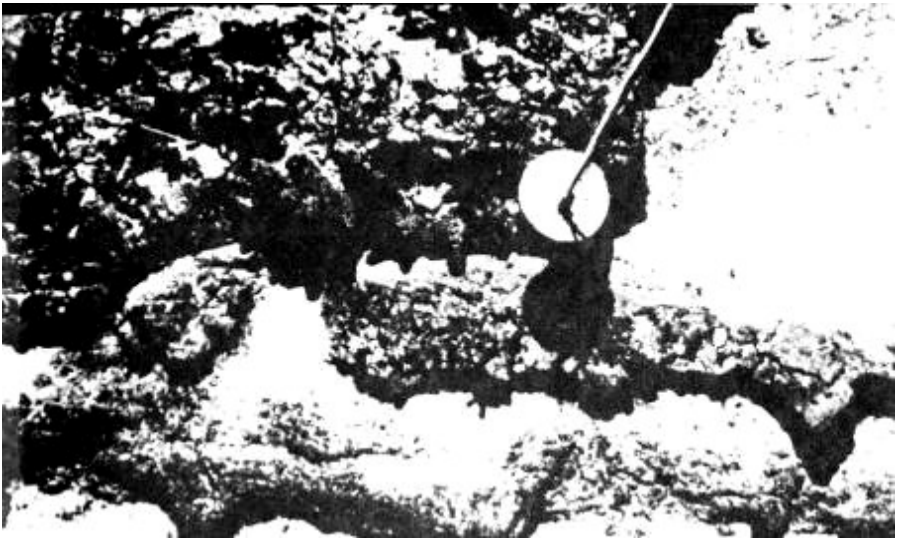
Blocos de pedra alinhados no extremo norte de Cay Sal mostrando semelhança com construções em Bimini. (Fotografia de Lin Berlitz.)



FOTO DE parte de um muro aparente, feita com câmara submarina automática pela expedição do navio soviético Acadêmico Petrovski, *nas proximidades das montanhas submarinas de Ampere e Josefina, a sudoeste dos Açores. Essas montanhas elevam-se de uma profundidade de 3 mil metros ou mais, até um cume várias dezenas de metros abaixo da superfície. O objeto redondo ã direita é a extremidade da linha de chumbo lançada pelo navio de pesquisas.*



O mesmo muro, visto diretamente de cima, mostrando blocos de pedra cortados em posição, ou espalhados dos dois lados da muralha. Essa série de fotos submarinas pode representar as primeiras indicações de construções no leito do mar, na própria área que Platão indicou como localização da Atlântida.



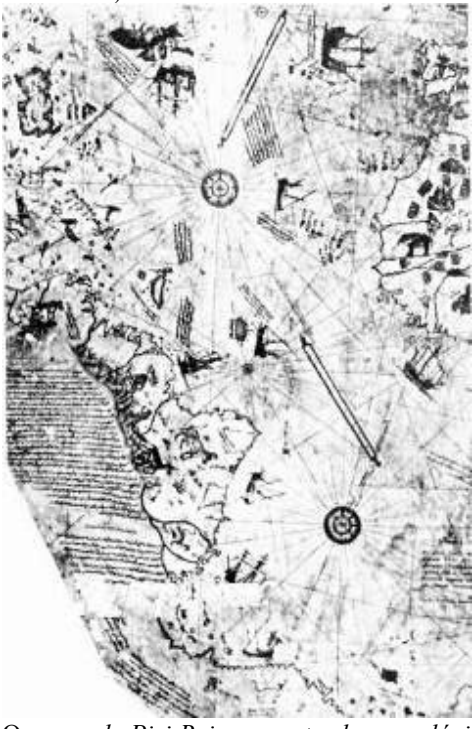
Outra foto do Acadêmico Petrovsky, *tomada, ao que consta, do cume achatado da montanha submarina de Ampere, revelando degraus, aparentemente artificiais, em parte cobertos pela lava. Um destacado cientista soviético, o professor Aksionov, declarou: "Em minha opinião, essas estruturas, no passado, estiveram na superfície. "*



Vista lateral de muro submarino formado por grandes pedras cortadas, ao longo do litoral africano. 0 muro continua por vários quilômetros, sob 12 a 15 metros d'água. (Fotografia de Bruno Rizatto.)



Edifícios, ou muros, submersos ao largo do litoral africano (Marrocos), à profundidade de 15 a 18 metros, estendendo-se por vários quilômetros. O tamanho das pedras colocadas é comparável às de Sacsahuamán e Bimini. (Fotografia de Bruno Rizatto.)



O *mapa de Piri Reis, encontrado no palácio do antigo sultão turco, o Topkapi,*

em Istambul, no ano de 1929, e que se acredita ser cópia parcial de um mapa do mundo existente na biblioteca de Alexandria, há 2 mil anos. O mapa revela o conhecimento antigo da trigonometria esférica aplicada aos mapas (e que só foi redes-coberta na Europa no reinado de Jorge III). Mostra também o litoral do continente antártico (só descoberto em 1838-1840), tal como seria sem o gelo. (Biblioteca do Congresso.)

A presença de palavras de línguas do Velho Mundo nas línguas americanas milhares de anos antes do redescobrimento é particularmente interessante se levarmos em conta referências no antigo livro maia, o *Popul Vuh,* que parece um eco da confusão bíblica de Babel. "...Aqueles que contemplam o nascer do sol... possuíam uma só língua antes de irem para oeste. Aqui a língua das tribos foi mudada, seu modo de falar tornou-se diferente. Tudo que haviam ouvido e compreendido quando partiram de Tulan tornara-se incompreensível para eles... Ai de nós, abandonamos nossa língua. Ela era uma quando partimos de Tulan, uma só no país em que nascemos..."

Além da ligação entre palavras e língua, havia outras lembranças em comum. Elas incluíam formas de arte, pirâmides, lendas sobre um grande dilúvio, cálculos de calendário e dias festivos (o dia dos Mortos, o Halloween, era comemorado no México pré-colombiano e no Peru, assim como pelos druidas celtas das ilhas Britânicas e Europa Ocidental). Até os jogos eram quase os mesmos: uma espécie de gamão era jogado no México antigo com o nome de *patolli* e os bascos, geralmente tidos como descendentes dos atlantes, compartilhavam com os astecas e maias uma obsessão pelos jogos de bola, com a surpreendente diferença de que, na América, o derrotado corria o risco de perder a vida juntamente com o jogo. Os bascos, os maias e os ossetos do Cáucaso também possuem em comum a prevalência do raro fator RH negativo no sangue. Conquanto essas diversas semelhanças possam ser o resultado de visitas transatlânticas ou de antigas integrações, também parece lógico supor que tais coincidências possam ter seguido para leste ou

oeste a partir de um ponto central do Atlântico, como sugerem as lendas em comum.

A teoria de que a Atlântida era na realidade a América contrapõe-se naturalmente à idéia de uma terra perdida abaixo do oceano. Apenas recentemente é que investigações submarinas puderam determinar a verdadeira forma do fundo do mar (lugar óbvio para se procurar a Atlântida!).

Inúmeros exploradores e arqueólogos, nos últimos 100 anos, têm procurado a Atlântida em diversos lugares. Quase todas as grandes descobertas arqueológicas que não se encaixam dentro de um padrão cultural reconhecido podem trazer à tona a pergunta retórica: "Era isto a Atlântida?"

Muitos dos lugares imaginados como sendo a base para o comentário de Platão ou são sítios de culturas estranhas ou inexplicadas, ou são culturas que mais ou menos parecem corresponder a detalhes da descrição platônica da Atlântida, exceto no que se refere à sua posição no oceano Atlântico.



Figura minóica (cretense) de uma deusa. A civilização minóica (nome tomado ao seu famoso rei, Minos) era surpreendentemente moderna em conforto, instalações hidráulicas e outros luxos. As mulheres minóicas tinham, ao que tudo indica, a mesma posição dos homens, usavam roupas atraentes e desfrutavam considerável liberdade, participando até mesmo de perigosos jogos com touros.

TERA (Santoríni)

A teoria de que a Atlântida foi encontrada em Tera, uma das ilhas gregas Cidades, ao norte de Creta, no Egeu, baseia-se

principalmente nas opiniões do Dr. Dpiridon Marinatos, arqueólogo, e do Dr. Angelos Galanopoulos, arqueólogo e sismógrafo. Eles acreditam que uma tremenda explosão vulcânica ocorrida em Terá por volta de 1500 a.C. destruiu um centro cultural e acarretou o começo do declínio do império marítimo de Creta. Terá é hoje uma ilha em forma de crescente e não circular, a parte que falta do círculo tendo explodido e desaparecido nas águas do Egeu, deixando apenas um abismo no mar a centenas de metros de profundidade.

O fato de Terá, mesmo sem uma parte, ser de dimensão muito menor do que aquelas atribuídas à Atlântida por Platão é explicado pela hipótese de os sacerdotes egípcios terem errado ao traduzirem o sinal egípcio equivalente a uma centena, traduzindo "cem" por "mil" ao interpretarem os textos de Sais para Sólon, Crantor e outros. Esse erro incrível" talvez se ajustasse convenientemente a Terá em relação à Atlântida, porquanto toda referência a um número superior a mil seria dividida por 10 ao passo que todos os números inferiores a mil seriam deixados de lado. Essa "desvalorização" deixaria uma Terá e/ou Creta, de maior tamanho, com as medidas aproximadas que Platão dá à Atlântida, ao sistema de canais e à planície central, mas diminuiria o número de habitantes que poderiam ter vivido lá, reduziria os números dados para o exército e limitaria a fabulosa frota a comparativamente poucos navios. Ela também poria o elemento tempo sob foco mais abrangente, de vez que o cálculo de Platão relativo à Atlântida existindo 9 mil anos antes de sua época (ou seja, 9500 a.C.) se converteria em 950 a.C, muito mais perto do tempo cientificamente calculado da explosão vulcânica de Terá em 1500 a.C. Extensas escavações feitas em Terá revelaram uma adiantada cultura com belíssimas formas de arte e sofisticados sistemas de moradia soterrados sob 40 metros de cinzas vulcânicas.

Uma vantagem dessa fácil solução para o problema da

Atlântida é que Terá e Creta são acessíveis a visitantes e turistas, sendo que Terá experimentou enorme impulso no turismo, com seus hotéis e lojas vendendo reproduções da Atlântida. Um toque extremamente moderno nessa venerável lenda é oferecido pela existência na ilha de uma empresa de carros de aluguel chamada Atlântida.

Mas Terá, apesar de sua fama arqueológica e de ter sido identificada com a Atlântida, não é uma descoberta. Donnelly, grande expositor da teoria da Atlântida no Atlântico, debateu-a há 100 anos como evidência de terras que rebaixam em erupções vulcânicas e enchentes, juntamente com uma série de outros exemplos no México, no Caribe, na Islândia, nas ilhas atlânticas, em Java e na índia. Salvo o pretenso erro de tradução do egípcio para o grego e o fato dela ter sido destruída por um vulcão (como Pompéia, Herculano e a cidade de Helike, que submergiu no golfo de Corinto), Terá talvez seja simplesmente mais uma vítima de catástrofes naturais ocorridas no Mediterrâneo, não correspondendo, nem em nome, nem em descrição, à Atlântida de Platão e outros comentadores.

(As possibilidades de viajar para a Atlântida não foram desperdiçadas em outros grupos nacionais de legendárias ligações com o continente perdido. A companhia aérea espanhola Ibéria empreendeu recentemente urna campanha publicitária com impressionante foto do mar e montanhas das ilhas Canárias e uma chamada: "Apenas a Ibéria pode levar seus clientes para o continente perdido da Atlântida.")

TUNÍSIA

A teoria de Albert Hermann, historiador e geógrafo alemão, aventa a hipótese de que parte de um pântano drenado da Tunísia — o Sott el Djerid —, outrora uma baía do Mediterrâneo que mais tarde se tornou o lago interior de Tritônia, com uma ilha-

fortaleza no meio, é onde estaria localizada a verdadeira Atlântida. Verificando as medidas da Atlântida dadas por Platão, ele deduziu que o erro de tradução não foi de 10 e sim de 30, e que todos os números de Platão para as dimensões poderiam e deveriam ser divididos por este número. De acordo com tal critério, a planície central da Tunísia, outrora talvez uma ilha, teria então as dimensões atribuídas por Platão à Atlântida. Mas por esse cálculo os grandes canais e as elevadas cidades seriam reduzidos a pequenas aldeias com um sistema de canais de irrigação de três metros de largura — o que não seria digno do aspecto grandioso que se espera da Atlântida.

Diz uma tradição local que, sob as águas ao norte de Sousse, na Tunísia, um poderoso reino desapareceu no mar, talvez uma lembrança de ilhas ou istmos que submergiram no Mediterrâneo. É provável que a maior parte dos sítios pré-históricos da Tunísia tenha sido modificada pelo Império Cartaginês sediado naquele país. A própria Cartago, com suas enormes instalações portuárias, grandes templos, empórios comerciais e sua utilização de elefantes, também tem sido freqüentemente sugerida corno modelo para a Atlântida.

HELIGOLAND NO MAR DO NORTE

Uma das primeiras "descobertas" da Atlântida por mergulhadores submarinos foi realizada em 1953, numa expedição dirigida pelo pastor alemão Jurgen Spanuth, que acreditava ter sido a verdadeira Atlântida, um dia, uma civilização nórdica, agora submersa nas águas do mar do Norte. Essa civilização era, segundo Spanuth, o mesmo grupo tribal que enviara a expedição que invadiu o Egito durante seus períodos históricos, sendo representada nas paredes no templo de Medinet Habu como a invasão do "povo do mar". Os mergulhadores de Spanuth encontraram muralhas de pedra paralelas perto de

Heligoland, a uma profundidade de 13 metros, e mais tarde outros mergulhadores trouxeram à tona utensílios trabalhados que talvez datem da Idade da Pedra. Os mergulhadores narraram por telefone, durante o mergulho, que as muralhas eram feitas de pedras pretas, brancas e vermelhas, as cores mencionadas por Platão como sendo as das pedras da Atlântida e também usadas pelos astecas e outros ameríndios ao descreverem Aztlán como a "terra vermelha e preta".

Considerando-se que partes do mar do Norte estavam acima do nível do mar até épocas bem recentes, é provável que certo número de outras antigas construções venham a ser ali encontradas no futuro, somando-se assim aos machados de pedras e aos ossos de mastodonte que já haviam sido trazidos à superfície.

IUCATÃ E AMÉRICA CENTRAL

Os primeiros franceses americanistas que se especializaram no estudo da pré-história americana, como o *abbé* Brasseur de Bourbourg e Auguste Le Plongeon, viram na arte, na cultura e na ciência dos maias suficientes semelhanças com o Egito antigo para estabelecerem uma ligação direta com a Atlântida. Esses dois notáveis pesquisadores estudaram a língua maia e passaram a viver entre esses índios, aprendendo suas lendas. Contudo, enfraqueceram suas teorias por excesso de crédito a informações ainda não comprovadas e por traduzirem intuitivamente textos ainda não traduzidos. Os hieróglifos maias ainda hoje só admitem uma leitura parcial, exceto no que se refere a nomes e datas. Embora somente quatro manuscritos tenham escapado de ser queimados pelo zelo excessivo dos antigos missionários, pode ser que as futuras informações sobre a Atlântida (como *Aztlán, Atitlán* ou *Atlán)* venham a se tornar conhecidas com a descoberta de mais documentos ou de uma chave decisiva para a

compreensão dos hieróglifos. A expansão das estradas maias e das construções no sentido do mar demonstra a ocorrência de inundações em extensas regiões costeiras, e é bem possível que o costume maia de abandonar as cidades e construir outras novas mais para o interior tenha sido causado pela lembrança instintiva de um cataclismo oceânico. Até no México central a grande pirâmide da Cholula, de acordo com a tradição, foi construída para servir de refúgio da "próxima" enchente.

TIAHUANACO, BOLÍVIA

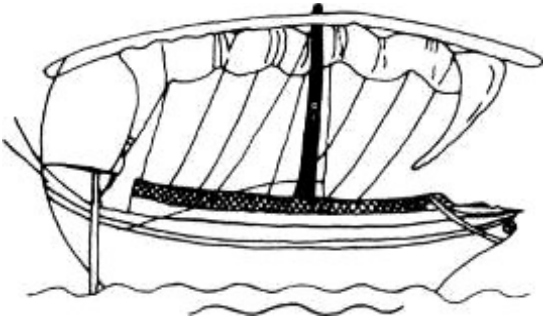
De acordo com uma teoria desenvolvida por Arthur Poxnansky e apoiada por outros, a ciclópica cidade de pedras de Tiahuanaco era originariamente um porto marítimo que foi lançado três quilômetros acima, tornando-se parte do planalto andino, há 11 ou 12 mil anos, em virtude de um cataclismo que atingiu o mundo inteiro. Esta teoria é aparentemente reforçada pela presença de plantas de água salgada calcificadas que assinalam o nível da água nas montanhas circunvizinhas por uma extensão de centenas de quilômetros. O tamanho das construções de Tiahuanaco, o emprego de pinos de prata para sustentar gigantescos blocos de pedra, os baixos-relevos nas pedras, que atestam certo conhecimento de astronomia, e animais pré-históricos esculpidos em cerâmica contribuem para a opinião de alguns pesquisadores de que talvez possa ter sido essa a primeira civilização do mundo, ou parte da mesma; em outras palavras — a Atlântida.

TARTESSOS, ESPANHA MERIDIONAL, MARROCOS SETENTRIONAL

Os gregos e os cartagineses tinham freqüentes contatos com

Tartessos, o antigo porto, estaleiro e entreposto comercial ao sul da Espanha. Tartessos é citado na Bíblia como Társis, cidade dotada de uma grande frota marítima que levava cargas valiosas e um tanto exóticas para o rei Salomão: "...uma vez em três anos tornavam as naus de Társis, e traziam ouro e prata, marfim, bugios e pavões. Assim o rei Salomão excedeu a todos os reis da terra, tanto em riquezas como em sabedoria..."* (I Reis, X, 22-23)

* A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira d'Almeida, p. 344.



Navio grego à vela. Mercadores gregos, fenícios e cartagineses mantiveram prolongado contato com a misteriosa cidade de Tartessos, no litoral ocidental da Espanha, cidade tão rica em metais que os capitães dos navios, para levar mais prata, trocavam suas âncoras por outras desse metal, ao retornarem aos seus países.

O historiador grego Heródoto (século V a.C.) também se referiu a uma cidade, submersa ou não no oceano Atlântico, considerada uma colônia da Atlântida ou mesmo parte desta. Referiu-se a "uma cidade chamada Tartessos... além das colunas de Hércules", e, para sublinhar os motivos que estimularam os armadores no passado e no presente, acrescentou que os comandantes dos navios gregos "...auferiam na viagem de volta um lucro jamais alcançado por qualquer outro grego..."

Minas de metais preciosos no Sul da Espanha com 10 mil anos de existência mostram laços com essa cultura de Tartessos, o mesmo acontecendo com uma série de enormes construções de

pedra na Andaluzia e extensos trabalhos hidráulicos e muralhas ao longo dos rios Tinto e Guadalquivir. Arqueólogos como Adolf Schulten, O. Jensen e R. Hennig sugerem que Tartessos era a própria Atlântida e que se estendia através da Espanha meridional, passando pelo Marrocos, juntamente com outras imensas ilhas, hoje cobertas pelo mar Mediterrâneo. Schulten pesquisou essa teoria por 50 anos sem encontrar Tartessos, que, concluiu ele, havia afundado sob os pântanos perto dos rios. Helen Whishaw, da Escola de Arqueologia Anglo-Hispânica de Sevilha, era da opinião que partes de Tartessos-Atlântida podem ser encontradas através da exploração de antigas passagens ainda existentes abaixo da atual cidade de Sevilha. Embora não haja dúvida de que Tartessos desapareceu, a razão para seu desaparecimento pode não ter sido uma catástrofe natural e sim sua repentina conquista e destruição pelos cartagineses, que nutriam intenso ódio por seus rivais comerciais. É também possível que Tartessos e seu império fossem simplesmente uma colônia remanescente da Atlântida, não suficientemente forte para sobreviver aos novos e poderosos inimigos.

ÁFRICA OCIDENTAL — NIGÉRIA

Leo Frobenius, arqueólogo alemão, acredita que Yorubaland e outras localidades ao longo da costa africana perto da Nigéria fossem as culturas desenvolvidas que deram origem a histórias trazidas por navegantes fenícios acerca de misteriosas civilizações oceânicas. As fantásticas estátuas de bronze fundido executadas em Benin, e outros espécimes culturais, representam uma civilização africana de considerável desenvolvimento. Olokun, o deus dos oceanos ioruba, possui vários traços em comum com Posídon, deus dos mares e lendário fundador da Atlântida.



Exemplo de fundição de bronze na antiga África Ocidental, do tipo conhecido como bronzes de Benin, e que revela perícia artística e metalúrgica.

ÁFRICA OCIDENTAL OU ARÁBIA

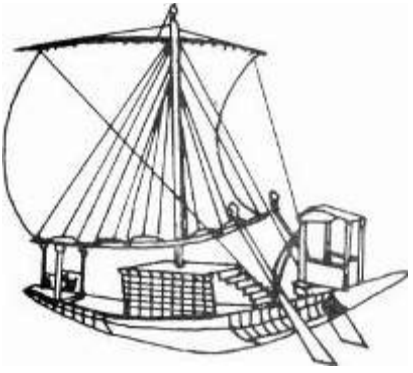


Figura 1

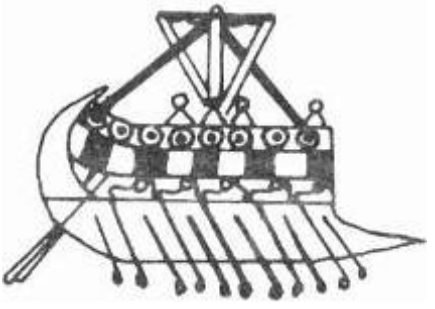


Figura 2

Navio egípcio usado para navegação no Nilo, e no mar. Alguns dos navios de carga maiores mediam entre 75 e 90 metros e podiam fazer longas viagens descendo a costa africana. Havia um antigo canal de "Suez" que atravessava o deserto e ligava o Nilo ao mar Vermelho *(Figura 1)*.

Representação contemporânea de uma galera do Oriente Médio, As galeras da Fenícia e de Israel exploraram o litoral africano do mar Vermelho e foram mais além ainda, em busca de mercadorias para comerciar, e de tesouros *{Figura 2)*.

Em alguma parte entre o litoral do mar Vermelho e o interior, encontram-se as lendárias terras de Punt e Ofir. Punt, de acordo com registros egípcios, era uma terra remota da costa oriental africana, para onde os egípcios enviavam frotas bem organizadas em expedições de exploração e para conseguir tesouros, anões, animais e escravos.

Tanto os hebreus quanto os fenícios enviaram frotas para Ofir em busca de ouro e pedras preciosas, bem como de árvores *almud* (sândalo?), as quais, segundo a Bíblia, foram empregadas na construção do templo de Jerusalém. Esses lugares repletos de tesouros talvez estivessem situados na Somália, Eritréia, Etiópia, ou até mais ao sul, no Zimbabwe, ou talvez na Arábia meridional. Da mesma forma que muitas outras terras fabulosas e não-identificadas, essas foram sugeridas como arquétipos da Atlântida.

BRASIL

Grandes cidades de pedra de milhares de anos, de avenidas pavimentadas com blocos de pedra, e grandes pirâmides agora cobertas de árvores, supostamente localizadas nas selvas brasileiras, foram anunciadas e descritas por vários exploradores que pretensamente as visitaram nos vários últimos séculos. Muitos exploradores em busca dessas terras se perderam pela floresta, inclusive toda uma expedição militar. Essas cidades misteriosas foram consideradas pelo coronel P.H. Fawcett (desaparecido em 1925 numa de suas repetidas buscas) como tendo vínculo direto com a Atlântida ou mesmo como sendo a própria Atlântida, quando o clima da Amazônia era mais temperado e o rio Amazonas e seus tributários fluíam através de uma região fértil antes de a terra se tornar uma floresta.

O próprio nome *Brasil* contém uma estranha reminiscência

ou conhecimento partilhado com culturas do outro lado do oceano. De acordo com lendas em voga na Europa Oriental antes do descobrimento da América, Brazil ou Hy Brazil era o nome de uma terra do outro lado do inexplorado Atlântico. Assim, quando o Brasil foi posteriormente descoberto, recebeu o nome da lenda. Mas o nome parecia conter uma mensagem, porquanto B-R-Z-L significava *ferro* em hebraico e também em aramaico, língua outrora comum na Mesopotâmia e no Levante. Somente muito mais tarde se tornou evidente que o Brasil possuía as maiores reservas de minério de ferro do mundo.

ANTÁRTIDA

A redescoberta, durante o século XX, de vários mapas que tinham sido copiados e recopiados de cartas milenares demonstrou que os marinheiros da Antigüidade tinham conhecimento de que imensas partes da Antártida não possuíam gelo milhares de anos antes do presente, quando os pólos se localizavam em regiões mais equatoriais. Flavio Barbieron, oficial da marinha italiana e pesquisador das teorias de que a Atlântida se localizava na Antártida, acredita que artefatos, registros e ruínas de uma civilização atlante possam ser encontrados sob o gelo, mais provavelmente na parte da Antártida reclamada pela Argentina.

UM CONTINENTE SUBMERSO NOS OCEANOS PACÍFICO OU ÍNDICO

Em diversas ilhas espalhadas pela Micronésia, há grande número de enormes ruínas de pedra e pirâmides de terra a cujo respeito já não se sabe por quem e para que foram construídas. Uma cidade de pedra em ruínas em Ponape foi construída ao

longo de canais e diques de pedra que ainda cobrem cerca de 28 quilômetros quadrados numa série de ilhas, sendo algumas artificiais. Lendas das ilhas do Pacífico narram que esses agrupamentos insulares foi tudo o que restou do continente de Kalu'a, destruído por explosões e maremotos. Uma lenda havaiana diz: "Nossa pátria... no fundo do oceano Real."



Coincidência notável entre exemplos da escrita da ilha de Páscoa e das cidades do vale do Indo, duas culturas separadas por metade da circunferência do globo. Nenhuma das duas escritas foi decifrada.

Na ilha de Páscoa, 600 enormes estátuas esculpidas em pedra, muitas instaladas em plataformas, cujos entalhes lembram os dos incas, sugerem que a ilha seja vestígio de uma região de terra muito mais ampla. Inscrições em tabuinhas de madeira sagradas lembram muito a escrita pré-histórica das culturas do vale do Indo, quase do outro lado do mundo. Vários pesquisadores acreditam que um continente ou vários arquipélagos existiram no Pacífico ou no Índico (terras chamadas Mu ou Lemúria) e pensam que a existência dessas terras poderia ter sido a base para a lenda da Atlântida, ou que elas talvez já coexistissem na época do continente atlântico.

O DESERTO DE SAARA

Já se disse que o Saara foi uma vez parte do oceano, mais tarde um lago que diminuiu e então, antes de se transformar em deserto, uma verdejante área própria para a ocupação humana. Esplêndidas pinturas rupestres nas montanhas Tassili, na Argélia, feitas há milhares de anos, mostram homens e animais

domésticos e selvagens vivendo numa terra de árvores, rios e lagos. O conde Byron Kuhn de Prorok *(Mysterious Sahara)* comandou expedições a algumas das regiões mais áridas do Saara em busca de vestígios da Atlântida e da possível ligação com as misteriosas tribos tuaregues do deserto, que possuem uma linguagem escrita muito arcaica, diferente de sua linguagem falada.



Pinturas nas rochas das montanhas de Tassili, na Argélia, feitas com técnicas sofisticadas numa época em que o atual deserto era cortado de rios e marcado de lagos. Em certos casos, figuras grosseiras foram desenhadas sobre as figuras originais, aparentemente numa época em que o clima já se havia modificado, o lago secara e a cultura original desaparecera.

OUTRAS PARTES DA EUROPA

Certos lugares da Europa sugeridos para a Atlântida por causa de mudanças climáticas e da presença de ruínas de pedra de difícil classificação também dão provas de orgulho regional. A Atlântida foi colocada em Portugal, perto de Lisboa, na costa sudoeste da França e da Inglaterra, no maciço Central (planalto Central) da França, na Suécia, perto de Upsala, sob o mar e nas costas da Holanda e da Bélgica, e em Mecklenburg, Prússia oriental, atualmente zona oriental da Alemanha. Os desenvolvidos mas misteriosos reis pré-romanos da maior parte da Itália, os etruscos, foram sugeridos como atlantes, especialmente depois que Platão especificamente colocou suas

terras na Tirrênia como parte do império atlante. Até a ilha de Spitzbergen, uma das últimas massas de terra antes do pólo Norte, foi lembrada como uma Atlântida setentrional, talvez inspirada pela lembrança de Tule, o ponto extremo norte da Terra.

ÁREAS NA ÁSIA

Vários locais possíveis para a Atlântida têm sido reivindicados pela União Soviética. Um deles é a região das montanhas do Cáucaso, possivelmente por causa da sobrevivência, nessa área, de culturas e línguas extremamente antigas. Outro local é o mar de Azov, que diminuiu consideravelmente nos últimos 2 mil anos. Lendas de grandes cidades pré-históricas na Ásia Central e no Norte do Irã levaram alguns teóricos a sugerir que a Atlântida talvez estivesse localizada, não no Atlântico, mas numa ilha do oceano Theytis, que outrora cobria grandes áreas da Ásia Central. A ilha do Ceilão, com suas enormes cidades cobertas de florestas e sua tradição de ter sido separada do continente indiano pela elevação das águas do oceano Índico, é considerada ainda outra possibilidade.

A opinião unânime da maioria dos investigadores que procuraram localizar a Atlântida coincide, contudo, com James Bramwell *(Lost Atlantis — Atlântida perdida),* que escreveu: "Ou a Atlântida se localizava no oceano Atlântico ou não era a Atlântida." O major Kurt Bilau, oficial do Exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial e mais tarde entusiástico investigador da Atlântida, expressou essa mesma idéia num artigo muito inspirado, escrito em 1923. Baseando sua opinião nas então recentes descobertas feitas por navios de pesquisa oceânicos na região dos Açores, no Atlântico (especialmente as descobertas do *Meteor),* ele fez eco aos sentimentos de gerações

de pessoas que, antes e depois dele, acreditaram na existência da Atlântida:

A Atlântida repousa agora profundamente nas águas do oceano, e só seus picos mais altos ainda são visíveis na forma dos Açores... A grande ilha se elevou do mar em penhascos escarpados... Suas fontes de água quente e fria descritas pelos autores antigos ainda se encontram lá, jorrando como o faziam há muitos milênios. Os lagos das montanhas da Atlântida agora não passam de lagos submersos... Se seguirmos exatamente as informações de Platão e procurarmos o local de *Poseidonis* entre os quase submersos picos dos Açores, nós o encontraremos ao sul do Dollabarata. Ali, sobre uma elevação, no meio de um vale grande e relativamente plano, bem protegido dos ventos, fica sua magnífica capital, a cidade dos portões dourados... É estranho que os cientistas tenham procurado a Atlântida por toda a parte, mas não tenham dado a menor atenção a esse local, que, afinal de contas, foi claramente indicado por Platão.

Apesar ou por causa do contínuo interesse do público pela Atlântida, diversos livros e estudos negativistas têm tentado provar, não onde ficava a Atlântida, mas, sobretudo, que ela não ficava ou não fica em lugar algum, a não ser na cabeça daqueles que acreditam nela. Alguns estudiosos que rejeitam totalmente a possibilidade da existência da Atlântida passaram anos de suas vidas tentando provar que tal estudo é perda de tempo.

Os oceanógrafos e arqueólogos em geral costumam encarar qualquer investigação ou referência sobre a Atlântida com um riso nos lábios e, às vezes, com considerável intolerância. N. Susemihi, especialista em estudos platônicos, autor citado por Nikolai Zhirov *(Atlantis,* 1964), expressou sua atitude em relação à Atlântida e seus defensores da seguinte maneira: "O catálogo de declarações sobre a Atlântida constitui excelente contribuição ao estudo da loucura humana." Em outras palavras, se não

concordamos com a opinião oficial (e dele), somos provavelmente loucos e talvez perigosos. Esse tipo de argumento, útil para classificar indivíduos que sustentam opiniões novas ou invulgares, foi aplicado no passado, com relativo sucesso, em relação a inovadores como Galileu, Copérnico e Colombo.

Uma séria crítica à teoria da Atlântida tem sido com relação às diversas localizações propostas para a ilha. Mas a própria proliferação desses locais hipotéticos, em sua maioria próximos ao mar ou nele submersos, também pode ser considerada como indicação da cultura comum de uma civilização anterior cujas grandes ruínas de pedras em todos os continentes (exceto na Austrália e na Antártida — e talvez lá também, quando se fizerem novas expedições) se parecem entre si na estrutura e na orientação astronômica.

Uma opinião expressa pelo Dr. Bruce Heezen, excepcional oceanógrafo do Observatório Geológico Lamont, da Universidade Colúmbia, parece transmitir uma tendência mais liberal por parte dos oceanógrafos contemporâneos em relação a terras submersas no oceano. Embora ainda classificando a Atlântida como ficção fascinante, ele detalha a extensão, profundidade e datação das terras perdidas nas costas oceânicas:

Há 11 mil anos, o nível do oceano ao redor do mundo talvez fosse cerca de 90 metros mais baixo do que hoje. A costa leste dos Estados Unidos, por exemplo, distava uns 160 quilômetros a mais em direção ao oceano Atlântico naqueles tempos remotos. Então, de repente, cerca de 11 mil anos atrás, a Idade do Gelo terminou... bilhões de galões de gelo e neve despencaram no mar. O resultado foi uma dramática, repentina e apavorante elevação do nível do mar ao redor do mundo inteiro — inundação que verificamos por meia dúzia de diferentes tipos de investigação possíveis hoje em dia. Essa elevação ocasionou, sem dúvida alguma, a inundação de diversas comunidades à

beira-mar onde o homem primitivo tinha escolhido construir suas primeiras cidades e aldeias.

O Dr. Heezen, enfatizando o impacto mundial desse grande degelo, acrescentou: "...todos os continentes nessa época sentiram o terrível impacto da elevação do nível do oceano."

Mas essa teoria, elaborada por um respeitável membro da comunidade científica, não contradiz a possibilidade da existência da Atlântida. Pois, se a elevação do nível do mar foi tão repentina que ocasionou a inundação e o desaparecimento de cidades e aldeias das regiões costeiras, não poderia também ter feito com que o oceano tragasse grandes ilhas, deixando, segundo as lendas, acima de seu nível apenas os pontos mais elevados?

Embora outras partes do mundo tenham sofrido e continuem a sofrer inversões de terra e mar, o leito do Atlântico tem constantemente demonstrado uma instabilidade particularmente caótica. O Atlântico tem a tendência de criar pequenas ilhas ou tragá-las, assim como de elevar ou baixar sua profundidade, mesmo nos dias atuais, na base de centenas de metros. Diversas placas tectônicas, as ilhas flutuantes na crosta de sima da superfície da Terra, encontram-se no Atlântico perto dos Açores. Essas placas tectônicas, eurasianas, africanas, norte-americanas e centro-americanas, são responsáveis pelas diversas erupções vulcânicas e terremotos que ocorrem continuamente por toda a área atlântica. Elas podem ser relacionadas com o desaparecimento da Atlântida ou mesmo ser um resultado permanente dele.

6
O INSTÁVEL SOLO OCEÂNICO

A cordilheira central do Atlântico forma o maior conjunto montanhoso do mundo, embora, em sua maior parte submersa, a impressionante altura de suas montanhas só possa ser apreciada através de cartas batimétricas. Ela divide o Atlântico em seções orientais e ocidentais, cada qual contendo sua própria planície abissal. Uma das áreas sísmicas mais ativas do mundo, tem sido caracterizada por terremotos, maremotos e explosões vulcânicas através da história e ainda se encontra em estado de violenta atividade sísmica.

O aparecimento e o desaparecimento de ilhas no Atlântico e os arrasadores terremotos em suas ilhas e terras costeiras ocasionalmente nos lembram, em menor escala, a lendária destruição da Atlântida.

• Em 1622, a cidade de Vila Franca, capital da ilha açoriana de São Miguel, foi soterrada por repentina convulsão sísmica, abrindo grandes falhas na terra e provocando ondas de maré no oceano.

A cidade de Port Royal, na Jamaica, local favorito dos piratas, mergulhou subitamente no mar em 1692, arrastando consigo seus piratas, navios, alegres tabernas e ricos despojos.

• O terremoto que surpreendeu Lisboa em 1755 causou a morte, em poucos minutos, de 60 mil pessoas, muitas das quais procuraram fugir atirando-se dos prédios num grande cais aberto de pedra que afundou de repente no mar, arrastando-as a uma profundidade de 180 metros. Consta que o estrondo produzido por esse repentino terremoto-maremoto, de tão grande, foi ouvido em Estocolmo.

• Em meados do século XVIII, um único terremoto, que se estendeu por milhares de quilômetros desde a Islândia até a cordilheira central do Atlântico, resultou na morte de um quarto da população daquela ilha.

A ilha da Martinica foi sacudida pela explosão do monte Pelée, em maio de 1902. Essa explosão, que mandou pelos ares um lado

da montanha, matou todos os habitantes da capital. St. Pierre, com exceção de um condenado e de um louco que estavam trancafiados em celas especiais. Um aspecto característico do holocausto de St. Pierre foi uma nuvem de gases ardentes — a *nuée ardente* — que deslizou do monte Pelée, matando todos aqueles — quase 30 mil — que ainda não estavam mortos ou feridos.

• O arrasador terremoto de Acra, na África, em 1922, perlongou lateralmente as linhas de falha através do oceano, desde o fosso de Porto Rico, um dos maiores abismos oceânicos do mundo. Grandes deslocamentos terrestres, ocorridos no fundo do oceano, não são imediatamente detectáveis. O maremoto dos Bancos de Terra Nova (no Canadá), em 1929, fez com que uma gigantesca corrente grossa de lama e areia do fundo do mar corresse por *canyons* submarinos do Atlântico Norte abaixo, partindo a série norte de cabos transatlânticos submarinos. Quando os cabos foram consertados, certas áreas do solo marítimo anteriormente medidas apresentaram uma elevação de quase 1.600 metros em relação às últimas verificações feitas.

• Em 1974, uma torrente de lava proveniente de uma fissura na terra em Heimaey, Islândia, soterrou toda a cidade, mas felizmente de forma tão lenta que permitiu à população, ao contrário dos habitantes de Pompéia, escapar da morte.

• Várias ilhas apareceram, desapareceram e algumas vezes reapareceram nas agitadas profundezas do Atlântico. Em 1808, um vulcão em São Jorge, nos Açores, elevou-se várias centenas de metros a mais, e, em 1811, enorme ilha vulcânica apareceu nos Açores e, depois de receber um nome — Sambrina — e ser anotada em mapas, retornou subitamente ao fundo do mar.

• Em 1931, duas ilhas repentinamente se ergueram do fundo do mar nas proximidades da ilha de Fernando de Noronha, ao largo da costa brasileira. A Inglaterra, sempre interessada na aquisição de ilhas, não perdeu tempo e reivindicou sua posse, contra as reivindicações do Brasil e de diversos outros países. O problema foi resolvido, contudo, quando ambas as ilhas inesperadamente afundaram sob as ondas.

• Uma nova ilha, adequadamente chamada de Surtsey, em homenagem ao deus nórdico do fogo, emergiu entre fogo e fumaça do fundo do mar ao largo da costa sudoeste da Islândia, para ser logo seguida de duas ilhas menores numa erupção iniciada em 1963, mais ou menos contínua, de três anos de duração. Outras ilhas

atlânticas, especialmente os Açores, as Canárias e a Madeira, têm testemunhado, durante séculos, várias inversões terra-mar, com novas ilhas aparecendo ou desaparecendo, ou partes de ilhas existentes desaparecendo mar adentro.

Se um grande império outrora se estendeu acima de uma ampla área agora submersa, seria lógico esperar que alguns vestígios seus permanecessem no solo atlântico e pudessem ser identificados através da exploração das profundezas oceânicas num submersível. Por outro lado, seria ainda mais plausível se partes das terras afundadas pudessem reaparecer ao nível do mar, como no caso das ilhas emergentes, visíveis temporária ou permanentemente à luz do dia.

Um exemplo muito curioso dessa possibilidade ocorreu em março de 1882. Ao contrário de diversas alegadas visões de ruínas atlantes antes dessa ocasião, tal fato foi registrado num diário de bordo e também na imprensa. Tratava-se da inesperada descoberta feita por um vapor de uma ilha não-mapeada em zona de intenso tráfego marítimo e do inusitado material que nele foi encontrado pelo capitão do barco e sua tripulação.

O navio chamava-se *S. S. Jesmond,* um cargueiro inglês de 1.495 toneladas que se dirigia a Nova Orleães com um carregamento de frutas secas de sua última escala em Messina, na Sicília. O *Jesmond* era comandado por David Robson, detentor do certificado 27.911 da Marinha Mercante da Rainha.

O *Jesmond* passou pelo estreito de Gibraltar (as antigas colunas de Hércules) em 1º de março de 1882 e singrou mar aberto. Quando atingiu a posição 31° 25' N, 28° 40' O, a cerca de 320 quilômetros a oeste da ilha da Madeira e a igual distância do sul dos Açores, percebeu-se que o mar se tornara incrivelmente lamacento e que o navio atravessava enormes cardumes de peixes mortos, como se alguma repentina doença ou explosão submarina os tivesse matado aos milhões. Exatamente antes do anoitecer do primeiro dia em que foram encontrados os

cardumes, o capitão Robson percebeu fumaça no horizonte, que ele imaginou provir de algum outro navio.

No dia seguinte, os cardumes eram ainda mais densos e a fumaça no horizonte parecia vir de montanhas de uma ilha diretamente a oeste, onde, segundo os mapas, não existia terra num raio de milhares de milhas. Quando o *Jesmond* se aproximou da ilha, o capitão Robson lançou âncora, a cerca de 19 quilômetros da costa, para verificar se a ilha não-mapeada era cercada de recifes. Embora as cartas geográficas indicassem no local a profundidade de alguns milhares de braças, a âncora bateu no fundo a apenas sete braças.

Quando Robson saltou com um grupo de desembarque, verificou encontrar-se numa enorme ilha sem vegetação, árvores ou praias arenosas, desprovida de qualquer espécie de vida, como se tivesse acabado de emergir do oceano. A terra onde desembarcavam estava coberta de resíduos vulcânicos e, como não havia árvores, puderam ver claramente um início de planalto a alguns quilômetros de distância e, pouco além, montanhas fumegantes.

O grupo, com certa cautela, internou-se na ilha rumo às montanhas, mas todos viram que o caminho estava interrompido por uma série de profundas fendas. Levariam dias para chegar ao interior. Resolveram então voltar ao local de desembarque e examinar um rochedo fendido, parte do qual parecia ter-se dividido numa massa de cascalhos soltos como se tivesse sido recentemente submetida a grande compressão. Um dos marinheiros encontrou uma estranha ponta de seta numa pedra quebrada, descoberta que levou o capitão a mandar buscar pás e enxadas no navio para que a equipe pudesse escavar nos cascalhos. Segundo suas declarações a um repórter do jornal *Times Picayune* de Nova Orleães, onde mais tarde o navio ancorou, o capitão e sua tripulação descobriram "ruínas" de "muralhas maciças". Entre os vários objetos descobertos pelas escavações perto dessas muralhas figuravam "espadas de bronze,

anéis, marretas, cabeças e figuras esculpidas de pássaros e animais, bem como dois vasos ou jarros com fragmentos de ossos e um crânio quase inteiro..." e "o que parecia uma múmia encerrada numa caixa de pedra... incrustada de depósitos vulcânicos de tal forma que mal se podia distinguir da própria pedra". No final do dia seguinte, muito do qual foi gasto na colocação do sarcófago de pedra a bordo do *Jesmond,* Robson, então preocupado com o tempo incerto, decidiu abandonar a exploração da ilha e retomar sua rota.

Diversos repórteres examinaram as estranhas descobertas do capitão Robson e foram por ele informados que pretendia doar os objetos encontrados ao Museu Britânico. Infelizmente para as pesquisas sobre a Atlântida, porém, o diário de bordo do *Jesmond* foi destruído durante a *blitz* de Londres em setembro de 1940, juntamente com os escritórios dos proprietários do *Jesmond,* a empresa Watts, Watts & Company, em Threadneedle Street. Aparentemente não existe registro no Museu Britânico atestando o recebimento da estranha doação do capitão, embora seja possível, é claro, que tais objetos estejam arquivados nos diversos porões e sótãos comuns em todos os grandes museus. Do mesmo modo, não se ouviu mais falar na ilha, que hoje só existe no testemunho juramentado do capitão Robson e da tripulação do *Jesmond.*

Há, contudo, alguma confirmação desse incidente: o capitão Robson não foi o único a relatar o aparecimento da misteriosa ilha. O capitão James Newdick da escuna a vapor *Westbourne,* que partiu de Marselha rumo a Nova Iorque nessa mesma ocasião, relatou, ao chegar ao porto de destino, ter visto uma grande ilha nas coordenadas 25° 30' N, 24° O. O relatório de Newdick apareceu no *New York Post* de 1º de abril de 1882. Se as coordenadas fornecidas pelos dois capitães estavam certas, a ilha misteriosa deveria ter uma área de 32x48 quilômetros. A atividade vulcânica que levou uma ilha desse tamanho à superfície poderia ter matado, provavelmente através do

aquecimento da água do oceano, grande quantidade de peixes, exatamente o que o Capitão Robson relatou.

As milhas de peixes mortos a se perderem de vista, segundo o relato de Robson, também foram comentadas após por vários outros capitães de navios e apareceram em diversos jornais, inclusive o *New York Times*. Um capitão sugeriu que a mortandade poderia ser atribuída ao naufrágio de algum barco pesqueiro, por mais incrível que essa explicação possa ser, pois a quantidade de peixes mortos, segundo cálculo do Instituto Britânico de Oceanografia, cobria 19.310 km^2 do Atlântico e perfazia pelo menos meio milhão de toneladas.

Membros da tripulação dos diversos navios que atravessaram os cardumes flutuantes identificaram-nos como lofolátilos, bacalhaus, vermelhos, sáveis e diversas outras espécies. Alguns marinheiros mais afoitos comeram alguns dos peixes e não se sentiram mal. Declararam que os peixes eram "rijos e excelentes de comer". Podemos até especular que essas hordas de peixes não apodreceram imediatamente por já terem sido "pré-cozidos" pelo calor vulcânico gerado com a emersão da ilha.

Desde a breve visão das alardeadas muralhas por parte do capitão Robson, características reconhecíveis de edificações, muralhas e estradas têm sido relatadas com incrível freqüência em várias partes do Atlântico. Elas têm sido muitas vezes observadas por pilotos que as sobrevoaram em vôos rotineiros e não obtiveram autorização para se desviarem de suas rotas a fim de melhor investigarem e, sobrevoando, fotografarem em qualquer cena eventual que, de qualquer forma, seria considerada uma ilusão.

Durante a Segunda Guerra Mundial, diversos pilotos em vôos militares entre o Brasil e o Senegal, antiga África Ocidental Francesa, afirmaram ter visto o que lhes pareceu serem aglomerados de prédios ou "cidades" abaixo da superfície oceânica perto dos penedos de São Pedro e São Paulo (Iº N, 30° O). Outros pilotos e observadores voando na mesma rota

relataram ter visto o que pareciam paredes e ruínas submarinas de pedra a aproximadamente 6º N, 20° O, perto das elevações de Serra Leoa. Embora fosse fácil ignorar tais assertivas, imaginando-se que os pilotos confundiram nuvens ou sombras no oceano (é relativamente fácil para indivíduos imaginosos, sejam ou não pilotos, visualizar imagens no mar ou no céu), ainda assim é também verdade que algumas ilhas submarinas do Atlântico, especialmente as montanhas marinhas de cimos achatados que se elevam bruscamente do leito oceânico, em diversos locais quase atingem o nível do mar. Em certas horas do dia, determinada inclinação dos raios solares à tarde, aliada a um baixo índice de algas no mar, pode tornar partes do oceano acima de tais montanhas suficientemente luminosas a ponto de dar a impressão de remotos estabelecimentos humanos erguidos em grandes montanhas marinhas no tempo em que foram ilhas.

No Atlântico ocidental, perto dos Estados Unidos, pilotos de vôos regulares e *charter* têm observado, em formações piramidais, terraços com degraus e muros no solo oceânico entre as Baamas e a Flórida.

Um piloto da Pan American escreveu ter visto um arco numa muralha submersa a cerca de dois metros da superfície. Outros pilotos descreveram estradas submarinas dirigindo-se mar adentro desde o leste da costa de Iucatã que eles acompanharam até se perderem nas profundezas marinhas, mas que provavelmente prosseguiam em outras direções agora abaixo do mar.

Uma extensão de ruínas de pedras com vários acres de área e aparentemente brancas, como se fossem de mármore, foi vista ao largo da costa norte de Cuba pelo falecido Leicester Hemingway, antigo morador de Cuba e irmão do famoso escritor, mas, por se encontrarem em plenas águas territoriais cubanas, essas ruínas são inacessíveis aos mergulhadores norte-americanos.

Tiraram-se diversas fotos aéreas bem nítidas de trabalhos em pedra submarinos nos bancos das Baamas e ao largo da costa

mexicana do Caribe, mas ainda não existem fotografias aéreas de cidades submersas no Atlântico central.

Contudo, nos últimos anos, tirou-se grande número de fotos raras, não de aviões, mas com câmaras submarinas baixadas por navios de pesquisa. Obtiveram-se também fotos de ruínas aparentemente construídas pelo homem, conseguidas a muito maiores profundidades por oceanógrafos nada interessados na procura da Atlântida, mas apenas em fotografar o fundo do mar na área total da lendária ilha-continente. Os navios e os oceanógrafos eram da União Soviética, nação bem distante do mar Atlântico de Platão.

7
OS PICOS MONTANHOSOS DA ATLÂNTIDA

Já foi algumas vezes aventada a hipótese de que a Atlântida não submergiu no mar, mas foi por ele "tragada" devido às águas liberadas pelo rápido degelo glacial. A diferença entre essas duas catástrofes, relativamente sem importância para as vítimas, implicaria, contudo, que as atuais pequenas ilhas existentes onde supostamente teria sido a Atlântida deveriam conter, nas montanhas marinhas, platôs e vales submarinos à sua volta, vestígios de construções ou muralhas, demonstrando a presença anterior de uma cultura avançada. Pesquisas submarinas soviéticas forneceram recentemente alguns dados que corroboram essa teoria.

A Rússia, embora não seja banhada pelo Atlântico, tem mantido vivo interesse por esse oceano e pela tradição do continente perdido, que talvez tenha dado àquele o próprio nome. Os russos, talvez em razão do aspecto geralmente místico da "alma russa", têm produzido vários autores importantes que trataram do assunto Atlântida. Entre eles se encontra Dmitri Merezkovsky, da época Czarista, que ligava o destino da Atlântida ao futuro destino da Europa; Nikolai Jirov, cujo livro *Atlantis,* 1964, examinava amplamente as referências históricas e os materiais geológicos disponíveis sobre a Atlântida e sua provável localização no oceano; e V. Bryusov, historiador, que considera todas as civilizações antigas descendentes de uma cultura *x,* ou "uma cultura desconhecida pela ciência", mestra e propulsora dos primórdios da civilização — a Atlântida.

Membros de uma expedição submarina soviética levada a efeito pelo *Acadêmico Petrovsky,* navio de pesquisas, não perceberam a princípio que algumas das várias fotografias do

solo marinho obtidas por suas câmeras submarinas não só mostravam a topografia do fundo do mar como também relíquias arqueológicas no lugar onde se supunha estar localizada a lendária Atlântida.

A meta e os resultados da expedição, ocorrida nos primeiros meses de 1974, foram resumidos por M. Barinov e apareceram na revista soviética *Znanie-Sila,* número 8, em 1979, época em que numerosos artigos sobre a descoberta surgiram na imprensa mundial.

O objetivo da expedição era estudar os bancos de areia das águas rasas do Mediterrâneo e do Atlântico, não longe do Noroeste da África. No navio, como parte da tripulação, encontravam-se geólogos e biólogos. A origem, estrutura e população dos bancos de areia, os picos das montanhas subaquáticas e dos baixios resumiam os principais interesses científicos dos especialistas. Na equipe também havia um pesquisador do Instituto Soviético de Oceanografia, Vladimir Ivanovich Marakuyev, igualmente especialista em fotografias submarinas.

Sempre que o navio de pesquisas se encontrava dentro das coordenadas desejadas para as tomadas do fundo,

...baixavam-se equipamentos de iluminação e câmeras especiais até uma profundidade de mais ou menos três metros e meio acima do leito do mar, após o que se acendiam as luzes e tirava-se uma série de fotos empregando-se um simples instrumental automático. Cada série levava de uma hora a uma hora e meia para ficar completa. Ao mesmo tempo, outros membros da expedição levavam a efeito experiências e uma série de testes com o auxílio de outros instrumentos. A água no Atlântico próximo de Gibraltar era excepcionalmente clara e o trabalho da expedição dependia apenas do tempo. Durante as

tempestades de inverno, quando o navio começava a balançar muito, os trabalhos tinham de ser interrompidos e, por vezes, era preciso procurar refúgio.

À luz de subseqüentes descobertas, deve-se assinalar que os pesquisadores e a equipe tinham em mente outros propósitos além da busca de ruínas da Atlântida, embora o que encontraram possa vir a constituir as primeiras fotografias jamais tiradas de ruínas submersas do Continente Perdido.

O *Acadêmico Petrovsky* começou seu levantamento fotográfico submarino do arquipélago em forma de ferradura, cerca de 300 milhas a oeste de Gibraltar, em janeiro de 1974. Tirou-se grande número de fotografias do leito do mar, a centenas de metros de profundidade, aproximadamente na mesma área em que teria surgido e desaparecido a misteriosa ilha do capitão Robson. Essa cadeia submarina de ilhas foi assim descrita em *The Atlantic Floor (O solo atlântico),* de Heegen, Thorpe e Young:

...um importante grupo de montanhas submarinas em forma de ferradura. Algumas delas, como as montanhas submarinas de Ampere e Josephine, erguem-se a uma profundidade de quase 180 metros... Fotografias tiradas da superfície dessas montanhas mostram escarpas e traços de ondulações e corais vivos isolados. As montanhas submarinas da metade norte da Ferradura, que ainda não foram devidamente estudadas, estendem-se de oeste a leste. A metade sul do grupo aparentemente se assemelha a cones vulcânicos, enquanto a metade norte é onde mudanças tectônicas desempenharam importante papel.

Uma expedição norte-americana anterior, do Observatório Geológico de Lamont, investigou essa mesma área, tirando material, fotografias e dragando o fundo. Embora certamente não sendo o objetivo primordial da pesquisa oceânica, não foram

encontrados sinais de homens primitivos, o que nos leva recordar uma observação do Dr. Maurice Ewing, que disse ter passado "13 anos explorando a cordilheira do Atlântico Central sem encontrar sinais de cidades submersas".

A expedição soviética aparentemente teve melhor sorte. Quando a extensa série de fotografias tiradas do *Acadêmico Petrovsky* estava sendo revelada, estudada e catalogada, Marakuyev, técnico encarregado da parte fotográfica, observou que as fotos tiradas no cume da montanha marinha Ampere, platô submarino que se eleva de uma profundidade de cerca de 3 mil metros a aproximadamente 60 metros acima da superfície, apresentavam diversas características inesperadas. Assim expressou Marakuyev sua reação inicial diante dos surpreendentes objetos surgidos em várias fotos:

Enquanto ainda estava na expedição, ao revelar as fotos e fazer as primeiras cópias, percebi que nunca vira antes nada parecido com aquilo. O Instituto de Oceanografia da União Soviética possui imenso arquivo de fotos submarinas tiradas em incontáveis expedições feitas anos a fio por todos os oceanos do mundo. Possuímos cópias também de muitos milhares de fotografias tiradas por nossos colegas norte-americanos. Em nenhuma parte vi coisa alguma tão próxima de sinais de vida e de atividade humana em lugares que talvez tenham sido, um dia, terra seca.

Os comentários a seguir, extraídos da *Znanie-Sila,* apontam alguns aspectos notáveis das descobertas submarinas:

Na primeira foto podemos ver esse muro do lado esquerdo. Blocos de pedra na extremidade superior do muro são vistos claramente... Levando em conta a perspectiva da foto e a altura do muro, é curioso examinar mais de perto uma faixa vertical de alvenaria. Embora as lentes estivessem apontadas quase

verticalmente para baixo, podem-se ver perfeitamente áreas de alvenaria. Podem-se contar cinco dessas áreas e, se levarmos em conta a deformação da escala acarretada pela proximidade das lentes em relação ao objeto, podemos aventar a hipótese de que os blocos de alvenaria do muro medem l,5m de altura e um pouco mais de extensão.

Na segunda foto podemos ver o mesmo muro bem de cima. Ele cruza o quadro em diagonal. O disco de controle está no centro. Não é difícil calcular-se que a largura do muro seja de cerca de 75cm. Os blocos de alvenaria são perfeitamente visíveis em ambos os lados do muro. Algas marinhas, densas, marrons-avermelhadas, podem ser vistas em todas as fotografias.

A terceira foto é de outra série tirada do alto da montanha marinha Ampere. Nela se pode ver uma área varrida pela lava, parecendo descer em três degraus. Contando-se a beira de cima e a pouco visível de baixo, dá para distinguir cinco degraus. Eles estão em ruínas, é claro, e grossos de esponjas semelhantes a copos.

(As fotografias mencionadas nessas citações encontram-se na seção de fotos após a p. 64)

O artigo termina com vigorosa recomendação para que continue a exploração soviética do Continente Perdido:

...a ciência oceanográfica deu passos gigantescos na área do conhecimento nestes 10 a 12 últimos anos; as técnicas de pesquisa têm recebido eficazes auxílios, os principais sendo instrumentos automáticos subaquáticos com considerável alcance de profundidade. Esses microssubmarinos podem descer vários quilômetros e mover-se horizontalmente; possuem poderosos holofotes de pesquisa do objetivo, "mãos" mecânicas para apanhar do leito marinho amostras de pedras ou quaisquer outras coisas. Uma vez que o *Kurchatov* é um de nossos dois barcos que possuem esses equipamentos, é mais ou menos "morador permanente" do Atlântico, e quase anualmente passa

pela região da Ferradura, só nos resta repetir: que estamos esperando?

As descobertas soviéticas na montanha marinha Ampere, não divulgadas por muitos anos, receberam ampla publicidade internacional em 1978 através de uma entrevista com o professor Andrei Aksyonov, diretor adjunto do Instituto de Oceanografia da Academia Soviética de Ciências. A entrevista teve lugar em Moscou e foi publicada no *New York Times* a 21 de maio de 1978.

O professor Aksyonov, segundo a entrevista, não sabia por que as fotos só tinham chegado a seu conhecimento em 1977: "— Não sei por que ele (Marakuyev) levou tanto tempo para divulgá-las." Mais tarde ele observou, segundo o repórter do *Times,* que sentia muito não poder mostrar as fotos porque "pertencem a Marakuyev, que se encontra muito doente do coração num hospital", acrescentando animadamente: "Acho que serão publicadas em uma de nossas revistas científicas muito breve."

O professor Aksyonov, embora mantendo aparente neutralidade quanto à identificação das ruínas da Atlântida, acrescentou: "Acredito que as peças reveladas na foto já estiveram na superfície."

Mais tarde, numa divulgação da AP, em abril de 1972, oriunda de Moscou, Alexander Nesterenko, diretor do Departamento de Frotas do Instituto de Oceanografia, confirmou o relatório sobre um navio de pesquisas soviético que havia tirado fotos "de algumas possíveis ruínas", mas negou notícias de que outro navio de pesquisas, o *Vityaz,* estivesse fazendo investigações no mesmo local, declarando que o referido navio estava "empenhado em outras atividades".

Uma indicação do que poderiam ser essas "outras atividades" foi aventada por Egerton Sykes, constante estudioso do mistério da Atlântida, em entrevista com o autor em novembro de 1982.

Por que o senhor acha que não houve mais declarações da parte da União Soviética sobre as descobertas na montanha marinha Ampere?

Deve ter sido de considerável importância para eles, de vez que nada mais foi dado a público sobre a matéria. Provavelmente, querem manter em segredo o verdadeiro local em que tiraram as fotos.

Onde o senhor acha que isso ocorreu?

Acho que pode ter sido ao largo dos Açores, posição bastante estratégica. Eles [os soviéticos] não estão atrás da Atlântida, mas de lugares onde possam basear submarinos sob o mar em caso de guerra nuclear. O navio que fez a descoberta é um navio soviético de observação muito bem aparelhado, como a maioria deles. Acho possível que as fotografias tenham sido tiradas ao largo dos Açores, entre Santa Maria e São Jorge, ao lado dos penedos Formigas. A menção a uma senda de 90 metros de profundidade seria cabível nesse local, assim como na montanha marinha Ampere. Os soviéticos não poderiam declarar oficialmente terem tirado fotografias num local onde, em princípio, não deveriam estar.

Qual é sua opinião sobre as pedras e plataformas mostradas nas fotografias?

São deveras curiosas. A escada de pedras que aparece com bastante clareza foi evidentemente aberta no penhasco. Deve haver muitas escadas abaixo do ponto que começa a aparecer na foto. Deve tratar-se de um lanço de 100 degraus ou mais subindo a face da rocha, perigoso de subir ou descer como os degraus das pirâmides maias ou astecas. Uma das outras fotografias mostra uma superfície de pedra nivelada que talvez seja um patamar ligado a outra escada, como numa pirâmide de degraus.

Sabe de outras descobertas recentes na área da montanha Ampere?

Não perto da ilha da Madeira, mas vi fotografias de muros e

calçadas submersas em mar aberto, a muitas milhas de distância de Cádis, na Espanha. São muito bem definidas e aparentemente de fácil acesso, mas a exploração extra-oficial nessa região esbarra nas unidades navais espanholas, que não vêem com bons olhos investigações submarinas não-autorizadas em áreas tão próximas da costa espanhola, especialmente de Cádis e da base naval de Rota. Mergulhando-se nas proximidades dessas instalações, corre-se o perigo de se dar num campo minado.

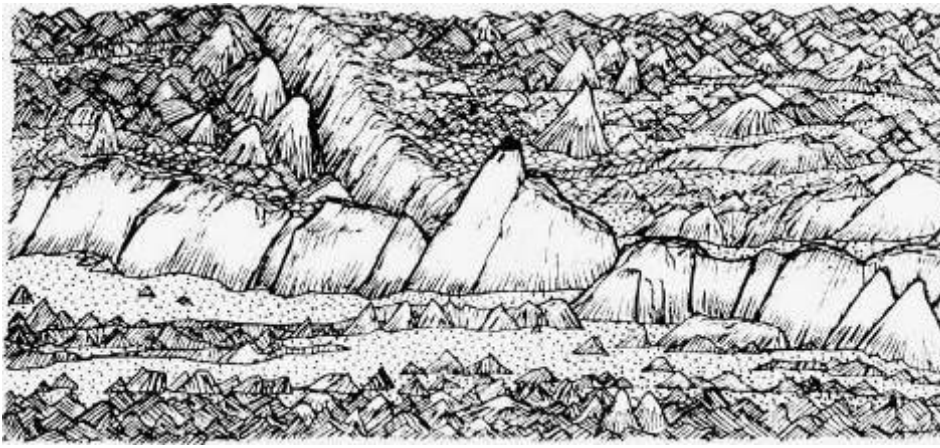
Um interessante exemplo de como a Marinha dos Estados Unidos quase se envolveu na procura da Atlântida ocorreu em 1963. Charles Hapgood, professor de geologia da Universidade de New Hampshire, tornou-se internacionalmente conhecido por suas irrefutáveis teorias relativas ao mapa de Piri Re'is e outras cartas marítimas "portalano" (ver p. 101), o que quer dizer que antigos marinheiros fizeram mapas muito detalhados das Américas, do oceano Atlântico e da Antártida (sem o gelo), milhares de anos antes de Colombo cruzar o Atlântico.

Durante o prolongado exame que fez no mapa de Piri Re'is, ele reparou numa estranha coincidência relacionada com uma ilha do Atlântico não mais assinalada nos mapas e relatórios de pilotos de aviões militares sobre cidades submersas. Hapgood, como muitos outros cientistas e pilotos da Segunda Guerra Mundial, ouvira relatórios informando que pilotos sobrevoando o oceano entre Dacar, no Senegal, e Recife notaram o que lhes pareceram construções abaixo do nível da água, visíveis do ar no final da tarde, quando o mar estava calmo e límpido. Por causa de seus projetos de vôo, os pilotos não tiveram tempo ou permissão para circular e examinar melhor o que lhes tinha chamado a atenção; os relatórios extra-oficiais, porém, especificavam que tais cenas ocorriam perto dos penedos de São Pedro e São Paulo, pequeno afloramento de rochas a mais ou menos 700 milhas de Fortaleza.

O que mais intrigou o professor Hapgood foi um detalhe no

mapa de Piri Re'is: enquanto outras ilhas e linhas costeiras pareciam estar no lugar, uma grande ilha aparecia precisamente onde atualmente mal se vêem os penedos de São Pedro e São Paulo, como se outra parte remanescente da Atlântida ainda permanecesse acima da superfície na época em que foi feito o mapa original de Piri Re'is, mas desde então tivesse prosseguido em sua descida oceano adentro, arrastando junto suas cidades.

Hapgood decidiu recorrer aos escalões superiores para pesquisar a Atlântida. Em suas ainda inéditas memórias, ele narra como, em 1963, procurou a Casa Branca na esperança de "conseguir emprestado um navio-aeródromo para investigar as cidades submarinas". Segundo ele: "Foi uma sorte eu ter tido anteriormente contatos com a Casa Branca, quando fiz alguns trabalhos para o presidente Roosevelt durante a Segunda Guerra Mundial... Não foi difícil encontrar alguém próximo dos Kennedys, em Massachusetts, que pudesse conseguir um encontro meu com o presidente... Nós tínhamos amigos em comum no Partido Democrata em Boston."



Perfil fisiográfico dos penedos de São Pedro e São Paulo, entre Brasil e África, considerados pelo professor Hapgood como remanescentes de uma ilha muito maior, possivelmente ligada a outras ilhas submersas que formavam a Atlântida.

Antes desse encontro, Hapgood fez um estudo e planos preparatórios para o acontecimento: aeroplanos voariam em círculos concêntricos cada vez maiores, a partir dos penedos de São Pedro e São Paulo, e, caso se notasse alguma coisa, a área do fundo do Atlântico seria explorada com a ajuda de detetores eletrônicos de profundidade capazes de operar l,5km abaixo do mar, além de câmeras e televisores submarinos e um sistema de grades.* Através de contatos governamentais ele viabilizou estudos sobre possíveis pontos de ancoragem para o porta-aviões e sua eventual mudança nos penedos, de acordo com a direção dos ventos. Os próprios penedos não eram suficientemente extensos para uma base em terra, além de serem recobertos de guano produzido pela imensa quantidade de pássaros .

*Demarcação quadriculada utilizada para fins de pesquisa. (N. da E.)

O professor Hapgood sugeriu mais ainda: que o "aspecto atlante" da investigação fosse mantido em segredo e que esta fosse anunciada como "mais uma expedição oceanográfica à cordilheira do Atlântico central para estudos sobre a flora e a fauna das profundezas do mar".

Em outubro de 1963, ele conseguiu marcar entrevista com o presidente Kennedy — mas a história interveio no mês de novembro.

Há mais de 100 anos, a idéia de usar navios da Marinha para se investigar a Atlântida já estava sendo discutida. Ao redor de 1880, talvez como resultado dos livros de Ignatius Donnelly, assim como de outros autores, sobre o Continente Perdido, houve uma onda de interesse público em torno da Atlântida, como também da possibilidade de localizá-la por meio de prolongadas operações de sondagem e dragagem. Donnelly, no último capítulo de seu livro *Atlantis,* deu o sinal de partida para a investigação governamental no leito atlântico:

Tampouco é impossível que as nações da Terra venham ainda a utilizar seus navios inativos para trazer à luz algumas das

relíquias desse povo soterrado. Partes da ilha se encontram a apenas algumas centenas de metros sob o mar; e se expedições foram enviadas de vez em quando no passado para resgatar das profundezas do oceano navios afundados com tesouros... por que não se deveria tentar alcançar as maravilhas enterradas da Atlântida? Uma única plaqueta esculpida retirada da ilha de Platão valeria mais para a ciência, incendiaria mais a imaginação da humanidade, do que todo o ouro do Peru e todos os monumentos do Egito.

Embora isso possa parecer muito exagerado, é ainda assim interessante assinalar que uma *enquête* realizada com jornalistas ingleses naquela época deu à descoberta da Atlântida o segundo lugar numa eventual transmissão de notícias mais importantes do mundo, só perdendo para a da segunda vinda de Jesus Cristo. Contudo, os entusiasmados apelos de Donnelly encontraram um adepto na pessoa de William Gladstone, primeiro-ministro de sua Majestade Imperial, a rainha Vitória. Gladstone não só acusou o recebimento da carta de Donnelly como também pediu que o Parlamento aprovasse a utilização da Marinha Real numa série de investigações na procura da Atlântida. Seu esforço, no entanto, não teve sucesso, uma vez que a Inglaterra, na época, estava preocupada com diversas pequenas guerras e crises e seus planos incluíam que a bandeira da Marinha Imperial tremulasse em qualquer outra parte que não o meio do Atlântico.

Donnelly pode ter despertado anteriormente, com resultados menos imediatos, o interesse de outro estadista. Como vice-governador do Illinois durante a Guerra Civil, Donnelly, forte partidário da União, tornou-se amigo de Abraham Lincoln. No curso dessa amizade, e devido ao interesse comum dos dois pela história e à curiosa e perscrutadora inteligência de Lincoln, Donnelly teve, sem dúvida, oportunidade de discutir com o presidente seu grande interesse pela Atlântida, como talvez também sua teoria acerca do emprego de navios da Marinha na procura do Continente Perdido. Durante os anos que durou a

amizade dos dois, porém, todos os navios da Marinha americana estavam ocupados com assuntos mais urgentes que explorações. É interessante, no entanto, considerar o que Donnelly poderia ter conseguido se seu projeto não tivesse sido interrompido por um assassinato — exatamente como aconteceu, quase 100 anos depois, com a proposta do professor Hapgood.

Em outros países onde as organizações "atlantes" floresceram, especialmente na França, conflitos e teorias antagônicas em discussão resultaram no emprego de bombas de gás lacrimogêneo para enfatizar as opiniões dos teóricos. No final da década de 20, após a intervenção policial nos "tumultos por causa da Atlântida", as autoridades policiais resolveram que tais encontros "constituíam um perigo para Paris", pondo em risco estruturas acima e abaixo do solo, tais como porões, esgotos e túneis do Metrô (que poderiam vir a ser considerados um campo arqueológico para eras futuras).

Recentemente, buscas oceânicas em torno da Atlântida foram efetuadas por diversos grupos privados, já que nenhuma instituição governamental ou científica poderia vir a justificar sua participação na procura de um mito, embora expedições científicas e navais de vários governos tenham, inadvertidamente, descoberto provas evidentes de terras submersas durante explorações por eles realizadas no leito marinho e na busca de reservas de petróleo e minerais.

Um exemplo recente de descoberta arqueológica realizada por expedição financiada independentemente é o de um grupo de mergulhadores livres espanhóis que trabalhou ao longo da plataforma submarina ao largo das Canárias. Segundo a tradição dos desaparecidos habitantes primitivos, os guanchos, a plataforma é formada por antigos cumes montanhosos de um continente submerso. Em 1981, uma expedição particular organizada por P. Cappellano encontrou grandes lajes de pedra no fundo do mar a uma profundidade de cerca de 2.400 metros, cobrindo uma área que parecia medir cerca de 43 mil metros

quadrados. As pedras estavam cuidadosamente dispostas, e largos degraus de pedra desciam do calçamento central como se levassem a um ancoradouro. Algumas marcas gravadas nas pedras pareciam símbolos ou sinais lembrando "letras" esculpidas em pedras situadas em terra firme nas ilhas Canárias. Maiores investigações determinarão se os sinais são nativos e simplesmente se assemelham entre si, ou se contêm sinais ou letras pertencentes a línguas de outras raças que possam ter desembarcado nas ilhas. Essas línguas poderiam incluir a púnica, trazida pelas frotas cartaginesas, o grego arcaico dos marinheiros minóicos, o líbio antigo da África do Norte, e até o *tifinagh,* a escrita das tribos tuaregues do Marrocos e do Saara.

Investigações terrestres nas Canárias estão sendo levadas a cabo de forma intermitente por expedições especiais vindas da Espanha, visando determinar se existem ou não ruínas não-descobertas da cultura original dos guanchos (ou mesmo, segundo consta, guanchos remanescentes) nas aldeias ou cavernas dentro das ilhas montanhosas.

Um muro submerso ao largo da costa marroquina, que se estende por vários quilômetros de comprimento, descoberto há mais de 10 anos por um mergulhador, enquanto pescava com arpão, tem sido desde então investigado e fotografado. Algumas das pedras, parte caída da parede ou de um prédio anexo, são comparáveis em tamanho às pedras de fundação empregadas no templo de Baalbec, no Líbano, consideradas as maiores pedras de construção extraídas na Antigüidade.

As plataformas costeiras da Europa Ocidental, do Norte da África e das ilhas do Atlântico estão sendo atualmente exploradas com mais freqüência por mergulhadores livres contratados para a prospecção de petróleo ou depósitos minerais, ou mesmo buscas pessoais de tesouros ou ruínas antigas. As recentes descobertas de ruínas sugerem os limites orientais de uma primitiva civilização atlântica.

O limite ocidental dessa cultura submersa pode ser divisado

nas profundidades relativamente pequenas dos bancos das Bermudas e em partes das plataformas continentais do Caribe. A pesquisa tem sido consideravelmente ajudada pelo emprego de aviões dos quais é possível divisar as ruínas submersas, fotografá-las e, a seguir, explorá-las por intermédio de mergulhadores. Algumas das mais fascinantes dessas ruínas submersas de construções, muros, estradas e gigantescos círculos de pedra acham-se na região conhecida como o Triângulo das Bermudas.

8

RUÍNAS SUBMARINAS NO TRIÂNGULO DAS BERMUDAS

A parte ocidental do oceano Atlântico conhecida como o Triângulo das Bermudas possui várias formações estranhas em zonas do fundo raso do mar à altura dos bancos das Bermudas. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, algumas dessas formações foram avistadas por pilotos que sobrevoavam essas ilhas e águas vizinhas em missões de busca com a finalidade de encontrar sinais de navios ou aviões dados como perdidos na área. Alguns pilotos, em vôos de carreira normal ou *charter,* têm observado formações semelhantes a muros ou estradas submarinas, enquanto outros, voando a baixa altitude, sugeriram que algumas dessas formações talvez fossem a parte superior de construções submersas no leito do mar.

Essas supostas estruturas, localizadas nos bancos das Bermudas ou ao largo da plataforma continental, foram ignoradas durante séculos, muito embora devam ter sido avistadas algumas vezes por pescadores e mergulhadores. Há, no entanto, várias razões para as mesmas não terem sido detectadas anteriormente. Primitivamente, as tripulações dos navios com tesouros e os piratas que geralmente os perseguiam não tinham outro interesse a não ser o tesouro negociável. O que pareceram ser estruturas de pedra vistas por pescadores e oceanógrafos mais recentemente eram consideradas formações naturais ou lastros de naufrágios. A composição evidentemente artificial de tais estruturas não é evidente a partir do nível do mar, mas é geralmente bem visível do alto, de onde se podem mais claramente divisar, no fundo, linhas retas e ângulos geométricos. Por fim, não havia interesse algum nos instrumentos de construção feitos pelo homem no Atlântico ocidental, de vez que

não havia razão para se suspeitar da existência, ali, de cidades submarinas. Caso existissem, elas teriam de ter sido construídas cerca de 12 mil anos antes de nossa era, tempo aproximado em que a elevação do nível do mar cobriu vastas partes da costa e ilhas do oceano. Do ponto de vista arqueológico corrente, seria historicamente impossível — 7 mil anos cedo demais — que o homem construísse cidades nessa época.

A não mais de um quarto de milha das praias das ilhas Bimini, uma série de extensas paredes de pedra — ou estradas, como são às vezes designadas — é hoje em dia fácil de encontrar e tem sido examinada por mergulhadores e arqueólogos decididos a defender ou destruir os conceitos de história e idade da civilização anteriormente sustentados. Com o prosseguimento da pesquisa e o alargamento do campo de investigação, está se tornando bem mais difícil, contudo, afirmar que essas construções de pedra sejam pedaços de rochas de praia que, por acaso e a esmo, acabaram se amontoando para formar um muro.

Vários outros exemplos prolongam-se água adentro nos bancos das Baamas; às vezes formam grandes círculos de pedra, como em Stonehenge, na Inglaterra; às vezes ligam ilhas existentes por meio de estradas ou muros submarinos; às vezes consistem em muros circulares construídos em torno de fontes de água doce muito abaixo da superfície; geralmente através de uma série de linhas retas e entrecortadas prolongando o fundo do mar como as linhas entrecortadas do vale de Nazca, no Peru, e geralmente grandes formas retangulares identificáveis de formas distintas por variações da vegetação submarina, possível perfil de uma grande construção ou plataforma que tenha afundado no leito oceânico.

Essas provas bastante convincentes de antigas construções nos bancos das Baamas têm sido investigadas por várias pessoas e especialmente pelo Dr. Manson Valentine, paleontólogo, geólogo e arqueólogo submarino de Miami, que vem estudando a região subaquática dos bancos das Baamas há 25 anos. Além de

sua capacitação científica, e talvez igualmente condizente com suas descobertas, o Dr. Valentine é também emérito espeleólogo, piloto de avião e mergulhador de garrafão e de capacete metálico.

O Dr. Valentine está convencido de que existiram civilizações pré-cataclísmicas (e pré-diluvianas), graças a conclusões tiradas de suas próprias explorações em cavernas de Iucatã. Essas enormes cavernas contêm gigantescas pedras gravadas com formas de animais que demonstram longa imersão no mar, além da fauna oceânica nelas ainda aderentes. Parece óbvio que essas cavernas, hoje em dia bem acima do nível do mar, submergiram e emergiram em periódicas elevações e rebaixamentos de áreas de terra firme por toda a costa do Atlântico... e do mundo.

O Dr. Valentine assim descreveu suas descobertas nos bancos das Baamas:

Toda a região dos bancos das Baamas ficava acima do nível do mar durante a última glaciação, sendo encoberta com a subseqüente elevação do nível do mar. Eu quis testar a proposição geológica que afirma: "Se os grandes planaltos submersos das Baamas foram terra seca num passado relativamente próximo, como parece certo, então suas águas rasas poderiam muito bem fornecer sinais de ocupação por parte dos homem primitivo."

Comecei a trabalhar em 1958, tirando fotos em pequenos aviões. Desde então, localizamos mais de 30 áreas onde existem provavelmente ruínas de trabalho humano, seja no fundo do mar, seja abaixo dele. Por exemplo, entre Diamond Point e Tongue of the Ocean, encontra-se uma rede de linhas retas modulares entrecruzando-se em ângulos retos, obtusos e agudos. Lembra um plano arquitetônico para um complexo desenvolvimento urbano com ainda mais linhas a distância que eu chamaria de "módulos fantasmas", de vez que são os vagos perfis de outras

estruturas excessivamente submersas para serem acompanhadas em detalhe.

Onde o senhor começou a investigação?

Entre os recifes Orange e as ilhas Bimini. Vi uma série de retângulos enormes ao longo do fundo do mar ligados por linhas retas.

Por que acreditou tratar-se de ruínas?

Considerei-as feitas pelo homem por serem linhas retas que corriam ao longo do fundo do mar exatamente até o ponto máximo de rebaixamento da plataforma continental. O que se encontra abaixo dessas linhas influencia a ecologia das algas de superfície e o resultado é um desenho decorativo. Nos penedos Riding, grande quantidade de água rasa está dividida em quadrados. Nos recifes Orange, ao sul das Bimini, há um retângulo absolutamente ininterrupto da forma de um campo de futebol. Em todo o caminho até as Bimini, há uma sucessão de planos arquitetônicos, quadrados e retangulares, mostrando o tamanho e a forma do que se encontra abaixo. Tudo isso me sugeriu a presença anterior de povos primitivos.

O senhor viu outros padrões primitivos iguais a esse no mar ou em terra?

No deserto de Nazca, no Peru, vi em terra a mesma prova evidente de ocupação, inclusive figuras geométricas de diversas formas, algumas comparáveis às encontradas nos bancos das Baamas.

Quando o senhor encontrou a estrada ou muro das Bimini?

Quando voltava de barco de um mergulho nos recifes Paradise, no Dia do Trabalho de 1968. Eu estava procurando uma montanha marinha perto desses recifes enormes, vindos de uma profundidade de 915 metros até chegarem a 15 metros abaixo do nível do mar. Acompanhavam-me os mergulhadores Jacques Mayol, Chip Climo e o famoso pescador das Bimini Bonefish Sam. Na volta, pedi a Bonefish que me levasse a um local onde eu pudesse obervar os peixes e ele me disse saber de

um rochedo a oeste das Bimini diante de Rockwell Point. Ao chegarmos lá, Chip passou para o outro lado e eu o segui.

Quando vi a disposição regular dessas pedras enormes, fiquei tão surpreso que perdi o cinto de chumbo, o qual ainda deve estar por lá. Mal podia acreditar; parecia um sonho. Ocorreu-me que talvez fosse o Sacbé — a estrada branca cerimonial dos maias —, pois se parecia com a que eu tinha visto em Iucatã. Acompanhei-a por uns 90 metros até chegar às grandes pedras que desaparecem debaixo da areia. Percebi então que tínhamos alguma coisa de concreto.

O senhor relacionou isso com a profecia de Edgar Cayce sobre a Atlântida?

Eu não conhecia a profecia naquela ocasião, mas quando mais tarde soube que 28 anos antes de eu descobrir aquela estrada ele havia dito que a Atlântida emergiria outra vez, tendo acrescentado "...por volta de 68 ou 69, não muito mais depois"... e então quando soube que ele ainda havia dito que ela seria descoberta próximo das Bimini, devo confessar que fiquei assombrado.

Que o senhor acha do ceticismo por parte da comunidade científica, dando a entender que a estrada não é obra do homem, mas apenas pedras de praia?

Pode me acreditar, elas não são quadrados de pedras dispostos pela natureza em perfeitas fileiras para engambelar tolos arqueólogos submarinos. Muitas dessas pedras são de micrita dura como calhau, diferentes, portanto, da macia pedra de praia. As fileiras de pedras muito bem encaixadas são retas, paralelas entre si, e terminam em pedras angulares. A avenida de pedra é reta, não segue a linha de pedras da praia, em curva, acompanhando o contorno da ilha. A longa avenida contém grandes pedras achatadas escoradas nos seus cantos por grandes pedras aprumadas como os dólmens da costa ocidental européia. Retângulos perfeitos, ângulos retos e contornos retilíneos são inexplicáveis numa formação natural. Uma extremidade do

complexo volteia num canto lindamente recurvo antes de desaparecer sob a areia. Ainda não escavaram abaixo dele, de modo que não se sabe até onde essas pedras descem.

Na sua opinião, o que é essa ruína?

Acho que é uma estrada cerimonial que conduz a um lugar especial. Após a curva, a pedra se abre, de duas, em três fileiras. Uma parte da estrada cerimonial maia, a Sacbé, passa por baixo da água em Iucatã e continua por mais um quarto de milha mar adentro até desaparecer. Como o Sacbé foi erigido como estrada elevada, acho que escavações sob as pedras e junto delas revelariam construções. Mas a maioria dos arqueólogos parece alérgica à água — eles acham que, como a linha costeira provavelmente sempre foi a mesma, qual a necessidade de procurar sob o mar ruínas arqueológicas de edificações e estradas?

O senhor não acha que esse tipo de enfoque está se modificando?

Não de todo. Acho que a razão pela qual os cientistas hesitam em examinar essas ruínas e outras inexplicáveis é que receiam o surgimento de alguma coisa que venha derrubar suas claras explicações. É um velho preconceito e tem suas raízes nas opiniões anticataclísmicas. Tais pesquisadores não querem encontrar coisa alguma que tenha a ver com mudanças radicais. Preferem considerar inúmeras ruínas e estátuas como caprichos da natureza. Contudo, diante de novas e inesperadas descobertas, algumas brechas estão se abrindo aqui e ali entre as comunidades pseudocientíficas. Tenho, portanto, esperança no futuro.

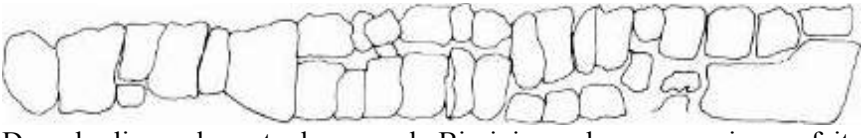
Que raça, em sua opinião, foi responsável pela construção dessas estradas e paredes?

Os povos que fizeram as grandes esferas da América Central, as cabeças de pedra de Tehuantepec, as imensas formações de Baalbec no Líbano, de Malta no Mediterrâneo, de Stonehenge na Inglaterra, os muros de Sacsahuaman e Ollantaytambo no Peru, as avenidas de pedras verticais na Bretanha, as colossais ruínas

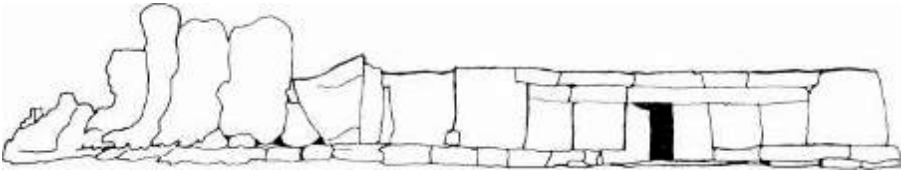
de Tiahuanaco na Bolívia e as estátuas da Islândia oriental — era uma raça pré-histórica que conseguia transportar e posicionar pedras ciclópicas de uma forma que até hoje permanece um mistério para nós.

O Dr. Valentine aqui se refere a lugares pessoalmente investigados por ele em sua longa carreira de explorador e arqueólogo. Os desenhos mostram a semelhança entre duas dessas estruturas antigas ainda eretas e a disposição das pedras na estrada ou muro das Bimini. Se a edificação submarina das Bimini é uma estrada elevada, as pedras de sustentação devem ainda estar abaixo do solo marinho, da mesma forma que o centro cerimonial (ou centros) para onde essa estrada se dirigia. Se for um muro, talvez tenha caído para o lado possivelmente durante um movimento sísmico.

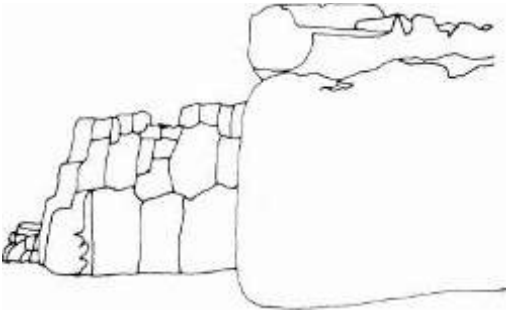
Edgar Cayce, clarividente contemporâneo cujas surpreendentes profecias, muitas das quais exatamente realizadas, deram-lhe renome mundial, predisse, em 1940, a descoberta de ruínas submarinas relacionadas com a lendária Atlântida de Posídon. Eis aqui a transcrição dessa profecia: "...e Posídia estará entre as primeiras partes da Atlântida a se erguer outra vez, por volta de 68 ou 69 — não muito depois." E acrescentou: "Uma parte do templo [da Atlântida] poderá ainda ser descoberta sob o limo de antigas algas, perto do que se denomina ilhas Bimini, ao largo da costa da Flórida."



Desenho linear de parte do muro de Bimini, vendo-se o encaixe perfeito de alguns dos blocos de pedra maiores. A separação no meio do desenho pode ter sido resultado do desmoronamento lateral, durante um abalo sísmico.



Desenho de um túmulo ou templo pré-histórico em Malta, no qual se pode notar o uso de blocos de pedra cuidadosamente encaixados, sem argamassa. Essas construções assemelham-se a outras estruturas pré-históricas em várias partes do mundo, como por exemplo no Peru, Bolívia, Sul da Espanha, Baalbec no Líbano, e as ruínas submersas dos dois lados do Atlântico.



Desenho dos muros colossais em Sacsahuaman, onde pedras que pesam até 250 toneladas estão encaixadas com precisão, e que se assemelham notavelmente aos templos pré-históricos de Malta e aos muros submersos do Atlântico.

Sob o impulso dessa profecia, vários pilotos, como Bob Brush, Trig Adams, Jim Richardson e o piloto e explorador submarino francês Dimitri Rebikoff começaram a observar de perto os bancos das Bimini, enquanto as sobrevoavam, e, exatamente em 1969, relataram uma série adicional de imagens ao largo da ilha Andros e das ilhas Berry e Bimini.

Duas expedições de barco até a área das Bimini, sob a direção do Dr. David Zink, historiador, mergulhador e escritor *(The Stones of Atlantis),* permaneceram ancoradas acima do muro ou estrada por meses a fio, tempo suficiente para explorar detalhadamente as grandes pedras e seus arredores. Zink é de opinião que as rochas não representam pedras de praia

espalhadas a esmo, não só por sua composição, mas porque uma rachadura no solo marinho de rocha calcária abriu e mudou a posição da sólida rocha calcária ao redor e sob o muro, mas não afetou o alinhamento do próprio muro. Um bloco de pedra entalhada foi içado durante a expedição, assim como uma "cabeça estilizada" de peso estimado entre 90 e 130 quilos, possivelmente a cabeça de um animal — um felino gigante, talvez um jaguar.

O Dr. Zink observa que as pedras duras da parede são diferentes das pedras de praia comuns que, "sob certas condições, se formam rapidamente, conforme pode ser evidenciado por garrafas de cerveja encontradas solidamente presas no interior delas". Essas garrafas são, é claro, consideravelmente mais recentes que outros restos de vidro no leito marinho, como por exemplo, as garrafas de rum encontradas na cidade submersa de Port Royal, que num breve instante submergiu até onde se encontra agora, levando junto seus habitantes consumidores dessa bebida.

Uma expedição dirigida em 1982 por Herbert Sawinski, explorador, mergulhador e presidente do Museu de Ciência e Arqueologia de Fort Lauderdale, investigou outra parte menos conhecida do Triângulo das Bermudas: os bancos submersos com afloramentos de terra em vários locais entre 25° 50' a 23° 30' N e 80° 30' a 79° 40' O. Extensas calçadas de pedra foram localizadas e fotografadas a uma profundidade de 7,6m, assim como outros muros separados com vestígios de uma calçada que corria ao longo do topo. O muro principal continua por uns 400 metros mar adentro, onde desaparece subitamente numa profundidade de 750 metros.

Parte desse muro, ou estrada elevada, bifurca-se perto da praia e continua sob a água, seguindo em parte a linha costeira do que resta atualmente daquilo que outrora foi uma grande ilha, agora submersa no oceano. Em outro ponto sobre esse planalto submarino, os mergulhadores seguiram por uma passagem sob

pedras submersas e descobriram uma pedreira afundada repleta de blocos de pedras de forma definida. Tentativas de fotografar a pedreira falharam devido às violentas ondas da superfície, à baixa visibilidade e às fortes correntes submarinas.

Todo o planalto submarino onde existem as ruínas dessas edificações tem por volta de 96.500 metros de cada lado de um triângulo desajeitado entre os estreitos da Flórida e os canais S. Nicolau e Santarém. Esse planalto aflora à superfície apenas ao redor de suas extremidades, estabelecendo, *grosso modo,* os limites do que foi um dia uma grande ilha, talvez comportando muitos habitantes. Embora não haja água doce na estreita faixa de terra, existem várias fontes de água doce no oceano, exatamente como nos Açores.

Dentro dessa área existem diversos e estranhos buracos azuis — não propriamente cavernas em paredões submarinos de pedra calcárea, mas buracos circulares de 800 metros de diâmetro que descem em linha reta até a profundidade de 305 metros, embora o fundo marinho ao redor de tais buracos só alcance a profundidade de alguns metros. Esses buracos no oceano podem ser comparados em forma com os *cenotes,* os enormes poços descobertos de Chichen Itza, nos quais os maias costumavam atirar jade, ouro e virgens como sacrifícios aos deuses.

Foi exatamente nessa área que pescadores e pilotos deram origem a notícias sobre uma grande pirâmide, ou várias, ao largo dos bancos das Baamas, elevando-se do leito oceânico. Noticiou-se em 1977 que, a sudoeste do banco Sal, a sonda acústica de um barco teria captado os contornos de imensa pirâmide durante uma expedição de pesca submarina. Desde então fez-se grande número de sondagens e mergulhos, ainda com resultados inconclusos, na mesma formação piramidal ou outras semelhantes, localizadas nas águas profundas dessa região. Eugene Shinn, geólogo do Departamento Geológico dos Estados Unidos, foi citado pela imprensa como tendo declarado que uma "pirâmide" perto do banco Sal é uma formação natural, apesar de

seu perfil piramidal. Alguns mergulhadores declaram ter notado divisões ou rachaduras naturais ao longo do lado de uma pirâmide submarina, o que seria explicável caso a referida pirâmide fosse composta de grandes blocos de pedra. O assunto tornou-se ainda mais complicado diante da probabilidade da existência de mais de uma formação piramidal em toda a área, assim como há vários — entre 50 e 60 — e inexplicáveis muros, estradas e círculos de pedra por toda a região do Caribe e das Baamas, no Atlântico ocidental.

Em 1978, Ari Marshall, industrial grego interessado na velha lenda da Atlântida, organizou uma expedição para encontrar a pretensa pirâmide nas proximidades do banco Sal. Essa expedição realmente filmou em circuito fechado de televisão, no comprimento total, uma formação piramidal ao longo do banco Sal a uma profundidade de mais de 280 metros. Ari Marshall lembra alguns detalhes:

A primeira coisa que vimos ao nos aproximarmos da área foi que todas as bússolas se desgovernaram. Passamos oito horas gravando em vídeo-teipe, começando a uma profundidade de 213 metros até atingir 457 metros. Seguimos depois durante uma milha, depois demos uma volta de 90 graus e retornamos. Finalmente eu a vi aparecer na tela do sonar. Disse ao capitão que parasse as máquinas e, então, prosseguisse lentamente. Estávamos bem acima da pirâmide. O topo parecia estar cerca de 45 metros a partir da superfície, sendo a profundidade total cerca de 200 metros. Baixamos a câmara e as luzes de alta intensidade abaixo do lado da massa e, de repente, demos com uma abertura. Lampejos de luz ou brilhantes objetos brancos estavam sendo varridos para dentro da abertura pela turbulência. Pode ser que se tratasse de gás ou de alguma espécie de cristais energéticos. Mais abaixo, o mesmo ocorreu no sentido contrário: eles saíam a um nível mais baixo. O surpreendente nessa profundidade era a água ser verde e não negra próximo da pirâmide, mesmo à noite.

Os mergulhadores não desceram à profundidade de 105 metros ou mais nessa expedição. O vídeo-teipe obtido não foi concludente por causa do campo limitado das lentes do vídeo. Embora a "pirâmide" parecesse revelar um muro inclinado, não era evidente se o mesmo era ou não de pedra. Mas a inesperada fotografia dos grandes buracos no lado do maciço objeto, através dos quais passavam partículas brilhantes e aparentemente carregadas de eletricidade, é um surpreendente indício das muitas anomalias eletrônicas geralmente detectadas no Triângulo das Bermudas.

É claro que haveria profundidade mais que suficiente para conter uma grande pirâmide no profundo oceano ao largo do banco Sal e, considerando-se as ruínas de calçadas, muros e estradas de pedras já evidentes em várias partes da área das Baamas, a construção de pirâmides ou templos piramidais seria lógica, assim como foi em Iucatã, relativamente perto, na Mesopotâmia e no Egito.

Uma pirâmide submarina seria difícil de mapear, em parte por causa do mutável fundo do mar e em parte por causa da pequena área do topo. Os mapas da Marinha americana, assim como os do Almirantado britânico, mostram o que talvez seja uma montanha marinha ou uma pirâmide feita pelo homem nas coordenadas 23° 26' N e 79° 43' O ao largo do banco em 504 metros de água que se eleva repentinamente à baixa profundidade de uns 13 metros. Mas outra elevação repentina só aparece nos mapas do almirantado inglês nas coordenadas 23° 34' N e 80° O numa profundidade de 540 metros que se eleva a 11 metros. Na profundidade de 540 metros, é compreensível a possibilidade de haver grandes objetos no fundo que poderiam ter escapado a uma observação anterior a menos que estivessem sendo especificamente procurados.

Medições mais exatas no solo oceânico acabarão estabelecendo se essas elevações são montanhas marinhas ou

pirâmides feitas pelo homem. Vários anos atrás, um submarino norte-americano colidiu de repente num obstáculo subaquático em local próximo a essa área, embora não houvesse montanhas marinhas ou algum barco naufragado indicado nas cartas. Não houve avarias, visto que o submarino estava equipado para quebrar o gelo ártico, e, após a colisão com o que talvez fosse um monumento de 12 mil anos, ele seguiu seu curso.

Vislumbres das pirâmides submarinas têm algumas vezes sido comunicados por pessoas que sobrevoam ou mesmo visitam certas áreas do Triângulo das Bermudas por ocasião de excepcional turbulência marítima. Tal turbulência pode advir de vagas subaquáticas, maremotos, furacões localizados, erosão da camada superior do fundo do mar por ação de tempestades ou mudanças de maré provocadas por ondas *seiche,** originadas, talvez, bem distante do local e que, subitamente, arrastam a água para longe da terra e, depois, encapelam-se perto das ilhas, ou por outras ocorrências endêmicas ao Triângulo que ainda não compreendemos.

*Oscilação repentina e ocasional da água de um lago, baía, estuário etc, causando flutuação do nível da água, e provocada por vento, terremotos, alterações na pressão atmosférica etc. (N. da E.)

Uma mudança no nível do mar que revelou surpreendente visão do fundo foi presenciada por Ed Wilson, ex-candidato a prefeito de Orlando, na Flórida, a 7 de junho de 1978. Pilotando um Waco aberto com um motor Continental equipado para vôos de 12 horas, ele procurava tesouros marinhos no fundo do baixio.

Eu estava cerca de 73 milhas a noroeste de Miami, voando cerca de 75 metros acima do nível do mar, quando fui atingido por uma sibilante e violenta corrente de ar ascendente que abalou o avião. Fiz o aparelho subir para cerca de 300 metros. Ora, já fui atingido por correntes ascendentes e descendentes, mas nada semelhante a isso. Depois de voltar para a altitude mais ou menos normal, notei que a água havia se tornado brilhante e

prateada. Reparei em algo grande sob a água e pensei ser um navio afundado. Aquilo não estava muito longe da superfície. Alguma coisa fazia a água correr por ela a grande velocidade, encapelando-a e formando um profundo canal. O oceano parecia estar se abrindo. Nesse momento, eu estava voando mais baixo sobre uma espécie de canal na água com os dois lados dele encostando nas pontas das asas.

De repente percebi que o que estava olhando não era de modo algum um navio mas uma imensa edificação bem fundo na água. Essa parecia ficar mais rasa ao seu redor. Eu podia ver um lado inclinado da edificação que parecia uma montanha. Eu estava cerca de 15 metros abaixo da superfície e pude vê-la na água. Contornei-a mais ou menos por um minuto e meio. Dava até para ver cracas por cima dela e a água correndo por seu topo. De meu ângulo e de minha posição, podia ver claramente que se tratava de uma construção gigantesca. O sol brilhava de tal maneira que, graças a seus raios, eu conseguia distinguir perfeitamente bem a enorme edificação sob a água. Pensei ver outras a seu redor, mas não muito bem. O que eu via mesmo deveria ter uns 30 a 45 metros de altura, segundo meus cálculos.

Comecei a me preparar para obter as indicações do local quando, nesse claro dia, outra coisa estranha ocorreu: todos os instrumentos magnéticos acusavam zero. Então uma estranha coloração me envolveu todo. A uns 180 metros acima da água, no ar, aquela forte coloração carmesim simplesmente me desconcertou!

O motor Continental de 240 H.P. tornou-se a mais louca máquina que já dirigi. Parou de vez, apesar de toda a minha luta com o afogador e as bombas injetoras de gasolina. Então o avião planou bem suavemente uns três quilômetros e tanto. E, de repente, o motor simplesmente pegou por si mesmo. Eu não podia baixar mais porque já estava praticamente em cima da água. Foi quando percebi que alguma força estava impelindo o aparelho rumo oeste.

Ora, depois de tudo isso, consegui por fim voltar ao aeroporto berrando pelo meu Bendix apesar de não obter resposta em nenhuma faixa de freqüência. Após aterrissar e ter feito a verificação no equipamento de radiocomunicação, verifiquei que todos os equipamentos tinham queimado devido a um curto provocado por algum choque de corrente eletrônica de alta freqüência. A explicação que me deram foi de que talvez eu tivesse penetrado num cinturão magnético ou coisa parecida.

Nestes últimos anos, voltei lá várias vezes, mas nunca mais vi aquilo. Alguns detestáveis conterrâneos caçoam de minha história. Mas sei que tenho razão. Vocês alcançaram com o sonar a mesma coisa de que falei exatamente na mesma região.

Uma experiência de mergulho nas águas das Baamas narrada pelo Dr. Ray Brown, mergulhador e conferencista de Mesa, no Arizona, demonstra como o fundo do mar pode mudar em conseqüência de violenta tempestade. Dentro do Triângulo das Bermudas, uma tempestade assim pode, às vezes, revelar ruínas por curto lapso de tempo antes que sejam novamente enterradas sob o solo oceânico.

O Dr. Brown, que conhecia bem as ilhas Berry das Baamas, onde estivera anteriormente procurando galeras espanholas, voltou àquele lugar em 1970. Ele detalhou sua experiência numa entrevista com o autor.

Quando voltamos ao local onde tínhamos estado antes procurando galeões afundados, fomos surpreendidos por violenta borrasca. Ondas de dois a dois metros e meio nos assolaram, ocasionando a perda da maior parte de nosso equipamento.

Na manhã seguinte, vimos que as bússolas estavam girando e os magnômetros não estavam fornecendo informações. Afastamo-nos ao largo da parte noroeste da ilha. Estava muito escuro, mas, de repente, pudemos ver perfis de edificações submersas. Parecia uma grande área exposta de uma cidade

submersa. Éramos cinco mergulhadores e nos atiramos na água mergulhando fundo para descobrir do que se tratava.

Enquanto nadávamos, a água foi ficando mais clara. Eu estava perto do fundo, a 40 metros, tentando acompanhar um mergulhador à minha frente. Voltei-me em direção ao sol e, através da água escura, divisei a forma de uma pirâmide brilhando como um espelho. A cerca de 10 ou 12 metros do topo, havia uma abertura. Relutei a princípio, mas acabei entrando. A abertura era como um poço que abria para um aposento interno. Vi algo brilhando. Era um cristal sustentado por duas mãos metálicas. Eu estava de luvas e tentei arrancá-lo, o que consegui. Mas, assim que o agarrei, percebi que estava na hora de sair e não mais voltar.

Não sou a única pessoa que viu essas ruínas — outros as viram de aviões e dizem que elas têm oito quilômetros de largura, com extensão um pouco maior.

Não se puderam obter relatórios dos outros mergulhadores que estiveram com o Dr. Brown, de vez que três deles morreram ou desapareceram ao mergulharem no Triângulo das Bermudas. O Dr. Brown ainda tem o cristal, que às vezes apresenta em suas conferências. Dentro do cristal redondo, pode-se ver uma série de formas piramidais. Quando alguém segura o cristal, sente na mão algo como que uma pulsação — seja por auto-sugestão ou por alguma qualidade inerente ao objeto.

O Dr. Brown não emite qualquer opinião quanto à identidade do local que visitou, exceto por afirmar que se trata de uma pirâmide submersa cercada de edificações em ruínas. Ele acredita que a pirâmide e as outras edificações se estendam bem abaixo do solo oceânico, com apenas as partes superiores visíveis. Brown não revela as coordenadas da pirâmide que, se localizada perto das ilhas Berry, não é definitivamente a mesma procurada pela expedição de Ari Marshall. Mergulhadores e capitães de pequenas embarcações que viram ruínas submersas

mostram-se naturalmente pouco inclinados a facilitar a localização de suas descobertas. Isso se aplica também à localização de navios com tesouros, onde grupos rivais de mergulhadores têm travado entre si combates sob as águas, na melhor tradição de James Bond.

Se a pirâmide não voltou a submergir sob o solo oceânico, deveria poder ser vista do ar em condições ideais de visibilidade, já que o topo da mesma estaria a 14 metros da superfície. Conquanto futuros mergulhadores não possam provavelmente esperar recuperar cristais de canais interiores, a recompensa por encontrar uma obra arquitetônica como a pirâmide já seria o bastante.

Os mergulhadores que procuram tesouros representam um perigo para os sítios de valor arqueológico e para os objetos encontrados sob o mar, assim como gerações de caçadores de tesouros em terra comprometeram ruínas soterradas de antigas cidades, carregando peças para serem vendidas a museus e coleções particulares. Alguns desses mergulhadores têm sugerido que certas ruínas no Triângulo sejam dinamitadas para que se descubra o que existe por baixo. Por essa razão, mergulhadores e exploradores arqueológicos submarinos deveriam usar de cautela em suas pesquisas, verificando a recuperação de peças junto aos governos que controlam as águas visitadas. Os americanos são aconselhados a se manterem a 26 milhas da costa de Cuba, apesar das cidades submersas que ali dizem existir, ainda não exploradas, pois nunca ocorreu a ninguém, até bem pouco tempo atrás, que talvez uma parte importante do antigo mundo civilizado (colônias ou mesmo partes da Atlântida) pudesse ser encontrada sob o Atlântico e o mar das Caraíbas.

Pode não ser mais que mera coincidência o fato de a área em que ocorreu a maioria das descobertas submarinas do Atlântico ocidental estar dentro do Triângulo das Bermudas — uma parte do Atlântico mais ou menos localizada entre as Bermudas, o Sul

da Flórida e um ponto além das Antilhas na longitude 60° Oeste —, onde centenas de navios e aviões, com respectivas tripulações e passageiros, desapareceram sem deixar vestígios nos últimos 50 anos e, antes disso, desde que a região foi pela primeira vez cruzada por navios de comércio costeiro ou transatlânticos de recreio. Embora a incidência de desaparecimentos seja relativamente pequena em comparação com o número de vôos e passeios de barco diários por todo o Triângulo, a indagação sobre a causa de tais desaparecimentos e o que acontece com as vítimas ainda permanece sem resposta.

Nos tempos modernos, desde que o fenômeno passou a ser investigado mais de perto, as últimas mensagens de navios e aviões, assim como os relatórios de embarcações que se encontraram em condições estranhas nessa zona de perigo, conseguindo afinal escapar, acabaram por formar um quadro mais nítido do que poderia ter acontecido em diversos casos de desaparecimentos insolúveis, e de alguns com sobreviventes. Certos indícios são comuns a todos: bússolas descontroladas, repentina falta de força, mau funcionamento do equipamento de navegação, pane no radar indicador de vôo, falha eletrônica, incapacidade de controle da altitude de aviões, ligeiras anomalias vistas à noite no ar e abaixo da superfície do mar, repentino aparecimento de envolvente — às vezes, brilhante — névoa acima de uma pequena área ao nível do mar, ou de uma nuvem no céu (testemunhas, por vezes às centenas, viram aviões desaparecerem em meio a tais fenômenos, não mais retornando), tensão nos metais e nas partes de madeira de aviões e embarcações, e forte atração magnética puxando aviões e embarcações de superfície para o mar e abaixo dele. Essas ocorrências relatadas não parecem estar ligadas a repentinas tempestades, mas sim relacionadas com forças eletromagnéticas ou tensões que emanam do próprio mar. De acordo com os relatórios, essas forças, em certas ocasiões, chegaram a afetar a mente de pessoas que atravessavam a área, fazendo com que

tivessem visões ou mudassem de procedimento, daí resultando perigo ou morte para elas próprias ou para os outros.



Comparação entre as elevações e abismos no fundo do mar, na parte ocidental da área, geralmente conhecida pelo nome não-oficial de Triângulo das Bermudas. Essa área caracteriza-se pelo clima estranho e pelos fenômenos marítimos; pelo comportamento irregular das bússolas, e dos aparelhos de direção e comunicação de navios e aviões que por ali passam. É notável, sobretudo, pelo desaparecimento misterioso de navios e aviões, com seus passageiros. Flórida, Cuba e outras grandes massas terrestres são indicadas em branco, e as ilhas menores, em preto. Outras áreas brancas contíguas à terra eram áreas terrestres há cerca de 12 mil anos. A escala vertical da subida das águas foi acentuada, para a apresentação diagramática. O leito do mar no Triângulo apresenta grandes variações, indo de profundezas abissais a extensos bancos rasos que cobrem milhares de quilômetros quadrados, de sistemas de cavernas submersas até o Sargaço cheio de algas, um "mar" no meio do oceano.

Uma teoria recente sugere uma explicação insólita para o desaparecimento de aviões e navios no Triângulo das Bermudas: aberturas ou rupturas dentro de montículos de gás nas planícies abissais e nas plataformas continentais do Triângulo, onde sedimentos quase congelados, contendo gás na forma de camadas de hidrato, fazem grandes nuvens de gás hidrocarbônico emanarem dessas rupturas. Quando esse gás atinge a superfície, vira bolhas de espuma, diminuindo a concentração de água e fazendo com que os navios baixem e afundem. Os aviões, no caso de voarem a baixa altitude, encontrariam repentinos vácuos de gás que interfeririam com o motor e o funcionamento do avião, fazendo o piloto perder o senso de orientação. Essa teoria, englobando o mistério do desaparecimento de navios e de aviões em vôo baixo, também enfatiza as constantes mudanças e tensões do solo marinho, que podem ter causado ou sido o resultado da catástrofe que atingiu a Atlântida. Pode-se especular que a razão para o desaparecimento da Atlântida seja finalmente encontrada nos abismos, valões e declives continentais do solo oceânico no Triângulo das Bermudas.

Foi também especulado por alguns pesquisadores que um formidável bólido magnético que atingiu a Terra no último milênio pode ainda estar no fundo do Triângulo e ser a causa de anomalias magnéticas e de comunicação. Egerton Sykes, famoso pesquisador britânico da Atlântida, acha que tão gigantesco asteróide que tenha caído no mar talvez seja reconhecido nos registros e lendas de povos de ambos os lados do Atlântico, especialmente os maias, os mais próximos da área, que se referiram no *Popul Vuh* a uma catástrofe semelhante. Sykes observa: "Não é freqüente esse tipo de colisão. Mas ocorreu muitas vezes no passado. Talvez o Triângulo das Bermudas devesse ser chamado a Cratera das Bermudas. Um meteoro maciço, mergulhando 16 a 19 quilômetros sob a superfície da Terra, poderia, através dos anos, estar causando tais anomalias."

Há lendas sobre extraordinários poderes e magia (ou tecnologia) desenvolvidos por antigas civilizações tidas como verdadeiramente existentes antes da era histórica por tribos antigas e primitivas e por alguns historiadores modernos. Os hopi, os maias e outros povos ameríndios falam de uma guerra aérea, da destruição de grandes cidades em explosões, de continentes afundados e do recomeço da vida civilizada depois de catástrofes. Livros sobre a antiga índia, transcritos de lendas revividas através de milhares de anos, descrevem foguetes e a destruição de exércitos inteiros num só resplandecente átimo cósmico, em termos que, após 1945, são perfeitamente compreensíveis ao leitor moderno. No campo psíquico, Edgar Cayce, o "profeta adormecido", refere-se em suas leituras mediúnicas ao uso e abuso de grandes fontes de energia pelos primitivos atlantes. Durante suas leituras de vidas e experiências passadas de pessoas em transe, Cayce falou do desenvolvimento, na Atlântida, de cristais como fontes de poder e destruição. Descreveu em linguagem não-científica e perfeitamente compreensível os trabalhos do laser e do *maser* — a imensa energia de luz controlada — muitos anos antes de o laser se tornar realidade ou mesmo teoria expressa.

A partir desse pano de fundo de lenda histórica e fenômenos psíquicos até agora inexplicáveis, desenvolveu-se uma teoria que sugere que as estranhas ocorrências no Triângulo das Bermudas possam ser ocasionadas por antigas fontes de força preservadas dentro de pirâmides ou outras edificações, ainda parcialmente operando, de maneira intermitente, com suficiente força eletromagnética, ou outra forma de energia, para alterar a operação de navios e aviões que, milhares de anos depois, passem acima de suas posições.

Mensurações magnéticas controladas sobre a região, e explorações submarinas, especialmente nas profundezas ao largo dos bancos das Baamas, talvez pudessem estabelecer se os navios de superfície e aviões modernos ainda estão sendo

influenciados por instrumentos científicos de uma antiga civilização perdida, de uma época em que acreditamos não ter existido a ciência tal qual a conhecemos.

Mas, na medida em que nossa própria tecnologia científica se desenvolveu, tornamo-nos capazes de examinar partes inexploradas da Terra, a partir tanto do espaço quanto do ar, de medir e mapear os mares e oceanos do mundo através de aperfeiçoadas fotografias a grande profundidade, varreduras laterais com o sonar e DSRVs *(deep submerged research vessels,* navios de pesquisa de grande profundidade). Podemos hoje determinar com razoável precisão, através de uma série de técnicas de datação, a idade de artefatos encontrados, assim como chegar a uma melhor compreensão de seu provável emprego — o que nem sempre acontecia anteriormente.

No momento em que nos encontramos no limiar da exploração cósmica, de certa forma aturdidos com nosso próprio potencial tecnológico de autodestruição, estamos também começando a reavaliar a extensão e o desenvolvimento de uma antiga civilização num mundo do passado, onde as regiões de terra e de água deveriam ser consideravelmente diferentes daquelas em que vivemos hoje em dia.

9
DOS CÉUS E DO ESPAÇO, INESPERADAS DESCOBERTAS

Já se disse algumas vezes que a Muralha da China seria a única estrutura feita pelo homem na Terra com possibilidade de ser vista da Lua. Ainda não se tentou fotografá-la de lá, pois os visitantes temporários da Lua têm andado ocupados com outras coisas. Não obstante, outras fotografias da Terra feitas do espaço a distâncias consideravelmente mais próximas pelos ERTS *(Earth research technical satellites,* satélites de pesquisa técnica da Terra) poderiam ter fixado em filme, completamente por acaso, antigas edificações terrestres perdidas durante milhares de anos.

Os satélites ERTS são lançados pela NASA e destinados a fotografar, para fins de pesquisa, a topografia, os recursos, os potenciais agrícolas e a cobertura de floresta e água do planeta. As informações assim obtidas estão ao alcance de todas as nações. Os vários satélites têm órbitas fixas, mas ampla cobertura fotográfica, de vez que a Terra gira abaixo dos mesmos, oferecendo constantemente novas áreas para seus campos de observação. Esses satélites possuem diferentes faixas que são usadas para as mesmas fotos e, quando misturadas, auxiliam na interpretação das informações recebidas.

Em suas trajetórias acima de florestas, desertos e áreas geladas de difícil acesso do mundo, esses satélites, dependendo da ausência de nuvens, poderiam revelar indicações anteriormente insuspeitadas de locais e estruturas muito antigas. Na verdade, alguns já podem ter feito isso. Locais antiqüíssimos ainda não descobertos devem existir, relativamente imperturbados, apenas no coração das florestas, ou abaixo do fundo do mar, ou sob a calota polar. Caso contrário, durante todos estes milhares de anos, a maioria teria sido destruída ou

incorporada a outras estruturas construídas acima deles. Ou eles poderiam ser tão grandes que seriam considerados montanhas naturais e reconhecidos como edificações apenas quando seus formatos ou alinhamentos uniformes fossem vistos de posição bastante afastada para oferecer uma perspectiva útil.

A 30 de dezembro de 1975, o *Landsat II,* um satélite ERTS, tirou, no seu curso normal de atividades, uma série de fotografias a cerca de 13° S de latitude e 71° 30' O de longitude, por sobre as selvas do Sudeste do Peru, a uma distância de 880 a 930 quilômetros no espaço. Uma das fotografias mostrava uma série de oito "pontos" inexplicáveis, que mais tarde pareceram protuberâncias sombreadas, alinhadas em duas fileiras dispostas em linhas retas, estruturas e fileiras eqüidistantes entre si. Quando esse curioso alinhamento foi examinado, aventou-se que, por causa da área sombreada das elevações geometricamente regulares, não se tratava de elevações, e sim de lagoas — um rio é mostrado perto —, mas nas fotos infravermelhas elas aparecem brancas como montanhas, sinal de que eram feitas de pedra. Estavam todas bem no interior das selvas, a quilômetros de uma montanha rochosa próxima que assinala a extremidade do altiplano andino. Os cálculos feitos pelo Instituto Andino de Arqueologia de Lima avaliaram, a partir das fotografias do *Landsat,* que cada ponto representava uma estrutura apenas um pouco menor em altura que a Grande Pirâmide de Gizé, no Egito.

Realizaram-se investigações mais minuciosas sobre essa série de oito estruturas através de aviões de vôo baixo. Observou-se que elas pareciam pirâmides cobertas de árvores, e não oito, mas 12, uma vez que quatro outras menores, também dispostas em duas fileiras, não apareciam nas fotos do *Landsat.* Foram feitas diversas tentativas para se chegar à região por terra, mas isso se tornou complicado diante das difíceis condições da selva, que resultaram na morte e no desaparecimento de alguns dos exploradores. Entre tais dificuldades podemos citar cobras

venenosas, insetos e índios particularmente hostis, que resistem aos intrusos com silenciosas zarabatanas ou longas flechas e que acreditam ser a área uma cidade sagrada dos "antigos".

Diversos exploradores americanos, incluindo Herb Sawinski e Phillip Miller, ambos de Fort Lauderdale, na Flórida, sobrevoaram as "pirâmides" em pequenos aviões e tiraram fotografias delas. Sawinski, que as sobrevoou a 60 metros de altitude, comenta a respeito de sua forma ou construção regular:

Parecem estruturas cobertas de vegetação. São alinhadas simetricamente entre si. Várias apresentam um desgaste próximo do topo, que indicaria terem sido feitas, ou melhor, erigidas pelo homem. A diferença na cor da vegetação mostra que são feitas de material diferente do encontrado no solo das florestas circunvizinhas.

Há duas outras enormes formações retangulares atualmente cobertas de árvores e duas semicirculares, não tão altas quanto as pirâmides. Elas estão localizadas ao sul, mas fazem parte do complexo. Há também altas cristas semicirculares em cada extremidade do complexo que talvez sejam muros.

O senhor acha que sejam realmente pirâmides?

Certamente é o que parece. Mandamos um pedido ao Instituto Ambiental de Michigan e lá sugeriram que as pirâmides talvez fossem cristas truncadas, como o Devil's Backbone do Colorado. Mas isso não explicaria as outras estruturas. Acho possível que todo o complexo seja as ruínas de uma antiga cidade construída por algum povo milhares de anos antes dos incas.

A possibilidade da existência de pirâmides de pedra suficientemente grandes para serem vistas do espaço e localizadas em plena região de densa floresta do Peru oriental, lembra a firme crença do coronel P.H. Fawcett — que lhe custou a própria vida — de que grandes cidades de pedra existiram outrora na que é hoje a região florestal mais densa da América

do Sul *(Lost Trails, Lost Cities,* 1953). Segundo o coronel, essas cidades precederam a cultura incaica da costa oriental e seus construtores vieram originalmente do leste, refugiados de terras que tinham submergido no mar.

Fawcett, coronel do exército britânico que devotou anos à exploração e reconhecimento de limites no centro amplamente inexplorado da floresta sul-americana, acreditava que essas grandes cidades tivessem milhares de anos e que "a ligação da Atlântida com regiões do que hoje é o Brasil... propicia explicações para muitos problemas que, de outra forma, são mistérios insolúveis".

A presença de povos não-indígenas na América Central e do Sul foi estabelecida em épocas anteriores por membros de expedições espanholas e portuguesas, que descreveram encontros com tribos de homens brancos (uma delas vivendo numa cidade chamada Atlán), e também de negros guerreiros. Em suas próprias expedições, Fawcett ouviu de diversas tribos que homens brancos, muitas gerações atrás, haviam construído grandes cidades que ainda existiriam nas profundas florestas úmidas e que suas altas casas de pedras e ruas do mesmo material eram ainda iluminadas à noite por uma fixa e brilhante luminescências de origem desconhecida. Alguns índios disseram-lhe que existia um grande tesouro nessas remotas cidades (subterfúgio muito útil às vezes empregado pelos índios para persuadir os brancos a saírem da região atrás de outros lugares, o mais distante possível de sua aldeia).

Outros índios informaram a Fawcett que algumas das cidades em ruínas eram ainda habitadas por descendentes dos construtores originais, e que certas tribos indígenas selvagens formavam uma barreira protetora contra os intrusos. O coronel Fawcett, procurando anos a fio essas cidades misteriosas, encontrou casualmente sobreviventes de expedições que buscavam tesouros e cujos membros haviam morrido ou desaparecido nas selvas. O próprio Fawcett desapareceu também

na selva amazônica, perto do rio Xingu, em 1925.

Suas palavras antes da derradeira e fatal expedição poderiam servir-lhe de epitáfio:

Quer consigamos atravessar a selva e retornar, quer deixemos nossos ossos apodrecerem lá dentro, uma coisa é certa: a resposta ao enigma da primitiva América do Sul — e talvez do mundo pré-histórico — pode ser encontrada quando aquelas cidades forem abertas à pesquisa científica. Que as cidades existem, isso eu sei.

Se tais cidades existem na bacia Amazônica, elas poderão ser algum dia descobertas por intermédio de fotografias dos satélites, embora a floresta úmida da América do Sul seja tão densa que freqüentemente a designam pela expressão "o mar verde", e seja muitas vezes protegida da observação pela cobertura de nuvens sobre grande parte de sua área. Novas técnicas de fotografia, contudo, iniciadas em locais tão díspares como o planeta Vênus e a Guatemala, talvez venham a solucionar esse problema.

Um permanente mistério do Novo Mundo pré-colombiano relaciona-se com a densidade demográfica das antigas terras maias existentes sob as florestas da América Central. É muito difícil avaliar a enorme população que teria sido necessária para construir as grandes cidades-templos dos maias, com seus supostos métodos agrícolas — isto é, desbastar e queimar a folhagem da selva, plantar e colher uma safra e, em seguida, mudar-se para outra área, como ainda é feito por seus descendentes. Antigos relatórios sobre remotas e muito grandes concentrações populacionais, conforme o padre missionário Bartolomeu de Las Casas apresentou ao rei após a conquista espanhola, num esforço no sentido de proteger os índios do genocídio, foram em geral considerados então, e até agora, extremamente exagerados.

Quando se sobrevoam as terras maias, normalmente se vê apenas uma cobertura de árvores. Recentemente, porém, um novo tipo de radar — radar de abertura sintética — desenvolvido pela NASA para uso na penetração das nuvens de Vênus durante a viagem exploratória da *Pioneer,* e para outros usos de natureza militar, foi também empregado sobre as selvas da Guatemala e de Belize, em 1977, durante um levantamento geodésico. Estudos contínuos de fotografias revelaram a presença evidente de extenso sistema de canais sob a cobertura da floresta. Verificações subseqüentes realizadas por uma expedição terrestre sob a direção do Dr. T. Culburt, da Universidade do Arizona, e do Dr. E. Adams, da Universidade do Texas, mostraram que os maias possuíam avançado sistema de irrigação e drenagem que lhes permitia a crescente obtenção de colheitas suficientes para alimentar os milhões de habitantes de suas grandes cidades e colônias circunvizinhas.

Muitas das civilizações primitivas do mundo desenvolveram-se em torno de sistemas de irrigação ligados a rios, a partir dos quais cresceram as grandes cidades antigas, com muralhas, pirâmides e altos templos construídos em pedra, ou pirâmides de tijolos com patamares em degraus. Essas civilizações partilhavam uma dedicação comum à astronomia — várias torres e estruturas piramidais eram usadas como observatórios — e desenvolveram sofisticado conhecimento das estrelas, dos planetas e da aferição do tempo que, com o correr dos séculos, se perdeu.

A medida que essas culturas e seus sistemas de irrigação foram sendo destruídos por guerras e outras catástrofes, a maioria delas desapareceu, embora deixando vestígios cada vez mais identificáveis através de observação aérea sobre os desertos, sob o mar e florestas adentro.

Uma cultura com pirâmides e sistemas de irrigação semelhantes parece seguir um caminho bem regular através do mundo: do México central e Iucatã até a África do Norte e o

Egito; o Crescente Fértil do Oriente Médio, o Irã e o subcontinente indiano. Essas regiões localizavam-se, em geral, numa linha ao longo da latitude de 30° N, área freqüentemente chamada de "cinto de pirâmides" da Terra. Esse cinto envolvente de pirâmides, ao longo do qual a civilização, onde quer que esta tenha primeiro surgido, parece ter caminhado para leste e oeste e somente mais tarde para o norte e para o sul, antes de retomar seu caminho, "salta" o oceano Atlântico.

Mas, no passado, talvez não tenha ocorrido isso. Tenha-se em mente que a ilha continental no Atlântico, conforme descrita por Platão e outros, se caracterizava por imenso sistema circular de irrigação e grandes cidades de elevadas torres de onde se podiam observar os planetas e as estrelas. Além do mais, a hipotética localização da Atlântida, hoje teoricamente descrita como um enorme planalto submarino e uma série de cordilheiras submersas, também é atravessada pela latitude 30° N, correndo através do seu centro aproximado.

Antiqüíssimas lendas egípcias acerca de terras extensas e bem irrigadas, hoje desérticas, a centenas de quilômetros a oeste do Nilo, estendendo-se bem além, a penetrar nos áridos desertos do Sudão e, mais longe, para o oeste, até a Líbia, ganharam confirmação incomum a partir de fotografias de radar tiradas recentemente pela nave espacial *Columbia.*

Em novembro de 1981, o radar da espaçonave *Columbia* esquadrinhou o Sudão e o Sudoeste do Egito a uma altitude de 200km, cobrindo uma extensão de cerca de 50km. Esse exame foi mais tarde aperfeiçoado por técnicas de computação e apresentou surpreendentes resultados. Enquanto as fotografias comuns mostravam o deserto normal, as do radar acusavam a presença de leitos de rios enterrados, alguns tão grandes quanto o Nilo, mas com indícios de terem fluído para o sul e o oeste. Todos esses rios mostravam sinais de vários tributários e riachos, o que significa que mil anos antes essa extensa área teria contido florestas e pastos para animais e, caso o homem existisse, terras

de cultivo propiciando um desenvolvimento agrícola e social organizado.

John McCauley, do Departamento Geológico dos Estados Unidos, após examinar as fotografias do radar, sugeriu que "é possível que [os rios] desaguassem todos numa enorme bacia de drenagem interior, tão grande como é atualmente o mar Cáspio". Ao comentar o uso da técnica empregada, ele declarou: "Fomos capazes de perceber isso, usando o radar como uma máquina do tempo."

Essa descoberta é ainda mais um indício das importantes mudanças na terra, no mar e no clima que ocorreram em milênios comparativamente recentes. Avalia-se que a última vez que essa região do Saara, incluindo partes da Líbia, do Chade, do Sudão, do Egito e muito provavelmente da Tunísia e da Argélia, teve chuva e água suficientes para abastecer populações humanas e animais foi cerca de 10 mil anos atrás. Tal fato coincidiu com o período dos primórdios da civilização egípcia, que, segundo as lendas herdadas pelos coptas, foi trazida à região por deuses das terras do Ocidente.

Entalhadas nas montanhas Tassili da Argélia, atualmente região totalmente árida, existem representações de homens e animais vivendo numa terra amena, cheia de florestas, planícies e rios. Muitos desses desenhos são exemplos de uma arte avançada e requintada, geralmente desfigurados ou riscados em cima por artistas posteriores, mais primitivos, como se aqueles que tivessem feito originariamente as pinturas não mais existissem.

Essas representações pictóricas de como era o deserto primitivamente foram descobertas por oficiais franceses no século XX, embora nunca se pudesse compreender como a terra pôde ter sido tão fértil e produtiva, até que a nave espacial *Columbia* redescobriu os primitivos leitos de rios, invisíveis a observadores em terra ou no ar.

Mas, em diferentes pontos abaixo do solo do Saara, alguns

desses rios subterrâneos talvez ainda estejam fluindo. Existe até, entre os tuaregues, um grupo especializado de marabus do deserto (homens sagrados islamitas) chamados "os homens da sabedoria da água", a quem se legou o conhecimento dos percursos que esses rios subterrâneos ainda seguem. Esses descobridores de água têm a fama de serem capazes de localizar água nas partes mais áridas do deserto, talento herdado ou desenvolvido a partir de origens perdidas na remota Antigüidade.

O desaparecimento dos rios do deserto do Saara a oeste do Nilo e a aridez da região que eles outrora banhavam é mais uma prova das mudanças climáticas mundiais que ocorreram no final do último período glacial — época igualmente correspondente ao período em que, segundo a lenda, foi destruída a Atlân-tida.

Um surpreendente exemplo das complicadas estruturas deixadas por antigos construtores, de motivação ainda obscura, ocorre no vale de Nazca, no Peru. Aviadores contratados para localizar reservas de água no Peru fotografaram misteriosas linhas desenhadas na terra, cruzando cadeias montanhosas e continuando do outro lado, às vezes até o topo de montanhas com cumes nivelados artificialmente, tudo no vale de Nazca e nas montanhas ao redor. De mistura com uma série de linhas retas, paralelogramos, retângulos, triângulos e enormes esboços de formas de animais com dezenas de metros de comprimento, partes dessas representações possuem surpreendente semelhança com campos de pouso. Os padrões das linhas geométricas, as formas de animais e os "campos de pouso" são evidentes apenas do ar. Para que servem, não sabemos. Talvez para delinear o curso de estrelas ainda não identificadas ou, como já foi aventado, como sinais a serem vistos por antigos visitantes vindos do espaço. De qualquer forma, não foram percebidos durante séculos, até que novos visitantes vindos do céu, pilotos que voavam num projeto de pesquisa hidrográfica, os observaram no início da década de 1930. O Dr. Paul Kosak, arqueólogo americano que primeiro lhes observou a verdadeira

extensão e importância em 1930, mais tarde concluiu que talvez constituíssem "o maior livro de astronomia do mundo". A Dra. Maria Reich, estudante alemã de arqueologia que visitou o Peru em 1932, interessou-se de tal maneira pelas linhas de Nazca que, em 1946, estabeleceu residência por perto, fazendo das linhas objeto de constante estudo até sua morte, em 1983. Ela as considerava "o mais importante monumento arqueológico do Peru, e talvez do mundo". Observou "seu tamanho descomunal aliado à perfeita proporção" e tentou imaginar principalmente como os antigos artífices conseguiam desenhar em terreno desértico as gigantescas formas de animais, com suas curvas bem distribuídas e dimensões equilibradas", tarefa incrivelmente difícil de realizar, "a não ser que os antigos peruanos fossem capazes de voar". (A idéia de antigas aeronaves peruanas foi lucrativamente aproveitada pela companhia aérea nacional, AeroPerú, que usou como publicidade a frase: "Apresentando a AeroPerú, a mais nova linha aérea — e talvez a mais antiga — do mundo.")

Fotografias tiradas dos céus conseguiram descobrir uma cidade inteira perdida no Norte da Itália, escondida séculos a fio sob água e lama. Espina era uma grande cidade dos misteriosos etruscos, os senhores da maior parte da Itália antes de ser conquistada pelos romanos. Sua origem e história antiga são desconhecidas e sua língua, indecifrável. A região da Itália por eles dominada chamava-se Tirrênia, especificamente citada por Platão no *Crítias,* quando ele afirmava que "a ilha da Atlântida [tinha] vencido as partes da Líbia contidas entre as Colunas de Hércules até o Egito e da Europa até a Tirrênia".

Pouco se conhece dos etruscos, a não ser seus objetos funerários, sinal de que pareciam levar uma vida diária civilizada e sofisticada. As sepulturas foram localizadas por detetores de metal e, mais recentemente, por fotografias infravermelhas de grande altitude que delineiam claramente inequívocos círculos das tumbas subterrâneas.



Figura feita de pedra vulcânica, desenterrada em Chinique, Guatemala, com rosto pouco comum, barbado e bastante diferente das características faciais dos ameríndios. Essas descobertas, indicando visitas, nos tempos antigos, de estrangeiros caucasianos, semitas ou camitas, não são raras nas Américas Central e do Sul. (Fotografia de Herbert Sawinski.)



Palavras, expressões, melodias, costumes e até mesmo jogos têm percorrido o mundo desde os tempos antigos. O gamão da Pérsia e da índia cruzou o oceano, de alguma forma, antes de Colombo, e era jogado pelos astecas, com o nome de patolli. *As emanações que saem da boca dos jogadores são invocações aos deuses para conseguir êxito.* (Cortesia de Timothy Kendall.)

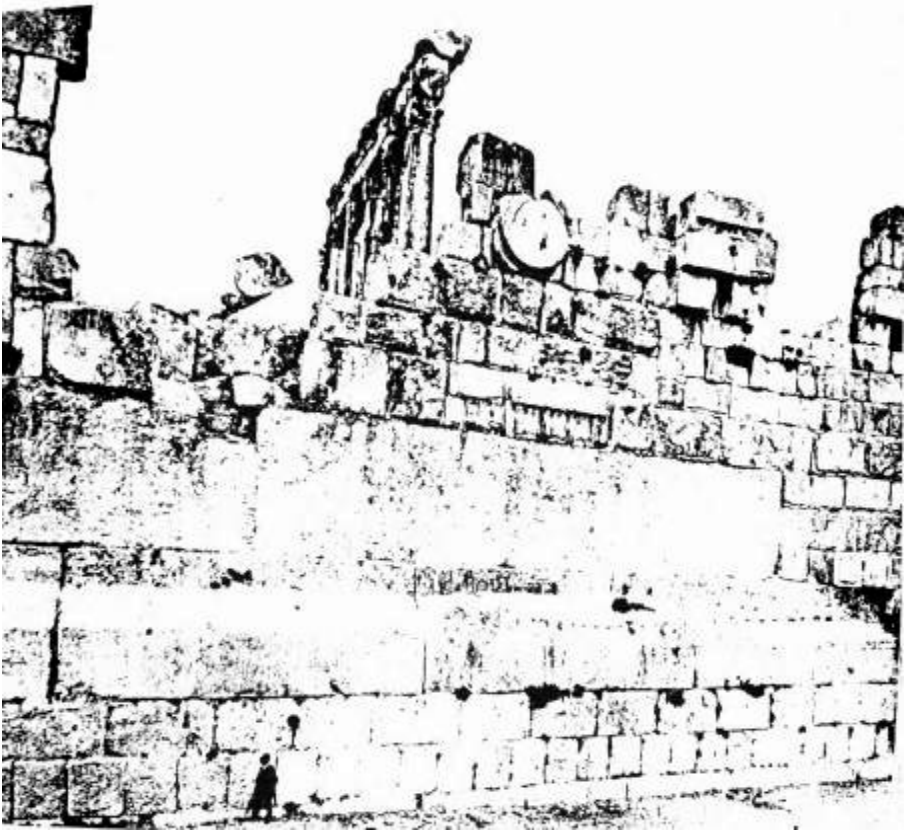




Busto antigo encontrado no Sudeste da Espanha (a Dama de Elche), *há muito considerado o exemplo mais importante da arte pré-histórica naquele país. Também se acredita que ela seja uma sacerdotisa da Atlântida, da época do contato do continente desaparecido com a Espanha. O penteado peculiar, se comparado ao de uma estátua da índia antiga, revela inesperada ligação cultural.* (Cortesia da Sociedade Hispânica da América e Eyra Marcano.)



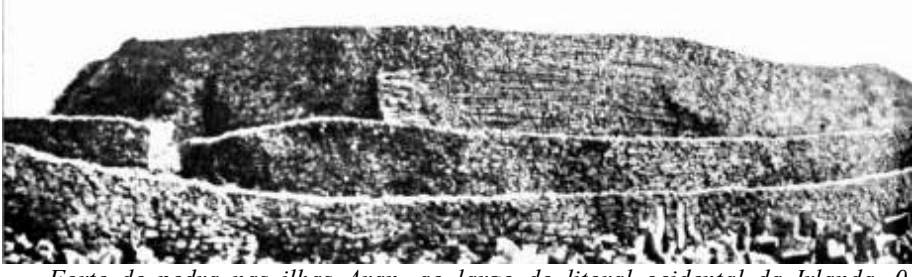
Ruínas ciclópicas não-identificadas perto de Niebla, na Espanha, que podem ter sido parte do Reino de Tartessos, localizado outrora na costa ocidental espanhola e que se presume tenha sido um porto da Atlântida.



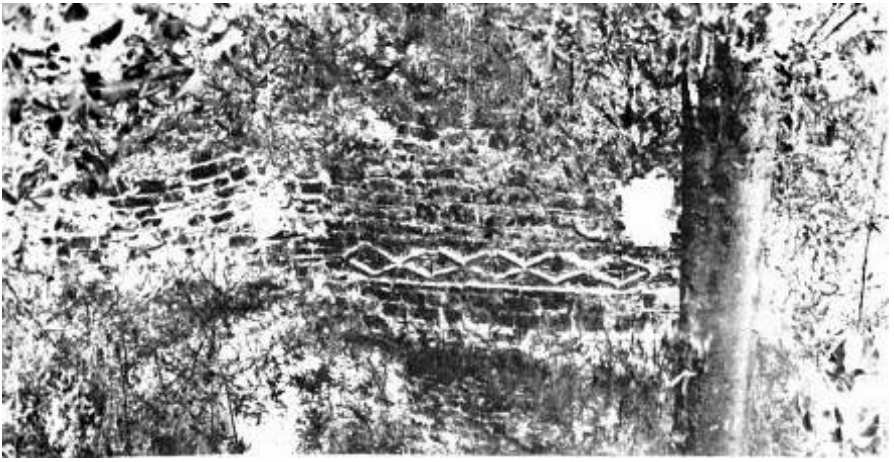
As três *pedras usadas nas bases do templo de Baalbec são consideradas os maiores blocos de pedra de construção jamais trabalhados e parecem ser arquitetonicamente independentes das construções romanas que estão sobre eles e lhes são posteriores. O uso habitual e a fixação de enormes pedras em tempos muito antigos e em diferentes partes do mundo constitui mistério ainda não-resolvido: como foram extraídas, transportadas e colocadas no lugar?* (Departamento de Turismo do Líbano.)



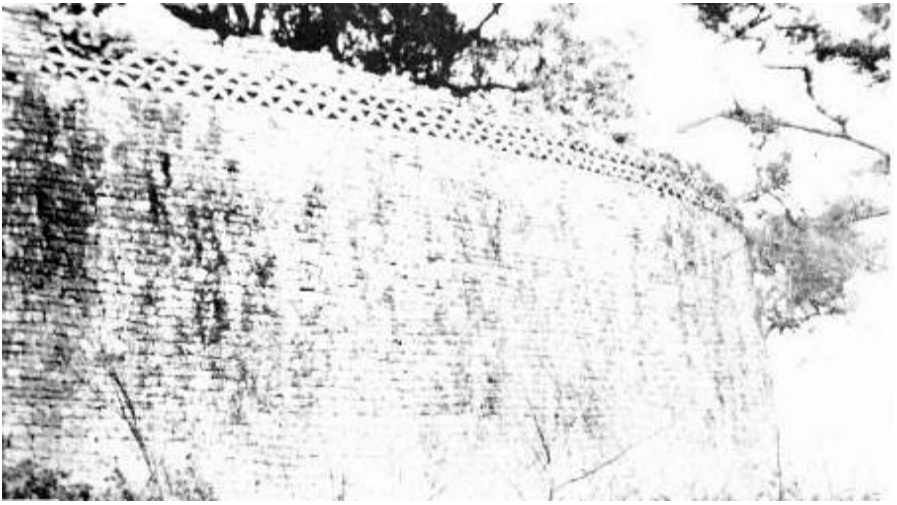
Stonehenge ê, sem dúvida, o monumento pré-histórico mais famoso da Europa. Partidários de diferentes teorias atribuem sua construção aos antigos druidas, aos celtas nativos com ajuda de cretenses, egípcios ou atlantes. Um machado duplo cretense foi percebido num dos pilares, mas isso pode ser resultado de visitas posteriores. (Fotografia de Ivan Lee.)



Forte de pedra nas ilhas Aran, ao largo do litoral ocidental da Irlanda. 0 trabalho de cantaria e o método de ajustar as pedras cortadas, para que durassem séculos, assemelham-se muito às construções em Zimbabwe e Kuelap, quase como se tivessem sido planejadas e construídas pela mesma raça desconhecida. Os fortes nas ilhas irlandesa e escocesa foram construídos, segundo a lenda, para proteção contra o "povo do mar", referindo-se ao Oceano Atlântico Ocidental.



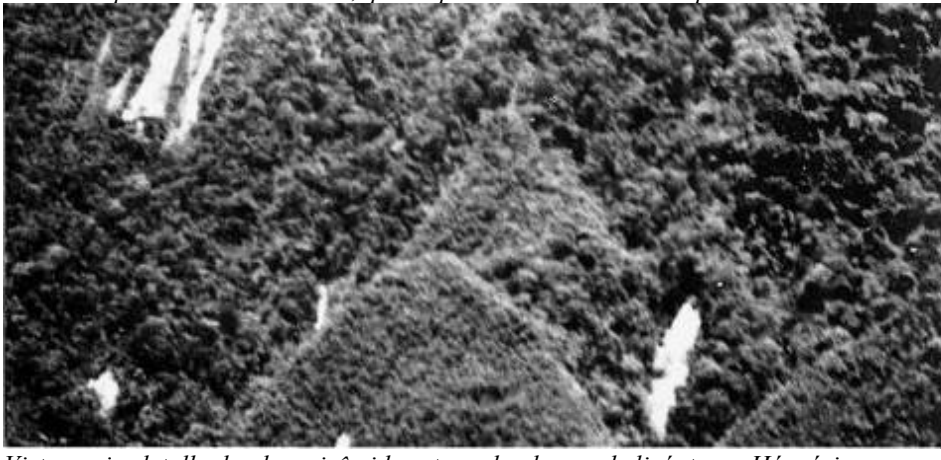
Muralha de Kuelap, no Peru. Não se sabe que raça construiu esse complexo de edificações, mas sua semelhança com o Zimbabwe até mesmo no cimo ornamental da muralha, é notável. (Foto de Wonders of the Past.)



As velhas muralhas do Zimbabwe, a misteriosa ruína que deu nome à nova nação, o que talvez tenha sido o mais sincero cumprimento prestado a um monumento arqueológico. As altas muralhas desse sítio arqueológico e o método de construção têm notável semelhança com outras ruínas não-identificadas, de ambos os lados do Atlântico.



Foto feita pelo satélite Landsat II, *a uma altitude de mais de 8 mil metros, mostrando oito configurações semelhantes a estruturas, simétricas, às margens da floresta amazônica. Exames mais detalhados, realizados posteriormente por helicópteros e aviões pequenos, mostraram tratar-se de uma série de oito pirâmides gigantescas e quatro outras menores, quase que totalmente cobertas pelas selvas.*



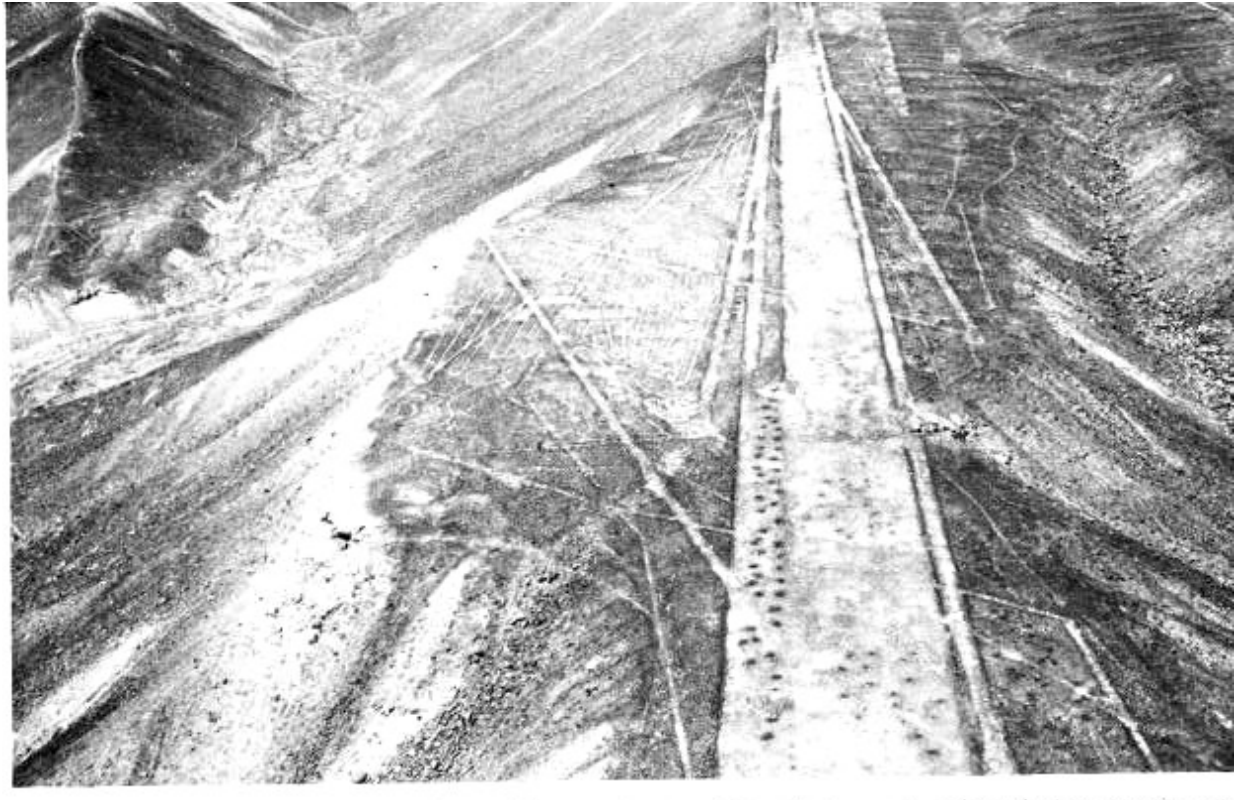
Vista mais detalhada das pirâmides, tomada de um helicóptero. Há várias clareiras, resultado da impossibilidade de as árvores deitarem ali raízes firmes, mais uma indicação de sua construção artificial. A exploração dessas pirâmides é difícil, devido à necessidade de se atravessar uma selva densa, a partir do rio Pini Pini, parte do sistema tributário do Amazonas, e também devido à presença ameaçadora dos índios da tribo Machiguenga, que se consideram os guardiães tradicionais desses ' 'lugares sagrados". (Fotografia de Jim Kinsrud.)



Formação simétrica, de topo achatado, com 45 a 60 metros de altura, na área das pirâmides, em foto tomada de um helicóptero a uma altitude de cerca de 1.200 metros. Outras formações circulares e semicirculares, cobertas pela selva mas que se supõe serem maciças, estão próximas, sugerindo uma grande cidade, sem relação com as civilizações sul-americanas já conhecidas. (Fotografia de Jim Kinsrud.)



Unhas retangulares em Nazca, algumas das quais foram mencionadas como 'pistas de aterrissagem" para aeronaves pré-históricas. (Fotografia do Servicio Aerofotográfico Nacional del Peru.)



Alto de uma cadeia de montanhas em Nazca, cujo topo foi evidentemente aplainado para se criar uma plataforma alongada, com vários quilômetros de extensão. Triângulos, desenhos complexos, marcações estranhas são vistos à esquerda do centro da foto. (Fotografia do Servicio Aerofotográfico Nacional del Perú.)

A cidade de Espina foi durante muitos séculos considerada uma lenda, de vez que dela não se pôde encontrar vestígio algum. Nem ruínas em terra ou mesmo nas águas costeiras, como ocorreu com muitas cidades portuárias do Mediterrâneo. No entanto, fotografias de grande altitude revelaram uma série de contornos ocasionados por diferentes sombreados submarinos, indicando muralhas, ruas, blocos de habitações, grandes edificações, praças e portos, dos quais só restam perfis sombreados no que se tornou um extenso pântano em que todo o complexo metropolitano afundou, sendo esquecido pela história.

Existe um artefato primitivo que certamente não foi esquecido, e que tem sido procurado — e, de acordo com várias fontes, visitado — há vários séculos. Sua existência foi em geral aceita até recentemente, mas, nos últimos 150 anos, vem sendo considerada fantasia pela comunidade científica.

No entanto, a Arca de Noé ainda está sendo procurada por pilotos, alpinistas, exploradores e grupos religiosos nas "montanhas do Ararat", segundo citação da Bíblia. Sua existência, se pudesse ser satisfatoriamente estabelecida, mostraria que uma civilização anterior à história foi realidade, tendo sido destruída por uma combinação de cataclismos que provocaram tremendas inundações mundo afora, cujas ondas deixaram pelo menos um navio cheio de refugiados sobre uma montanha de 4.500 metros de altura, montanha essa que mostra sinais de ação das ondas, além de depósitos marinhos em suas encostas.

Embora seja verdade que cada povo primitivo tenha sua própria versão de tal catástrofe e um nome específico para um heróico Noé, seu meio de salvação e o local de desembarque foi a Arca no monte Ararat que conquistou a imaginação popular por milhares de anos.

Tem havido pretensas viagens e visitas à Arca de Noé através dos séculos, passando pelas duas últimas guerras mundiais. Pilotos russos, na Primeira Guerra Mundial, disseram tê-la visto

num lago de montanha, mais tarde visitado por uma expedição cujos registros se perderam. Durante a Segunda Guerra Mundial, não só pilotos russos, mas também americanos, declararam ter visto e fotografado a Arca, embora nenhuma fotografia autenticada o tenha comprovado até o momento.

Segundo boatos correntes entre aviadores americanos baseados na Turquia durante a guerra fria, pilotos de U-2 tiraram fotos da Arca de Noé durante missões de reconhecimento a grande altitude sobre a União Soviética, embora elas nunca tivessem sido exibidas em público.

Em 1974, contudo, uma fotografia ERTS tirada a cerca de 800km do monte Ararat mostrou um estranho objeto próximo do cume, o qual já alcançou uma fama que podemos considerar duradoura, pois foi visto e discutido numa sessão do Congresso dos Estados Unidos e registrado nas atas da Casa. O senador Frank Moss, então presidente da Comissão Espacial, ao comentar o objeto, observou que possuía "aproximadamente o tamanho e o formato da Arca".

Entre os que estiveram recentemente procurando a Arca de Noé sobre o monte Ararat, na Turquia oriental, encontra-se o coronel James Irwin, astronauta da *Apolo 15,* que dirigiu o veículo *Lunar Rover* em sua missão sobre a superfície de nosso satélite. Seria interessante especular se o interesse do coronel Irwin pela sobrevivência da Arca foi despertado enquanto ele cruzava o Oriente Médio em vôos orbitais sobre a Terra, antes de sua visita à Lua, e talvez perguntasse a si mesmo se a Arca na verdade ainda se encontrava escondida no alto do Grande ou do Pequeno Ararat, ou mais abaixo.

De qualquer maneira, a dedicação do coronel ao projeto da Arca de Noé constitui interessante ligação entre uma história muito antiga e a era espacial de hoje e de amanhã.

Fotografias da Terra continuamente tiradas do espaço revelarão, sem dúvida, outras informações surpreendentes sobre o passado das civilizações e do próprio planeta. Talvez se

consiga obter resultado semelhante fotografando outros planetas a partir do espaço, não só no nosso sistema como eventualmente em outros. Talvez isso já tenha sido obtido, embora a maioria dos astrônomos, preocupados, compreensivelmente, com suas reputações profissionais, prefira examinar certas curiosas formações sobre Marte, fotografadas pela *Mariner 9,* como simples rochas ou penhascos na agora árida superfície do planeta, apesar de sua estranha semelhança com a forma com que as antigas ruínas da Terra são vistas do espaço, especialmente pela *Viking Orbiter 1*. No entanto, há exceções. Antônio Ribera, escritor e conferencista espanhol, chama nossa atenção para uma foto bem nítida da extremidade da depressão Corprates na superfície da Lua:

A disposição dos aparentes muros forma uma série de retângulos que não são encontrados na natureza. Sabemos através de fotografias espaciais já tiradas que a superfície de Marte foi outrora cruzada por rios e riachos tributários. Conseqüentemente, uma depressão à qual os antigos rios fluíam era mais provavelmente um mar. As estruturas ou edificações poderiam ser as ruínas de antigo porto num oceano agora seco. Em outros lugares mais "para o interior" desse antigo porto, parecem existir enormes pirâmides de quatro lados, típicas de todos os povos primitivos que construíam para a eternidade.

Perguntado se achava que uma Terra remota poderia ter sido colonizada por Marte quando esse planeta começou a secar e a perder sua atmosfera, forçando seus habitantes a procurarem um mundo mais tolerável, o Dr. Ribera replicou: "Isso, é claro, não podemos saber agora. No entanto, acho que é uma interessante possibilidade."

10
INFORMAÇÕES DE ORIGEM PERDIDA

A forma redonda da Terra, seu movimento e sua relação com o universo eram conhecidos no mundo antigo e, durante a Idade das Trevas, nunca foram inteiramente esquecidos na Europa, até que as provas convincentes oferecidas por Colombo e Magellan restabeleceram esse conhecimento. A verdadeira natureza dos planetas e das estrelas, herdada da Antigüidade, também era conhecida, embora não de todo aceita durante a Idade Média européia, quando a especulação individualista sobre esses assuntos poderia encerrar a carreira de qualquer um numa câmara de torturas ou numa estaca como herege, mago ou feiticeiro.

O obscurantismo científico era parcialmente ocasionado pela censura imposta por novas religiões e principalmente pela destruição das grandes bibliotecas da Antigüidade, como as de Alexandria, Pérgamo, Cartago, Siracusa, Roma e Atenas por incêndio ocasional ou política intencional.

Os romanos destruíram Cartago juntamente com todos os seus livros e registros, chegando até a salgar o local. A maior parte dos livros de Roma teve o mesmo destino nas mãos dos invasores bárbaros, enquanto coleções particulares de livros nas cidades e nos campos da maior parte do mundo antigo desapareceram subseqüentemente devido às devastações dos godos, vândalos e hunos. Outros ataques a livros foram feitos pelos adeptos de novas religiões — cristianismo e islamismo —, ansiosos por erradicar todos os relatos da vida num mundo pagão caracterizado pelo hedonismo.

A biblioteca de Alexandria, com sua coleção de vários milhões de rolos de livros, foi queimada na época de Júlio César, restaurada, e por fim destruída sistematicamente pelo

conquistador muçulmano Amru. Depois de capturar Alexandria, Amru pediu instruções ao califa sobre o que fazer com os livros, ao que este respondeu: "Os conteúdos desses livros estão ou não em conformidade com o Corão. Caso estejam, o Corão se basta sem eles; caso contrário, são perniciosos. Que sejam, pois, destruídos." Os livros foram então queimados para aquecer os 600 banhos públicos da cidade.

Outras antigas coleções de livros foram queimadas, com mais preocupação pela alma que pelos prazeres da mente, por fanáticos cristãos durante toda a Idade Média. Devido à falta de material de escrita, diversos manuscritos receberam uma camada de pintura e foram usados de novo para copiar textos religiosos que geralmente terminavam nas coleções dos mosteiros (fato interessante, dada a natureza obscena de muitas obras clássicas).

Após os espanhóis conquistarem o Iucatã, o bispo de Landa mandou de uma só vez todo o saber escrito dos maias para a fogueira, juntamente com suas possíveis referências à origem e à antiga civilização desse povo, uma vez que os conquistadores haviam decidido que as religiões do Novo Mundo, com suas semelhanças com o cristianismo — exceção feita aos sacrifícios humanos —, eram maquinações do diabo para confundir os fiéis. Apenas quatro livros maias ainda subsistem em museus europeus. Um dado sobre o conhecimento dos maias que talvez se tivesse perdido está contido no *Popul Vuh,* reescrito de memória após a conquista, que se referia a seus ancestrais como "a primeira raça capaz de todos os conhecimentos [que] visitou os quatro cantos e os círculos completos da Terra, o horizonte e os quatro pontos do firmamento".

Embora existam atualmente mais registros do mundo clássico que do pré-colombiano, ainda assim se estima que apenas cinco a 10 por cento de obras escritas ou extratos das civilizações mediterrâneas pré-cristãs tenham chegado até nossos dias. Pode-se imaginar quantas referências à Atlântida existiriam hoje caso não se tivesse destruído a imensa maioria dos livros antigos.

Muitas informações, no entanto, subsistiram através de primitivos hieróglifos escritos em túmulos, sarcófagos ou invólucros de múmias, bem como nas escritas cuneiformes do Oriente Médio, uns e outros considerados, por quase 2 mil anos, mais uma forma de decoração que uma linguagem escrita. Como os livros cuneiformes da Mesopotâmia eram inscritos sobre barro, os incêndios que destruíram as cidades e os povos que os escreveram, muitas vezes preservaram esses tabletes de barro, cozendo-os até adquirirem maior consistência. Ninguém sabe quantas dezenas de milhares desses tabletes entraram na construção das cabanas de barro dos atuais habitantes da área em que se situavam essas outrora imensas cidades, agora, com exceção de gigantescos túmulos, completamente soterradas.

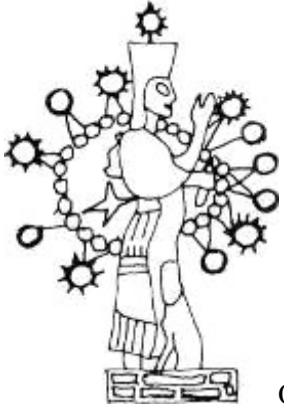
A conquista de Constantinopla pelos turcos muçulmanos em 1453 provocou dispersão entre os donos dos antigos conhecimentos ainda existentes e despertou, em toda a Europa, um interesse pela cultura e ciência da Antigüidade. A decifração dos hieróglifos egípcios no século XIX, assim como da escrita cuneiforme do Oriente Médio, tornou então possível comparar o conhecimento e as realizações científicas do mundo antigo.

Uma curiosa contradição se tornou evidente: o conhecimento matemático e astronômico dos gregos parece ter tido origem bem mais remota. Tales de Mileto — que inventou uma máquina a vapor, mas nunca a popularizou — estava convencido de que a Via Láctea era composta de estrelas, cada qual um mundo contendo sol e planetas, esses mundos estando situados na imensidão do espaço — conceito oriundo da Babilônia. O emprego de pi por Euclides, os teoremas geométricos de Pitágoras, o "segmento áureo" e outras verdades matemáticas que tanto influenciaram o mundo moderno podem ter sido desenvolvidos por Pitágoras durante a época que ele passou na Babilônia e no Egito, onde esse conhecimento matemático e astronômico já estava disponível há mais de mil anos.

Os textos babilônicos, geralmente expressos em linguagem

astrológica, parecem demonstrar que os astrônomos de mil anos antes tinham conhecimento de fenômenos e teorias cósmicas somente "descobertos" por nós nos últimos 400 anos. Mas um aspecto peculiar do antigo conhecimento científico é que, quanto mais ele retrocede no tempo, mais extenso parece ser.

Assim como os gregos receberam seu conhecimento de astronomia dos babilônios, estes, por sua vez, receberam os seus dos sumérios, que os precederam. Os sumérios empregaram o conceito de zero, como o faziam os antigos hindus, sendo capazes de fazer cálculos matemáticos cósmicos de 15 dígitos, enquanto povos mais novos tinham dificuldade em contar aos milhares. Em vez da contagem digital baseada nos 10 dedos, os babilônios usavam um sistema de contagem por dúzias e unidades de 60, mais bem adaptado ao cálculo, uma vez que é divisível por maior número de fatores. Nós ainda empregamos esse sistema sumério-babilônico sempre que falamos em dúzias, polegadas, pés, segundos, minutos, horas e graus de um círculo.



Os antigos sumérios tinham um surpreendente conhecimento das estrelas e planetas, com aspectos tão desenvolvidos que deveriam ter exigido séculos de observação controlada dos céus. (A figura aqui apresentada está cercada de doze estrelas ou planetas e foi considerada por estudiosos dos textos sagrados e astronômicos sumérios como uma representação da Terra, Sol, Lua e nove planetas, mais um do que conhecemos hoje. Segundo a cosmologia suméria, esse décimo planeta "escuro" não podia ser visto pelos observadores da Terra devido à sua órbita especial, sendo visível apenas a intervalos de 3.600 anos.)

Beroso, o astrônomo e historiador babilônio, conhecia o "ano platônico", a grande contagem da precessão do equinócio, o tempo total para a passagem de cada um dos signos estelares zodiacais pelos céus da Terra — em outras palavras, os anos solares passados antes de a Terra retornar à parte do espaço em que se encontrava no começo de cada revolução zodiacal — um total de 25.826,6 anos. Os números babilônicos desencontram-se de nossa moderna aproximação por apenas quatro décimos de um ano. Os sumérios, de quem os babilônios herdaram sua civilização, foram os primeiros a nomear as figuras do zodíaco — palavra grega para "círculo animal" —, a que denominavam "rebanho brilhante". Os registros sumério-babilônicos também indicam uma compreensão dos planetas e das estrelas consideravelmente maior do que qualquer outra cultura ulterior já possuiu até o presente recente.

Conhecimentos cósmicos freqüentemente inesperados misturam-se com os fabulosos feitos de deuses, semideuses e gigantes. Uma lenda da tribo ameríndia hopi, por exemplo, atribui o final do Segundo Mundo à ação dos guardiães gêmeos dos eixos Norte e Sul da Terra ao abandonarem seus postos. Os gêmeos Póqanghoya e Palõngawhoya — o primeiro, guardião do Norte, o segundo, guardião do Sul — foram instados por Sotuknang, sobrinho do Criador, a abandonarem seus postos para que o Segundo Mundo pudesse ser destruído — pois seus povos tinham se tornado maus — e um terceiro pudesse ser criado. Quando os gêmeos abandonaram seus postos, a Terra inclinou-se no espaço, mudando de forma antes que se fixassem um novo eixo e um novo mundo. Essa lenda sobre os guardiães dos eixos é imaginosa e impressionante, mas, através de que antiga fonte de conhecimento astronômico podia uma remota tribo ameríndia saber que a Terra era redonda e girava sobre o próprio eixo?

Vários aspectos das estrelas que não podem ser vistos sem telescópio receberam os mesmos nomes em diferentes línguas,

tanto no Velho quanto no Novo Mundo. Como o Escorpião, um aglomerado de estrelas contendo um cometa, que trouxe à lembrança de babilônios e maias a figura de um escorpião, deles recebendo, portanto, essa denominação. Astrônomos gregos adotaram a observação babilônica de que Urano regularmente encobria suas luas, ocorrência também impossível de ser vista a olho nu, convertendo-a numa lenda que dizia ser hábito do deus Urano comer os próprios filhos para, em seguida, vomitá-los.

Na mitologia, Marte, o deus da guerra, possuía dois ferozes cavalos: Fobos (terror) e Deimos (temor), para puxar sua carruagem, o planeta Marte, lenda provavelmente herdada do antigo conhecimento de que Marte possuía duas luas. Mas nos séculos entre a antiga e a moderna civilização, as luas de Marte foram esquecidas até que Ashap Hall as viu através do telescópio, em 1877, atribuindo-lhes apropriadamente os nomes dos dois cavalos do deus da guerra. No entanto, por estranho que pareça, Jonathan Swift, em 1726, num palpite ou profecia digna de Júlio Verne, escreveu em suas *Viagens de Gulliver* que Marte possuía duas luas, e corretamente lhes deu as dimensões e as distâncias em relação ao planeta — isso mais de 150 anos antes de sua "descoberta" oficial.

As antigas referências — na verdade, dados astronômicos sob o disfarce de lendas — às duas luas de Marte, às múltiplas luas de Júpiter, às cinco luas de Urano que aparecem e desaparecem, às nove luas de Saturno, e até aos cornos de Vênus sugerem que astrônomos de culturas primitivas eram capazes de empregar algum processo de aumento artificial da faculdade visual que seria provavelmente uma espécie de telescópio. Mas, até onde sabemos, a primeira versão do telescópio moderno só foi inventada em 1609.

Contudo, peças de vidro esmeriladas encontradas em diferentes locais arqueológicos parecem indicar que os antigos eram capazes de fabricar lentes ópticas. Em 1853, *Sir* David Brewster, especialista em óptica da British Association for the

Advancement of Science, exibiu um cristal encontrado numa "casa do tesouro" enterrada em Nínive. A platéia, intrigada com tão interessante jóia, ficou abismada quando *Sir* David insistiu que se tratava de "verdadeiras lentes ópticas" esmeriladas na Antigüidade. As "lentes" foram catalogadas como jóias e exibidas no British Museum juntamente com outras antiguidades assírias. Desde então, contudo, outros encontros de lentes no fundo do mar ao largo das ilhas Esmeraldas, no Equador, nas escavações de La Venta, no México, e lentes em forma de jóias encontradas em túmulos na Líbia, no que foi anteriormente parte do Império Romano, dão a entender que diversos povos antigos empregavam lentes de aumento para a visão. Alguns relatos romanos sobre as arenas mencionam o fato de que certos aristocratas usavam pingentes de jóias coloridas para terem uma visão mais aproximada dos sanguinários jogos romanos. De acordo com Plutarco, Arquimedes, o gênio inventor da antiga Siracusa, possuía instrumentos capazes de "revelar ao olho a grandeza do Sol".

Conquanto a maior parte dos pequenos objetos produzidos na Antigüidade tenha desaparecido, alguns podem estar estocados em museus pelo mundo afora, aguardando estudos mais completos e nova classificação até serem realmente identificados. Um levantamento sobre alguns desses objetos antigos, anteriormente não-identificados, em exibição nos museus enfatiza ao mesmo tempo o longo tempo de existência do homem civilizado e as conquistas científicas de épocas muito remotas, até mesmo pré-históricas.

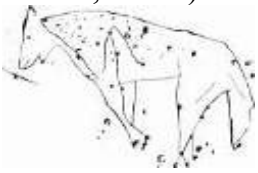
Um novo exame dos riscos encontrados em ossos de mamutes e chifres de alces, que datam de 15.000 a 35.000 anos, descobertos em cavernas e mais tarde levados para museus europeus, foi realizado por Alexander Marshak, do Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, que desenvolveu a teoria de que essas marcas, antes consideradas como incisões destinadas a facilitar o manuseio, não só constituíam uma forma

precursora de escrita, como também eram uma forma pré-histórica de escrita simbólica, usada como calendário lunar. Os símbolos nos ossos, alguns deles tão pequenos que têm de ser estudados com lentes de aumento, parecem ser notações sobre as fases da lua. As linhas retas provavelmente representam os dias, e as repetidas figuras de mulheres e animais dentro das notações do calendário, referem-se possivelmente aos meses, épocas de caça e aos ciclos menstruais femininos. Em outras palavras, o início da escrita muitos milhares de anos antes das datas até agora atribuídas ao seu aparecimento.

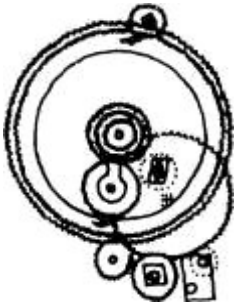


Essa escrita das cavernas pode ter evoluído até formar as notações em seixos e pedras encontradas em Mas-d'Azil e em outras cavernas na França, na Espanha e no Norte da África.

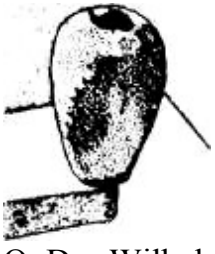
(Referências: Osso Blanchard, Musée des Antiquités Nationales, St.-Germain-en-Laye, França; seixos de Mas-d'Azil, Musée de 1'Homme, Paris.)



O desenho de um lobo, riscado na pedra e parcialmente feito sobre pontos abertos na rocha, que também o cercam, foi encontrado em Polesini, na Itália, juntamente com 12 ossos com marcas, que datam da Era Glaciária. Considerado a princípio como talismã de caça ou objeto de culto, a curiosa disposição dos buracos foi interpretada por Ivan Lee, pesquisador arqueológico, como representação de uma carta direcional estelar daquele período. Ele acha que alguns dos buracos formam uma constelação parecida com um lobo (o que seria muito natural que caçadores do período glaciário imaginassem) visível nos céus daquele tempo. Acha ainda que os outros buracos podem ser identificados como partes das constelações de Escorpião, Libra e outras, do verão, inclusive Lira, Sagitário, Serpenteário e Ofíaco, vistas no Norte da Itália há cerca de 26.000 anos. Se essa teoria for defensável, mostrará que a constelação do Lobo não foi fantasia de um caçador isolado, mas o resultado de uma atenta observação do céu durante um certo período, por uma cultura pré-histórica. Talvez tenha sido essa forma estelar, que já não se vê nos céus, que tenha inspirado as tribos setentrionais da Europa a ver a enorme forma do mitológico "Lobo Fenris" escandinavo no céu noturno, e cuja boca era tão grande que lhe permitiria engolir a Terra.

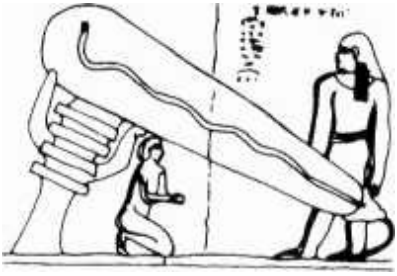


Um objeto metálico incrustado e fundido, com rodas, encontrado por mergulhadores em 1900, no fundo do mar perto de Antiquítera, no Mediterrâneo, foi encaminhado ao Museu de Atenas, onde o classificaram como um suposto brinquedo, devido às rodas. Posteriormente reexaminado e submetido a uma série de banhos químicos, sob a direção do escritor e arqueólogo Derek DeSolla Price, verificou-se que as rodas eram engrenagens, e o objeto, pelo que se podia ler no metal, era um "calculador estelar" para calcular a distância do sol, da lua e das estrelas. O uso desse instrumento técnico, o único encontrado até agora, sugere um conhecimento da navegação e da arqueologia entre os capitães cretenses e gregos da Antigüidade muito maior do que se suspeitava. Eles teriam a capacidade de navegar à noite sem ver a terra, e talvez de ir além das Colunas de Hércules até as ilhas mais distantes do Atlântico. (*Referência:* Museu Nacional, Atenas.)



O Dr. Wilhelm König, arqueólogo austríaco a serviço do Museu do Iraque, descobriu em 1936 um vaso de dois mil anos, com 15 centímetros de altura, que tinha dentro um cilindro de

cobre fixado com piche. No interior desse cilindro havia uma roda de ferro presa com um rebite de asfalto. Esse objeto assemelhava-se a outros do Museu de Berlim, alguns maiores, com a mesma disposição. Não havia indicações quanto à sua função, exceto a de que seriam "objetos religiosos ou de culto", designação cômoda, juntamente com "brinquedos", para artefatos desconhecidos. Alguns pesquisadores, inclusive o Dr. König, acharam que poderiam ser baterias que, evidentemente, depois de milhares de anos já não funcionavam mais. Mas quando foram reproduzidos com toda exatidão e lhes foi colocado um eletrolito novo, funcionaram! Esse conhecimento remoto da eletricidade prova apenas, é claro, que era usada para a eletrogalvanização dos metais com ouro e prata, como ainda hoje se faz nos bazares do Oriente Médio. Mas também é provável que fosse usada para a iluminação de templos e palácios, embora seu uso tenha desaparecido antes da época média da Antigüidade, ou seja, a dos gregos e romanos, que empregaram o petróleo com essa finalidade. (*Referência:* Museus de Berlim e do Iraque.)

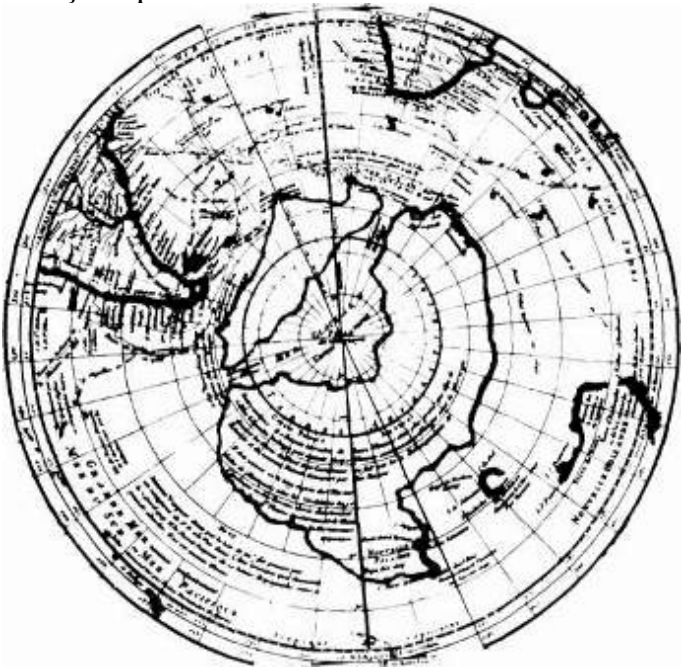


Quando, durante a invasão napoleônica do Egito, os arqueólogos franceses observaram um entalhe num muro de um templo em Dendera, não poderiam ter compreendido que talvez estivessem vendo a forma primitiva de algo que modificaria todo o mundo, oitenta anos depois — a luz elétrica. Nos muros do templo de Dendera, hoje um museu nacional, estão desenhadas na pedra figuras que transportam o que parecem ser lâmpadas

elétricas de um metro e meio, tendo no interior um filamento alongado, tipo "serpente", sustentado por isoladores de alta tensão e ligados a cabos trançados que, por sua vez, estão ligados a um transformador. A esmagadora maioria dos egiptólogos interpretam essas lâmpadas como "oferendas de lótus", "pedras serpentes", ou "oferendas de culto". Mas perdura o fato de que o mistério da iluminação dos túmulos subterrâneos e dos corredores dos templos do Egito antigo não foi ainda desvendado. Como podiam os artesãos entalhar dezenas de milhares de figuras e colorir pinturas muito abaixo da superfície do solo, e não deixar vestígios de fumo de tochas ou fuligem de óleo nos tetos? A teoria sugerida, do reflexo da luz através de uma série de espelhos, não produziria claridade suficiente para iluminação subterrânea. A notação feita pelo escritor sueco Ivan Troeng *(Kulturer Fores Istiden)* pode ser difícil de acreditar, embora tenha a vantagem de ser bastante óbvia: "As imagens da Sala 5 do templo de Dendera mostram lâmpadas elétricas sustentadas por isoladores de alta tensão." *(Referência:* Templo de Hathor em Dendera.)

Mapas curiosamente precisos circularam pela Europa na época de Colombo, revelando continentes e litorais que só seriam descobertos, em alguns casos, centenas de anos depois. Eram os Mapas de Portolano, provavelmente salvos de antigas bibliotecas e usados durante séculos como instrumentos de navegação secretos pelos comandantes, a fim de protegerem suas rotas comerciais. Mas só nas últimas décadas foram esses mapas realmente identificados. Suas últimas cópias revelam um conhecimento da existência — e até ao litoral — de continentes "desconhecidos", e que certamente foram mapeados por uma civilização anterior e esquecidos, exceto nos mapas recopiados, depois de algum fenômeno que alterou consideravelmente a face do mundo. As investigações do professor Charles Hapgood, da Universidade de New Hampshire, em torno do mapa Piri Re'is referente ao Atlântico Sul e ao litoral nele existente (copiado

pela última vez em 1513) demonstraram que a trigonometria esférica era empregada para estabelecer coordenadas longitudinais precisas, processo só redescoberto em meados do século XVIII. A linha costeira correta da Antártida foi mostrada exatamente como existe hoje sob o gelo que a encobre. Outro mapa-múndi, o de Orontes Fineu (1531) não só fornece coordenadas longitudinais extremamente corretas, como mostra, no continente da Antártida ainda não descoberto, rios, vales e litoral, na posição correta sob o gelo glacial, bem como a localização aproximada do Polo Sul.



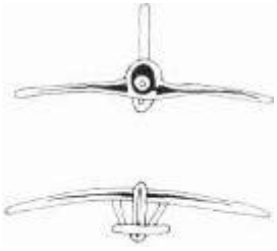
O mapa Buache 1754, vendo-se a divisão da Antártida

Outras pesquisas do professor Hapgood *(Maps of the Ancient Sea Kings)* revelaram a existência de numerosos e importantes mapas antigos na Biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos, muitos dos quais evidenciam um conhecimento surpreendente da geografia real da Terra, numa época em que a maioria das

pessoas não sabiam que ela era redonda, e quando os cartógrafos enchiam os espaços em branco nos mapas com desenhos de querubins, de monstros ou com a anotação "aqui existem Dragões". O Mapa Buache (1754) mostra o continente antártico sem gelo, dividido em duas grandes ilhas, fato que só foi restabelecido em 1958. O mapa Hadji Ahmed (1550) apresenta uma delineação mais correta do litoral ocidental da América do Norte e também uma ligação *terrestre* entre a Sibéria e o Alasca, sugerindo a grande antigüidade do mapa original. Os campos de gelo da Europa Setentrional, em processo de recuo, existiam evidentemente quando foi feito o mapa original de Andréa Benincasa (1508), pois são claramente mostrados nele. O mapa-múndi do Rei Jaime mostra o Saara não como um deserto, mas como uma terra fértil com rios, florestas e lago, como realmente foi outrora, antes do início da história escrita (cf. com os desenhos da rocha de Tassili, p. 88). O mapa de Iehudi Ibn Ben Zara (1487) mostra ilhas no Mediterrâneo que hoje estão submersas, ao passo que o mapa Buache (1737) do Atlântico Sul localiza as ilhas Canárias em suas posições corretas, e também o litoral correto do planalto submarino em que estão localizadas, fato que só pode ser explicado por um conhecimento remoto de sua forma *antes* que as geleiras se fundissem e os oceanos subissem. Vários outros mapas de Portolano mostram a lendária ilha de Antilia, supostamente nas proximidades da Atlântida e — considerando-se a época em que os mapas foram presumivelmente feitos — registrando com precisão os restos submersos do continente-ilha cujos reis do mar mapearam o mundo, mas cujos conhecimentos da superfície da Terra ficaram perdidos por muitos séculos. *(Referência:* mapas e cartas marítimas antigas, Biblioteca do Congresso, E.U.A.)



Artefato encontrado num túmulo na Colômbia e datado de 1.400 antes do presente, foi considerado a princípio como um peixe voador, uma mariposa, uma borboleta ou um pássaro. Várias pessoas que o examinaram, porém — especialmente pilotos e outros conhecedores da aviação — concordam com Ivan Sanderson, zoólogo reputado, em que o objeto assemelha-se não a um pássaro, mas a um avião a jato com asas delta, tendo várias outras características não encontradas em pássaros ou insetos, como ailerões, leme da cauda, câmara retangular do motor e carlinga. Se esse objeto realmente representa uma máquina voadora mais pesada do que o ar, devemos levar em conta a possibilidade de que uma civilização pré-histórica, que se teria desenvolvido num período de milhares de anos, pudesse ter realizado experiências com a construção de aviões. Se a civilização desapareceu, lembranças dessas realizações poderiam ser grosseiramente copiadas em artefatos e imagens, pelas raças em retrocesso, depois de uma catástrofe mundial. *(Referência:* Museo de Oro, Bogotá, Colômbia.)



Nos últimos anos, uma série de estranhos pássaros de madeira, com milhares de anos, encontrados nos túmulos egípcios, e considerados como decorações, modelos ou brinquedos, foram reexaminados pelos arqueólogos no Museu do Cairo, onde estão guardados. Verificou-se que são modelos

operacionais de planadores. O Dr. Khalil Messiha, que examinou vários desses pássaros em 1969, juntamente com seu irmão, um engenheiro de vôo, observou que a sua forma um tanto anormal para um pássaro, era perfeita para um vôo continuado — não é necessário lançá-los: eles se soltam da mão apenas com um pequeno movimento. Messiha comentou que os pássaros não têm caudas verticais e que as asas daqueles pássaros estranhos assemelham-se às de um avião, com um ângulo diedro correto, bem como a depressão em relação à fuselagem. Se os antigos egípcios estavam ou não tentando manter vivo, ou reconquistar, um conhecimento anterior da aerodinâmica, ou simplesmente faziam experiências, ainda não se sabe. À direita, um modelo do Caravelle francês (ao alto) comparado a um modelo egípcio do que parece ser uma máquina voadora, idealizada há mais de quatro mil anos. *{Referência:* Museu do Cairo.)

Lembremo-nos de que a civilização egípcia parece ter se *iniciado* em nível surpreendentemente alto, como se tivesse sido transportada para o Egito de outra parte do mundo ou, segundo a tradição egípcia, como se o saber e a civilização tivessem sido levados para o Nilo após o Dilúvio pelo deus Thoth, que chegou ao Egito vindo "do oeste". Essa sugestiva referência aos colonizadores que se radicaram no Egito, vindos do oeste, trazendo consigo uma civilização pronta (possivelmente da Atlântida) é enfatizada por uma passagem de Diodoro da Sicília, escritor e historiador do século I: "Os egípcios eram forasteiros que, em tempos imemoriais, se radicaram nos bancos do Nilo, trazendo com eles a civilização de sua terra natal, a arte da escrita e uma linguagem sofisticada.

Vieram da direção do sol poente e eram os mais antigos dos homens."

Esse antigo comentário de Diodoro sobre o aparecimento no Egito de uma civilização adiantada, espontânea, recebeu certa confirmação recentemente, 2 mil anos depois, entre outros, do professor W. B. Emery, em seu livro *Archaic Egypt.*

Comentando que no quarto milênio a.C. o Egito subitamente passou da Era Neolítica para reinos muito bem organizados, escreve Emery: "...ao mesmo tempo em que surge a arte da escrita, a arquitetura monumental, as artes e os ofícios desenvolvem-se a um grau surpreendente... toda a evidência [de] uma civilização bem-organizada e até faustosa... Tudo isso alcançado em período de tempo relativamente pequeno, de vez que lá não se registraram antecedentes para tais desenvolvimentos fundamentais na arte da escrita e na literatura."

Tanto os egípcios como os maias eram cientificamente adiantados o bastante para poderem calcular o número exato de dias do ano solar. Os egípcios até mediam na pedra: a soma das quatro linhas da base da Grande Pirâmide de Gizé, medida em polegadas piramidais, dá um total de 365,240, necessitando apenas de um ponto decimal para o total razoavelmente exato dos dias do ano. Os antigos astrônomos maias do Novo Mundo chegaram a um número ainda mais preciso — 365,2420 dias — enquanto nossa contagem atual é de 365,2422.

Existe também uma estranha correlação, estendendo-se para além do oceano Atlântico e do mar Mediterrâneo, entre o calendário egípcio e o dos astecas do México central. Os astecas, que herdaram sua civilização de seus misteriosos ancestrais, os toltecas, resolveram o problema do ano bissexto dividindo os meses do ano em períodos de 20 dias, deixando cinco dias extras para o fim e acrescentando ainda mais um dia a cada 52 anos, celebrado com sacrifícios humanos adequados como promessa de vida para os próximos 52 anos. Os egípcios, que também conheciam o número certo de dias do ano, reajustavam seu próprio ciclo a cada 1.460 anos. Esses dois povos começavam seus novos ciclos no dia equivalente ao nosso 26 de fevereiro, que, no Egito, ocorria no mês do deus Thoth, o inventor tradicional da escrita e quem trouxe a civilização para o Egito.

A pirâmide de Quéops ou Khufu, nome egípcio do provável

construtor, é tida na conta de se constituir, em sua própria forma e medidas, num marco geofísico e astronômico. Embora seja costume entre a maior parte dos arqueólogos duvidar dos chamados "cultos da pirâmide" e da ampla série de informações geralmente atribuídas às dimensões da Grande Pirâmide, é de qualquer maneira certo que sua própria construção, mística ou não, implica uma técnica científica não só quanto à arquitetura como quanto a informações geofísicas — legado, talvez, de uma civilização superior na madrugada do Egito, antes das dinastias numeradas.

Na Idade Média, os conquistadores árabes do Egito mantiveram viva a mística das pirâmides com lendas sobre grandes tesouros e objetos mágicos nelas contidas, o que fez o califa Al-Mammun mandar abrir à força a pirâmide de Khufu, revelando várias galerias, mas nenhum tesouro. Foi durante a invasão do Egito por Napoleão que alguns dos segredos da Grande Pirâmide foram "descobertos", embora eles sempre estivessem ali para quem quisesse ver. Isso ocorreu quando os engenheiros militares franceses, atrás de algo bem grande para servir na triangulação do delta do Nilo, decidiram-se pela Grande Pirâmide. Ela não só lhes pareceu adequada para tal propósito, como também em perfeito alinhamento com os pontos cardeais. Acharam ainda que o prolongamento de suas linhas de base diagonais dividiria corretamente ao meio o delta do Nilo; que uma linha leste-oeste, atravessando o centro, corria ao lado do paralelo 30; e que a própria medição da pirâmide parecia coincidir com o metro francês, então recentemente estabelecido como a décima milionésima parte do eixo polar da Terra. Pareceu aos engenheiros franceses que a pirâmide havia sido originalmente planejada para servir de marco geofísico, conceito reforçado por descobertas posteriores. Essas incluíam o valor do pi como 3,1416, a medida básica da pirâmide dividida por duas vezes sua altura; o ano platônico do Zodíaco, obtido pela soma das diagonais da base e outras medições e cálculos, um tanto

discutíveis, de peso e altura, envolvendo o peso da Terra, o número de dias do ano solar (obtido por uma mudança no ponto decimal do cálculo total das polegadas da pirâmide em torno da base), a distância da Terra ao Sol e as divisões terrestres e marítimas de nosso planeta. Um aspecto marcante é óbvio: a enorme Galeria do Rei, que se eleva do centro da pirâmide diagonalmente em direção a uma abertura, aponta para a Estrela Polar, da Ursa Menor, embora, mais ou menos na época em que a pirâmide foi construída, a Estrela Polar estivesse na constelação do Dragão. E mais: se uma linha reta for projetada da base sul, atravessando diagonais cruzadas ao centro, não atingirá o pólo Norte por questão de apenas seis quilômetros e meio, desvio causado pelo ligeiro deslocamento do pólo desde a época da construção da pirâmide.

Massudi, historiador copta-egípcio, escrevendo durante a Idade Média, relatou a tradição de que a Grande Pirâmide fora construída durante o Reinado dos Deuses, *antes* do Dilúvio, para proteger a antiga sabedoria. Existem provas de que a Grande Pirâmide passou por uma ou duas inundações, uma vez que se encontraram ao redor de sua base conchas e fósseis marítimos, assim como vestígios de depósitos de sal na Câmara da Rainha, dentro da pirâmide. Massudi escreveu que a Grande Pirâmide não era uma tumba, mas um livro em pedra, que poderia ser lido quando gerações muito futuras possuíssem conhecimentos científicos suficientes para entender suas implicações. Se é ou não realmente um "livro", sua orientação, suas dimensões e as relações entre as mesmas certamente contam volumes da surpreendentemente adiantada civilização dos egípcios das primeiras — ou mais anteriores ainda — dinastias históricas.

O que pode ser uma surpreendente coincidência entre os observadores de estrelas sumérios e os atuais astrônomos se relaciona com certas partes de nossa galáxia onde as estrelas não são visíveis. Segundo a teoria moderna, trata-se dos "buracos negros" do espaço, teoricamente o centro do núcleo de estrelas

que explodiram ou entraram em colapso, agora de tamanha densidade em razão de sua força gravitacional que atraem e "engolem" qualquer outra matéria, até mesmo a luz, para dentro de sua esfera de atração. Essas áreas não emitem luz alguma, mas a atração que exercem sobre outros corpos e o envio de sinais indicam que alguma coisa sólida existe dentro dessas esferas de escuridão. Nestes últimos anos, muitos astrônomos concluíram que o mais provável candidato a tal fenômeno exista dentro da constelação do Cisne, designando-o como Cisne X-I.

Mas aquilo de que os astrônomos atuais apenas recentemente tomaram conhecimento talvez tenha atraído a atenção dos astrônomos sumério-babilônios quando o mundo era muito mais jovem. Seis mil anos atrás, os sumérios localizaram a mesma região e denominaram-na "a morada do pássaro-demônio de Marduk", ou também o "dragão de boca aberta" — qualquer dos quais seria um nome perturbador, ainda que perfeitamente descritivo para um buraco negro crescendo no espaço. Evidentemente, alguns dos antigos astrônomos compartilharam a preocupação de seus seguidores intelectuais e espirituais de milhares de anos após em torno dos negros abismos da galáxia.

Existem antigos registros oriundos da índia, escritos em sânscrito, relativos a teorias sobre a matéria, o tempo e o espaço que parecem ser uma previsão das atuais teorias sobre a matéria e o cosmo. Os buracos negros no espaço, ao contrário dos monstros babilônicos, são chamados centros *"laya"* em sânscrito, e significam tanto o fim como um novo começo da matéria, em sintonia com alguma das mais avançadas teorias da atualidade.

O conceito de relatividade aparentemente ocorreu aos pensadores da antiga índia muitos séculos atrás. É mencionado no antigo *Surya Siddantha* que, desde que a Terra é uma esfera, "...acima e abaixo é apenas relativo. Como poderia existir um lado superior ou inferior a ela?"

Uma antiga teoria indiana parece a previsão de um computador universal, os registros Akashic, um banco de

memória cósmica que seria capaz de armazenar todos os atos e memórias oferecidos, através dos tempos, por seres humanos de todas as partes do mundo. Além disso, está predito que, através desses registros, pessoas espiritualmente programadas podem obter informações acerca de ocorrências e vidas passadas. Embora essa possibilidade não tenha provavelmente ocorrido ainda aos programadores habilitados de nossa moderna indústria de computação, vale a pena ressaltar que o conceito de computadorização universal de certa forma ocorreu a filósofos hindus num longínquo passado.

Enquanto os antigos gregos presumiam a existência do *átomo* (em grego "indivisível" ou "que não se pode dividir"), a filosofia indiana foi mais longe, sugerindo que o átomo podia ser dividido — com as possíveis conseqüências que atualmente todos nós conhecemos. O filósofo indiano Aulukya discutiu em seus ensinamentos o minúsculo sistema solar existente *dentro* do átomo, a composição molecular e sua transformação, assim como a teoria da relatividade, mais de 2.800 anos antes de Einstein.

Uma referência sobre o que parece ser a composição molecular da matéria aparece nos textos hindo-budistas relativos à conquista do Nirvana através da liberação da alma em relação à Roda do Renascimento. Um dos comentários budistas explica a composição da matéria comparando-a a varetas separadas, amarradas e unidas em feixes, estes por sua vez amarrados entre si por outros laços, que, segundo a forma como foram combinados, formam toda a matéria, animada e inanimada. Trabalhando no sentido contrário para a liberação desses laços, os grandes feixes se dissociam em feixes menores, que, por sua vez, também se dissociam, dessa forma indicando o caminho da liberação da alma. Como esse conceito foi descrito há milhares de anos, antes que se descobrissem os átomos, as moléculas e suas ligações, não foi, portanto, reconhecido pelo que parece efetivamente ser: um conceito simples e compreensível da teoria

atômica, herdado talvez dos mesmos filósofos científicos que tão bem descreveram os verdadeiros ou imaginários efeitos de uma bomba atômica pré-histórica. (Ver Capítulo 13.)

O único número dado em qualquer antiga cultura que excede a idade do universo, atualmente aceita, de 15 bilhões de anos foi fornecido pelos antigos filósofos científicos indianos, na base aproximada de 2 bilhões de anos. Mas o "ano de Brama" dura 311 trilhões de anos, representando a contração e expansão de todo o cosmo. A teoria da expansão e contração cósmica é compartilhada hoje em dia por muitos astrônomos. A contagem de anos hindu refere-se, não só ao final dos tempos, mas a um ciclo, com cada "respiração cósmica" iniciando outro ciclo de trilhões de anos de duração. Os filósofos da índia antiga, seja qual for a fonte de seu cálculo cósmico, nos põem mais uma vez como Einstein, em contato com o próprio infinito e os círculos intermináveis do tempo sem fim. Estranho exemplo da aparente sobrevivência do conhecimento astronômico especializado em lugar inimaginável foi encontrado entre os dogons, povo tribal que vive no Mali, primitivamente parte da África Equatorial Francesa *(The Sirius Mystery,* 1978, de Robert Temple). Essa tribo relativamente primitiva preservou através dos séculos as memórias de uma conexão tribal com Sirius, a Estrela do Cão, que seus membros comemoram anualmente em festejos especiais. O fato em si não seria estranho, de vez que Sirius desempenhou importante papel no calendário do antigo Egito, seu surgimento nas alvoradas de julho assinalando a elevação anual do Nilo e talvez de outros rios africanos. O que torna singular a preocupação dos dogons com Sirius é o fato de eles terem, segundo suas lendas, por muito tempo percebido outra estrela — a escura companheira de Sirius —, invisível a olho nu e denominada, pela maioria dos astrônomos, Sírius-B. Os dogons sabiam inexplicavelmente que Sírius-B possui órbita elíptica de 50 anos de duração e também afirmam tratar-se da "coisa mais pesada do mundo" — descrição lógica para o que na realidade é

uma estrela anã que sofreu colapso. As lendas dos dogons compartilham com a astronomia moderna o conceito de que a Via Láctea é composta de estrelas remotas, que Saturno possui anéis, que Júpiter tem quatro luas. Além disso, os dogons sabiam, antes de o homem pousar na Lua, que ela era árida e desabitada.

Os dogons creditam seu conhecimento astronômico a visitantes vindos de Sirius ou arredores, criaturas que podiam viver tanto na terra quanto na água, e que, eóns atrás, trouxeram para a Terra o conhecimento da civilização e do cosmo. Eles ainda estão presentes em Sirius, lugar para onde voltam as almas dos dogons mortos.

Esse conhecimento de estrelas invisíveis, anéis de planetas e luas por parte de uma tribo primitiva não é de fácil explicação. Há uma teoria de que tais informações tenham sido recebidas do Egito — embora os egípcios não tivessem conhecimento de Sírius-B. Outra teoria supõe que a tribo tenha sido visitada por um astrônomo francês em viagem ou por um estudante de astronomia ansioso por partilhar suas teorias, embora isso não explique a própria antigüidade da lenda ou dos festejos tradicionais da tribo relativos a Sirius e à Estrela Escura. Uma terceira teoria sugere que a lenda dos visitantes "anfíbios" vindos das estrelas realmente diz respeito a viajantes do espaço que, depois de fazerem contatos inesperados com os ancestrais dos dogons, deixaram-lhes, entre outros presentes, informações cósmicas, antes de reembarcarem em seus veículos espaciais na viagem de retorno através do vazio.

Não só os dogons acreditam em mestres vindos das estrelas. Na medida em que nos tornamos mais conscientes da viabilidade das viagens espaciais e da possibilidade de vida em outros planetas, alguns teóricos têm admitido que inexplicáveis conhecimentos ou obras antigas foram trazidos para cá de outro lugar qualquer.

Tal teoria, inspirada pelo interesse mundial em relação aos

ÓVNIS, sugere que a Terra, antes dos primórdios da história, foi visitada por exploradores extraterrestres oriundos de sistemas estelares próximos ou distantes. Esses visitantes, de acordo com a teoria de Erich von Daniken e outros, fizeram contatos com as tribos da Terra e lhes ensinaram os rudimentos da civilização — explicação que claramente pressupõe que os viajantes espaciais nutrissem um benigno interesse pelo bem-estar dos habitantes de um planeta secundário, como, então, a Terra lhes pareceria. Não obstante, a teoria de antigos (e condescendentes) astronautas efetivamente em visita à Terra, e ensinando rudimentos de civilização a nossos ancestrais seria, do ponto de vista histórico e arqueológico, uma explicação para um sem-número de estranhos objetos de culturas muito antigas e não-identificadas, e até mesmo para as enormes ruínas ainda em pé, cujos meios originais de construção e alinhamento cósmico e planetário ainda representam um enigma.

Antigas pinturas em pedra na Austrália, que dizem representar deuses do "tempo de sonho" (passado longínquo), apresentam-nos vestidos com estranhas roupas que parecem as agora usadas por astronautas. Isso também se aplica às figuras nas cavernas de Tassili, no Norte da África, e mais ainda das cavernas pré-históricas da Europa, bem como a outros exemplos encontrados em pedras de templos e pirâmides ameríndias. Os trabalhos pré-históricos *dogu* encontrados no Japão representam indivíduos que também parecem estar usando uniformes espaciais.

Mas um reexame de lendas e da literatura antigas encerra algumas referências crípticas que têm sido interpretadas como contatos com membros de uma civilização vinda do mar, possuidora de cultura amplamente superior às das tribos por eles visitadas. O responsável por levar a civilização à Suméria, Oannes, é representado como sendo meio homem, meio peixe, remanescente do povo estelar anfíbio que visitou os dogons. Os avatares de Vishnu, na literatura védica, também têm muitas

vezes a forma de miraculosos semi-animais, um dos quais é um peixe. O mítico Quetzalcoatl, que trouxe a civilização para o México e para a América Central, foi designado como a "Serpente Emplumada" que veio do mar e para ele voltou. Outros deuses civilizadores visitaram a América vindos do mar: Kukulkan e Itznama vieram para as terras maias, assim como Votan, que "passou pelas ilhas do oceano oriental"; Bochita, para a Colômbia; e, para o Peru, Viracocha, cujo nome significa "Mar Ventoso".

Entre as referências geralmente citadas pelos defensores da velha teoria dos astronautas, há várias feitas no livro mais lido do mundo: a Bíblia. Aparecem sob a forma de dois versos do *Gênese,* o primeiro livro da Bíblia, e dizem respeito aos próprios primórdios da raça humana. Ei-los:

Vendo os filhos de Deus que as filhas de homem eram formosas, tomaram por suas mulheres as que dentre todas lhes agradaram. (*Gênese,* 6:2)

Ora, naquele tempo havia gigantes sobre a terra; e também depois disso, quando os *filhos de Deus* possuíram as filhas dos homens, e elas geraram filhos, estes foram homens valentes, e desde há muito afamados. *(Gênese,* 6:4)

Como esta estranha referência não especifica claramente de onde vieram esses "filhos de Deus" *(Nafilim,* no original), a antiga teoria dos astronautas presume que eles tenham vindo do espaço, embora a referência pudesse igualmente ser aplicada à reminiscência de um povo de outra civilização da Terra existente numa era anterior ao Dilúvio, especialmente se considerarmos a referência do casamento bem-sucedi-do com "as filhas de homem". A referência a evidentes visitantes do céu, gerando descendentes através de casamento com mulheres da Terra implicaria que eles fossem da mesma espécie — implicação

duvidosa caso eles tivessem vindo do espaço, mas bastante lógica se tivessem chegado de outra parte do planeta. (Descobridores, exploradores e conquistadores na história antiga da Terra raramente desprezaram a possibilidade de se relacionar sexualmente com mulheres das populações aborígenes que encontravam.)

Os vários relatos sobre estranhos visitantes donos de adiantada cultura sugerem que uma civilização superior poderia ter se desenvolvido em outra parte do mundo e que, quando representantes seus chegaram a regiões menos civilizadas, eram considerados deuses ou semideuses (e às vezes demônios) pelos povos com que entravam em contato. Isso tem acontecido em várias partes ainda isoladas do mundo contemporâneo, onde populações tribais ainda vivem nas selvas em nível que se poderia denominar pré-histórico. Foi o caso, durante a Segunda Guerra Mundial, de tribos da Nova Guiné que, postas em repentino contato com as forças aliadas de transporte aéreo, consideraram os soldados deuses ou mágicos trazidos por máquinas celestiais, mas se apavoraram com os incríveis animais que também desciam do céu — mulas do Exército.

Embora não se negando que a presença intermitente de objetos estranhos nos céus da Terra possa, com certeza, ter influenciado a imaginação dos habitantes do mundo por milhares de anos — como ocorre até hoje —, as lendas de povos primitivos poderiam igualmente ser interpretadas como referências a uma cultura terrestre superior. Colonizadores civilizadores provenientes de uma cultura superior, saindo repentinamente do mar, seriam tomados por deuses pelos habitantes locais e assim registrados em suas lendas. Isso ocorreu nas Américas, no Mediterrâneo e partes da Europa. Presume-se que tenham sido exploradores ou colonizadores de alguma outra civilização já existente na Terra que introduziram técnicas culturais e arquitetônicas, a relação entre astronomia e agricultura, a medição do tempo cósmico, a conservação de

registros e a escrita entre populações costeiras e insulares menos desenvolvidas em áreas do mundo cujas semelhanças culturais indicam origem comum. Quando o contato foi interrompido, talvez por causa de um cataclismo mundial, a população sobrevivente regrediu, talvez por séculos a fio, antes de readquirir novo impulso, a não ser que, nesse ínterim, tivesse sido absorvida por outra raça ou cultura. É fato surpreendente que as mais remotas eras egípcias, sumérias, caldéias e da antiga América pareçam ter sido mais desenvolvidas, seguidas pela deterioração cultural durante eras sucessivas.

O conceito de uma ou mais civilizações anteriores na Terra, como a Atlântida, presta-se para a explicação de exemplares arqueológicos que, de outra forma, parecem desafiar a lógica histórica. Eles incluiriam ruínas de cidades abandonadas nas Américas Central e do Sul, as fundações originais de grandes templos (como o de Baalbec, no Líbano) e as ruínas não-identificadas sob os oceanos e mares, muitas de pedras tão grandes que colocá-las onde se acham pareceria tarefa impossível para os pretensos povos primitivos dos tempos pré-históricos. Isso incluiria, também, as inúmeras e curiosas referências guardadas através dos séculos por povos cujos remotos antepassados possuíam e usavam conhecimentos científicos e técnicos de que seus descendentes, através da pintura, da escrita e de lendas recontadas conseguiram manter viva apenas a lembrança.

Devemos somente considerar lapso de tempo, até hoje, de nossa própria civilização, começando do pastoreio e da agricultura primitiva, talvez 6 mil a 7 mil anos atrás, e progredindo, apenas no último século de forma acelerada, para chegar às viagens aéreas e espaciais e à bomba termonuclear. Está se tornando evidente que parte da humanidade começou a atingir crescente nível de desenvolvimento mental desde o uso do fogo, há cerca de 750 mil anos, e começou a alcançar um nível de cultura organizada entre 100 mil e 75 mil anos antes de

nossos dias. Durante esses milhares de anos, houve tempo suficiente para uma civilização como a da Atlântida e outras mais se desenvolverem, decaírem e desaparecerem através de uma série de catástrofes — naturais ou induzidas. A teoria das civilizações elevando-se e declinando como grandes rodas em movimento foi sucintamente expressa por historiadores gregos, que sugeriram que tais finais cataclísmicos de civilizações ocorriam aproximadamente a cada mil anos. Se essa hipótese for válida e estivermos agora no final de um desses períodos de 10 mil anos, nossas perspectivas para o futuro não serão muito encorajadoras.

Uma objeção comum à teoria de uma civilização pré-histórica está contida na seguinte pergunta: se houve longas civilizações tão antigas assim, por que não se encontraram trabalhos ligados às suas respectivas culturas? Uma resposta seria a de que quaisquer trabalhos artesanais remanescentes de período tão remoto não seriam mais facilmente reconhecíveis ou teriam desaparecido pela desintegração ou ferrugem. Mas podem ocorrer algumas raras exceções, encontradas por acaso, encravadas em outros estratos, peças reconhecidamente descobertas dentro dos últimos 150 anos, embora não haja como dizer quantas outras foram encontradas e simplesmente descartadas.

Existem alguns exemplares curiosos que sugerem conquistas técnicas alcançadas por civilizações desconhecidas e muito remotas. Em 1851, um cálice de prata de complicadas linhas gerais foi descoberto encravado numa rocha granítica, por ocasião de trabalhos com dinamite, em Dorchester, no Massachusetts. O tempo necessário para a formação da rocha ao redor do cálice implicaria uma idade de centenas de milhares, ou mesmo milhões de anos. Em 1844, trabalhadores que britavam pedras numa pedreira perto do rio Tweed, na Escócia, encontraram um fio de ouro lavrado dentro de uma rocha cerca de dois metros e meio abaixo do solo.

Mineiros perto de Treasure City, em Nevada, no ano de 1869, encontraram um parafuso de ferro dentro de grande bloco de granito. Invasores espanhóis, ao penetrarem numa ruína andina durante a conquista do Peru, descobriram que, antes de sua chegada, alguém usara pregos de ferro numa parede de certa galeria da mina (e os ameríndios não conheciam o ferro ou o aço). Mineradores de cobre perto do lago Superior descobriram recentemente galerias construídas muitos séculos atrás por mineiros pertencentes a uma cultura desconhecida.

Em Coclé, no Panamá, descobriu-se que uma peça no formato de animal, em ouro, desenterrada na selva, continha um sistema de engrenagens mecânicas, técnica aparentemente esquecida ou jamais conhecida pelas sucessivas nações tribais ameríndias.

Um geodo de pedra encontrado em 1961 nas montanhas Coso, na Califórnia, aberto por colecionadores, continha no centro um arame de metal envolto por material de cerâmica encaixado em manga de madeira petrificada. Desde então, o geodo do Coso, descoberto em época de maior interesse comercial do que alguns dos outros achados acima mencionados, foi posto à venda por 25 mil dólares, que, se tendo em vista que o geodo parece representar uma técnica artesanal de dezenas ou centenas ou milhares de anos, pode ser considerado preço relativamente modesto.

Ocasionalmente, uma descoberta arqueológica surpreendente fora de seqüência histórica pode ser vista como caprichoso acaso. Durante a escavação de uma tumba em Cartago, no Norte da África, encontrou-se uma moeda que, depois de polida, foi reconhecida como sendo um copeque da Rússia imperial. Esses fatos casuais são geralmente atribuídos a roedores que costumam coletar objetos brilhantes e guardá-los em suas tocas subterrâneas — para conseqüente consternação de futuros arqueólogos.

No entanto, seria mais difícil explicar um incidente ocorrido durante o desenterramento de um esqueleto de mastodonte em

Blue Lick Springs, no Kentucky, nada mais nada menos que uma impressionante relíquia do "mundo anterior". O mastodonte foi desenterrado de uma profundidade de cerca de três metros e meio e a escavação continuou por mais 90 centímetros até bater num pavimento rígido de ladrilhos de pedra talhada — o chão de uma construção pré-histórica. Também existem registros de grandes estruturas de madeira nos lugares mais incríveis. Um grande navio antigo foi encontrado depois que um terremoto fendeu uma montanha em Nápoles, no século XVI. Há o caso ainda de um galeão de estrutura estranha que foi descoberto no interior de minas da costa do Peru durante escavações; outro galeão muito antigo foi encontrado, na virada do século passado, soterrado no gelo do Alasca.

A presença de trabalhos feitos pelo homem em minas e camadas geológicas onde suas idades presumíveis não são compatíveis com a da civilização aceita não negaria a possibilidade de que tenham saído de mãos humanas e não das de visitantes do espaço. Pois se é verdade que o mundo sofreu um abalo sísmico há milhares de anos, com vulcões explodindo, enchentes de pedras derretidas, submersão de grandes ilhas e rebaixamento de costas continentais devido a ondas de maré, enquanto outras costas e cordilheiras se elevavam a novas alturas, nada mais razoável que alguns vestígios de um mundo perdido virem a ser posteriormente descobertos nos locais mais insólitos — dentro de rochas derretidas ou soterrados sob camadas solidificadas.

De 30.000 a 10.000 a.C, vários estabelecimentos apareceram na Europa, geralmente designados como pertencentes ao tipo humano de Cro-Magnon, que demonstrava extraordinário desenvolvimento cultural, acima do nível do tipo então existente na Europa — o neandertalense. No período de 13.000 a 8.000 a.C, porém, o número desses estabelecimentos aumentou de modo impressionante, quase como se tivesse havido uma repentina migração de outra parte do mundo, um movimento

populacional de grupos humanos cujas pinturas rupestres e trabalhos artesanais demonstram um estágio artístico e de organização tribal altamente desenvolvido.

Durante esse período, e continuando quase até os primórdios dos períodos grego e romano com a história escrita que se tornou nossa, uma intermitente cultura artística floresceu na Europa Ocidental, deixando-nos notáveis amostras pintadas ou gravadas nas pa redes de cavernas, nas faces de rochas, bem como em utensílios, recipientes, armas e pequenas estátuas. Algumas são complicadas e estranhamente sofisticadas, como se grupos culturais transplantados estivessem tentando restabelecer a própria cultura e a si mesmos num mundo selvagem. A preocupação de desenhar as grandes feras das florestas do Norte é compreensível, mas é o tratamento dos animais que geralmente surpreende. As pinturas e baixos-relevos de touros selvagens nos tetos das cavernas de Altamira, na Espanha, demonstram uma fusão de arte decorativa com o conhecimento da anatomia dos animais. A rena de muitas pernas, estranhamente bem-desenhada, representa, de modo patente, a rápida movimentação do animal, 18 mil anos antes das figuras de vários membros em movimento de Picasso. Os retratos impressionistas de criaturas pré-históricas de 30 mil anos atrás em Lamarche, na França, beirou a caricatura, mas demonstram, ao mesmo tempo, que alguns dos homens das cavernas, supostamente selvagens, raspavam a barba ou aparavam o cabelo e a barba e usavam roupas talhadas e não peles de urso. Essas obras de arte da Idade do Gelo talvez tenham constituído o florescimento coincidente de uma necessidade criativa, mas também, em alguns casos, podem representar o período final de uma arte alienígena mais desenvolvida introduzida na Europa.



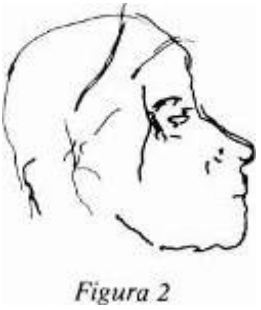


Figura 2

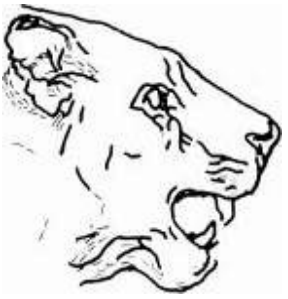


Figura 1 *Figura 3*

Desenho das cavernas, de figuras evidentemente pré-históricas, abraçadas, das Grottes de Lamarche, França. Embora a maioria das representações da Era Glaciária focalize animais, vários desenhos de homens, alguns feitos com técnicas curiosamente modernas, foram encontrados nas últimas décadas. Cópia de um original no Musée de 1'Homme, Paris *(Figura 1).*

Um rosto de há 25 mil anos. Alguns dos desenhos da Era Glaciária mostram "homens das cavernas" sem barbas, outros com barbas ou bigodes aparados, e homens e mulheres vestidos de roupas aparentemente costuradas, com sapatos e chapéus. Para fazer essas roupas, teriam sido necessárias agulhas. Estas, feitas de osso, com pequenos buracos, foram encontradas entre as ruínas pré-históricas de Solutré, na França, e em outras partes da Europa Ocidental *(Figura 2).*

Desenho das cavernas pré-histórico de uma cabeça de leão, das Grottes de Lamarche, na França, retocado para destacar as linhas essenciais. Embora muitos desenhos das cavernas sejam primitivos, alguns "centros" de arte aurignaciana e magdaleana revelam uma sofisticação surpreendente, como se uma cultura superior tivesse surgido subitamente, ou se tivesse desenvolvido em áreas primitivas, entre 20 mil e 15 mil anos atrás. Cortesia do Musée de 1'Homme, Paris *(Figura 3).*

Os locais ocupados por esses artistas rupestres parecem concentrar-se ao longo das costas atlânticas das várias nações da

Europa Ocidental, quase como se uma onda de civilização e cultura houvesse irrompido do oceano para a costa européia, aproximadamente na época da lendária submersão da Atlântida. Isso sugere uma origem comum, não de colonizadores do espaço, mas de uma avançada civilização terrestre — civilização essa bem mais antiga que qualquer outra aceita anteriormente por arqueólogos.

Um exame mais atento das lendas tribais mais antigas do mundo mostra que, em quase todos os casos, a civilização foi trazida do mar, geralmente por deuses ou semideuses, pois assim deveriam eles parecer aos povos de uma cultura não-desenvolvida. O fato de os portadores da civilização terem sido encarados algumas vezes como criaturas anfíbias vindas das estrelas simplesmente pareceria enfatizar sua tecnologia ou "mágica" incomum. Esses civilizadores talvez usassem seus estabelecimentos mais ou menos como seus descendentes europeus o fariam milhares de anos mais tarde em diversas partes do mundo. No entanto, quando os centros ilhados de população eram destruídos, os estabelecimentos recomeçavam outra vez, a essa altura por conta própria e naturalmente com novo calendário baseado no sistema de contagem aprendido, mas já a partir de nova data.

É interessante notar que diversos e díspares calendários de diferentes partes do mundo, medindo o tempo por cálculo solar, lunar ou zodiacal, quase chegaram a um ponto comum quanto a uma nova data de partida, provavelmente a data do cataclismo, que também se aproxima da estimativa geológica do degelo das últimas geleiras. É um indício convincente de que uma civilização mundial pré-histórica se desenvolveu sobre a Terra através de seus próprios povos, e de que seus registros mais antigos que nos ficaram parecem referir-se ao final dessa remota civilização.



Cópia de um exemplo excepcional de arte pré-histórica, com 8 a 9 mil anos, encontrado numa caverna do monte Pellegrino, perto de Palermo, na Sicília. Foi descoberto depois da Segunda Guerra Mundial, quando uma explosão de munições guardadas na caverna arrancou as incrustações de milhares de anos, revelando esses desenhos sulcados que indicam um desenvolvimento cultural avançado e uma técnica aprimorada. Embora a arte encontrada na maioria dos locais pré-históricos evidencie compreensível preocupação com os animais, há outros locais no litoral do Sudoeste da Europa que parecem ter sido decorados por uma raça culturalmente adiantada, que teria chegado a esse litoral proveniente do oceano Atlântico. (Compare-se com o mapa da distribuição geográfica intensiva da arte pré-histórica, à p. 203.)

Os calendários hindu, egípcio e babilônico iniciam novo ciclo

a partir de determinado momento entre 11.500 e 11.000 a.C, bem próximo do número dado por Platão para *o final* da Atlântida, isto é, 9.500 anos antes da época dele. Essas datas também correspondem aproximadamente ao degelo das últimas geleiras, 1.200 anos atrás, como também à penetração das águas mornas do Atlântico no longínquo oceano nórdico — como se houvesse sido removida uma barreira de terra que anteriormente impedisse uma corrente morna do sul de fluir tão para o norte.

Segundo historiadores egípcios, o lendário Reino dos Deuses — aqueles que reinaram antes de começarem as dinastias históricas — teve início há 10 mil anos. O período dos sofisticados pintores em pedra do então fértil Saara foi calculado entre 8000 e 7000 a.C. e, segundo a tradição, foi por essa época que o deus — ou mestre — Thoth chegou ao delta do Nilo, trazendo para o Egito o conhecimento da escrita hieroglífica, produto de uma civilização já desenvolvida.

Importantes convulsões tectônicas ocorriam ainda no Atlântico norte entre 10 mil e 9 mil anos atrás, destruindo provavelmente o que ainda restasse das terras da Atlântida. Foi após esses sismos que teve início o calendário Ohmec/Maia cerca de 8570 ou 8500 a.C, data que o cientista de foguete Dr. Otto Much atribui para a destruição da Atlântida.

No entanto, há outras provas além da dos calendários, das lendas e da precária memória do homem. Ainda existem pelo mundo afora estranhas edificações cujos indícios de antigüidade ou o fato de estarem agora sob o mar as coloca dentro de um período de tempo entre 8 mil e 10 mil anos atrás, ou mais. Estruturas e uma pirâmide em Cuicuilco, ao sul da Cidade do México, foram descobertas sob um campo de lava resultante de uma erupção vulcânica ocorrida cerca de 8 mil anos atrás, isto é, milhares de anos antes do aparecimento dos astecas no México.

As grandes ruínas de pedra do Peru e da Bolívia, ainda de pé na América do Sul, são tão antigas que os registros do Império Inca ou esqueceram de mencionar quem as erigiu ou então não

conheciam seus autores, de vez que foram erguidas séculos ou milênios antes de esse império se estabelecer. Quando os invasores espanhóis quiseram saber o que elas eram, os peruanos responderam que tinham sido construídas pelos deuses, os quais fizeram as enormes pedras, cada qual pesando centenas de toneladas, voarem até onde estavam através de cordilheiras, vales profundos e rios. Fossem ou não divinos, seus construtores eram engenheiros excepcionais, capazes de cortar e moldar enormes blocos de rocha numa série de ângulos (uma pedra ciclópica em Sacsahuamán possui 32 ângulos diferentes), de forma a se encaixarem com as superfícies rejuntadas, sem espaço entre si, não só do lado de fora, como do lado de dentro também. A técnica e a habilidade de engenharia que essas construções sugerem escapa à seqüência histórica. Na verdade, com todos os nossos conhecimentos atuais, elas seriam quase impossíveis de realizar hoje em dia. Certamente, seria considerado impossível que construtores pré-históricos tivessem realizado tal tarefa milhares de anos atrás, não fosse o fato de tais edificações ainda existirem nos altos Andes, prova visível de sua vitória sobre o tempo. As ruínas de Tiahuanaco foram datadas por Poznansky (ver Bibliografia) como remontando a 10 mil ou 12 mil anos — talvez até antes de os Andes atingirem a presente altitude.

Um insólito lugar na Iugoslávia, Lepinski Vir, mostrou que uma cultura de pequena aldeia de menos de 130 casas havia construído moradias sobre fundações de cimento derramado, incorporando calefação central indireta, há pelo menos 7 mil anos. Fica no ar a dúvida quanto a se um pequeno núcleo populacional humano descobriu como fabricar cimento, ou se sobreviventes de uma cultura mais antiga recordaram o processo e o empregaram em novo ambiente — possível explicação para o crescente número de descobertas pelo mundo afora que indicam técnicas avançadas, aparentemente deslocadas na sucessão contínua do tempo histórico. De qualquer forma, só 5 mil anos mais tarde é que o processo de cimentar voltou a ser empregado,

dessa vez pelos antigos romanos.

Antiqüíssimas construções em pedra espalhadas pelo mundo sugerem uma cultura comum da qual apenas as grandes pedras, forma de construção inequivocamente à prova do tempo, ainda permanecem. A cultura megalítica de Malta, uma das mais antigas do Mediterrâneo, é estimada em mais de 8 mil anos. Os estabelecimentos murados em círculo e as tumbas das ilhas Canárias, que lembram tanto as minas de Malta que devem ter sido construídos pelos mesmos arquitetos, parecem ser ainda mais antigos. Algumas das outras antigas ruínas de Malta lembram muito os muros de pedra do antigo Peru, assim como os muros e plataformas sobre os quais foram colocadas as estátuas da ilha da Páscoa.

O mesmo tipo de arco em mísula foi empregado pelos maias e pelos antigos micenenses da Grécia. As torres redondas de pedra da costa irlandesa lembram as torres *nuraghi* da Sardenha e as torres circulares *chullpa* do Peru pré-incaico. Grandes círculos de pedra, como os de Stonehenge e a circunferência de 48km do círculo de Glastonbury, na Inglaterra, encontram-se repetidos em locais pré-históricos ao longo das planícies costeiras da Europa Ocidental e de várias partes da América indígena.

As muralhas de pedras meticulosamente encaixadas no Zimbabwe, África, são extraordinariamente semelhantes às muralhas de Kuelap na selva do Peru oriental (até no traçado da borda de pedra ao longo do cimo das muralhas) e também aos fortes de pedra das ilhas Aran, ao largo da costa ocidental da Irlanda. Essas fortificações de pedra, semelhantes na construção, mas distantes entre si milhares de quilômetros, são aparentemente muito antigas, mas sua antigüidade é difícil de precisar com exatidão, uma vez não ser possível datar-se pedra em período inferior a 50 mil anos antes de nossos dias.

Pode-se imaginar que existissem muitas fortalezas, mais tarde copiadas ou restauradas pelos habitantes locais, construídas

originalmente com pedras resistentes ao tempo para a proteção das forças colonizadoras, da mesma forma que as legiões romanas construíram seus acampamentos de madeira ou entrincheiramentos. Embora os acampamentos romanos tenham desaparecido, persistindo nos nomes das cidades desde então erguidas naqueles locais, essas ruínas muito mais velhas e não-identificadas ainda representam as técnicas de construção de um mundo mais remoto.

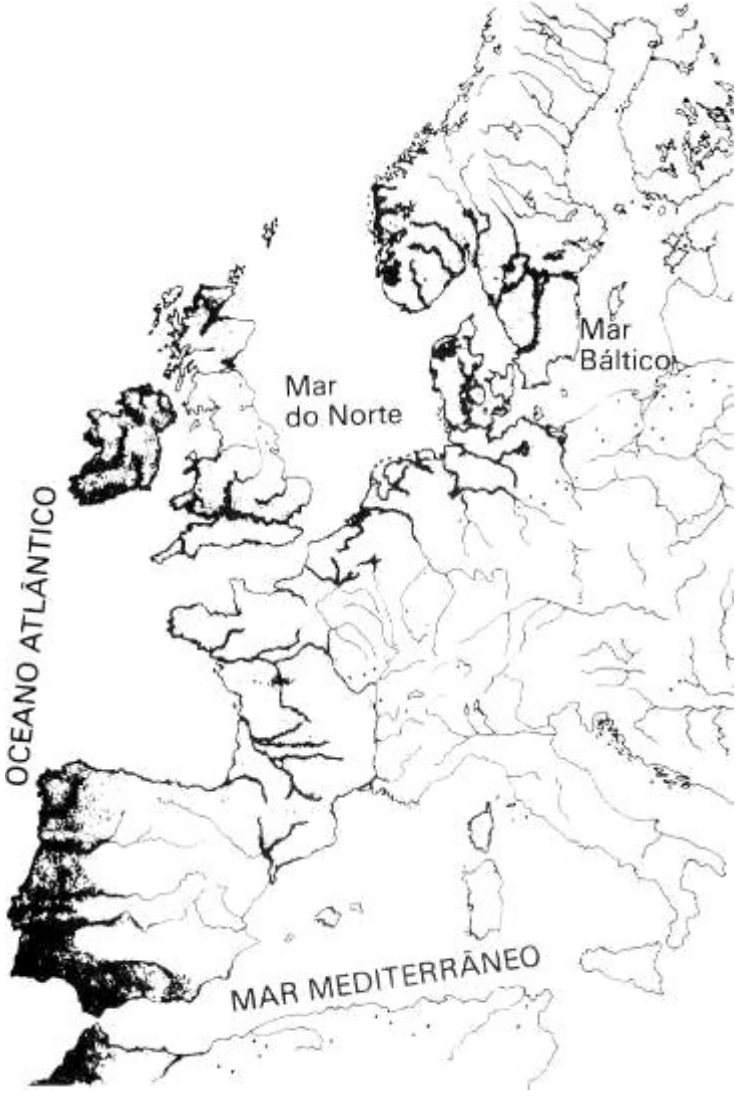
Em vários casos, culturas subseqüentes ergueram-se sobre gigantescos monumentos deixados por uma civilização anterior. Pirâmides foram construídas sobre pirâmides, novas cidades cobriram completamente cidades mais antigas, novos templos foram erigidos sobre as ruínas de templos mais antigos, sempre em fundações gigantescas. Esse parece ser o caso de Baalbec, no Líbano, onde uma fundação pré-histórica contendo blocos de 2 mil toneladas cada foi usada como base para um templo greco-romano dedicado a Júpiter. A fundação original em terraço era tão descomunal que o Dr. Agrest, cientista soviético, e outros sugeriram que originalmente fizesse parte de uma plataforma de aterrissagem e decolagem de naves espaciais extraterrenas. É mais lógico, porém, atribuir-se as enormes dimensões dessas pedras simplesmente às esquecidas técnicas de construção de povos muito primitivos que aprenderam a movê-las com aparente facilidade e cuja habilidade na arte da construção pode ser reconhecida, ainda que não explicada. Ao largo da costa do Marrocos, pedras soltas semelhantes, cada qual maior que uma casa de dois andares, foram descobertas incorporadas a uma muralha que se estendia por nove milhas sob o mar.

A perícia técnica de culturas pré-históricas em manusear, cortar e fixar essas enormes pedras foi muitas vezes atribuída ao auxílio de antigos astronautas, especialmente porque algumas dessas monumentais construções servem, ou serviram, de observatórios ou calendários cósmicos. Mas isso não significa necessariamente que houvesse comunicação entre os povos da

Terra e viajantes das estrelas, de vez que a observação dos céus seria um progresso natural para estabelecer a passagem do tempo, a mudança das estações e sua correspondente influência na agricultura. Além do mais, as maciças construções de pedra que têm durado desde os tempos pré-históricos mostram apenas que os construtores originais eram tecnicamente habilidosos e aparentemente possuíam meios de manusear, cortar ou talvez fundir imensas pedras segundo métodos que ainda desconhecemos.

As longas eras que o homem atravessou antes do registro histórico e a memória comum da humanidade em relação a um mundo anterior sugerem que o homem desenvolveu a civilização aqui neste planeta. Essa civilização estendeu-se de um centro de cultura mundial até as ilhas e costas, subindo rios costeiros até o continente através do mar e se irradiando em direção a uma ilha-continente situada no oceano Atlântico. Cerca de 12 mil anos atrás, porém, ocorreu um cataclismo que destruiu o centro cultural, além de vários outros pontos civilizados do mundo — reminiscência que se manteve viva em todos os povos através das lendas do Grande Dilúvio e de fins do mundo por meio de fogo, terremotos e vendavais. Sobreviventes desse cataclismo preservaram alguns traços de suas velhas culturas, modificando seus calendários para indicarem um novo começo do mundo. A lembrança instintiva do mundo perdido e da era dourada da humanidade é uma das mais profundas e generalizadas entre os povos. Somente agora, no início da era espacial, quando temos à disposição novos métodos de pesquisa e estudos sobre a superfície e a subsuperfície da Terra e do oceano, é que a lenda antiga começa a ficar próxima de uma solução real. A investigação sobre a Atlântida não se limita mais a um estudo de lendas, de antigos escritos, de coincidências lingüísticas e raciais ou da distribuição da vida animal entre os continentes, mas pode hoje em dia se basear na investigação atenta das terras abaixo do Atlântico, onde os vestígios do oitavo continente ainda jazem

sob detritos acumulados há quase 12 mil anos.



Mapa das áreas das pinturas das cavernas e artefatos pré-históricos na Europa. As áreas cinzentas indicam os pontos de maior concentração, sugerindo que uma cultura mais adiantada teria chegado ao litoral oriental da Europa proveniente do mar.

11
AS GRANDES ILHAS SOB O MAR

Desde que, da Lua, foram tiradas as primeiras fotografias da Terra, os homens se familiarizaram com nosso mundo como um planeta de água, um globo verde-azulado na escuridão do espaço. Habituamo-nos também com os nomes dos oceanos, mares, golfos, baías e grandes lagos interiores. Mas foi somente nos últimos 50 anos que conseguimos realmente determinar as profundidades dos nossos oceanos e formar uma idéia de como é o solo marinho, do qual fazem parte montanhas, planícies rasas, elevados terraços, *canyons* ou planaltos que desaparecem no abismo. Faz comparativamente pouco tempo que o homem conseguiu formar uma idéia aproximada da geografia do solo oceânico e sobre o que existe sob a água que cobre 71% do planeta. Essa área, até os tempos modernos, era quase tão desconhecida quanto o lado escuro da Lua. O crescente conhecimento da natureza física do solo marinho tem sido, paradoxalmente, aperfeiçoado através da pesquisa relacionada com a guerra, assim como vem acontecendo com várias outras descobertas menos louváveis.

As primeiras explorações extensivas do Atlântico foram feitas por navios de guerra ingleses, americanos, alemães e franceses na última metade do século XIX, empregando basicamente os mesmos meios de estabelecer profundidades usados desde tempos remotos.

Através da história, capitães de navios interessavam-se mais em saber onde eram rasas as águas do que qual a sua profundidade, para evitar que os navios batessem em pedras no fundo do mar ou encalhassem em bancos de areia. Até a invenção do sonar, a profundidade era estabelecida atirando-se pesos com linhas métricas, e mais tarde arame, da proa de um navio com as velas desfraldadas, e então, quando ele

emparelhava com o peso atirado e a linha ficava na vertical, esta era alçada novamente para a medição. Isso era repetido a intervalos regulares. Se o navio estivesse parado, uma linha comprida era baixada até o fundo para estabelecer a profundidade aproximada. A composição do fundo do mar era verificada untando-se de cera ou graxa o lado inferior do peso de chumbo, de forma que, quando entrasse em contato com o fundo, aderiria a este e indicaria se era composto de areia, lama, terra, conchas ou outros resíduos. A precisão das medições era limitada, no entanto, pela temperatura e pelas condições do mar por ocasião das sondagens.

Tais métodos testados através do tempo, embora de sucesso garantido no caso dos contornos da costa devido à freqüência das sondagens, só podiam oferecer um quadro incompleto do fundo do mar aberto, ainda que um aperfeiçoado processo de linha com peso de chumbo ainda tenha sido empregado nas primeiras expedições navais de pesquisa do século XIX no Atlântico central, preparatórias para a instalação de cabos transatlânticos.

Quando das primeiras operações de sondagem de profundidade controlada em larga escala em pleno Atlântico, ressurgiu no mundo ocidental uma onda de interesse pela Atlântida. Várias pessoas — entre elas, aparentemente, alguns oficiais da Marinha envolvidos nas operações — ficaram curiosas quanto à possibilidade de existir um continente submerso no meio do oceano, mais ou menos no local mencionado por Platão. Embora certamente as primeiras sondagens cientificamente controladas sobre o que atualmente se chama a cordilheira do Atlântico central nada tivessem a ver com a antiga lenda, mesmo assim ela permaneceu como memória na consciência de alguns dos participantes e daqueles que leram os resultados obtidos. Ignatius Donnelly, que poderia ser chamado o Platão dos modernos estudos sobre a Atlântida, interpretou os resultados das sondagens feitas na cordilheira do Atlântico central, na década de 1870, como prova de que fora encontrado o

Continente Perdido. Suas palavras no livro *Atlantis* são como um toque de clarim chamando para novas explorações:

Imaginem se encontrássemos no meio do Atlântico, diante do Mediterrâneo, nas proximidades dos Açores, as ruínas de uma ilha imensa, submersa — 1.600 quilômetros de largura e três a cinco mil metros de comprimento — não confirmaria isso a afirmação de Platão, de que "além do estreito onde estão localizadas as Colunas de Hércules havia uma ilha maior do que a Ásia [Menor] e a Líbia juntas..." E suponham que descobríssemos serem os Açores os cumes dessa ilha submersa, erodidos e achatados por tremendas convulsões vulcânicas, ao mesmo tempo em que à sua volta, descendo para o mar, fossem encontradas grandes camadas de lava; e que toda a face da terra submersa estivesse coberta por milhares de quilômetros de dejetos vulcânicos — não seríamos então obrigados a confessar que tais fatos constituem uma vigorosa corroboração das palavras de Platão, de que "num dia e numa noite fatal ocorreram tremendos terremotos e inundações... e a Atlântida desapareceu sob o mar; e então o mar tornou-se inacessível, devido à quantidade de uma que a ilha Dor ele tragada deixou"

E tudo isso foi provado, de maneira conclusiva, por investigações recentes. Sondagens das profundezas do mar foram feitas por navios de diferentes nações; o barco norte-americano *Dolphin,* a fragata alemã *Gazelle,* os navios ingleses *Hydra, Porcupine* e *Challenger* mapearam o fundo do Atlântico, revelando uma grande elevação, que parte de um ponto no litoral das Ilhas Britânicas e desce para o sul, para a costa da América do Sul... e dali, ainda para o sudeste, até o litoral da África do Sul, depois para o litoral da África e dali rumo sul para Tristão da Cunha. A terra submersa... eleva-se uns 2,5 mil metros acima das grandes profundezas que a cercam, e nos Açores, Ilhas de São Paulo, Ascensão e Tristão da Cunha, chega à superfície do

mar.



Mapa sugerido por Ignatius Donnelly para a localização geral da Atlântida e das terras que caíram sob sua influência ou domínio colonial. Donnelly localiza a ilha central próximo aos Açores, ao longo da cordilheira do Atlântico Médio, ligando-a a outros continentes por supostas pontes terrestres. Nosso conhecimento do leito do mar sugere outros grupos extensos de ilhas que outrora estariam acima da superfície, mas não pontes terrestres. Todas as terras em branco conservam lendas muito divulgadas sobre a Atlântida, e em muitas delas há maciças ruínas de construções de pedra, por raças ainda não identificadas.

Temos então, aqui, a espinha dorsal do antigo continente que outrora ocupou... o Oceano Atlântico... As partes mais profundas do oceano, a 3.500 braças de profundidade, representam as partes que afundaram primeiro ... as planíces a leste e oeste da cadeia central de montanhas; alguns dos picos mais altos dessa cordilheira— os Açores, São Paulo, Ascensão, Tristão da Cunha — ainda estão acima do nível do mar, enquanto o grande corpo da Atlântida fica a algumas centenas de braças sob o mar...

Quando as barreiras da Atlântida afundaram o suficiente para permitir a expansão natural da água aquecida dos trópicos para o norte, o gelo e neve que cobriam a Europa desapareceram gradualmente; a Corrente do Golfo cercou a Atlântida e ainda

conserva o movimento circular que lhe foi dado inicialmente pela presença daquela ilha.

Os oficiais do *Challenger* verificaram estar toda a cordilheira da Atlântida coberta de depósitos vulcânicos; são a lama assentada que, como Platão nos diz, tornaram inatravessável o mar, depois da destruição da ilha.

O navio norte-americano *Gettysburg* também fez algumas descobertas notáveis num campo próximo... A recém-anunciada descoberta do Comandante Gorringe, da corveta norte-americana *Gettysburg,* de um banco de sons a 85° W e distante 130 milhas do Cabo de São Vicente, durante a última viagem desse navio pelo Atlântico, relacionada com sondagens feitas anteriormente na mesma região, sugere a provável existência de uma cordilheira submarina, ou de um planalto, ligando a ilha da Madeira à costa de Portugal, e a provável ligação terrestre, em épocas pré-históricas, daquela ilha com o extremo sudoeste da Europa...

Um dos oficiais do *Challenger,* pouco depois da expedição, manifestou sua convicção de que a grande cordilheira submarina é o que resta da "Atlântida perdida".

Embora se possa criticar o excessivo entusiasmo e a certeza das informações com que Donnelly projetou suas teorias — e oceanógrafos e geólogos vêm fazendo isso com bastante afinco desde 1882 — é, não obstante, digno de nota que os navios a que ele se refere tenham traçado um perfil bastante cuidadoso do fundo do mar antes que o sonar pudesse confirmar suas descobertas com maior exatidão. Adiantadas operações de dragagem, durante nosso século, retiraram do solo atlântico amostras de rochas que demonstram que grandes extensões do fundo estiveram acima do nível da água até o final da Era Glacial, que grandes erupções vulcânicas ocorreram na época em que um continente ou grupo de grandes ilhas oceânicas afundou e que diversas amostras de rochas da terra submersa na cadeia Aves, no Caribe e no Atlântico centro-ocidental, poderiam ser

classificadas como de origem continental por causa das pedras do sial (continental) trazidas das profundezas.

Em 1898, uma descoberta "atlante" ocorreu por engano. Enquanto se lançava um cabo submarino, este se partiu de repente cerca de 500 milhas ao largo dos Açores. Por muita sorte, a dragagem conseguiu recuperar, com sucesso, as pontas do cabo numa difícil manobra, de vez que o fundo do mar parecia composto de vales, penhascos e cumes pontiagudos. Durante a operação, diversas rochas foram trazidas à tona e imediatamente se tornaram motivo de uma controvérsia iniciada por Pierre Termier, proeminente atlantologista francês. Termier argumentou que as rochas, uma lava conhecida como taquilito, se dissolveriam na água do mar após 15 mil anos, e que sua textura porosa microcristalina demonstrava que elas se haviam solidificado ao ar livre, oriundas, provavelmente, de um vulcão antes situado acima do nível do mar, mas agora submerso. Embora a região de onde vieram as rochas seja atualmente conhecida como banco Telegráfico, em recordação ao incidente com o cabo, o aspecto atlante da descoberta ainda é objeto de discussão.

Nos últimos anos, várias amostras de rochas coletadas por expedições no curso de pesquisas normais têm acrescentado novos dados à controvérsia de Termier. A Dra. Maria Klenova, da Academia Soviética de Ciência, após examinar rochas dragadas a uma profundidade de 2 mil metros numa expedição levada a cabo na mesma região ao norte dos Açores, expressou a opinião de que a rocha se tinha formado à pressão atmosférica aproximadamente 15 mil anos atrás.

Perto da costa norte da América do Sul, rochas graníticas foram apanhadas em uma dragagem realizada em 1969 por uma expedição da Duke University no istmo subterrâneo que vai da Venezuela até as ilhas Virgens. O Dr. Bruce Heegen, proeminente oceanógrafo americano, assim avaliou a descoberta: "Até agora, os geólogos geralmente acreditavam que as rochas

leves, graníticas ou ácido-ígneas, ocorressem apenas nos continentes, e que a crosta da Terra abaixo do mar fosse composta de rocha basáltica mais pesada e escura. Assim, a ocorrência de pedras graníticas claras pode apoiar uma velha teoria de que existiu anteriormente um continente na região oriental do Caribe, e essas rochas talvez representem o cerne de um submerso continente perdido."

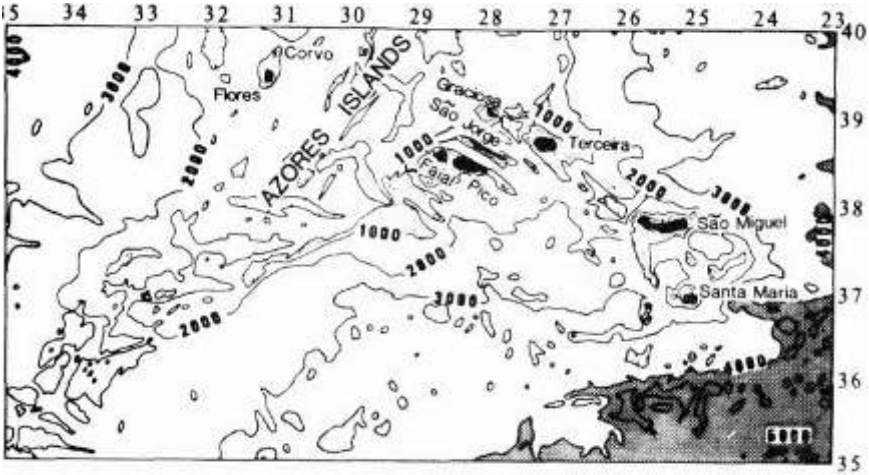
Informações cada vez mais exatas relativas ao solo oceânico talvez revelassem vestígios e até artefatos provenientes das lendárias terras submersas. Na verdade, é evidente que isso já ocorreu, embora, naturalmente, poucos cientistas marítimos ou oceanógrafos estejam dispostos a complicar seus relatórios com informações que, caso relativas à existência da Atlântida, de nada serviriam para incrementar sua carreira profissional. Mas informações obtidas com dragagens, com sonar e com a retirada de resíduos do fundo estão contribuindo para um retrato geral da localização das grandes ilhas afundadas quando ainda se achavam acima do nível do mar.

O sonar, o mais importante aperfeiçoamento para a pesquisa topográfica do oceano, esteve em uso experimental antes da Segunda Guerra Mundial, e foi levado a alto grau de perfeição durante o período de ação naval da década de 1940 até a de 1960. Hoje, é possível esboçar, com detalhes, o fundo do oceano: suas montanhas, fendas, planícies e elevações, que estão sendo definidas com grande precisão nas cartas marítimas à medida que suas profundidades a partir da superfície são estabelecidas em diferentes pontos através de repetidas e consecutivas sondagens.

O sonar é uma onda sonora refletida do fundo, cuja profundidade é calculada pelo tempo que leva para voltar. Era usado apenas esporadicamente para medição de profundidades até que um erro operacional veio a acentuar-lhe a eficácia. Esse erro feliz ocorreu em 1944, num vaso de guerra no Pacífico central sob o comando geral do almirante Harry Hess. O sonar

assestado para o fundo era conferido a cada meia hora aproximadamente como um controle geral para navios de superfície, exceto em casos de emergência, como a presença de submarinos. O fato de um técnico do sonar ter esquecido de desligá-lo resultou, pela primeira vez, num registro sem interrupção do fundo do mar, prática mais tarde adotada por navios hidrográficos em trabalho de pesquisa numa área específica. Esse registro das saliências e reentrâncias do fundo do mar em linha razoavelmente reta revelou a presença, no fundo do mar, de uma série de montanhas achatadas nunca antes divisadas, mais tarde conhecidas como *guyots* ou montanhas marinhas. No Atlântico, várias dessas montanhas marinhas estão muito próximas da superfície, como se já tivessem sido ilhas de um oceano anterior e, de certa forma, mais raso.

Nos últimos anos, o sonar se tornou tão aperfeiçoado que, através de um sonar de varredura lateral, se pode examinar maior extensão do fundo do mar com os mesmos impulsos. Outro curioso mistério foi esclarecido: o da DRL *(deep-rising layer,* "camada que se eleva do fundo"), acusada pelo sonar como fundo falso que se elevava e baixava de acordo com a hora do dia. Foi mais tarde determinado que esse fundo móvel era composto de uma massa de lulas banqueteando-se no plâncton — as lulas subiam à noite para se alimentarem e voltavam às profundezas durante o dia. Atualmente, o sonar é capaz de distinguir baleias, cardumes de peixes menores, navios na superfície ou jazendo no fundo, ou submarinos navegando. Também é capaz de captar estranhas formações no fundo, algumas vezes feitas pelo homem, e, através da fotografia pelo sonar, configurar as formas que elas refletem. A fotografia pelo sonar foi empregada numa busca do monstro de Loch Ness, em águas tão turvas que os olhos não conseguiam penetrar.



Níveis gerais de profundidade no planalto dos Açores, em metros. Se a área no nível de três a quatro mil metros foi outrora terra firme (e as amostras de terra e cinzas extraídas do leito do mar sugerem que assim foi, no passado), pode-se dizer que existiu uma área terrestre muito grande no Atlântico Médio, fato esse que ainda perdura na memória da humanidade.



Registro de reflexo sísmico do fundo do oceano Atlântico, no qual se vêem cordilheiras e picos montanhosos do fundo oceânico.

Embora o monstro fugidio não fosse detectado pelo sonar, foram vistas claramente no gráfico ruínas pré-históricas de pedra, construídas antes de o mar se elevar simultaneamente com a elevação do nível da água de todo o planeta.

Por causa de sua óbvia utilização no mapeamento do fundo do mar, é evidente que o sonar de alta tecnologia pode ser empregado na localização de ruínas de construções feitas pelo homem, tais como cidades, muros ou pirâmides no solo

oceânico, sem o uso de câmaras com iluminação artificial.

Exceto em algumas expedições financiadas por particulares, que fazem a prospecção em águas relativamente rasas, as descobertas de ruínas arquitetônicas têm acontecido por acaso e, em geral, não são levadas avante. Um exemplo notável foram as fotos tiradas de uma câmara baixada do navio de pesquisa *Anton Brunn* com o objetivo de filmar os peixes do fundo da fossa Nazca, ao largo do Peru, em 1965. Uma fotografia tirada ao acaso mostrou maciças colunas e muros de pedra no fundo lodoso a uma profundidade de dois metros e meio. Outro exemplo foi a experiência do submarino francês *Archimède* que, num mergulho ao largo da plataforma continental das Baamas, enquanto descia para o fundo, bateu repetidas vezes contra um lanço de degraus feitos de gigantescas pedras cortadas, a uma profundidade de 4.200 metros.

As grandes ilhas submersas do Atlântico têm sido identificadas através de sondagens de sonar como sendo uma série de planaltos, geralmente ligados por istmos submarinos e assinalados por ilhas ainda existentes acima do nível do oceano. A foto de sonar das ilhas submersas, segundo indicação nos mapas de profundidade, mostra diversas grandes massas de terra e sugerem a presença de grandes baías, inúmeros lagos e sistemas fluviais indicados por desfiladeiros submarinos.

No Atlântico ocidental, se o nível do mar baixasse apenas uns 100 metros, as Baamas formariam uma única massa de terra, tão grande quanto a Flórida. Teriam uma baía muito grande, a atual área de 1.600 metros de profundidade entre Andros e a cadeia Exuma conhecida como a Língua do Oceano. Foi no atual solo marinho das Baamas que mais de 50 sítios arqueológicos foram assinalados como evidência de uma cultura de construção em pedras muito além da capacidade dos índios canibais Carib encontrados naquela região pelos primeiros exploradores. Cavernas submarinas calcárias nas Baamas — os famosos Buracos Azuis *(Blue Holes)* contêm estalagmites e estalactites e

geralmente se ligam às águas profundas, prova irrefutável de que foram formadas acima do nível do mar. Outra indicação dos acontecimentos cataclísmicos que ocorreram na região é a posição de algumas dessas formações — não retas, mas inclinadas e partidas, como se tivessem descido de modo precipitado, e não gradativo, mar adentro.

Um exame dos contornos das profundezas oceânicas ao largo do Iucatã e das ilhas do Sul do Caribe sugere a existência anterior de outra extensa região de terra ao norte da Venezuela e a leste da América Central. É do Iucatã e de Belize que as antigas estradas maias prosseguiam da costa rumo a destinos hoje submersos. Ao norte da Venezuela, um muro submarino que se estende por cerca de 800 metros, devido exatamente a essa sua extensão, não foi considerado obra do homem. Foi também nessa proximidade geral que uma expedição da Duke University encontrou rochas continentais na cadeia Aves.

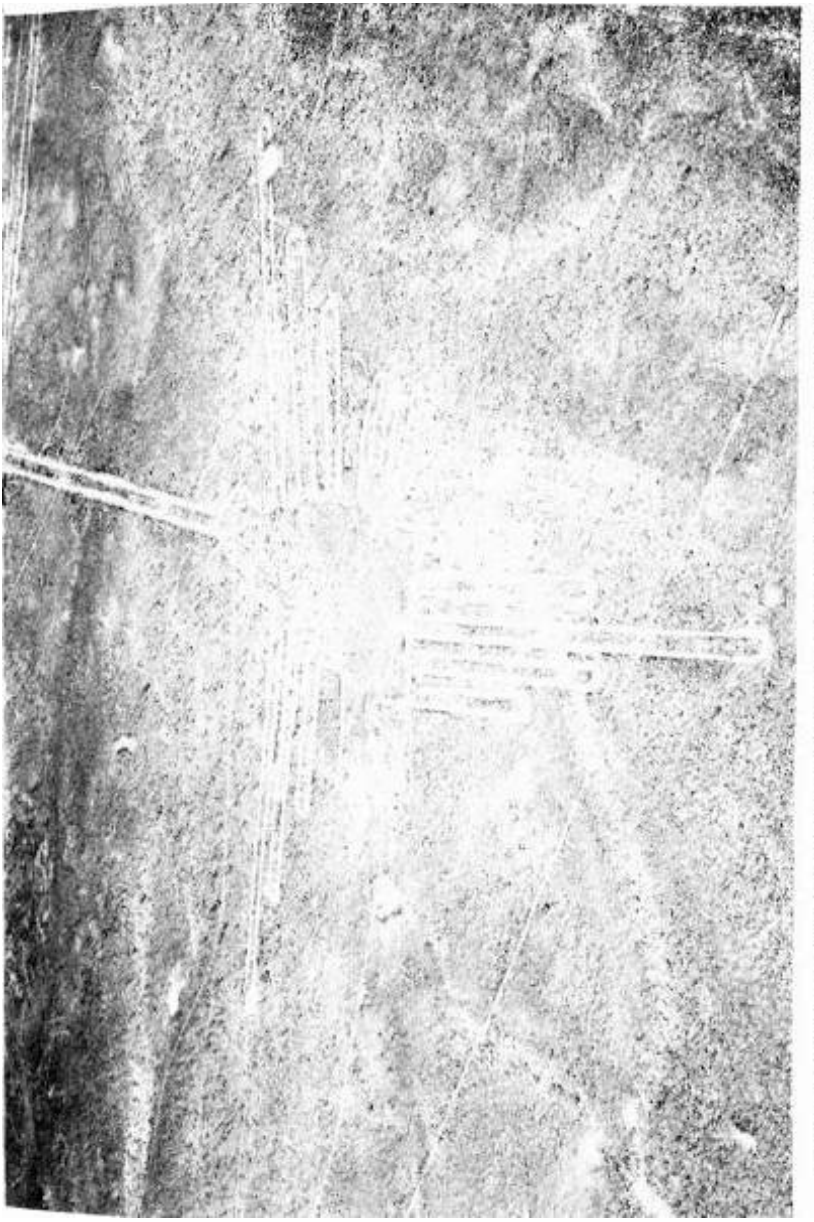
O continente ou ilhas submersas mais de perto identificadas com a Atlântida incluem os Açores, as Canárias, a Madeira, as ilhas do Cabo Verde e, possivelmente, as Bermudas e os penedos de São Pedro e São Paulo. Várias montanhas marinhas, tanto a leste quanto a oeste da cordilheira do Atlântico central, teriam sido pequenas ilhas. Quando as modificações agora cientificamente documentadas forem levadas em consideração, verificar-se-á que todas elas já tiveram o dobro ou o triplo do tamanho atual. Isso explicaria a descrição de Platão sobre as ilhas das quais se poderia passar para "todo o continente oposto que circundava o verdadeiro oceano". (Foi nas montanhas marinhas Ampere, ao norte da ilha da Madeira, que uma expedição russa, em 1977, relatou que fotografias submarinas comprovavam a existência de muros, calçadas e degraus.)

Foi na vizinhança dos Açores que tiveram lugar as primeiras buscas modernas da Atlântida, e onde rochas do fundo do mar comprovaram a ocorrência de grandes erupções e repentinos rebaixamentos, bem como foi descrito na lenda de Platão. Uma

grande ilha-continente assentada sobre uma série de planaltos onde atualmente se assentam a atual ilha dos Açores e diversas montanhas marinhas (duas das quais apropriadamente denominadas Atlântida e Platão por ocasião de seu mapeamento) estende-se pelo Atlântico central adentro, desde a latitude de aproximadamente 50° N numa linha entre a Terra Nova e o Norte da França, continuando para o sul, através dos Açores, voltando para sudoeste e descendo pelo mar de Sargaço para a latitude 20° Norte, numa linha entre o Iucatã e a Mauritânia, na África. Esse planalto submarino poderia ser comparado, *grosso modo,* em dimensões, nos tempos atuais, à área ocupada por França, Espanha, Portugal e ilhas britânicas juntos. Ou, segundo Platão (tendo-se em mente que, quando se referia à "Líbia", ele queria indicar a parte costeira do Norte da África e, quando se referia à "Ásia", queria dizer Ásia Menor), "maior que a Líbia e a Ásia juntas". As dimensões aproximadas da ilha-continente, mencionadas por Platão e corroboradas, milhares de anos mais tarde, pelo descobrimento dos grandes planaltos montanhosos ao longo da cordilheira do Atlântico central, seria mais que suficiente, em extensão territorial, para abrigar a população, o comércio, a agricultura, a marinha e a cultura marítima detalhada no *Critias* e no *Timeu.*

Parte do complexo das ilhas Canárias talvez fosse uma única região de terra ligada à África, como ainda está ligada à plataforma continental africana. O domínio ou cultura da Atlântida talvez se espalhasse para as plataformas continentais dos quatro continentes limítrofes do Atlântico, e é precisamente nas plataformas continentais da Espanha, França, Inglaterra, África, índias Ocidentais, América Central e Norte da América do Sul que estão sendo descobertas, com crescente freqüência, ruínas arquitetônicas em águas rasas e profundas. Costas submersas e terraços rebaixados do nível do mar ao longo das costas ocidental e oriental do Atlântico Norte atestam a existência de extensas regiões, ora submersas, mas

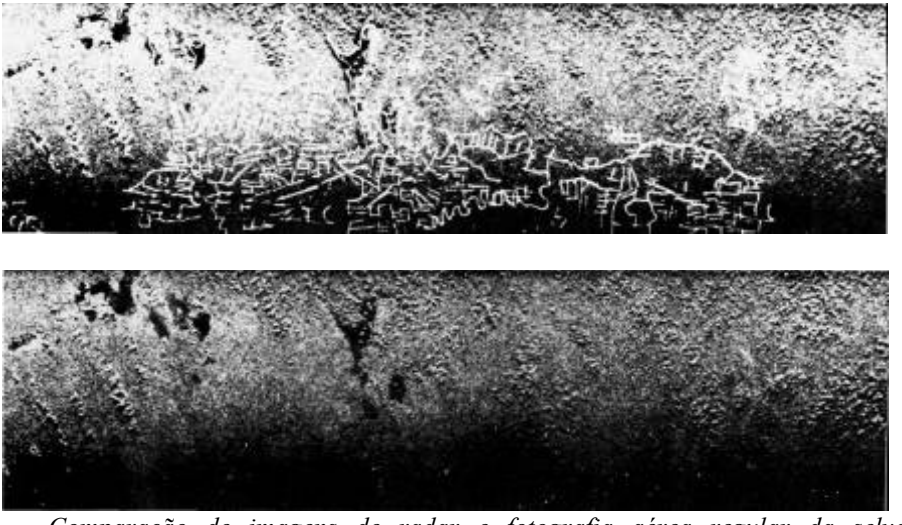
provavelmente outrora habitadas.



Pássaro gigantesco entalhado no chão de pedra do deserto de Nazca, no Peru, um dos muitos desenhos não-descobertos pelos observadores, e só identificados quando vistos de avião, há mais de 50 anos. (Fotografia do Servicio Aerofotográfico Nacional del Perú.)

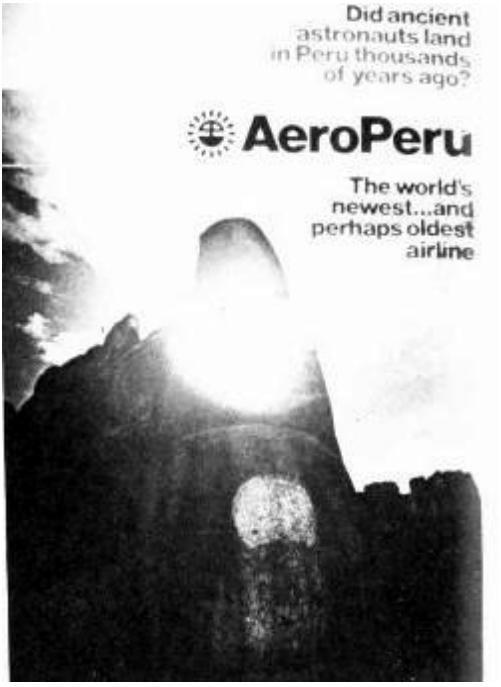


Macaco formado por linhas que se entrelaçam, e cujo desenho só pode ser visto do ar. Um pequeno avião leva hoje os turistas a vôos sobre o deserto de Nazca, para que apreciem os milhares de linhas geométricas e desenhos de animais que enchem o vale de Nazca. O objetivo dos que fizeram esses desenhos no chão não foi, talvez, o de serem vistos de cima e certamente não se destinavam aos turistas, mas aos deuses.

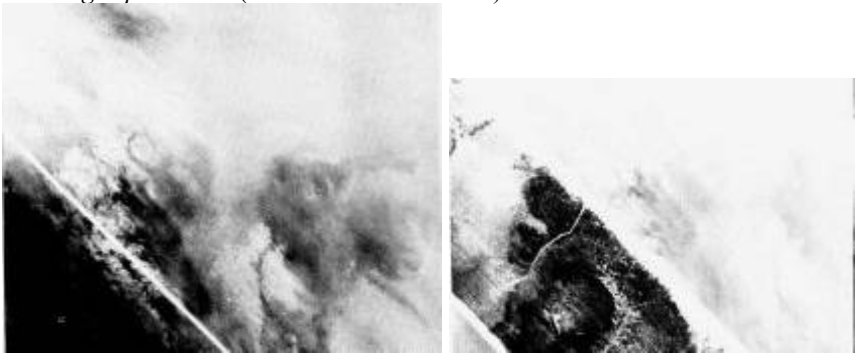


Comparação de imagens de radar e fotografia aérea regular da selva guatemalteca. As linhas na imagem do radar mostraram ser canais de irrigação abertos pelos antigos maias. Isso tende a confirmar a suposição de que as terras

maias eram outrora muito mais povoadas do que se supõe. (Fotografia da NASA.)



Anuncio da Aeroperú referindo-se à teoria de que as linhas de Nazca eram pistas de aterrissagem e sinais direcionais para aeronaves pré-históricas. Investigadores modernos construíram balões a ar quente com material que teria existido numa época anterior e sobrevoaram o vale do Nazca, como talvez tenham feito os antigos peruanos. (Cortesia da Aero-Perú.)



Imagens de radar do Saara, tomadas do espaço pelo veículo espacial Columbia, *mostrando leitos de rios e rios tributários sob o deserto. Os rios correspondentes a esses leitos subterrâneos correram em meio a um ambiente totalmente diferente, há*

milhares de anos — lagos e planícies férteis e arborizadas no que ê hoje um deserto árido. (Fotografia da NASA.)



Muitos milhares de pedras com inscrições têm sido escavados e coletados em Ica, Peru, algumas das quais mostram representações identificáveis de animais pré-históricos. Embora essas pedras tenham sido rotuladas como fraudes modernas por arqueólogos e jornalistas, há registros de um sacerdote espanhol ter feito

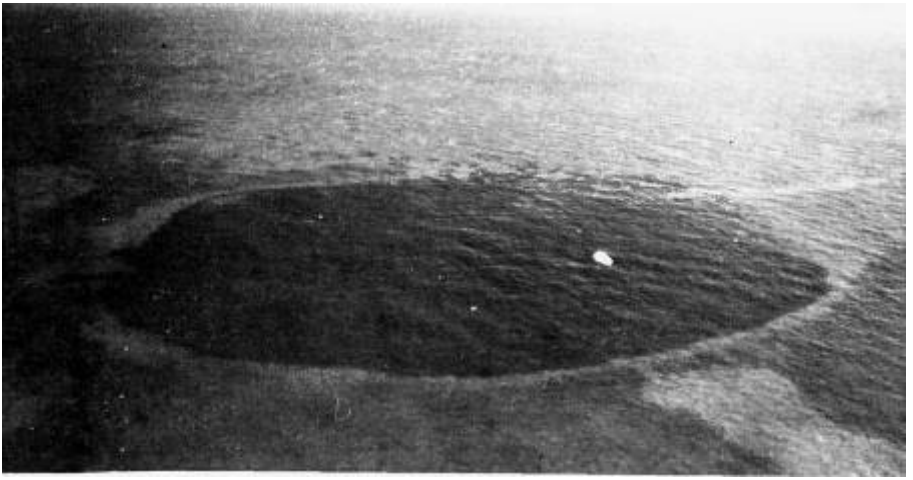
comentários sobre elas e enviado algumas à Espanha no início do século XVI. (Cortesia de Hamilton Forman e do Instituto Nacional de la Cultura del Peru.)



Estatueta de barro da coleção Julsrud de Acambaro, México, mostrando o que pode ser um alossauro. Se esta e outras estatuetas de animais jurássicos forem autênticas, isso poderá significar que alguns animais pré-históricos sobreviveram até o período glaciário, ou que seus corpos congelados e preservados foram encontrados pelos homens. (Cortesia de Ivan Lee e da Coleção Julsrud.)



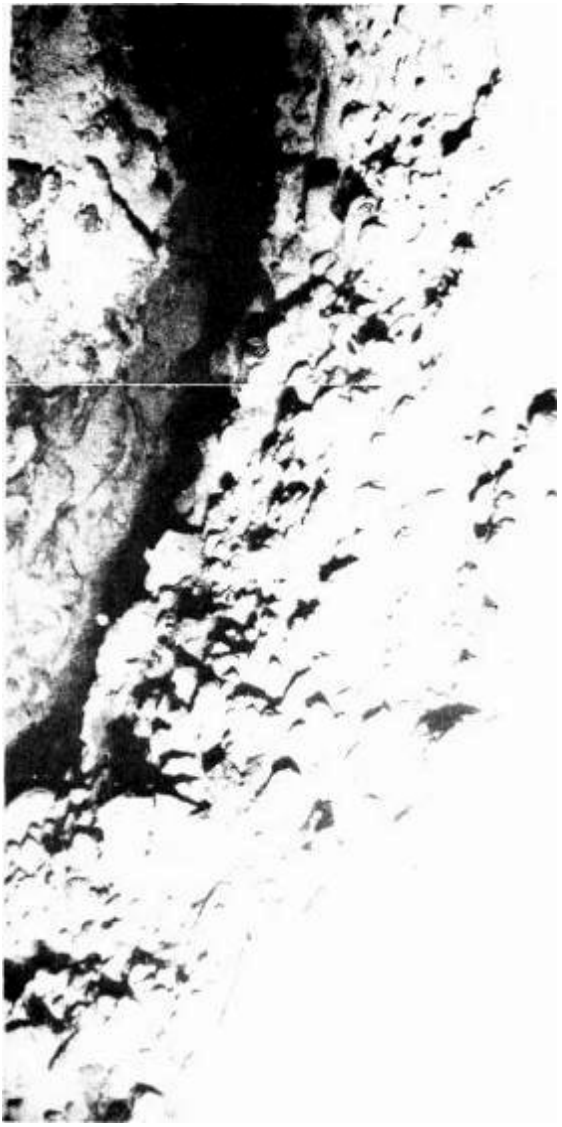
O *sonar representa recurso valioso para a pesquisa arqueológica e geológica submarina, permitindo aos investigadores "ver" objetos sob a água e no fundo do mar, por meio do reflexo do som. Martin Klein, que aperfeiçoou um sistema desse tipo, encontrou vestígios de antigos círculos de pedra britânicos no fundo de Loch Ness, numa busca do conhecido monstro do Loch Ness. A presença de ruínas de pedra no fundo do lago ê indicação adicional do baixo nível das águas durante o período glaciário.* (Fotografia de Martin Klein.)



Esse buraco redondo no oceano afunda-se subitamente a partir dos bancos pouco profundos das Baamas (três braças), cercando-os a uma profundidade que ainda não foi estabelecida com precisão. Os sondadores não encontraram o fundo a 840 metros. O diâmetro do buraco pode ser avaliado comparando-se com a embarcação Carey, de 15 metros, à direita. A origem desse e de outros buracos redondos no oceano tem sido atribuída a meteoros ou asteróides, ou ainda a infiltrações subseqüentemente ampliadas pelos efeitos da maré, que podem ter começado quando a área ainda estava acima do nível do mar. (Fotografia de Bob Klein.)



Marca deixada por um provável asteróide em Mancuagan, Canadá. Seu diâmetro ê de 12 quilômetros. Um choque dessa natureza deve ter abalado todo o hemisfério norte. (Fotografia da NASA.)



Falha no fundo do mar, perto da Cordilheira Submarina do Atlântico Norte, típica da atividade constante da pressão, ascensão e depressão das placas tectônicas. (Fotografia da WHOI.)

As plataformas continentais são as beiras submarinas dos continentes, relativamente rasas até despencarem nos abismos

oceânicos. Uma prova evidente do rebaixamento das plataformas continentais ou da elevação das águas oceânicas acima delas pode ser encontrada no mapeamento de *canyons* submarinos de antigos rios, cobertos de sedimentos que fluem para dentro do mar, outrora distante, de ambos os lados do Atlântico. Quando deixaram a terra e penetraram no oceano, alguns desses rios continuaram seu curso pelos leitos primitivos agora submersos. Os braços superiores do *canyon* submarino Hudson, com 160km de extensão e centenas de metros de profundidade, não poderiam ter-se formado sob a água, tendo sido abertos numa época em que a atual extensão submarina do Hudson era ainda terra seca. Outros *canyons* oceânicos incluem o Baltimore, provavelmente cortado pelo rio Delaware em tempos remotos, e o Norfold, cortado pelo rio Susquehanna. Do outro lado do Atlântico, sondagens com sonar mostram que o mesmo padrão de formação de *canyons* na margem da bacia oceânica foi seguido pelo Loire, pelo Ródano e pelo Sena, na França, assim como pelo Tejo, em Portugal, enquanto na costa ocidental da África há *canyons* com rio no leito oceânico, embora não mais existam rios tributários fluindo dessas terras agora áridas.

O caso do vale submerso do Reno é de particular interesse, de vez que ele sobe até o mar do Norte, a meio caminho entre o Sul da Noruega e a Escócia, antes de desaparecer, demonstrando que em épocas pré-históricas bem recentes a região intermediária era terra seca. Essa teoria foi reforçada por recentes descobertas de artefatos humanos no fundo do mar do Norte, com a probabilidade de mais no futuro, visto que essa região, rica em petróleo, é explorada de modo mais amplo.

No final da década de 1920, o cientista alemão Alfred Wegener formulou uma teoria que já havia ocorrido a diversos cartógrafos: a da deriva continental. Essa teoria pressupõe que os continentes evoluíram de uma massa única de terra que se separou, flutuando sobre a crosta do planeta, para formar diversos continentes. A teoria de Wegener tinha a vantagem de

ser facilmente comprovável e compreensível por qualquer pessoa que possuísse um mapa-múndi, de vez que várias massas de terra continentais aparentemente se encaixam como um gigantesco quebra-cabeça, não fossem os oceanos a separá-las. Pode-se ver como as massas se encaixam: o Brasil na costa sudoeste da África central (até os tipos de rocha correspondem), o Egito e o Sudão na Arábia, o Norte da África na Europa mediterrânea, a Arábia no Irã, Madagascar em Moçambique, a Groenlândia na Noruega ocidental, a Flórida na África próximo da Libéria, a Austrália na Antártica, e diversos outros casos não tão evidentes, tais como a costa ocidental da Europa na América do Norte. Os continentes continuam se movendo no que se poderia chamar de passo lento — dois centímetros por ano — e nesse andar decorrerão milhões de anos até que a costa ocidental da América do Norte se encontre com o Japão e a China, paia onde se está dirigindo. Um subproduto dessa teoria tem sido aceito como prova por oceanógrafos e outros que dizem que a Atlântida nunca existiu, *nem poderia* ter existido, de vez que não haveria massa de terra sobrando para que ela se encaixasse nos continentes à deriva. Afinal, todas as áreas terrestres se encaixam — para satisfação de Wegener, pelo menos — quase sem faltar pedaços, *exceto* na parte Sul do Atlântico Norte, onde consta que a Atlântida se localizava. Aqui, o planalto "erguido" da crosta oceânica formaria o lendário continente — uma terra fértil, agradável, subtropical nas planícies do Sul, com salutares alterações climáticas nas montanhas do Norte.

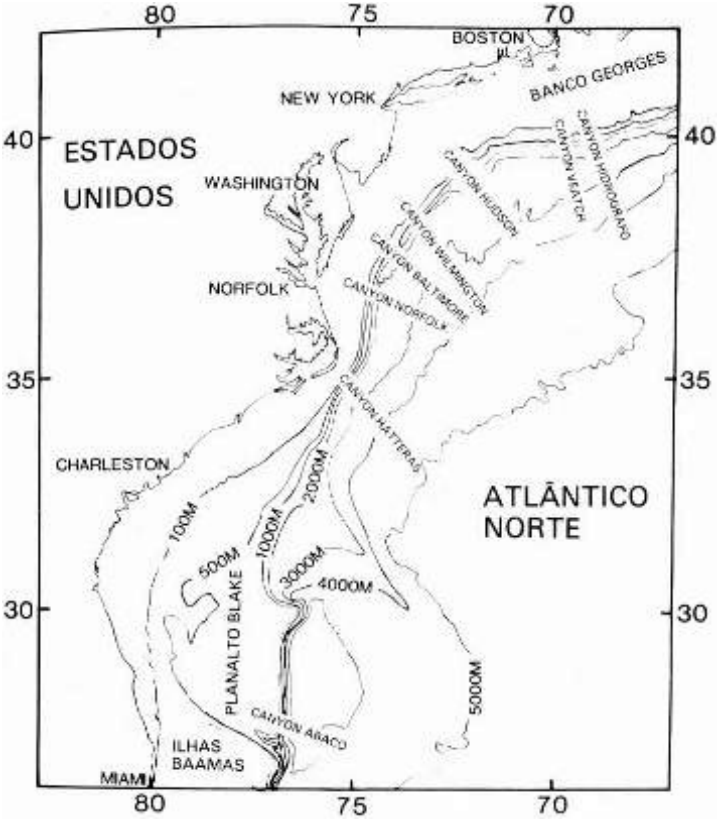
Wegener, vitimado pelas próprias investigações científicas, morreu numa calota glacial da Groenlândia, em 1930, não vivendo, assim, para ver sua teoria sobre a deriva dos continentes ser incorporada a uma outra teoria mais profunda: a das placas tectônicas em movimento. Formulada pelo Dr. Jason Morgan, em 1968, ela descreve mais detalhadamente os movimentos das diversas partes da crosta terrestre. Essa teoria, geralmente aceita, sugere que a crosta terrestre está dividida entre 10 e 20 placas

tectônicas maiores, com algumas subdivisões, e que tais placas, com outras menores, recobrem toda a superfície da Terra, acima e abaixo do nível do mar. Quando as grandes placas, flutuando sobre o manto viscoso da Terra, atritam-se entre si em seus limites ou falhas — como a falha de Santo André, infausto lembrete para os californianos —, ocasionam terremotos e erupções vulcânicas geralmente de proporções catastróficas. O ponto crucial da teoria das placas tectônicas é que seu movimento não é só horizontal, mas também vertical, significando que uma placa pode ser empurrada sob outra e, no caso das placas oceânicas, que elas podem ser devoradas pelo incandescente manto interior da Terra, sendo por fim cuspidas como lavas em erupções vulcânicas. As ilhas do Japão, entre outras, foram formadas por tal estruturação vulcânica e, como a Califórnia, correm o risco de futuro desaparecimento.

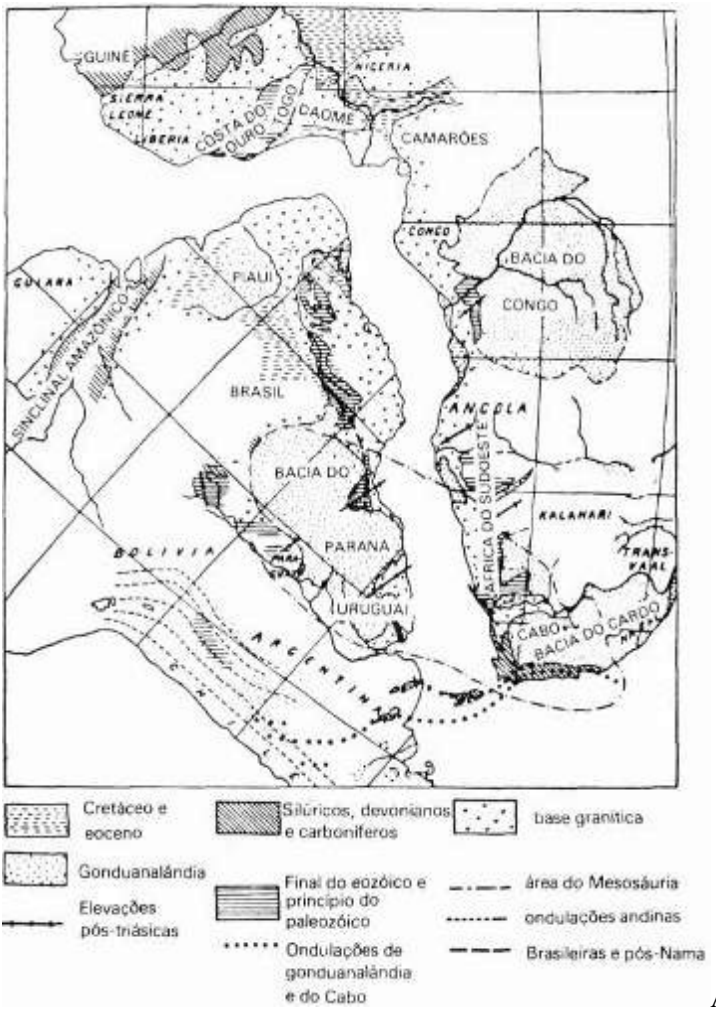
A cordilheira do Atlântico central marca os limites das placas tectônicas — as da América do Norte, da Europa e da África. Ela também se liga à mais longa cordilheira do mundo, com 64.360 mil quilômetros, estendendo-se uma vez e meia em volta do mundo. Ela vai de norte a sul no Atlântico central e, após fazer a passagem entre a África e a Antártica, volta para nordeste e cruza o oceano Índico. È a região sísmica mais longa e ativa do mundo, particularmente na região do Atlântico Norte, onde uma junção tríplice de placas tectônicas ocorre nos Açores e onde explosões e erupções vulcânicas têm tido lugar por milhares de anos.

Partes dessa ativa junção tríplice, onde as placas tectônicas ainda estão se empurrando, por baixo, por cima, para fora, ou se roçando, ao longo umas das outras, foram reproduzidas pela varredura lateral do sonar em várias profundidades, e contêm curiosos detalhes de perfis de profundidade. Parte desse perfil batimétrico encontra-se reproduzido na p. 226, e mostra uma seção do fundo do mar, entre 300 e 720 metros de profundidade, a sudeste dos Açores, perto das ilhas de São Miguel e Santa

Maria. Inspeções realizadas nessas regiões atestam a existência de ruínas semelhantes a torres ou pirâmides nos, sob outro aspecto, aclives de um antigo planalto. Embora reconhecendo certo exagero vertical, que tornaria uma estrutura elevada mais larga na base e mais piramidal na forma, é tentador considerar-se o que revelariam tais formações se submersíveis pudessem examinar o solo marinho nesse planalto, na tríplice junção das placas continentais em atrito.



Canyons de rios que prolongam os cursos existentes sob o mar constituem forte indício de que os rios do continente americano (e também da Europa Ocidental) entravam outrora no mar a um ponto hoje muito mais distante da costa, numa época em que grandes partes das plataformas continentais ainda eram terra firme.



A costa oriental da América do Sul encaixa-se perfeitamente na costa ocidental da África, dando continuação até mesmo às jazidas subterrâneas nas áreas em que os dois continentes parecem fundir-se.

A teoria das placas tectônicas torna o conceito da existência da Atlântida consideravelmente mais aceitável. A teoria da deriva continental trata de milhões de anos de lenta separação dos continentes pela deriva horizontal, enquanto a teoria das

placas tectônicas implica a possibilidade de movimentos verticais, erupções vulcânicas e convulsões sísmicas, e explica como grandes ilhas podem ser alternadamente erguidas ou engolidas pelo mar — processo ainda em evolução e que pode ser observado e medido. Ao mesmo tempo, ela contribui para provar a idade comparativamente recente (1000 a 1500 anos antes do nosso tempo) de algumas correntes de lava encontradas no fundo do mar, na cordilheira do Atlântico Central.

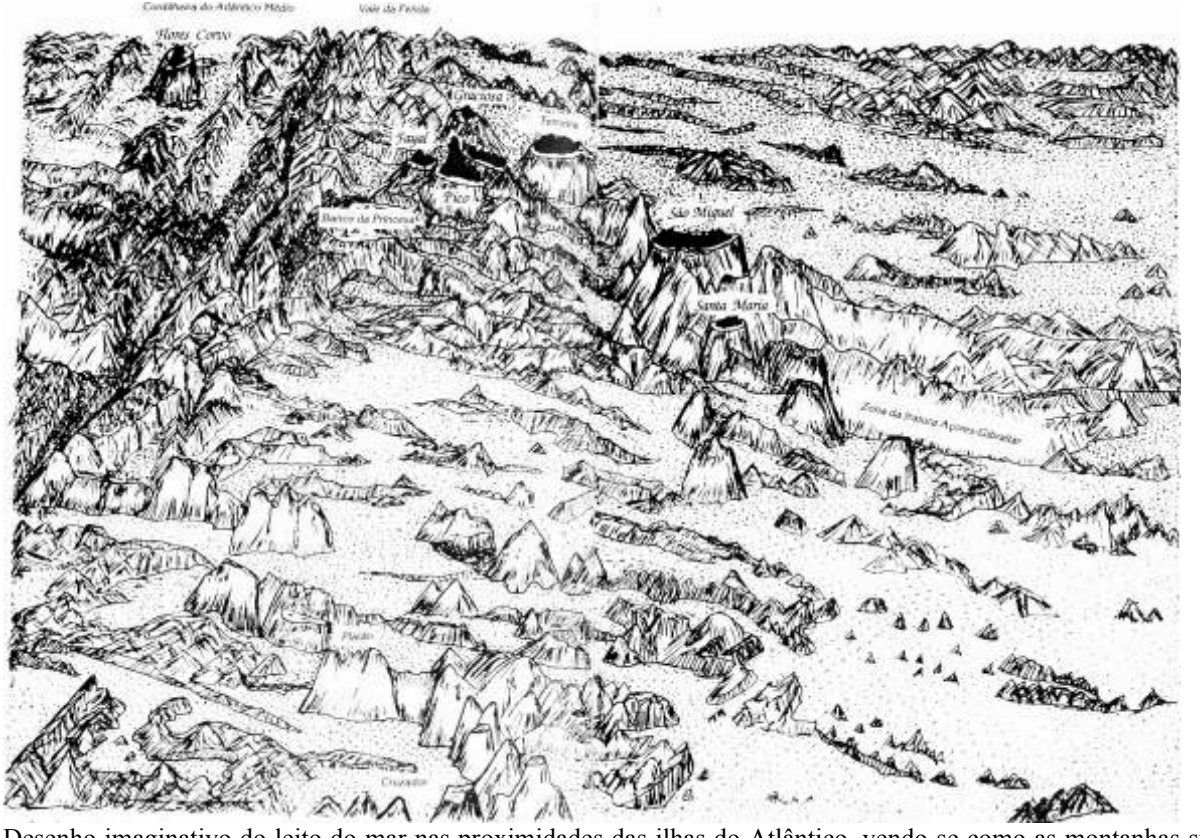
O falecido Dr. Maurice Ewing, um dos mais famosos geólogos marinhos dos Estados Unidos e, por acaso, também eminente crítico da teoria da Atlântida, chegou não obstante à conclusão de que, em termos geológicos, só recentemente a lava se esparramou sobre partes da cordilheira do Atlântico central: "Ou a terra deve ter afundado uns 3 mil a 5.500 metros, ou o nível do mar é que deve ter sido 3 mil a 5.500 metros mais baixo que agora. Ambas as conclusões são surpreendentes."

Amostras da composição do solo marinho estão constantemente sendo coletadas e avaliadas para extração de testemunhos por navios de pesquisa. Alguns dos materiais encontrados dentro desses testemunhos, que trazem à tona uma amostra vertical do fundo do oceano, de uma profundidade de três a 30 metros, revelaram novas informações pertinentes a terras submersas e à época — e velocidade — dessa submersão.

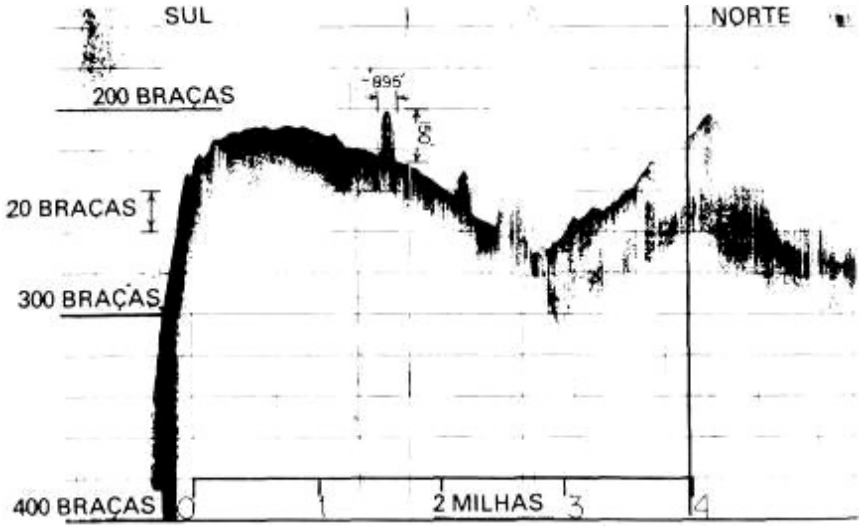
Grande quantidade de cinza vulcânica apareceu nos testemunhos e nas dragas retiradas da cordilheira do Atlântico central pelo Departamento de Geologia dos Estados Unidos e por instituições de pesquisas oceanográficas dos Estados Unidos, Inglaterra, União Soviética, França, Alemanha, Canadá, Dinamarca e outras nações. Em estudos isolados, muitos desses sedimentos e rochas foram datados radioativa e zoologicamente (isto significando o exame de insetos e quaisquer moléculas acima e abaixo das cinzas). Os resultados indicam que as cinzas vieram de explosões na superfície ocorridas entre 10 a 50 mil anos atrás, bem dentro, portanto, da idade atribuída à Atlântida.

Corais içados por cabo, em pequenos cestos de aço, de profundidades maiores que 900 metros, próximo da montanha Grande Meteoro e outros locais no Atlântico central, mostram uma queda de centenas de metros, partindo de lugares próximos do nível do mar, onde crescem os corais, ou uma grande elevação do nível do mar, ou talvez ambas as coisas, desde a época em que o canal se formou em regiões mais rasas em torno de antigas ilhas.

Como resultado de uma expedição sueca ao fundo do mar na região do Atlântico central, em 1947-1948, o Dr. R. Malaise anunciou em 1957 (após exemplar intervalo de 10 anos para verificações!) que o Dr. R. Kolbe havia encontrado inúmeras diatomáceas (plânctons microscópicos) de água doce e restos de plantas terrestres em testemunhos retirados de 3 mil metros de profundidade na cordilheira do Atlântico Central; isto é, resíduos de vida animal e vegetal que cresceram em volta de primitivos lagos quando grande parte da cordilheira era terra seca. O Dr. Malaise declarou ainda que a análise desse material indicava que o último período acima da água dessa região datava de 10 a 12 mil anos. Essa é uma corroboração a mais da datação das mais recentes e grossas camadas de cinzas, que talvez tenham sido produzidas por erupções vulcânicas ocorridas nos últimos dias da Atlântida. O navio sueco de pesquisas *Albatross,* retirando testemunhos de uma profundidade de 3.200 metros na zona de fendas Romanche, próximo aos penedos São Pedro e São Paulo, trouxe à superfície microorganismos de água rasa preservados na lama do fundo, juntamente com galhos, plantas e cascas de árvore que, pelo que é evidente, desceram rápida e simultaneamente para as profundezas.



Desenho imaginativo do leito do mar nas proximidades das ilhas do Atlântico, vendo-se como as montanhas submarinas, baseadas no planalto submerso, continuam de maneira íngreme para o alto e, além da superfície, formam as atuais ilhas.



Perfil batimétrico, ou ecograma, de parte do planalto submarino dos Açores. As elevações à esquerda, uma das quais chega quase à linha das 200 braças, poderia indicar uma elevação funerária, uma pirâmide ou torre, feitas pelo homem, devido à sua regularidade. De acordo com a velocidade ou flutuação do equipamento de som, a mais alta dessas estruturas teria provavelmente uma forma mais piramidal do que de torre.



Comparação da altitude das montanhas submersas, em relação ao ambiente. A Grande Meteoro e a Cruzador elevam-se às grandes alturas de 4.800 metros desde o fundo do mar até a uma altura de 300 metros acima da

superfície marítima. Como as outras montanhas, encerram indícios de que estavam outrora acima do mar. A montanha submarina de Platão, em homenagem ao antigo publicista da Atlântida, existindo ao norte uma cadeia de montanhas adequadamente chamada de Atlântida.

]É através do progresso da pesquisa geológica oceanográfica que a teoria do movimento vertical das placas tectônicas e sua modificação da teoria da deriva continental acarretaram a reavaliação da possibilidade de que a Atlântida tenha existido como terra no oceano Atlântico. Isso é um tanto irônico, considerando-se o tempo prolongado e a violenta oposição da comunidade geológica e oceanográfica a qualquer consideração séria sobre a Atlântida. Mas as placas tectônicas em movimento abrem a porta para uma explicação de como grandes ilhas poderiam elevar-se do mar ou nele desaparecer em resultado de catastróficos movimentos da crosta terrestre. (Talvez, em algumas ocasiões, a pressão tenha sido aumentada pela colisão da Terra com um asteróide, ou por um desequilíbrio dentro do próprio planeta, ou até pela modificação de seu eixo de rotação.) A teoria das placas tectônicas situa a Atlântida num espaço de tempo de centenas ou mesmo dezenas de milhares — e não milhões — de anos — em outras palavras, dentro da experiência e memória da raça humana. Também parece possível que várias espécies que não a humana se lembrem da Atlântida por instinto evolutivo. Essas espécies, através de morte súbita durante a catástrofe global, testemunharam um acontecimento que mudou o clima e a superfície da Terra.

12
ENGUIAS, FOCAS, PÁSSAROS, CAMARÕES, MASTODONTES E TOXODONTES

Imaginando-se que a massa de terra da Atlântida tenha sido sacudida por terremotos, enquanto submergia a maior parte de sua área, ainda assim teria sido possível para algumas formas de vida sobreviver nos cumes das montanhas, que se tornaram pequenas ilhas acima da superfície do mar. Essa probabilidade explicaria a sobrevivência, em algumas das ilhas atlântidas isoladas, de animais cuja presença seria difícil de explicar de outra forma, a não ser que tivessem sido trazidos de outro continente em navios.

As ilhas Canárias não receberam esse nome por causa de aves, mas sim de cães (do latim: *canes),* animais ali observados em grande quantidade pelos primeiros visitantes europeus. Esses cães eram nativos das ilhas, da mesma forma que os próprios ilhéus, os quais não tinham trazido de barco, da África ou da Europa, os cães ou outros animais, como cabras, carneiros e gado. Na verdade, eles não usavam barcos, tão forte era seu medo do mar, bem como as reminiscências de sua terra natal sendo engolida pelo oceano.

Há também o exemplo de um pequeno crustáceo e sua ligação com a lenda Atlântida. Em Lanzarote, uma das Canárias, onde existem antigas construções e túmulos de idade e origem indeterminadas, há uma espécie de camarão pequeno e cego, cujo único hábitat, até onde se tem conhecimento, fica dentro de uma escura piscina formada pela água da maré, sob uma caverna. Esse camarãozinho, o *Munidopsis polymorpha,* que possui olhos residuais, mas não enxerga, está muito relacionado com outra espécie crustácea local, o *Munidopsis tridentata,* praticamente

idêntica à primeira, exceto pelo fato de, não estando presa numa piscina subterrânea formada por água de maré, poder ver. Uma explicação teórica da perda da visão dos *Munidopsis polymorpha* é que, por causa de repentino movimento sísmico, essa espécie ficou aprisionada, permanecendo em total escuridão, e, sem necessidade de enxergar, perdeu a visão nos séculos subseqüentes.

Não havia seres humanos nos Açores quando aportaram os primeiros navegadores europeus referidos pela história, mas havia tantos pássaros e coelhos que se tornou lógico que os exploradores denominassem esse grupo de ilhas segundo os falcões (Açores), e cada uma das ilhas segundo os pássaros ou animais terrestres encontrados. As atuais ilhas de São Miguel e Flores estavam assinaladas nos mapas mais antigos com os nomes de ilha dos Pombos e ilha dos Coelhos. No entanto, não há explicação para a presença desses animais e pássaros continentais em pequenas ilhas a milhares de milhas do continente mais próximo.

Duas espécies de focas, o monge e a sereia, são encontradas ao largo da costa dos Açores, embora ambas pertençam a uma variedade de focas freqüentadora de costas continentais ou mares interiores: o monge, das águas costeiras do Mediterrâneo e do Caribe, e a sereia, das águas costeiras da África Ocidental e da parte oriental da América do Sul.

Como reforço em favor da teoria de que as focas estavam entre os pássaros e animais isolados nas ilhas oceânicas após o desaparecimento de seu hábitat anterior de proporções continentais, há uma notável referência na literatura clássica acerca de focas e Atlântida. Elieno, escritor clássico do século III d.C, cita "os carneiros do mar" (focas) em seu livro *A natureza dos animais.* Escreve ele: "...o macho tinha em volta da fronte uma listra branca, parecida, dir-se-ia, com o diadema de Lisímaco ou Antígono ou outro rei macedônio. Os habitantes das costas do oceano contam que, em tempos primevos, os reis da

Atlântida, descendentes de Posídon, usavam nas respectivas cabeças, como símbolo de poder, a listra das focas macho e suas esposas, as rainhas, usavam, como símbolo de poder, listras das focas fêmeas."

Essa referência de passagem ao uso da pele de foca na Atlântida como enfeite real é um exemplo de como uma ligeira observação sobre vestimentas — nesse caso, um estilo de cobertura para a cabeça — pode servir, muitos séculos depois, para corroborar teorias relacionadas à geologia, à zoologia, à oceanografia e à pré-história do mundo.

Mesmo espécies efêmeras como as borboletas têm sido sugeridas como elo entre os continentes existentes nas costas oriental e ocidental do Atlântico e um antigo continente no meio do oceano. Das espécies de borboletas existentes nas ilhas atlânticas, dois terços também existem na Europa e na África, e quase um terço nas Américas. Lewis Spence, atlantólogo escocês, sugeriu que a borboleta *catopsilia* da costa Norte da América do Sul pode geneticamente recordar uma região de terra no oceano a Nordeste da Guiana, pois todos os anos os machos dessa espécie encetam um vôo fatal, em massa, sobre o oceano até que, "em grandes nuvens coloridas, mergulham no mar".

O impulso instintivo de pássaros e insetos no sentido de voltarem para uma terra natal ancestral ou para os pastos de reprodução é denominado nostofilia, e também pode explicar estranho fenômeno registrado por marinheiros e pescadores numa região ao sul dos Açores, ao observarem bandos de aves migratórios em seu vôo anual de inverno da Europa para a América do Sul. Quando eles chegam ao meio do caminho, começam a sobrevoar o mar aberto como se procurassem um local para pousar, e algumas das aves, cansadas, caem na água. Após voarem em grandes círculos concêntricos sem encontrar terra firme, os pássaros prosseguem vôo e, mais tarde, repetirão o mesmo processo em seu retorno da América do Sul.

Essa evocação instintiva também pode explicar o misterioso

suicídio em massa dos lemingues, pequenos roedores noruegueses que periodicamente se super-reproduzem e esgotam seus suprimentos de comida. Nesse momento, um instinto latente os impele para as praias do Atlântico, onde, em grandes massas, entram no oceano e nadam em direção oeste até morrerem todos afogados. Esse instinto, que efetivamente serve como forma de controle da natalidade, tem sido freqüentemente atribuído pelos adeptos da tese da Atlântida a uma reminiscência instintiva de uma terra que existiu outrora no Ocidente, talvez um torrão natal comum partilhado com outros pequenos animais continentais, onde a horda esfaimada de lemingues ainda podia encontrar alimento.

Mas o exemplo mais impressionante de reminiscência instintiva talvez seja o caso das enguias européias e americanas, que fazem uma viagem de milhares de quilômetros através de rios, mares e oceanos para depois chegarem a uma das mais misteriosas regiões do Atlântico — o mar de Sargaço, que alguns pesquisadores acreditam cobrir o que outrora foi a parte ocidental do continente da Atlântida.

Aristóteles, o filósofo ateniense, aluno e mais tarde crítico de Platão, também foi interessado observador de fenômenos naturais. Ele fez os primeiros comentários registrados sobre os hábitos de reprodução das enguias européias, que a cada dois anos desapareciam dos lagos e lagoas da Europa e nadavam rio abaixo até o mar. As pequenas enguias, nascidas em alguma parte do mar, nadavam rio acima até os lagos, mas os locais onde se reproduziam permaneceram desconhecidos em algum ponto do mar, pelo menos até meados deste século. Só foi na metade do presente século que se solucionou o mistério. Hoje em dia sabemos que as enguias nadam para o mar de Sargaço, passando pelo fundo do oceano numa única e compacta massa, numa viagem que leva quatro meses. Ao chegarem a determinado ponto do mar de Sargaço, desovam em concentrações submarinas de algas, que protegem os ovos, e depois morrem. As

pequenas enguias voltam à Europa através do ramo norte da corrente do Golfo e o processo se repete após outros dois anos.

Aristóteles teria ficado ainda mais surpreendido se conhecesse o caso das enguias da América, que realizam a mesma peregrinação submarina ao mar de Sargaço, mas em sentido inverso ao das européias: de oeste para leste, voltando à América, seguindo o ramo sudoeste da corrente do Golfo (a mesma rota seguida por Colombo).

Embora o mistério pareça estar solucionado, a explicação ainda é confusa. Talvez a memória genética das enguias de ambos os lados do Atlântico force-as a voltar para um campo de procriação ancestral, um rio ou antigo leito de água hoje coberto pelo mar, mas cuja vegetação residual, as algas do mar de Sargaço, ainda oferece às jovens enguias a proteção necessária à sua sobrevivência.

É também interessante refletir que o cético Aristóteles, que zombou da narrativa de Platão sobre a Atlântida, fosse o primeiro a chamar a atenção para o mistério da migração das enguias, o qual, por si só, se transformou em excitante sugestão à existência, um dia, de uma massa de terra continental agora submersa no oceano Atlântico.

Durante os últimos milhares de anos, a descoberta de gigantescos ossos de dinossauros em remotas regiões do mundo deu margem, sem dúvida alguma, ao aparecimento de lendas bastante difundidas sobre a existência de dragões. Algumas culturas tentaram colocar "enchimento" nos esqueletos, num esforço de mostrar quão monstruosos eram esses animais quando vivos, e a essas tentativas é que provavelmente devemos o conceito geral sobre dragões, conforme aparecem em paredes dos templos da Babilônia, em velhas lendas da Europa e em formas artísticas da China. Alguns teólogos ocidentais de dois séculos atrás explicaram os enormes ossos de dinossauros como tendo sido criados (e enterrados?) por Deus quando Ele criou o Universo. Os práticos chineses, no entanto, durante séculos

transformaram os ossos encontrados no deserto de Góbi em pílulas de ossos de dragão, remédio considerado eficaz e ainda hoje empregado para uma centena de doenças, bem como para fortalecimento da potência sexual. Os dragões Komodo, ou lagartos gigantescos da Indonésia, sáurios de três metros de comprimento, ainda podem ser contemplados na ilha do mesmo nome. As insistentes lendas nativas sobre a existência desses "dragões" provaram, pelo menos, ser um fato inegável, conforme podem atestar os que foram por eles atacados e mordidos.

Há uma possibilidade de que outros sobreviventes isolados de algumas espécies de animais pré-históricos tenham continuado a existir no planeta simultaneamente com primitivas civilizações, isto é, antes do final da última Era Glacial, há 12 mil anos. Num exemplar de antigo trabalho cita em ouro, do sul da Rússia, um combate entre caçadores e animais mostra homens lutando contra o que parece ser um retrato vivo de um tigre dente-de-sabre, sugerindo que este animal tenha sobrevivido até uma era em que o homem já estava suficientemente adiantado no emprego de metais para fundir esse tigre em ouro, como adorno.

É, porém, na América que ocorrem os maiores mistérios de sobrevivência. Numa louça de barro desenterrada nas ruínas de Tiahuanaco, na Bolívia, e também nos trabalhos de pedra lá encontrados, aparece um bicho facilmente identificável com uma reprodução paleontológica de um toxodonte, animal semelhante a um hipopótamo e supostamente extinto há milhões de anos. O local dessa incrível descoberta é por si mesmo extraordinário; Tiahuanaco, hoje a 3.960 metros acima do nível do mar, parece ter sido construída há tantos anos (segundo o cálculo do arqueólogo Posnansky, 13.000 a.C.) que o clima e a *altitude* mudaram desde então. Parece ter sido um porto por causa da existência de docas e cais de pedras, embora a única água por perto seja do lago Titicaca, a quilômetros de distância. Tiahuanaco deve ter abrigado, em certa época, uma grande população para ter construído a grande cidade, da qual restam

apenas ruínas. Mas a região é alta e árida demais para abrigar semelhante cultura. As ruínas de extensos campos de milho em terraços, descobertas sob permanente camada de neve das montanhas ao redor, são prova de que o clima foi certa vez consideravelmente mais quente e a agricultura chegou a alimentar grande população. Fósseis oceânicos de água salgada são encontrados na terra, nas montanhas e sob o lago Titicaca. A probabilidade de toda a região ter-se elevado do nível do mar é reforçada pela grande falha que atravessa a cadeia andina e pelo fato de os Andes serem as mais recentes das grandes montanhas do mundo, contando a parte ocidental dos mesmos cerca de 30 mil anos.

A elevação dos Andes pode ter sido acelerada pela mesma grande modificação da Terra que resultou no rebaixamento da Atlântida e fez com que partes da costa da América do Sul se elevassem às alturas do planalto andino. A elevação das montanhas andinas, de 6.400 metros abaixo do nível do mar, na fossa Nazca-Milne, para, em pouco mais de 200 quilômetros, uma altura de 6.400 metros acima do nível do mar, no Peru e na Bolívia, é uma das mais abruptas da geologia mundial.

Em regiões amplamente distantes, nas Américas do Norte e do Sul, a construção de montes de terra e o contorno artificial de colinas e rochedos mostra a familiaridade dos primitivos artesãos com animais supostamente extintos nesse continente há milhares — e, em alguns casos, milhões — de anos. Um grande monte em Wisconsin tem a forma de elefante ou mastodonte, talvez com o propósito de ser reconhecível somente do céu, como os animais de Nazca, no Peru. Alguns povos pré-incaicos esculpiam os penhascos do planalto Marcahuasi, no Peru, com enormes representações de leões, camelos e algo semelhante a estegossauros.

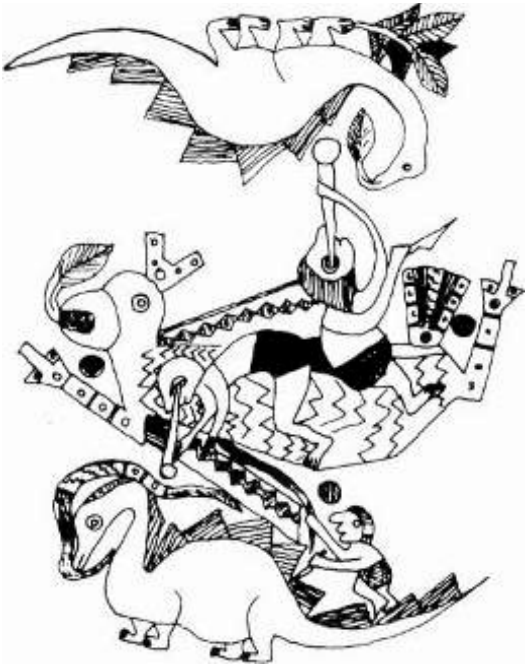
Perto das aldeias de Ocucaje e Ica, no Peru, uma coleção de pedras redondas, num total aproximado de 16 mil e pesando de três a 36 quilos, foi catalogada pelo Dr. Javier Cabrera, que

possui um total de 11 mil delas em seu abarrotado museu. O que é extraordinário nessas "pedras de Ica" é serem cobertas por desenhos entalhados feitos por artistas de civilizações passadas. Os desenhos entalhados representam pessoas, animais existentes e extintos, mapas das estrelas, o anel de estrelas do Zodíaco e mapas de regiões terrestres não-identificadas. As pessoas são apresentadas caçando ou lutando com uma variedade de monstros que lembram brontossauros, tricerátopos, estegossauros e peterodáctilos, pertencentes à Era Mesozóica. Ainda mais surpreendente é que os seres humanos são retratados com animais domesticados que parecem dinossauros, e os estão usando para o transporte e para a guerra; outros aparecem usando telescópios, olhando para as estrelas e executando cirurgia.

Compreensivelmente, essas "histórias em quadros" foram qualificadas de espúrias por arqueólogos especialmente porque sua origem não foi por eles determinada com precisão para um exame *in situ,* e novas pedras continuam aparecendo — o número atual se aproxima de 50 mil. Além disso, um dos aldeões locais já admitiu ter feito a mão diversas pedras semelhantes para venda a arqueólogos, exemplo de uma argúcia para negócios por parte de nativos supostamente simples que não se limita ao Peru. As autoridades peruanas posteriormente decidiram classificar as pedras, não como antiguidades, que não podem ser exportadas, mas simplesmente como artesanato a ser carimbado com um *"Made in Peru"*.

Essas pedras não-datadas seriam facilmente descartadas como mais um exemplo de "embuste" arqueológico, não fosse por um relatório contando terem sido enviadas à Espanha pelos exploradores espanhóis em 1562 — prova de que as pedras pelo menos não são de origem recente. Que elas têm pelo menos vários séculos é atestado na oxidação produzida pelo envelhecimento dos minérios que cobrem os entalhes dos desenhos. Além disso, o número delas, além do tamanho e do tempo que teria levado para cobri-las inteiramente com os

quadros entalhados, poderia demonstrar que diversos desses objetos são o que parecem ser, não importando quão fértil tenha sido a imaginação dos entalhadores originais.



Animais pré-históricos reconhecíveis, cavalgados pelo homem, tal como foram retratados em pedras pré-históricas entalhadas de Ica, no Peru.

Quanto à lógica de um grupo familiar moderno esculpindo milhares de pedras e depois as escondendo para serem descobertas, o arqueólogo amador Hamilton Forman, que pesquisou o mistério das pedras Ica observou: "Se isto foi feito por uma família, ela deve ter tido a ajuda de um exército de duendes."

Outra estranha descoberta de modelos aparentemente antigos de homens e animais pré-históricos ocorreu próximo da cidade de Acámbaro, no Estado mexicano de Guanajuato. Essa série de descobertas foi objeto de meticulosa investigação arqueológica,

que, no entanto, ainda não identificou ou datou a cultura, para satisfação da maioria dos arqueólogos.

As representações foram encontradas pela primeira vez por Waldemar Julsrud, lojista dinamarquês que vivia em Acámbaro. Em 1925, Julsrud encontrava-se em viagem de inspeção de seu rancho, a cavalo, acompanhado do capataz, quando reparou numa pequena peça de cerâmica projetando-se de um sulco na estrada encharcada pela chuva. A peça era de tipo diferente de qualquer outro trabalho indígena anteriormente encontrado na região e, quando ele cavou mais fundo, começou a descobrir mais outras representando pessoas e animais que se assemelhavam aos retratados nas pedras de Ica, os gigantescos sáurios do período jurássico, milhões de anos antes.

Julsrud instruiu seu capataz, Tinajero, a procurar por mais esculturas, pagando, a seguir, aparentemente pouco por tais descobertas, uma vez que este lhe conseguira reunir 33 mil peças.

As figuras humanas e de animais geralmente eram retratadas juntas. Alguns dos répteis semelhantes a dinossauros aparecem com mulheres em situações não-violentas ou em que não se caracteriza a caça, como se fossem animais domésticos ou de estimação. As figuras humanas apresentam detalhes de vestimentas um tanto semelhantes às do antigo Oriente Médio: sandálias de atilhos, cotas de malha, escudos e grande variedade de armas.

Como as peças são feitas de barro, contendo pedaços de material orgânico em seu interior, algumas delas puderam ser datadas. Segundo os testes de carbono-14, algumas foram feitas em 5930 a.C, _±_ 170 anos, enquanto outras parecem ser de manufatura contemporânea. Essa discrepância pode, sem dúvida, ser explicada pela recompensa oferecida por Julsrud aos indígenas locais em troca de mais peças, o que os encorajou a fazerem cópias dos trabalhos de seus pretensos ancestrais. De qualquer forma, a confirmação das datas primitivas das peças de

Acámbaro estabeleceria que essa cultura pré-indígena existiu milhares de anos antes de qualquer outra data aceita para a civilização ameríndia.

Outros desenhos anacrônicos encontrados em lugares inusitados, no entanto, não podem ser datados. Numa parede do *canyon* Havasupai, na Califórnia, por exemplo, algum artista primitivo delineou um tiranossauro caracteristicamente em pé, bem erguido, com o apoio extra de sua gigantesca cauda, possivelmente uma boa idéia do artista na tentativa de mostrar como o grande animal — cujos ossos foram encontrados por perto — pareceria se estivesse vivo.

Antigos desenhos ou entalhes representando animais extintos, embora sugiram, através das datas estabelecidas, quando possível, pelo carbono-14, que o homem civilizado ou semicivilizado é bem mais velho do que se supunha anteriormente, não provam, é claro, que os seres humanos tenham encontrado espécies sobreviventes de animais do período jurássico. É, contudo, interessante destacar o exemplo do celacanto, peixe dotado de pernas que sobreviveu a sua hipotética extinção há 20 milhões de anos e que aparentemente ainda vive no oceano Índico, onde se apanharam vários espécimes nos últimos anos. Talvez, como o celacanto e o preguiça gigante da América do Sul, outras espécies modificadas vindas de períodos arcaicos tenham sobrevivido até a era pleistocênica, que terminou, como a fabulosa Atlântida, cerca de 12 mil anos atrás.

Não necessitamos, porém, de estatuetas, desenhos ou pinturas rupestres para provar a presença e subseqüente morte súbita de milhares de imensos animais em diferentes partes do mundo. A descoberta de seus ossos e de corpos rapidamente congelados sugere a ligação com uma catástrofe mundial, tanto pela época da morte desses animais quanto pela forma como morreram. Foi o que ocorreu com os proto-elefantes que subitamente desapareceram de diversas regiões, cerca de 12 mil anos atrás,

em conseqüência de repentinas mudanças climáticas ou outras catástrofes.

Embora Platão falasse da presença de elefantes na Atlântida, ele não especificou o tipo — podia estar se referindo ao mastodonte do remoto período quaternário, como aqueles cujos restos foram encontrados na América do Norte, na América do Sul e na Europa. Ossos de mastodontes, juntamente com armas do homem pré-histórico, também foram retirados do fundo do mar do Norte, no momento crescentemente explorado no curso de prospecções petrolíferas.

Antigas representações mexicanas talhadas em construções e em manuscritos com sinais desenhados parecem mostrar claramente cabeças de elefantes e não "araras", como sugeriram alguns pesquisadores.

Um exemplo mais concreto, os depósitos de ossos de mastodontes empilhados encontrados perto de Bogotá, na Colômbia, indicam que esses animais existiram na primitiva América do Sul e morreram simultaneamente devido a uma estranha ocorrência. O coronel A. Bragine (*The Shadow of Atlantis,* 1940) sugere que a grande manada foi morta durante uma convulsão sísmica que causou a elevação de suas pastagens.

Na Sibéria, diversos mamutes mortos, preservados por milhares de anos em estado de congelamento rápido, foram evidentemente afogados ao mesmo tempo em água e lama e, de tão congelados, foram, uma vez descongelados, servidos freqüentemente como alimento para cães e membros de uma tribo nativa. Examinados por zoólogos, encontraram-se em seus estômagos plantas não mais existentes na Sibéria. O professor Charles Hapgood descreveu um mamute que morreu de repente, enquanto comia ranúnculos, os quais ainda restaram em sua boca. A época dos mamutes congelados da Sibéria e dos ossos de mastodontes da Colômbia foi calculada como sendo 12 a 13 mil anos atrás.

Por causa de suas dimensões, os cadáveres e ossos do proto-

elefante têm sido encontrados com maior freqüência que os de outros animais, como também os ossos de dinossauros, mortos muitos milhões de anos antes e que ainda estão sendo desenterrados. Em inúmeros lugares, contudo, encontraram-se maciços conglomerados de outros animais soterrados juntos em cavernas ou bolsões de terra na Europa, cobrindo, com seus esqueletos, as ilhas de ossos do Ártico, ou sob as geleiras do Alasca e do Canadá, onde, como na Sibéria, eles se afogaram em lama e água e ficaram congelados. Várias dessas infinidades de espécies não mais existem nas regiões onde se encontraram seus esqueletos e incluem: tigres dente-de-sabre, rinocerontes, leões, avestruzes, gado auroque, gamos gigantes e outros, todos evidentemente em fuga ou tentando encontrar abrigo de terremotos, enchentes ou incêndios.

Frank Hoffer, em *Lost Americans,* traça um retrato vivo dos efeitos dessa catástrofe mundial vistos no Alasca: "As covas de estrume do Alasca estão cheias de provas da morte universal... um retrato de rápida extinção... Mamutes e bisões torcidos e despedaçados como que por mão cósmica em fúria divina. Em diversos lugares, o lençol de lama do Alasca está apinhado de ossos de animais e resíduos em grandes quantidades... mamutes, mastodontes, bisões, cavalos, lobos, ursos e leões... uma população fauniana... em meio a uma catástrofe... subitamente congelada num enigma terrível."

Tantos animais morreram próximo das costas do oceano Ártico que o fundo do mar, em alguns lugares, está coberto com seus chifres e ossos, e algumas ilhas — como as "ilhas dos Ossos" e a ilha Llakov, ao largo da Sibéria — são de fato constituídas de milhões de esqueletos, ainda preservados pela baixíssima temperatura.

Peixes morreram também na repentina alteração tectônica. Perto de Santa Bárbara, na Califórnia, o Departamento de Pesquisas Geológicas dos Estados Unidos localizou um leito de peixes atualmente petrificados em antigo solo marinho onde se

calcula que tenha morrido repentinamente 1 bilhão de peixes numa área de quatro milhas de extensão.

A descoberta, em diferentes regiões do mundo, de covas onde pequenos e grandes animais morreram, demonstra que o fenômeno não foi local e, sim, generalizado. Algo de muito repentino e letal à população humana e animal da Terra ocorreu no final da era pleistocênica, cerca de 12 mil anos atrás. O fato mudou o clima e a distribuição da terra e da água por várias partes do mundo. Embora a história do Grande Dilúvio seja comum a quase todos os povos da Terra, muitas lendas tribais relacionam o Dilúvio com terremotos, fogo vindo dos céus e rebaixamento mar adentro, de terras habitadas.

Muitas das antigas tribos que testemunharam essa catástrofe mundial e as grandes marés que varreram a Terra viram o esmagador acontecimento como um dilúvio. As águas que subiram e de repente cobriram grandes regiões dos continentes deixaram, ao baixarem, fauna oceânica, conchas e esqueletos de pequenas e grandes criaturas marinhas espalhados por cordilheiras, como os Andes, as montanhas Rochosas, os Himalaias (onde até ossos de baleia foram encontrados), os Urais e um contraforte no Cáucaso — o monte Ararat, onde dizem que ainda se encontram partes do navio mais célebre do mundo.

Algumas das crônicas sobre um cataclismo mundial que nos chegaram da América pré-colombiana são notáveis especialmente por descreverem violentas atividades sísmicas que teriam ocorrido antes de um dilúvio. O Livro de Chilam Balaam, transcrito de memória de antigos registros destruídos durante a Conquista, relata:

Ah Mucencab veio e obscureceu a face dos Céus... a Terra começou a despertar. Ninguém sabia o que ia acontecer. De repente, fogos subterrâneos irromperam subindo Firmamento adentro e choveu fogo do alto, e despencaram cinzas, e pedras e árvores foram lançadas para baixo, e madeiras e pedras se

despedaçaram umas contra as outras.

Então o Céu foi agarrado e afastado à força. A face do Céu foi fustigada de um lado para o outro e atirada para trás... as pessoas foram todas esmigalhadas; seus corações pararam enquanto elas ainda viviam. Então elas foram enterradas nas areias, no mar.

Numa enorme e repentina torrente de água, a Grande Serpente foi arrebatada do Céu. O Firmamento caiu e a Terra afundou quando os quatro deuses, os Bacabs, apresentaram quem trouxe a destruição do mundo.

O *Popul Vuh,* outro manuscrito maia reconstituído, menciona, repetidamente, o fogo, como também o fazem muitas outras lendas ameríndias relacionadas com o dilúvio:

Então as águas foram agitadas pela vontade de Hurakán, e uma grande inundação desabou sobre as cabeças dessas criaturas... Elas foram tragadas e uma nebulosidade resinosa desceu do céu... a face da Terra ficou sombria e uma pesada chuva que tudo escurecia começou a cair — chuva de dia e chuva de noite... Ouviu-se um grande barulho acima de suas cabeças, como se produzido pelo fogo. Então se viram homens correndo, empurrando-se, cheios de desespero; quiseram subir em suas casas, e as casas, desmoronando, caíram por terra; quiseram trepar nas árvores, e as árvores fizeram com que eles caíssem; quiseram entrar nas cavernas, e as cavernas se fecharam à sua frente... Água e fogo contribuíram para a ruína universal no momento do último grande cataclismo que precedeu a quarta criação.

Um minucioso comentário europeu enfatizando o fogo está contido na *Dera Linda Boek,* crônica frísia da Idade Média que se refere ao desaparecimento de Atland, antiga terra situada no oceano:

Atland, como era chamada a terra pelos povos marinheiros, foi engolida pelas ondas, bem como suas montanhas e vales, e tudo mais foi coberto pelo mar. Muitas pessoas foram soterradas e outras, que escaparam, morreram na água. -As montanhas sopravam fogo... as florestas arderam de ficar em brasa, e o vento varreu a cinza que cobria toda a Terra. Novos rios nasceram e a areia em suas embocaduras formou novas ilhas. Por três anos a Terra gemeu e, quando se recuperou, podiam-se ver suas feridas. Muitos países haviam desaparecido e outros haviam sido destruídos pelo mar.

O tema do fogo antes do Dilúvio também aparece em outras crônicas. Ê notável que o próprio Platão, no *Timeu,* faça referência a incêndio e terremotos: "...uma grande conflagração de elementos sobre a Terra repetindo-se a longos intervalos de tempo...[e]ocorreram violentos terremotos e enchentes, e num único dia e noite... a ilha da Atlântida submergiu no mar."

Talvez a combinação de sopros de fogo vindos do céu, o conseqüente abalo da Terra e a invasão dos mares fosse uma seqüência de acontecimentos ocorridos no mundo pré-histórico que se extinguiu. Ainda se reconhecem grandes sinais na superfície da Terra e nas profundezas dos mares, que parecem testemunhar um sopro ou uma série de sopros vindos do céu.

13
COMETAS, ASTERÓIDES OU GUERRA FINAL

Felizmente para seus habitantes, a Terra é protegida da maioria das colisões meteóricas por seu campo magnético, que os desvia, e por sua camada de ozônio e sua atmosfera, que geralmente os queimam ou lhes reduzem consideravelmente o tamanho. De outra forma, a superfície do planeta seria marcada por enormes crateras meteóricas semelhantes às existentes na superfície da Lua; nas palavras de Immanuel Velikovsky, "um grande cemitério descaracterístico girando em torno da Terra". De qualquer maneira, talvez em épocas de alterações magnéticas, enfraquecimento periódico do campo magnético, ou simplesmente dependendo do tamanho e do curso do objeto cósmico invasor, inúmeros asteróides gigantescos colidiram com a Terra, deixando grandes crateras em sua superfície e, talvez, vastos declives nos leitos de seus mares.

Algumas dessas cicatrizes ainda podem ser vistas: a *Meteor Crater,* no Arizona, as crateras Curswell, Deep Bay e Maniconagan, no Canadá, esta última medindo 62km de uma ponta à outra. Cratera ainda maior, medindo 125km de diâmetro, foi identificada em 1975 pelo satélite *Landsat* nas montanhas Turtle, entre Dakota do Norte e Manitoba. Crateras existem pelo mundo afora, incluindo a Siljan, na Suécia, a Ashanti, na África ocidental, a Araguainha, no Brasil, e a Korla, na Sibéria, ao norte do círculo Ártico. O que foi outrora enorme cratera meteórica na Europa central, a Ries Kessel, ficou difícil de reconhecer, por estar coberta de vegetação, bosques, campos e cidades. Na África do Sul, a Vredefort Dome possui também uma circunferência tão grande que por muito tempo não foi reconhecida como tendo sido causada por um gigantesco asteróide. Um conjunto de possíveis crateras meteóricas na

Austrália ocidental está agora sendo estudado para que se estabeleça se um núcleo metálico, resíduos de um asteróide original, pode ser detectado sob o terreno perto da cratera. Uma explosão impressionante oriunda do espaço ocorreu na Sibéria, em 1908, e é conhecida como o meteorito Tunguska ou mesmo o "caso" Tunguska, uma vez que, embora a floresta tenha sido arrasada por uma explosão de dimensões cósmicas e a região ainda apresente considerável radioatividade, nenhuma óbvia cratera e nenhum núcleo metálico foram detectados, levando a acreditar numa explosão ocorrida acima do solo.

Considera-se que colisões de meteoros tenham ocorrido em diversas partes do mar (hipótese lógica, visto que o mar cobre 71 % da área do planeta), às vezes deixando buracos no leito marinho e abrindo baías e lagos. Sugeriu-se que a baía de Hudson, o golfo de São Lourenço, o lago Baikal, o mar de Arai, e talvez o golfo do México, foram originalmente grandes crateras abertas por colisões de asteróides com a Terra.

Alguns meteorologistas europeus sugeriram, no começo do século XX, que um enorme meteoro chocou-se com a Terra há milhares de anos, esmagando parte do continente atlante, fazendo-o submergir e deixando apenas as ilhas isoladas ainda existentes no oceano Atlântico.

Recente expositor dessa teoria, o especialista em foguetes Otto Muck *(Alies über Atlantis,* 1976) oferece-nos um relato detalhado, assim como sugere uma data para a época em que ocorreu tal catástrofe. Sua teoria baseia-se num enorme meteoro que se teria chocado com uma parte da Atlântida situada no Atlântico ocidental. Esse asteróide, conhecido em meteorologia como o meteorito Carolina, estava acompanhado por grande número de pequenos meteoritos que formaram as inúmeras crateras ou baías que caracterizam a costa americana e foram identificadas às dezenas de milhares. Muck pensava que o bólido principal se havia chocado contra a ilha-continente da Atlântida, esmagando parte da mesma sob o mar e causando explosões

vulcânicas, ondas de maré e alterações no solo oceânico — conseqüência compreensível do choque cósmico que causaria um grande asteróide (se possuísse 10 km de diâmetro, seria equivalente a 200 mil megatons) explodindo ao contato com a Terra. O Dr. Muck, cuja grande experiência prática durante a Segunda Guerra lhe deu considerável compreensão dos efeitos de explosivos, avaliou que a explosão decorrente equivaleria a 30 mil bombas — número hipotético que ainda excede um pouco a quantidade de bombas possuídas pelas nações oponentes no momento, prontas e com possibilidade de enviá-las para leste ou para oeste do Atlântico, seguindo o percurso do antigo asteróide.

O Dr. Muck sugeriu que uma das primeiras datas — o equivalente a 8498 a.C. — do bastante preciso calendário maia serve para recordar a destruição da Atlântida. Através de uma série de cálculos, também estabeleceu a data do final da Atlântida, segundo nosso atual calendário gregoriano, como tendo ocorrido a 5 de junho, às 13h, hora local ou do Atlântico central (ou Atlântida). Essa data fatal coincidia com a oposição do Sol, Vênus, Lua e Terra, o que abriu caminho, através de uma série de pólos interligados, para que o hipotético "asteróide A" colidisse — segundo Muck — com "uma das mais finas e sensíveis regiões da crosta terrestre". Ele caiu numa zona de fratura pontilhada de vulcões, a que chamamos Cordilheira do Atlântico central. O impacto múltiplo, segundo sua teoria, foi a causa do "campo de crateras da Carolina, dois profundos buracos a sudoeste do Atlântico Norte e no declive mais raso do Caribe oriental".

A força da colisão ativou explosões vulcânicas e terremotos pelo mundo afora e fez com que enormes ondas de maré invadissem a Terra, deixando para toda a humanidade a inesquecível reminiscência do grande Dilúvio.

Parte da região onde Muck disse ter ocorrido a colisão do asteróide fica dentro do Triângulo das Bermudas. Essa região, como a Atlântida, é freqüentemente considerada uma simples

lenda, embora o número freqüente de desaparecimentos de navios e aviões dentro de seus incertos limites, assim como de manifestações de outros estranhos fenômenos, a mantenha viva na consciência dos que a atravessam por ar ou por mar. É importante observar que, se um grande asteróide, como o que Muck suspeita ter ocasionado a submersão da Atlântida, jaz realmente no fundo de um declive que ele originou a oeste do mar de Sargaço, a força magnética periódica dessa massa metálica poderia ser responsável por alguns dos estranhos acontecimentos ali ocorridos. Isso poderia explicar a interferência nos sinais de rádio, as bússolas desreguladas e o mau funcionamento de equipamento náutico tão freqüentemente observados por tripulações de navios e aviões que cruzam a área. Os estranhos "esbranquiçamentos", os nevoeiros magnéticos e as luminosas e brilhantes águas ao largo das Baamas também podem resultar do afundamento de um planetóide acompanhado por grande número de meteoritos.

Há mais de 100 mil buracos produzidos por meteoros, na terra e no mar, concentrados ao longo das costas da Geórgia e da Carolina, nos Estados Unidos, embora se estendendo centenas de milhas mais para o norte e para o sul, como provável indicação de que parte de um grande enxame de meteoros certa vez se abateu sobre a região com sua força cósmica.

Um dos mistérios do Triângulo das Bermudas é que o mau funcionamento de bússolas, aparelhos de comunicação e instrumentos não ocorre sempre especificamente na mesma área. A teoria de Muck sobre o múltiplo choque de asteróides, agora submersos no fundo do mar, poderia explicar de que forma é afetado o equipamento magnético dos navios que passam acima de seus núcleos metálicos em várias áreas diferentes.

Embora os cometas venham sendo observados, descritos e temidos desde a mais remota antigüidade, o conceito de meteoritos caindo do céu chegou bem mais tarde à aceitação científica em geral. Até um cientista brilhante como Cuvier

afirmou, numa demonstração de certeza dogmática, que pedras "...não podem cair do céu porque no céu não há pedras".

Só depois que uma chuva de meteoros caiu sobre Paris, em 1803, é que os observadores científicos obtiveram uma evidência convincente e em primeira mão. Antes da "prova" dos meteoros, era mais fácil para astrônomos e astrólogos teorizarem que os cometas, passando pela Terra em sua trajetória por vezes irregular, ocasionalmente se aproximavam demais, deixando cair nela resíduos de sua cauda. Outros acreditavam que um cometa simplesmente colidira de frente com a Terra, com conseqüências quase fatais para o planeta. Essa teoria foi pela primeira vez expressa pelo conde Carli e por Joseph de La Lande, há várias centenas de anos, numa tentativa de explicar o que ocorreu na Atlântida. A teoria foi reiterada por inúmeros outros atlantólogos, inclusive Ignatius Donnelly, cujo segundo livro acerca da Atlântida, *Ragnarok* (antiga referência escandinava ao "Julgamento dos Deuses") examinou as lendas e memórias de todas as raças relativas a um tempo de escuridão e destruição, quando, segundo essa teoria, a Terra atravessou a cauda de um grande cometa, talvez numa visita muito próxima do cometa Halley. Donnelly explicou as camadas de um conglomerado argiloso encontrado em várias partes da Terra como advindas do cometa fatal, com outras mudanças ocorrendo simultaneamente, afogando ou enterrando as civilizações antediluvianas. No entanto, parece agora que os núcleos dos cometas, diferentemente dos meteoros, são mais como gigantescas bolas de neve do que massas sólidas, suposição que poderá ser verificada durante a próxima visita do cometa Halley, em 1986, quando já está programada sua observação por uma nave espacial americana.

A teoria de que a Terra sofreu um cataclismo em conseqüência de choque provocado por um planetóide é apoiada pela existência, neste planeta, de diversas crateras produzidas por meteoros. Há também a presença do cinturão de asteróides entre

Marte e Júpiter, onde se sabe existir grande número desses objetos, calculados em mais de 50 mil, de vários tamanhos e órbitas. Alguns desses asteróides têm órbitas excêntricas que, vez por outra, os trazem perigosamente próximo da Terra. É, portanto, concebível que, em condições de alinhamento planetário e solar, um grande asteróide pudesse se aproximar o bastante da Terra para cair em seu campo magnético ou gravitacional. Isso quase aconteceu em 1936, quando o grande asteróide Adônis chegou a cerca de 30 mil km da Terra, e novamente em 1968, quando o asteróide ícaro se aproximou perigosamente deste planeta. Os asteróides, embora não apresentando o mesmo efeito impressionante dos cometas, que assustaram as populações do globo em diversas ocasiões no passado, ainda assim representam perigo tangível para a Terra e seus habitantes.

O cinturão de asteróides e os planetóides e meteoros que o rodeiam representam não só um perigo, mas um mistério singular. Uma fórmula matemática determinando as distâncias progressivas dos planetas e suas órbitas em torno do Sol foi esclarecida pelo astrônomo alemão Johann Bode, no século XVIII, e desde então tem sido confirmada pelo descobrimento de diversos "novos" planetas nos limites exteriores do sistema solar — planetas que eram desconhecidos na época em que Bode formulou sua teoria e, efetivamente, predisse sua descoberta. Contudo, de acordo com a Lei de Bode, como é chamada atualmente essa teoria, deveria existir um planeta entre Marte e Júpiter, onde atualmente circula uma massa de asteróides e meteoros, muitos dos quais desenvolveram órbitas incomuns. Várias possibilidades têm sido sugeridas para explicar o desaparecimento ou decomposição do planeta que, logicamente, deveria estar seguindo seu curso pela órbita do cinturão de asteróides.

1. O planeta outrora existente colidiu com outro planeta ou

planetóide, que o fez em pedaços, muitos dos quais continuam seguindo a antiga órbita.

2. O planeta explodiu por motivos desconhecidos, deixando apenas seus restos ainda em órbita.

3. O planeta desaparecido, ao contrário dos outros oito, nunca chegou a formar uma massa planetária.

É interessante que o próprio Bode tenha optado pela segunda explicação, com suas inferências de destruição cósmica.

Um conceito científico revolucionário, ligando lendas e tradições de catástrofe oriundas de várias partes da Terra com uma série de colisões cósmicas entre cometas e planetas dentro do nosso sistema solar, foi desenvolvido por Immanuel Velikovsky e expresso no livro *Worlds in Collision (Mundos em colisão),* de 1950, e em vários outros que a ele se seguiram. Velikovsky, eminente estudioso, lingüista e astrônomo, provocou comoção na comunidade científica quando expôs sua teoria e a reforçou com antigas tradições e materiais escritos coletados em todas as partes do mundo. Ele relacionou referências a diversas catástrofes que tinham ocorrido no mundo e a grande número de incidentes registrados na história antiga e na Bíblia com o aparecimento de Vênus, que, segundo ele, invadiu nosso sistema planetário como um cometa, causando uma série de colisões e semicolisões que mudaram a história da Terra. Em todos os antigos registros, Vênus, aparentemente um dos últimos membros do sistema solar, era tido como uma estrela com cornos ou barba, o que poderia ser interpretado como referência à cauda de um cometa. Então, esse planeta recém-chegado entrou em estreito contato eletromagnético com a Terra, causando a alteração da órbita terrestre e uma série de fenômenos mundiais, além de fornecer explicação para diversos incidentes narrados na história bíblica: a divisão do mar Vermelho, a parada do Sol nos céus, a destruição dos exércitos sírios de Senagueribe, a transformação da água em sangue e o

maná dos céus. Após seu estreito contato com a Terra, Vênus colidiu com Marte e, como resultado, modificou a órbita desse planeta, tornando-a circular. O próprio Vênus passou, por seu lado, a atuar como planeta.

Os registros mais antigos de que dispomos sobre a Mesopotâmia, a América Central e diversas outras partes do mundo não incluem Vênus na contagem original dos planetas, embora, dentro do limite de tempo aproximado descrito por Velikovsky, esses registros não só o incluam como pareçam manter pelo cometa-planeta errante um temor especial, muitas vezes aplacado com sacrifícios humanos à "estrela" ameaçadora, na esperança de impedi-la de tornar a chocar-se com a Terra. Durante a época da invasão de nosso sistema solar por Vênus, tremendas alterações climáticas e geológicas ocorreram sobre e sob a superfície do globo, na medida em que este era sacudido sobre seu eixo, o Sol parecia mudar de posição, as estações se tornavam confusas, a contagem dos dias do ano aumentava para mais cinco e longos períodos de escuridão envolviam a Terra. Grandes ondas de maré varreram ilhas e continentes, deixando entre os povos a difundida tradição do Dilúvio. Fendas abriram-se nas placas tectônicas, resultando na tomada de consideráveis áreas de terra pelo mar.

Após a publicação de *Worlds in Collision* e, em seguida, de *Ages in Chãos (Eras no caos),* teorias de Velikovsky foram ridicularizadas e fortemente combatidas pela comunidade científica. Um cientista furioso chegou a classificar *Worlds in Collision* de "o pior livro escrito desde a invenção do tipo móvel". Houve, no entanto, várias exceções, incluindo Einstein, que, como era de se esperar, mantinha uma mente aberta e inquiridora para os acontecimentos do mundo da ciência.

Não obstante, algumas das revolucionárias teorias astronômicas do Dr. Velikovsky foram confirmadas com o posterior desenvolvimento da exploração espacial. Suas precisas predições sobre Vênus são particularmente estarrecedoras,

contrariando a opinião de outros astrônomos, e numa época em que não havia maneira eficaz de se estabelecer a temperatura de Vênus, ele predisse que, quando ela fosse verificada, estaria em torno de 800° Fahrenheit, o que mais tarde veio ser confirmado. A investigação do *Mariner 10* mostrou que o planeta ainda apresentava restos de uma cauda de cometa. Vênus, após exame mais detido, também mostrou sua diferença em relação aos outros planetas por girar em sentido contrário, de acordo, exatamente, com as palavras de Velikovsky. Os gases argônio e neônio foram detectados em Marte, como ele previra da mesma forma que se confirmou sua descrição de como seria a superfície desse planeta, bexigosa e cheia de crateras, graças às primeiras fotos tiradas pelo *Mariner* 9.

É simples e confortável considerar o desenvolvimento posterior da Terra como relativamente suave. Uma era dá lugar a outra, as geleiras aos poucos se derretem, os grandes sáurios convenientemente desaparecem — com algumas exceções, como, por exemplo, os crocodilos — antes do surgimento do homem. Este, por sua vez, também evolui gradativamente de homem-macaco para habitante de cavernas e, mais tarde, para agricultor e habitante de cidades. Durante as Eras Terciária e Quaternária, a Terra se acomoda como planeta calmo, com apenas esporádicas erupções de seu interior em fusão e ligeiras mudanças ocasionais em sua superfície. Esse foi, por longo tempo, o ponto de vista da escola gradualista da ciência, mas o desenvolvimento planetário não é necessariamente assim, como também não o é a própria vida, nem os desenvolvimentos cósmicos ocorrem de forma gradativa e ordenada. O professor D. Nalivkin, da Academia Soviética de Ciência, comentou em *Geológica! Catastrophes,* de 1958: "As observações de fenômenos catastróficos estão limitadas a um período não superior a 4 mil - 6 mil anos. Para os processos geológicos, esse período é curto, sendo bem possível que algumas das catástrofes mais terríveis não tenham sido registradas nas crônicas da

humanidade... Não devemos ajustar dentro de padrões modernos tudo o que ocorreu na Terra através de sua existência."

Mas o compreensível sistema gradualista e suas implicações de que nada parecido com um cataclismo cósmico ocorreu com a Terra nos últimos 50 mil anos, a não ser em escala gradativa, quase imperceptível, anularia, é claro, o conceito de destruição da Atlântida, seja devido à colisão de um meteoro com a Terra, a alterações no eixo terrestre em razão do contato com cometas ou outros planetas, a repentinas mudanças climáticas, ao descongelamento das geleiras ou a outras catástrofes mundiais. De qualquer maneira, ainda existe a confiança difundida de que a ciência está pronta a reverter a exploração destrutiva do planeta e enfrentar tudo o que represente um perigo extraordinário para a Terra.

Quase tudo. Pois nos últimos 40 anos foi essa mesma técnica científica que liberou um espectro nebuloso que representa o terror para a consciência da humanidade e a destruição de seu otimismo natural. Pela primeira vez aperfeiçoamos uma forma eficaz de destruir o planeta.

No passado, houve a destruição de grandes partes da população da Terra, embora a devastação não tenha sido total. A invasão da Ásia central pelos mongóis destruiu milhões de vidas numa região delimitada, sendo que os capitães de Gengis Khan sugeriram-lhe, certa vez, que toda a nação chinesa fosse destruída de modo que os mongóis tivessem um campo de pastagens permanente para seus cavalos. (Ele foi dissuadido desse plano por um conselheiro chinês, Yeh Linchutsai, que pragmaticamente o convenceu de que os chineses seriam mais bem aproveitados vivos, na construção de máquinas de guerra.) Não levando em conta os grandes massacres de populações através da história, somente em nossos dias ocorre uma situação na qual a decisão ou o capricho de um só homem poderia iniciar um processo que varreria a humanidade da face da Terra, e possivelmente explodiria o planeta.

Já ocorreu algumas vezes a estudiosos o que poderíamos chamar de conceito atlante de pré-história, pelo qual certas armas ou formas de controle das forças da natureza podem ter sido desenvolvidas durante eras obscuras no passado da humanidade para serem usadas na guerra. Isso explicaria as estranhas descrições lendárias, herdadas através dos tempos, de que o próprio homem teria causado a destruição e a devastação de grandes regiões colonizadas da Terra, acompanhadas de explosões, inundações e escuridão. A evidência em favor dessa teoria tem vindo, na maior parte das vezes, de lendas e tradições, e apesar de estas parecerem, às vezes, um registro vivo e fantasioso de acontecimentos passados, ocasionalmente se transformam, em especial nos registros da índia e mesmo da América indígena, em surpreendentes profecias projetadas do passado, mas aplicáveis ao presente.

Muitas das surpreendentes invenções do mundo antigo foram feitas por astrólogos ou mágicos que hoje seriam corretamente chamados de cientistas de pesquisa e desenvolvimento voltados para a guerra. Vários relatos quase inacreditáveis chegaram até nós, mesmo das épocas clássicas. Consta que Arquimedes, cientista contratado para a defesa de Siracusa contra os romanos, concentrou raios solares ampliados contra os navios invasores, incendiando-os. Dizem que Aníbal empregou um composto explosivo para rebentar rochas e fazê-las despencar sobre seus inimigos romanos. A queda das muralhas de Jerico poderia ser explicada pela colocação de minas em galerias abertas sob as muralhas, enquanto a atenção dos sitiados se concentrava na procissão que os hebreus realizavam à volta das mesmas, fazendo soar suas trombetas. Bizâncio, a remanescente parte oriental do Império Romano, conseguiu manter-se por mais mil anos principalmente graças ao emprego ofensivo do "fogo grego" — um fogo inextinguível atirado, em granadas ou bombas, contra navios inimigos, resistente à água e que até queimava dentro dela. Embora ninguém saiba a causa física da

destruição de Sodoma e Gomorra, a explosão vinda do céu lembra as explosões atômicas dos últimos anos, mesmo em mínimos e curiosos detalhes, como, no caso da mulher de Lot, o perigo de sequer se olhar para a explosão. Na China, a pólvora foi desenvolvida em época muito remota. Além de seu emprego nos fogos de artifício em comemorações e para espantar os dragões e maus espíritos, ela servia como arma ofensiva na forma de foguetes. Durante a invasão da antiga índia por Alexandre, o Grande, há mais de 2 mil anos, seu exército fez frente a foguetes disparados contra os guerreiros a partir das muralhas das cidades indianas, citados pelos escribas de Alexandre como "raios e trovões". É estranho que bom número de nações e tribos tenha preservado lendas sobre um tipo altamente sofisticado de guerra que, por ocasião da formalização das mesmas lendas, dificilmente poderia ser conhecido. Foi o caso, por exemplo, da pequena e primitiva tribo Hopi do Arizona, cujos lendários contos tribais falam de catástrofes que terão destruído o mundo muito tempo atrás. O que é particularmente estranho nas tradições dessa pequena tribo é que elas se estendem por um sem-número de possibilidades destrutivas, demonstrando o conhecimento de progressos sociais e militares fora de sintonia com o panorama da época em que as lendas foram narradas pela primeira vez.

Essas destruições periódicas ocorreram porque os habitantes da Terra não conseguiram levar avante os planos do Criador; às vezes porque guerrearam uns contra os outros; às vezes porque negligenciaram os rituais necessários para manter o mundo e o universo em paz; e às vezes porque se tornaram muito materialistas e gananciosos. De acordo com Frank Waters, ao renarrar as lendas dos hopis, em colaboração com Urso Branco *(Book of the Hopi,* 1968), quando os homens conseguiram o que queriam, "desejaram mais ainda e as guerras começaram outra vez". Os povos da Terra criaram "grandes cidades, nações, civilizações", e inventaram aviões — *patuwvotas* —, usados para

atacar e destruir as cidades inimigas. A guerra nesse mundo primitivo só acabou quando os continentes afundaram e a Terra e o mar trocaram de lugar, deixando um "terceiro mundo" (anterior ao atual) submerso no fundo do mar, "com todas as altivas cidades, as *patuwvotas* voadoras e os tesouros mundanos corrompidos pelo mal". Ocorre um estranho lembrete sobre a Atlântida na tradição dos hopis quando a tribo é exortada por Sotuknang, sobrinho do Criador, a olhar para trás, em direção às ilhas do mar, quando seus membros chegavam a seu mundo atual: "Olhem para trás! Essas são as pegadas de sua viagem — os cumes das montanhas do terceiro mundo."

Os hopis acreditam que o "quarto mundo", o atual, também foi "traído pela fragilidade da humanidade" e logo perecerá, destruído por grandes explosões das forças cósmicas — fenômeno facilmente compreensível para os hopis atuais, que vivem bem perto de Alamogordo e dos Campos de Provas de White Sands, no Novo México.

É nos livros da índia antiga, contudo, que encontramos alusões a diferentes aspectos da guerra pré-histórica que fantasmagoricamente cotejam as guerras atuais, assim como as de um futuro próximo (ver C. Berlitz, *Mysteries From Forgotten Worlds).* Há duas possíveis explicações para isso: ou alguns indianos de mentalidade científica desenvolvida, 6 ou 8 mil anos atrás, deram asas à imaginação e conceberam bombas com força suficiente para destruir a maior parte do mundo, ou talvez todo o conceito tenha sido herdado de uma civilização anterior que havia atingido um estágio de desenvolvimento propício à experimentação ou ao uso do destrutivo poder do átomo.

De qualquer maneira, trechos da literatura tradicional indiana, tais como os *Vedas,* os *Puranas,* o *Romaiana,* o *Mahavira* e especialmente o *Mahabharata,* contêm não só repetidas referências, expressas na poética linguagem de sua época, a aviões — *vimanas* —, foguetes e viagens espaciais, mas também alusões específicas ao que é facilmente reconhecível como

aviões de combate, bombardeiros aéreos, radar e outras formas de detecção de aeronaves, artilharia, lançamento de foguetes, balas explosivas, detonação de minas, e bombas de destruição cósmica comparáveis, em efeito, às bombas atômicas de nossa era. Em outros capítulos da literatura científica e filosófica indiana, há menções atestando o conhecimento sobre moléculas e átomos de diferentes elementos, conceito que poderia acabar levando ao emprego do átomo na arte da guerra, exatamente como levou, em nossos dias, num período de tempo relativamente curto. Desde a época em que a teoria atômica foi aceita, de modo geral, por cientistas modernos até a construção da bomba, passaram-se apenas 130 a 150 anos, enquanto uma civilização mundial anterior, cujo período de existência ainda é desconhecido, presumivelmente teria tido tanto ou mais tempo para atingir tal desenvolvimento.

Os hindus que tiveram acesso aos antigos clássicos e puderam lê-los, ou acreditaram que seus ancestrais fossem capazes de produzir as incríveis armas a eles atribuídas ou simplesmente creditaram as referências ao incomensurável poder dos deuses, a quem, naturalmente, tudo era possível. Mas o que parece impossível ao leitor moderno é que a descrição detalhada do efeito dessas armas de milhares de anos se assemelhe de perto à de nossos sofisticados artefatos bélicos.

Quando o *Mahabharata* ia ser traduzido, na última metade do século XIX, para as línguas modernas — para o inglês, por Protap Changra Roy, e para o alemão, por Man Müller —, as descrições fantasiosas das antigas guerras foram de certa forma deixadas de lado, exceto no caso da artilharia — familiar a todos —, e do avião, então considerado mais leve que o ar. V. R. Ramachandra Dikshitar, em seu livro sobre as antigas guerras indianas *(War in Andem índia,* 1944), comenta o *declínio* da artilharia nos tempos medievais, inferindo que ela era mais empregada e mais destrutiva no passado distante. Também defende as detalhadas referências ao avião mais pesado que o ar

nas guerras navais e terrestres dos tempos antigos, citando a "vasta literatura do *Puranas* que [mostra] quão bem e quão maravilhosamente os antigos indianos conquistaram o ar". Já que Dikshitar escrevia durante a Segunda Guerra Mundial, ele, assim como vários oficiais indianos e ingleses servindo na índia, tinha conhecimento de que muitas armas "imaginárias" da antigüidade indiana tinham feito sua aparição (ou reaparição) nas duas guerras mundiais. Durante a Segunda Guerra Mundial, Dikshitar escreveu que o *mohanastra,* ou "seta da inconsciência", fora considerado, de maneira geral, "coisa de lenda, até ouvirmos falar, outro dia, de bombas que disparavam gases venenosos".

As bombas atômicas da Segunda Guerra Mundial, embora surpreendentes para os japoneses, não o foram para os estudiosos do *Mahabharata,* já familiarizados com a descrição de uma fantástica bomba chamada "raio de ferro", capaz de matar centenas de milhares de pessoas com uma só explosão ou, segundo o *Ramayana,* "tão poderosa que poderia destruir a Terra". Até o tamanho do "raio de ferro" era, de certa forma, comparável em comprimento — "três côvados, por seis pés"* — com as primeiras bombas atômicas. De acordo com o *Mahabharata,* sua explosão era tão brilhante como o clarão de 10 mil sóis. A nuvem de fumaça que se elevou após sua primeira explosão formou círculos que se expandiam como se fossem a abertura de gigantescos pára-sóis. Outras descrições menos poéticas mencionam a queda de cabelos e unhas dos sobreviventes, a contaminação de alimentos pelos gases e a necessidade de os soldados, nas áreas afetadas, se lavarem, assim como a todo o equipamento, em riachos ou rios.

* Aproximadamente, l,5m por l,8m. (N. da E.)

Uma interdição estranhamente moderna, no *Atharva Veda,* previne as forças oponentes de que o emprego de tal arma seria permissível somente quando o inimigo "a empregasse antes", dilema moral ainda em debate talvez 8 mil anos após ter sido

considerado pela primeira vez. Existe até uma citação do *Mausala Parva* dando a entender que, em certa ocasião, essa arma "capaz de reduzir a Terra a cinzas" fora destruída por ordem real e "atirada ao mar", outra oportuna sugestão vinda do distante passado da Terra.

Se essa arma lendária chegou a ser usada, ou foi destruída, ou esquecida — menos na literatura indiana —, existem algumas regiões calcinadas em nosso planeta que podem ser o resultado de colisões de meteoros ou mesmo cicatrizes de uma guerra termonuclear. Um desses indícios foi encontrado no Iraque, em 1947, durante uma exploração arqueológica que escavou verticalmente e descobriu diversos níveis de cultura contendo peças reconhecíveis da Babilônia e da Suméria, mais tarde envoltas por uma camada de barro de cerca de uns 40 centímetros, indicando depósitos que se seguiram a uma severa e prolongada inundação. Ultrapassado o nível da inundação, encontrou-se uma camada que se verificou mais tarde tratar-se de vidro fundido — quase do mesmo tipo encontrado no solo desértico de Alamogordo, no Novo México, gretado e queimado após o primeiro teste com a Bomba A.

A estranha descoberta de inúmeros esqueletos sob os níveis de ruas das cidades pré-históricas indianas de Mohenjodaro e Harappa indicou, pelas posições e atitudes, que as pessoas estavam tentando escapar de alguma coisa, como, por exemplo, do "raio de ferro" ou outras armas poderosas descritas nas velhas lendas. O exame dos esqueletos encontrados acusou alto nível de radioatividade.

A teoria de que a Terra, em sua história passada, foi vítima de uma guerra nuclear suficientemente violenta para ter-lhe modificado o clima, derretido as geleiras ou afetado o movimento em torno do eixo, provocando, segundo diz textualmente a lenda, "a mudança da terra e do mar", pareceria pertencer ao domínio da ficção científica. Mas o limite entre a ficção e a realidade científicas tem-se tornado cada vez mais

tênue, quase como se a primeira fosse uma introdução à segunda. Notável exemplo é uma história em quadrinhos — Buck Rogers — anterior à Segunda Guerra Mundial, que se ocupava repetidamente de bombas atômicas e de seu uso contra invasores espaciais. Seus produtores foram ameaçados de intervenção pelo Governo americano no caso de deixarem escapar menção a bombas atômicas, pelo fato, desconhecido de todos em geral, de que a verdadeira bomba A estava sendo então desenvolvida.

Uma guerra nuclear no passado é simplesmente uma das várias causas possíveis para o desaparecimento de antigas culturas sobre a Terra. Não há prova da sua ocorrência; apenas alguns escritos que se mantiveram incompreensíveis durante muitos séculos, até a humanidade alcançar o desenvolvimento atômico atingido por seus remotos antepassados, pelo menos na imaginação, há milhares de anos. Como também não há prova de que um planeta vizinho tenha explodido e que um de seus muitos pedaços possa ter colidido com a Terra. No entanto, os enormes asteróides que ainda seguem uma órbita planetária entre Marte e Júpiter podem, por si mesmos, constituir prova visível de um planeta que foi destruído.

Mas o avanço do desenvolvimento científico nos últimos 100 anos, as descobertas relativas ao espaço interior nos últimos 50 anos e a arremetida da Terra rumo ao restante do como nos últimos 25 anos abalaram e mudaram nosso conceito de tempo, espaço, energia e matéria. Estamos, como as civilizações antigas, diante de novos mistérios e de informações aparentemente inacreditáveis. E foi a própria técnica da ciência moderna que nos trouxe de volta à Era dos Milagres.

14
A PONTE ATRAVÉS DO TEMPO

A palavra "Atlântida" por muito tempo valeu como senha para os sonhos. Ela traz à mente lembranças vagamente pressentidas de um verdejante continente perdido no mar, outrora sede de um poderoso império do Atlântico que enviava frotas para explorar e colonizar um mundo primitivo, milhares de anos antes da época em que, para nós, a história "oficialmente" começou.

Para alguém de pé nos rochedos ou nas praias ao redor do Atlântico, é fácil imaginar a visão, parcialmente encoberta por nuvens no horizonte, de cidades com telhados de ouro situadas numa terra fértil circundada por altas montanhas. Isso é ainda mais fácil em dias de neblina, quando os nevoeiros do Atlântico como que se abrem por um momento, deixando entrever formações que lembram torres, ou fantasmas de torres, que uma vez se elevaram sobre as hoje submersas terras do Atlântico. Sente-se que, se o mar pudesse refluir da costa, úmidas ruínas de pedra voltariam a se expor à luz do dia. Sêneca, o dramaturgo romano e tutor de Nero, sentiu isso, há 2 mil anos, quando escreveu: "Quando o oceano se desprender... e o mar revelar novos continentes."

As lendas sobre terras e cidades perdidas ao largo de várias costas formam como que um grande círculo em torno das praias do Atlântico Norte: os sinos de lendárias catedrais submersas ao largo da Bretanha ainda ressoam para os que procuram escutá-los; os nomes das remotas terras de Ys, ao largo da Bretanha, e Lyonesse, para além da costa sudoeste da Inglaterra, lembram, segundo James Bramwell *(Lost Atlantis,* 1938), o chiar do refluxo de ondas após quebrarem na praia; a reminiscência da última viagem do rei Arthur a Avalon é revivida como o pôr-do-sol sobre o Atlântico; os irlandeses, voltados para o oceano

ocidental, rememoram as torres douradas e os castelos de Tirna-n'oge. E, enquanto sobrevoamos ou por vezes singramos o Atlântico, geralmente nos perguntamos se realmente existiu um continente submerso quilômetros a nossos pés, inacessível e perdido no tempo, mas do qual parecemos instintivamente nos lembrar.

Contudo, num plano mais realista, mais que reminiscências sugerem e atestam a existência de terras perdidas sob o mar, já que se encontraram vestígios de civilizações perdidas ao largo em diferentes locais da costa do Atlântico e de mares adjacentes. As estradas de pedras de Iucatã e as avenidas de dólmens e menires da Bretanha, as quais se dirigem à beira do mar, prosseguindo depois no seu fundo e as estradas ou muros de pedras de Bimini, lances de escada e estradas cortados na pedra nos planaltos submarinos do Caribe e das montanhas marinhas do Atlântico, tudo parece indicar ruínas mais extensas em pontos longínquos do oceano.

Numa insólita ocasião, no começo da década de 1970, o oceano ao largo da costa da Bretanha realmente refluiu para bem longe da costa durante uma excepcional maré vazante. Como tal ocorrência fora meteorologicamente prevista, a região ficou cheia de observadores à espera de ver o oceano revelar cidades em ruínas, que, segundo lendas (e pescadores), existiam no fundo. Infelizmente, aquilo que pareciam pilhas de ruínas de pedras encharcadas estava tão longe da costa que não poderia ser visitado antes do rápido retorno dá maré.

A costa sudoeste da Espanha é legendária e até mesmo historicamente próxima de uma civilização desaparecida — a de Tartessos. Investigações levadas hoje a efeito por mergulhadores espanhóis e de outras nacionalidades poderão futuramente provar que Tartessos não era um posto avançado, no Oeste, da civilização ocidental, mas, ao contrário, uma colônia da própria Atlântida, de onde a influência atlante se estendeu para o Leste, Mediterrâneo adentro.

O Mediterrâneo contém uma variedade de locais que jazem submersos em águas relativamente profundas — a uma profundidade de 60 a 90 metros ou até mais. A imersão desses locais pré-históricos não é resultado de um rebaixamento gradual, à maneira do que ocorreu com portos de períodos clássicos, como Cartago, Tiro, Léptis Magna, Baias, cidade romana perto de Nápoles, e Kenchreai, o porto de Corinto. Esses outros locais demonstram que pertencem a uma era muito mais recuada no tempo do que se pode atualmente avaliar.

Fora do Mediterrâneo, diante de Marselha, as passagens de rochedos submarinos revelaram uma série de poços de minas e instalações de fundição, presumivelmente estabelecidos num período em que a humanidade se encontrava no chamado nível do "homem da caverna". Jim Thorne, mergulhador e arqueólogo, ao realizar um mergulho de grande profundidade nas proximidades da ilha de Meios, no mar Egeu, percebeu que não se encontrava no verdadeiro fundo do mar, mas sim de pé entre as colunas de uma antiga acrópole de cujo centro outras estradas seguiam ainda mais profundamente, mergulhando na escuridão abaixo. O capitão Jacques Cousteau conta ter descoberto uma estrada ao longo do fundo do mar Mediterrâneo, que ele acompanhou até esgotar seu suprimento de ar. Essa estrada não possuía indicação de onde começava, nem para onde se dirigia, caso semelhante ao de outras estradas sob mares e oceanos, incluindo uma longa e larga estrada ao largo da costa do Estado norte-americano da Geórgia, no Atlântico.

Há crescentes evidências de que o Mediterrâneo foi um mar interior muito menor no Holoceno, e sustentando uma população civilizada no que hoje está no fundo do mar, e de que o oceano Atlântico irrompeu através do estreito de Gibraltar, inundando e enchendo a bacia do Mediterrâneo, cerca de 11 ou 12 mil anos atrás.

Segundo narram antigas lendas, a terra e o mar freqüentemente trocaram de lugar. Sabemos que existem

vestígios de vida marinha no deserto, esqueletos de baleias perto do cume de altas montanhas, e que ruínas de grandes cidades estão submersas sob o mar. Os contornos dessas cidades nem sempre são evidentes e, como os destroços de antigos navios, só são divisados com certa dificuldade sob o coral que cresce acima delas. Sua própria existência é combatida por grande número de cientistas de diferentes especialidades que deveriam acolher, em vez de denegrir, descobertas submarinas cuja importância se tem tornado mais evidente nos últimos 20 anos.

Podemos, é claro, compreender a recalcitrância científica a qualquer menção da possível existência da Atlântida, bem como a relutância do *establishment* científico em tirá-la do domínio de dragões, gnomos e fantasmas. É desagradável ser forçado reescrever a história e modificar teorias arcaicas sobre a origem da civilização. Entretanto, o conhecimento científico tem sido modificado, por reexame, nestes últimos 100 anos por que não a história?

As descobertas submarinas e as primeiras providências para o preenchimento das lacunas históricas começam a recuar nossas fronteiras do tempo até um mundo primitivo, com o qual talvez ainda sintamos forte ligação emocional. Ainda existe, apesar dos milhares de anos de permeio, uma ponte entre nosso mundo presente e o mundo perdido. Ela pode ser acompanhada externamente a partir das linhas costeiras do Atlântico, através de observação aérea e exploração submarina, primeiro nas costas rasas, em seguida nas extremidades das ilhas e montanhas marinhas e por fim, por meio de submersíveis de grande profundidade, com capacidade de descer vários quilômetros, até onde ainda jazem as ruínas do oitavo continente.

É provável que provas conclusivas sobre a Atlântida sejam encontradas, ou já o tenham sido, por exploradores que não a estejam procurando, como a tripulação de submarinos atômicos navegando pelo fundo do mar para investigar e lotar o curso de outros submarinos do mesmo tipo durante a guerra fria, ou por

sondas comerciais de prospecção de petróleo, gás ou minérios.

Outros elos de ligação com a história antes da história poderão um dia ser encontrados entre os milhares de antigos documentos gravados em barro cozido, esculpidos em pedras, pintados em madeira ou escritos em papiros, milhares dos quais ainda não foram traduzidos. Eles existem no museu do Vaticano e no British Museum, de Londres, e em Museus dos Estados Unidos, Rússia, França e Alemanha, como também em inúmeros museus menores e em coleções particulares. A busca da Atlântida e de seus registros poderá conduzir-nos por estranhas passagens cortadas sob os Andes, às cidades perdidas na selva amazônica, aos registros dos mosteiros do Himalaia, às cidades destruídas em segundos na índia, às sofisticadas pinturas rupestres da Europa e da África do Norte, e a descobertas sob as areias do Egito e do Oriente Médio e sob o gelo da Antártida.

Mas além de todos os conhecimentos e registros que se perderam ou ainda permanecem escondidos, a tradição do antigo conhecimento científico herdado de um mundo primitivo foi preservada por certos grupos na Europa durante a Idade Média. Era geralmente camuflado sob a capa de magia ou astrologia e praticado por astrólogos independentes e também por irmandades ou grupos secretos, uma vez que um interesse demasiado em relação a essa ciência poderia resultar em morte na fogueira.

Essa tradição, herdada e recopiada, como o foram os antigos mapas-múndi por causa de sua utilidade, foi responsável, ao se tornar novamente respeitável durante o Renascimento, pelo posterior desenvolvimento da Era Atômica. A teoria das partes componentes da matéria era conhecida e freqüentemente foi objeto de discussões na Grécia e na índia antigas, e sem dúvida alguma, em outros lugares por nós ainda desconhecidos. Os astrólogos e magos medievais (os cientistas da Idade Média) isolaram um sem-número de elementos que mais tarde veio a fornecer a base para o Quadro Periódico de Mendeleyev (e

outros) — certamente uma das mais importantes descobertas da ciência. Muitas vezes, astrólogos e magos usavam suas poções para isolarem as substâncias atômicas com o propósito de transformar metais comuns em ouro para o enriquecimento próprio ou de seus protetores. Embora agissem por pura cupidez, devemos observar que os trabalhos dos alquimistas eram muito menos perigosos para o mundo que as experiências bem-sucedidas realizadas com o átomo, em 1945, por seus descendentes cientistas.

Lendas sobre viagens espaciais e explorações cósmicas parecem ter sido comuns nos períodos mais remotos da civilização conhecida. Existem referências a vôos e veículos espaciais, e descrições muito precisas sobre como a Terra aparecia vista do espaço, mais uma vez tendo a ver com deuses e heróis sobrenaturais. Seria normal, é claro, para os povos primitivos imaginar vôos através dos ares, embora inúmeros detalhes das lendas sejam curiosamente iguais às teorias e realizações de nossa atual era espacial.

Algumas das antigas referências que parecem relacionar-se com a guerra moderna, especialmente as dos clássicos indianos, tais como a bomba atômica, chamada no *Mahabharata* "raio de ferro", que "explode com a força de 10 mil sóis", e uma aparente arma química de guerra chamada "seta da inconsciência", são conhecidas nossas. Descrições em escrita indiana sobre aviões poderosos, ataques aéreos a cidades, detecção de aviões inimigos através do radar, bem como sobre a forma de se evitar ser detectado pelo inimigo, seriam quase inacreditáveis se não tivessem sido escritas muitos séculos antes de suas modernas cópias entrarem em ação.

Referências à exploração cósmica não são menos surpreendentes — e igualmente familiares. Embora esses relatos falem de ações divinas e heróis sobrenaturais, na verdade descrevem, com alguns detalhes, foguetes e vôos espaciais.

Na mitologia dos caldeus, existe um rei sumério chamado

Etana que foi levado ao Cosmo e, ao retornar, descreveu como a Terra se parecia vista do espaço. Enquanto subia, a Terra como que sumia a seus pés. Primeiro as montanhas se tornaram pequenas colinas, e o mar pareceu a água de uma banheira. Então a Terra se tornou como um sulco no campo, e o imenso oceano ficou da largura de um cesto de pão.

Finalmente, a terra e o mar "deixaram de existir" e o globo terrestre se tornou do tamanho das outras estrelas.

Foguetes espaciais tripulados são discutidos em detalhe na *Samarangana Sutradhara* da índia, até mesmo quanto à sua forma de propulsão. Especifica-se que o motor a jato de mercúrio era necessário para liberar o poder latente desse mineral, que "punha o turbilhão de vento em movimento", fazendo a *vimana* "elevar-se aos céus como uma pérola", acompanhada de um "rugido de leão", adequada descrição do lançamento de um foguete. O que é mais estranho ainda é que essa narrativa também comente que "pode-se construir um", especificando "quatro tanques de mercúrio aquecido por fogo controlado de tanques de ferro com juntas adequadamente soldadas...", e forneça outras informações pertinentes, como se a construção de *vimanas* fosse ocorrência corriqueira na pré-história.

Não podemos saber se os antigos escritores tinham ou não base para tão estranhas descrições ou se simplesmente deixavam sua fértil imaginação à solta. Mesmo assim, com o passar do tempo, todas essas atividades se tornaram realidade, devendo ser, portanto, consideradas simplesmente etapas do desenvolvimento da tecnologia. Talvez qualquer raça, dados tempo e impulso suficientes, em oito a 10 milhares de anos, pudesse alcançar, como nós, o progresso e o perigo, chegando até mesmo ao ponto de decidir seu próprio destino — escolha que confronta toda a humanidade hoje em dia.

A humanidade pode ter percorrido o mesmo caminho antes

através da utilização de outras forças inerentes à própria Terra. Pode ter sido exatamente o uso ou, no fim, mau uso dessas forças (segundo a maioria das lendas antigas) que provocou o cataclismo que varreu do mundo uma civilização, deixando aos confusos sobreviventes, nossos remotos antepassados, a tarefa de retomar a íngreme subida, com freqüentes retornos, nos últimos 6 a 10 mil anos.

O caminho pelo tempo de volta à Atlântida está ficando mais claro, marcado por grandes ruínas de pedras espalhadas pelo mundo, ainda inexplicáveis, mas que talvez fossem marcos das estações, do tempo, e luzes de sinalização para o espaço — o Sol, a Lua e as estrelas. Os elementos místicos dessas ruínas chegaram até nós através das lendas mais antigas do homem, e também de suas religiões, que constituem sua mais antiga história.

Foi aventado que as enormes ruínas pré-históricas nas diversas partes do mundo tinham objetivo especial que não apenas servirem como templos, túmulos, fortalezas ou observatórios primitivos. É claro que somos capazes de classificar todas as relíquias da Antigüidade em relação ao que nos é familiar em nossa própria história, sem considerar que durante um período de muitos milhares de anos uma civilização anterior à nossa se teria desenvolvido de outra forma e empregado, para seus próprios objetivos, fontes de energia diferentes das nossas. Uma forma fácil e muito usada de derrubar a noção de uma presumível civilização na Atlântida é enfatizar a ausência de peças "civilizadas" datadas de um período pré-histórico. Mas se essas peças ou mecanismos fossem feitos de ferro, aço ou madeira, já teriam há muito desaparecido. Dos materiais de construção, apenas a pedra teria perdurado. Enormes montes de terra e longos muros, embora tivessem perdido um pouco da altura, seriam visíveis em algumas regiões, e ainda estão sendo descobertos do ar pelos sinais contrastantes que deixaram na Terra. Alguns investigadores do passado

propuseram que os enigmáticos movimentos ciclópicos, os montes de terra e um sistema de estradas e caminhos pouco perceptíveis talvez detenham a chave do segredo de uma fonte de energia comum a uma remota civilização; uma fonte de energia cujo emprego ainda não foi redescoberto.

Sabemos que a Terra é um gigantesco ímã carregado de força eletromagnética. Diversos autores ingleses teorizaram que muitas das ruínas pré-históricas de prédios, muros e estradas das ilhas britânicas um dia fizeram parte de um enorme "instrumento" planejado que se estendia por outras regiões do mundo, como também pela Grã-Bretanha. Essa explicação foi mais claramente expressa por John Mitchell *(The View Over Atlantis),* que se refere a esse "instrumento" como um meio de marcar e canalizar as linhas de força magnética através de todo o globo. Segundo ele, as ruínas ciclópicas nas diferentes partes do mundo talvez pertencessem a uma mesma cultura mundial, e o objetivo dos povos que as construíram não foi apenas demarcar as linhas de energia do magnetismo do mundo, mas usá-las; enfim, controlar o campo magnético da Terra. Segundo Mitchell, "...o magnetismo natural da Terra [era] conhecido na pré-história [e] fornecia uma energia à qual estava ligada toda a sua civilização".

Suas observações mais cuidadosas, da Inglaterra em particular, baseadas parcialmente em observações de outros cobrindo um período de centenas de anos, revelou uma rede de antigas estradas e caminhos retos que pareciam interligar cidades não-conhecidas. A esse sistema de estabelecer linhas retas por caminhos, grandes pedras, torrões e montanhas modificadas ele denominou linhas *"ley",* de vez que essa palavra aparece em inúmeros dos caminhos indicados. As grandes demarcações circulares de terra e os caminhos ainda existentes, não importando a utilidade que possuíssem ainda podem ser vistos de helicóptero sobrevoando-se partes da Inglaterra e Irlanda ocidentais, Noroeste da França e as muitas regiões por todo o

mundo pré-histórico que agora vemos como muito maiores do que se imaginava, com o ponto-chave da rede ainda submerso no mar.

Se essas linhas de força magnética correm por toda a superfície da Terra (assertiva que não é ilógica, uma vez que a própria Terra é um enorme ímã), não é de surpreender que os chineses tivessem conhecimento desse fenômeno, desde os seus mais remotos registros. Eles as chamavam "caminhos de dragão", e até há bem pouco tempo observavam um sistema de geomancia para estabelecer a localização de casas, templos, cidades e até portões nas muralhas destas, com referência especial a tais linhas de força ou energia. A tradição chinesa não só achava que essas linhas e centros de energia se estendiam sobre toda a Terra, como também as incluía dentro do corpo humano, como se a Terra viva e o corpo vivo do homem operassem em conexão com essas mesmas forças. (Esse conceito de linhas de força especiais dentro do corpo é a base da acupuntura, uma das poucas crenças tradicionais ainda encorajadas pelos atuais dirigentes chineses, principalmente porque parece funcionar.)

A teoria de uma antiga identificação e controle das forças magnéticas da Terra talvez seja a razão para a variada e estranha localização das demarcações pré-históricas em partes do mundo vastamente distantes. Ela tenderia a explicar os ciclópicos complexos de Avebury, Glastonbury e Stonehenge, na Grã-Bretanha, as linhas cuidadosamente demarcadas que não levam a lugar algum, as grandes pedras da França e os montículos da Europa central, as estradas retas pré-dinásticas da Pérsia, as estradas elevadas de Iucatã, hoje submersas, as estradas retas pré-incaicas da costa ocidental da América do Sul e os retos "caminhos do dragão" através da China. Também podem ter alguma relação com as miríades de linhas do vale de Nazca, no Peru, outrora chamadas "estradas incas" e, mais tarde, "campos de pouso", assim como o mesmo tipo de linhas no deserto

Atacama, do Chile, e no deserto Mojave, na Califórnia.

Teria algo a ver com a mudança que o homem fez em grandes colinas, até mesmo montanhas, como nas montanhas artificialmente modificadas do planalto Marcahuasi, no Peru, as colinas e penhascos aparentemente artificiais do vale do Amazonas, no Brasil, e em TepozHán, no México. Em Quito, Equador, o que outrora tinha sido considerado uma montanha natural (El Panecillo) comprovou ser objeto artificial, construído entre montanhas naturais por motivos desconhecidos. Em inúmeras ilhotas do Pacífico, existem enormes estátuas, ruínas ciclópicas e montanhas que foram talhadas na forma de degraus de pirâmide. Para desenvolver ainda mais a teoria da demarcação, poderíamos sugerir o próprio cinturão de pirâmides que envolve o mundo, o qual consiste em ruínas de antigas demarcações ou cópias feitas por povos que se seguiram e que esqueceram a razão pela qual elas foram construídas.

Talvez o transporte das imensas pedras da pré-história, há tanto tempo um enigma arqueológico, fosse realizado pelo emprego dessa energia magnética, contrastando pólos negativos e positivos para erguer grandes rochas sobre áreas extensas e através de profundos vales, além da drenagem e canalização da energia da própria Terra para recortar os contornos das montanhas. Com o tempo, as forças magnéticas, e talvez as forças gravitacionais ligadas, puderam ser canalizadas e usadas para uma variedade de fins — construção, transporte e, como geralmente acontece no desenvolvimento de uma forma de energia — destruição.

A destruição da Terra, repetidas vezes narrada nas velhas lendas do mundo, pode ter sido resultado direto da concentração e do controle da energia magnética do planeta, quase como se a própria Terra, como entidade sensível, tivesse sacudido as forças armazenadas pelo homem que estariam canalizando e obstruindo sua energia natural. Alguma coisa semelhante a essa rejeição tem ocorrido nos tempos modernos, quando terremotos atingem com

freqüência regiões onde dejetos atômicos estão enterrados, ou quando explosões nucleares subterrâneas parecem provocar terremotos quase simultâneos a centenas de quilômetros de distância.

Nos tempos modernos, a idéia de uma rede eletromagnética espalhada sobre a superfície da Terra tem sido considerada não somente por escritores de ficção científica, mas também por alguns cientistas. Nikola Tesla, o gênio que inventou a corrente alternada e deu nome à espiral Tesla, talvez estivesse seguindo uma linha semelhante de investigação em suas experiências com a eletricidade sem fio e a relação entre o som harmônico e a energia. Durante suas experiências com eletrônica e sons harmônicos em seu laboratório de Manhattan, Tesla atraiu tão violentas tempestades de raios e trovões a sua vizinhança que os moradores locais exigiram que a polícia interrompesse aquelas perturbadoras experiências. Em outra ocasião, as vibrações harmônicas que aparentemente ele havia provocado sacudiram toda a vizinhança como um terremoto. Esse mesmo eminente pesquisador declarou certa vez que a obtenção de uma freqüência harmônica adequada poderia destruir a Terra.

Isso nos lembra algumas lendas segundo as quais, num passado distante, o eixo da Terra mudou, disso resultando uma série de catástrofes mundiais.

Um piloto da Nova Zelândia, Bruce Crathie *(Harmonics 33),* esboçou uma rede magnética que, segundo ele, outrora se estendia sobre a Terra, mas foi partida durante uma alteração polar. (O que lembra, entre outras lendas, a narrativa hopi sobre os Gêmeos, cada qual respectivamente guardião dos eixos Norte e Sul da Terra, que, quando obrigados a abandonarem seus postos, ocasionaram o fim do segundo mundo.) Crathie é de opinião que a rede desde então foi reconhecida, atualmente está sendo consertada, e a passagem de supostos objetos voadores não-identificados ao longo de suas linhas é indício de novamente estar em uso.

Num mundo em que a ciência, à medida que avança, muda constantemente seus conceitos de espaço, matéria, energia, e mesmo tempo, não deveríamos negar a possibilidade de que, em algum momento no passado, se tenham feito descobertas que se realizarão novamente no futuro. Como Einstein observou, o tempo pode ser curvado, e os acontecimentos no tempo, bem como ele próprio, poderão ocorrer novamente — aparente impossibilidade, embora não mais ilógica ou inexplicável que o próprio tempo. Em nossos dias, podemos estar testemunhando o final deste ciclo cósmico.

A lenda da Atlântida, agora se tornando realidade identificável, é de grande importância para o mundo moderno. Menos de meio século atrás, seria incrível que a humanidade fosse capaz de efetivamente destruir a si mesma e talvez o próprio planeta. No entanto, essa é a possibilidade imediata que enfrentamos a cada momento. A possibilidade de que uma catástrofe geral tenha ocorrido há milhares de anos devido a uma explosão termonuclear, ou à descoberta e uso incorreto de forças latentes no planeta, encontra base em mitos e lendas de todo o mundo, e também na evidência geofísica obtida em terra e, especialmente, no mar.

É nas montanhas, mesetas, vales e abismos do oceano que os grandes centros da civilização atlante aguardam ser descobertos. Podemos esperar que no processo da moderna exploração do fundo do mar para fins militares e comerciais por navios de pesquisa, DSRVs de profundidade e submarinos atômicos, as diversas nações rivais possam vivenciar a crescente reminiscência do destruído mundo atlante, assim como a consciência de que estamos todos, de certa forma, relacionados uns aos outros pela descendência comum em relação a essa antiga cultura. Um crescente conhecimento da realidade e destino da Atlântida, mesmo que signifique uma reavaliação dos primórdios da história, poderá ter o efeito de unir espiritualmente os povos do mundo em razão de nossas raízes culturais comuns

deitadas na civilização do Oitavo Continente, assim como intelectualmente, ao se tornar mais evidente, com o correr dos anos e até das semanas, que, se o mundo não atingir logo uma razoável unidade, ele se destruirá a si mesmo. Talvez a lembrança e o conhecimento de um mundo mais remoto, enquanto aprendemos mais e mais sobre ele e o que com ele ocorreu, possam contribuir para a preservação do mundo atual — uma contribuição final do antigo Império do Mar a seus descendentes.

BIBLIOGRAFIA

Alfonso, Eduardo — *La Atlántida americana.* Madri, 1957.

Alvarez y López, José — *Realidad de Ia Atlántida.* La Plata, 1960.

Babcock, William H. — *Legendary island of the Atlantic.* Nova Iorque, 1924.

de la Bara, Luis León — *El mistério de Ia Atlántida.* Cidade do México, 1946.

Bellamy, Hans S. — *The Atlantis myth.* Londres, 1948.

Bergier, Jacques, e Louis Pauwels — *Le matin des magiciens.* Paris, 1960.

Berlioux, Étienne-Félix — *Les Atlantes.* Paris, 1883.

Berlitz, Charles — *O mistério da Atlântida.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 4.ª edição, 1980.

_____*Mysteries from forgotten worlds.* Nova Iorque, 1972.

Bessmertny, Alexander — *L'Atlantide.* Paris, 1941.

Bory de St.-Vincent — *Essai sur les fortunées et 1'antique Atlan-tide.* Paris, 1803.

Bramwell, James — *Lost Atlantis.* Londres, 1938.

Bryusov, Vladimir — *The teachers' teacher.* Moscou, 1938.

Casgha, Jean-Yves — *Les archives secrètes de 1'Atlantide.* Mônaco, 1980.

Cayce, Edgar Evans — *Edgar Cayce on Atlantis.* Nova Iorque, 1978.

Cazeau, Charles, e Stuart Scott — *Exploring the unknown.* Nova Iorque, 1980.

Charroux, Robert — *Histoire inconnue des hommes depuis cent mil ans.* Paris, 1963.

Châtelain, Maurice — *La fin du monde.* Mônaco, 1982.

Chevalier, Raymond — *L'avion à Ia découverte du passe.* Paris, 1964.

Crathie, Bruce — *Harmonics 33.* Wellington, Nova Zelândia, 1968.

von Däniken, Erich — *Chariots of the Gods?* Nova Iorque, 1969.

Dikshitar, V.R. Ramachandra — *War in ancient índia.* Madras, 1944.

Donnelly, Ignatius — *Atlantis: myths of the antediluvian world.* Chicago, 1882.

_____. *Ragnarok: the age of fire and gravei.* Chicago, 1887.

Doreste, Tomas — *La Atlántida.* Cidade do México, 1976.

Fawcett, Col. P.H. e Brian Fawcett — *Lost trails — Lost cities.* Nova Iorque, 1953.

Galanopoulos, A.G. e Edward Bacon — *Atlantis, the truth behind the legend.* Nova Iorque, 1969.

Gallencamp, Charles — *Maya.* Nova Iorque, 1979.

Hadingham, Evan — *Secrets of the Ice Age:* Nova Iorque, 1979. Hapgood, Charles H. — *Maps of the ancient sea kings.* Londres,

1979. Heezen, B.C., M. Tharp e M. Ewing — *The North Atlantic.* Washington, 1959.

Hoffer, Frank — *Lost Americans.* Nova Iorque, 1979.

Kjellson, H. — *Forntidens Teknik.* Estocolmo, 1956.

Leonard, R. Cedric — *Quest for Atlantis.* Nova Iorque, 1979.

Lissner, Ivar —*Ratselhafte Kulturen.* Alemanha, 1961.

Luce, J.V. — *The end of Atlantis.* Londres, 1969.

Marshak, Alexander — *The roots of civilization.* Nova Iorque, 1972.

Mavor, James W. — *Voyage to Atlantis.* Nova Iorque, 1969.

Michanowsky, George — *The once and future star.* Nova Iorque, 1977.

Michell, John — *The view over atlantis.* Londres, 1969.

de Prorock, Count Byron Kuhn — *Mysterious Sahara.* Londres, 1930.

Poznansky, Arthur — *Tiahuanaco — the citadel of American man.* Nova Iorque, 1945.

Sitchin, Zecharia — *El Pasado Prehistórico dei Gran Peru.* La Paz, 1940.

Soule, Gardner. — *Men who dared the sea.* Nova Iorque, 1976.

Spence, Lewis — *The history of Atlantis.* Nova Iorque, 1968.

Temple, Robert — *The Sirius mystery.* Nova Iorque, 1976.

Thomas, Gordon e Max Witts — *The day the world ended.* Nova Iorque, 1976.

Troéng, Ivan — *Kulturer Fòre Istiden.* Estocolmo, 1964.

Valentine, J. Manson — *Underwater archaeology in the Bahamas. Explorers Journal.* Nova Iorque, 1976.

Velikovsky, Immanuel — *Worlds in collision.* Nova Iorque, 1950.

Wauchope, Robert — *Lost tribes and sunken continente.* Londres, 1962.

Wellard, James — *Lost worlds of África.* Nova Iorque, 1967.

Zink, David. — *The stones of Atlantis.* Englewood Cliffs, 1978.